



ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Memória Histórica

34
anos





ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Memória Histórica

*34
anos*

Bahia - 2016

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO
E ACADÊMICOS TITULARES

1 — ABÍLIO CÉSAR BORGES

Ruy Simões

José Simões e Silva Júnior

Maria Conceição Costa e Silva

2 — ALFREDO THOMÉ DE BRITO

Jair de Oliveira Santos

Adelaide Rogério de Rezende

3 — ALFREDO FERREIRA MAGALHÃES

Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira

José Carlos Almeida da Silva

4 — ALÍPIO CORREIA FRANCA

José Francisco de Sá Teles

Luiz Erlon Araújo Rodrigues

5 — ÁLVARO AUGUSTO DA SILVA

Edivaldo Machado Boaventura

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

6 — AMÉLIA DO SACRAMENTO RODRIGUES

Germano Dias Machado

7 — ANFRÍSIA SANTIAGO

Remy Pompílio Fernandes de Souza

Eduardo Lessa Guimarães

8 — ANÍSIO SPÍNOLA TEIXEIRA

Hermano José de Almeida Gouveia Neto

Maria Anália Costa Moura

9 — ANTÔNIO BORGES DOS REIS

Guiomar de Andrade Florence

Alírio Fernando Barbosa de Souza

10 — ANTÔNIO DE CASTRO ALVES

Consuelo Pondé de Sena

Célia Maria Ferreira Cordeiro

11 — ANTÔNIO PACÍFICO PEREIRA
Ângelo Lyrio Alves de Almeida
Maria Betty Coelho Silva

12 — ARLINDO SILVA COSTA
Adroaldo Ribeiro Costa
Bárbara Vasconcelos de Carvalho
Rosa Pereira Levita

13 — ARTHUR DE SALES
Raul de Souza da Costa e Sá
Elsior Moreira Alves
Antonio Amorim

14 — AUGUSTO ALEXANDRE MACHADO
Enoch Senna de Souza

15 — COSME DE FARIAS
João Eurico Matta

16 — DIÓGENES GOMES DA COSTA VINHAES
Roisler Alaor Metzker Coutinho
Germano Tabacof

17 — EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO
Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

18 — ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO
José Newton Alves de Souza
Maria Luigia Magnavita Galeffi
Nadja Maria Valverde Viana

19 — FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES
Cid José Teixeira Cavalcante

20 — GELÁSIO DE ABREU FARIAS
Hermano Augusto Palmeira Machado

- 21 — HELVÉCIO CARNEIRO RIBEIRO
Milton Almeida Rabelo
Eliel Judson Duarte de Pinheiro
- 22 — HENRIQUETA MARTINS CATHARINO
Zilma Gomes Parente de Barros
- 23 — HUGO BALTHAZAR DA SILVEIRA
Rômulo Galvão de Carvalho
Eraldo Tinoco de Melo
Eduardo Saback Dias de Moraes
Raymundo Medrado Primo
- 24 — ISAÍAS ALVES DE ALMEIDA
Antônio Pithon Pinto
Joselice Macedo Barreiro
Hélio Rocha
- 25 — JOÃO ALVES PORTELA
Cícero Pessoa da Silva
Maria José Pacheco de Andrade Costa
- 26 — JOÃO FLORÊNCIO GOMES
Astor de Castro Pessoa
- 27 — JOSÉ OLÍMPIO DE AZEVEDO
Antônio Jesuíno dos Santos Netto
Anaci Bispo Paim
- 28 — JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO
Oldegar Franco Vieira
Roberto Figueira Santos
Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado
- 29 — LUÍS DA FRANÇA PINTO DE CARVALHO
Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa
Hermes Teixeira de Mello
- 30 — LUÍS GONZAGA CABRAL
Luiz Augusto F. Navarro de Brito
Luís Henrique Dias Tavares
Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza

31 — MANOEL CARLOS DEVOTO

Adelmo Soares Pessoa

Manoel J. Fernandes de Barros Sobrinho

32 — MARIA LUIZA DE SOUZA ALVES

Angelina Rocha de Assis

Leda Jesuino dos Santos

33 — MARIA ROMANA CALMON DE BITTENCOURT

Jorge Calmon Moniz de Bittencourt

José Corgosinho de Carvalho Filho

34 — PAULO FÁBIO DANTAS

Raymundo Nonato de Almeida Gouveia

Fernando Floriano da Rocha

José Rogério da Costa Vargens

35 — PEDRO JÚLIO BARBUDA

Cassilandro Everaldo Barbuda

João Fernandes da Cunha

Vanda Angélica da Cunha

36 — PEDRO TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

Yeda Barradas Carneiro

37 — POSSIDÔNIO DIAS COELHO

Francisco Pinheiro Lima Júnior

Josué da Silva Mello

38 — ROBERTO CORREIA

Olga Pereira Mettig

Marcelo Augusto de Carvalho Rocha

39 — RUY BARBOSA DE OLIVEIRA

Raymundo José da Mata

Lafayette de Azevedo Pondé

Geraldo Leite

40 — SÁTIRO DE OLIVEIRA DIAS

Antonino de Oliveira Dias

Hildérico Pinheiro de Oliveira

José Nilton Carvalho Pereira

DIRETORIA DA
ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Presidente de Honra — *Leda Jesuino dos Santos*

Presidente — *Astor de Castro Pessoa*

Vice-presidente — *Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon*

Primeiro Secretário — *João Eurico Matta*

Segundo Secretário — *Rosa Pereira Levita*

Tesoureiro — *Marcelo Augusto de Carvalho Rocha*

Diretor de Publicações — *José Nilton Carvalho Pereira*

Diretora de Biblioteca e Memória — *Vanda Angélica da Cunha*

MEMBROS EMÉRITOS DA
ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Antonio Jesuino dos Santos Netto

Bárbara Vasconcelos de Carvalho

Consuelo Pondé de Sena

Edivaldo Machado Boaventura

Francisco Pinheiro Lima Junior

Jair de Oliveira Santos

João Fernandes da Cunha

Jorge Calmon Moniz de Bittencourt

José Corgosinho de Carvalho Filho

José Newton Alves de Souza

Luís Henrique Dias Tavares

Oldegar Franco Vieira

Olga Pereira Mettig

Raymundo Nonato de Almeida Gouveia

Remy Pompílio Fernandes de Souza

Roberto Figueira Santos

Rômulo Galvão de Carvalho

MEMBROS BENEMÉRITOS DA
ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

José Corgozinho de Carvalho Filho
José Nilton Carvalho Pereira
Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho
Silvoney Sales

INSTITUIÇÕES BENEMÉRITAS DA
ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Colégio Apoio de Villas do Atlântico
Faculdades Olga Mettig
Fundação João Fernandes de Cunha
Fundação José Carvalho

EDUCADOR DO ANO

1995 José Carlos Almeida da Silva
1996 Zilma Parente de Barros
1997 Divaldo Pereira Franco
1998 Edivaldo Machado Boaventura
1999 Olga Pereira Mettig
2000 José Corgozinho de Carvalho Filho
2001 Dirlene Mendonça
2002 Jair de Oliveira Santos
2003 Leda Jesuino dos Santos
2004 Antônio de Pádua Carneiro
2005 João Fernandes da Cunha
2006 Astor de Castro Pessoa
2007 Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
2008 Josué da Silva Melo
2009 Francisco Soares Senna
2010 Lilliana Mercury Almeida

FUNDADORES DA ACADEMIA BAIANA
DE EDUCAÇÃO, INSTITUÍDA EM
9 DE SETEMBRO DE 1982.

Hermano José de Almeida Gouveia Neto (líder da iniciativa)
Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
José Newton Alves de Souza
Adroaldo Ribeiro Costa
Antonino Oliveira Dias
Antônio Pithon Pinto
Edivaldo Machado Boaventura
Raymundo José da Mata
Remy Pompílio Fernandes de Souza

PRESIDENTES DA
ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

1982-1986 Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
1986-1990 Hermano José de Almeida Gouveia Neto
1990-1996 Edivaldo Machado Boaventura
1996-1998 Jair de Oliveira Santos
1998-2000 Hildérico Pinheiro de Oliveira
2000-2004 Alfrio Fernando Barbosa de Sousa
2004-2008 Roberto Figueira Santos
2008-2012 José Rogério da Costa Vargens
2012-2016 Astor de Castro Pessoa (reeleito para o biênio 2016/2018)

Entendemos que a Educação é construída com acompanhamento, controle, avaliação, história e memória. Por isso, além das nossas exitosas Revistas da Academia Baiana de Educação, organizadas e patrocinadas pelos Acadêmicos Jair de Oliveira Santos e José Nilton Carvalho Pereira, estamos acolhendo e pondo em prática a sugestão apresentada pelo Acadêmico José Rogério da Costa Vargens de elaborarmos este árduo, importante e prazeroso trabalho, com a participação efetiva de Confreiras e Confrades, sob a coordenação da Acadêmica Adelaide Rogério de Rezende, supervisão desta Presidência e patrocínio da Fundação José Carvalho.

A trajetória de nossa Egrégia Instituição é grande e interessante. Felizmente as distintas Confreiras e os prezados Confrades incumbiram-se da nobre missão de colocar em sequência seus mais importantes registros, citando nomes, fatos, pensamentos e decisões que contribuíram para a construção da história e da memória deste Sodalício, preservando um rico patrimônio sócio educacional e cultural da Bahia, com a publicação deste Livro.

Nos seus 34 anos de existência a Academia Baiana de Educação teve diferentes Quadros de Acadêmicas e Acadêmicos Titulares, Eméritos e Beneméritos, Instituições Benfeitoras, diversas funções, ilustres dirigentes e uma importante documentação descrita nestas páginas, fruto da dedicação, do compromisso e da perseverança dos seus dirigentes.

A Diretoria desta Entidade tomou a decisão de publicar este Documento, cumprindo a sua missão Estatutária e Regimental, reunindo Confrades e Confreiras que trabalharam com afincio e determinação, na certeza de que estariam contribuindo para a história e a memória da educação na Bahia.

promissor, realizando ou participando efetivamente de atividades que atendam os anseios da nossa sociedade.

Ao longo desses 34 anos de vida a Academia Baiana de Educação, além de suas Sessões ordinárias e mensais, cuidou de se consolidar como Pessoa Jurídica, visando os seus Títulos de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal; publicou as "Revistas da Academia" e os "Boletins da Academia"; criou o "Prêmio Educador do Ano" e participou do "Prêmio Personalidade Educacional"; criou e reformou o seu Estatuto e o seu Regimento; reverenciou a memória de vultos da história da educação na Bahia; cumpriu um amplo programa de atividades participando dos Encontros Estaduais de Educação, promovidos pelo Ministério Público da Bahia; das Conferências Estaduais de Educação, organizadas pela Secretaria de Estado; da Conferência Municipal, preparada pela Secretaria de Educação de Salvador; dos Encontros Estaduais de Educadores, realizados pela Fundação José Carvalho e da criação do "Prêmio Jesuino Netto", idealizado pela Associação Bahiana de Medicina.

A Academia Baiana de Educação publicou os Balancetes de Receitas e Despesas da Entidade; preparou a minuta do Convênio de Cooperação Técnica, Científica e Cultural com a Universidade Federal da Bahia; o Convênio de Cooperação Técnica e Científica com o Ministério Público do Estado da Bahia; promoveu as Sessões Públicas comemorativas da sua data aniversária; as Confraternizações Natalinas, com a significativa participação de Confreiras, Confrades e familiares; a posse de novos Acadêmicos e novas Acadêmicas; intensificou as ações com a nossa congênere de Feira de Santana; estimulou a criação de Academias Municipais de Educação em Alagoinhas, Cachoeira, Ilhéus, Pojuca e Santo Antonio

de Jesus; realizou grande e qualitativa agenda de Palestras, Seminários, Painéis e Debates, com renomados Conferencistas, sobre os mais diversos e atuais temas da educação, do ensino e da cultura no País, dentre eles o “Programa de Formação de Professores e o Sentido das Licenciaturas” a “Educação Física e os Desafios da Modernidade”, a “Lei de Diretrizes e Bases e o Plano Nacional de Educação” e o “Novo Plano de Educação para a Bahia”.

A nossa Academia participa de Programa Objetivos do Milênio – Saúde e Educação de Qualidade Para Todos e do Programa Melhor Escola Pública do Ano, ambos coordenados pelo Ministério Público do Estado da Bahia. Além disso o nosso Grêmio é Membro Titular do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos, coordenado pela Secretaria da Justiça da Bahia e Membro Efetivo do Fórum Estadual de Educação, Órgão Colegiado da Sociedade Civil Organizada, promotor das Conferências Estaduais de Educação da Bahia.

Agradecemos à Fundação José Carvalho pela parceria que nos permitiu publicar este Livro sobre a “Memória Histórica da Academia Baiana de Educação”, durante a comemoração dos 34 anos de nossa Colenda Instituição.

ASTOR DE CASTRO PESSOA

Presidente da Academia Baiana de Educação



Abílio César Borges



Alfredo Thomé de Brito



Alípio Correia Franca



Amélia do Sacramento
Rodrigues



Anfrisia Santiago



Anísio Spínola Teixeira



PATRONO

Abílio Cesar Borges

ACADÊMICOS TITULARES

Ruy Simões

José Simões e Silva Junior

Maria Conceição Costa e Silva – Atual

Abílio César Borges

A Cadeira nº 1 da Academia Baiana de Educação tem como Patrono o professor Dr. Abílio Cesar Borges, um cidadão que, com sua grande coragem e determinação, revolucionou o pensamento educacional vigente nas escolas baianas e brasileiras até então marcadas pela larga e socialmente aceita utilização de castigos físicos e exaustivos exercícios de memorização. Nasceu em 9 de setembro de 1824, na cidade de Rio de Contas, antiga Vila da Barra do Rio Grande, atual cidade da Barra, filho de Miguel Borges de Carvalho e Mafalda Maria da Paixão Borges.

Desde jovem, ainda aos 17 anos quando cursava medicina, exerceu o magistério por aproximadamente cinco anos. Em 1845, fundou o Instituto Literário da Bahia, uma espécie de Prelúdio da Academia de Letras, onde eram realizados saraus, ideias eram discutidas, e onde se reuniam os mais

expressivos nomes da literatura baiana da época. Em 1847 formou-se em Medicina no Rio de Janeiro. Em 1850, retorna para o interior da Bahia, a pequena Vila da Barra do Rio Grande, acumulando as funções de médico e educador. Ai fundou sua primeira escola: o Ateneu Barrense.

Em 1856, certamente em razão de sua vida bastante intensa na Bahia, naquela época, tanto na cultura quanto na educação, foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública da Bahia. Teve então a oportunidade de aplicar nas escolas públicas da Bahia as suas crenças e práticas modernas as quais exigiam, é claro, a total extinção dos terríveis castigos físicos, cuja modalidade eram os famosos bolos de palmatória, ainda na lembrança de muitos de nós.

Defendia a abolição das exaustivas memorizações, substituindo-as pelo desenvolvimento do raciocínio e da criatividade. Estimulava a produção literária e para isto defendia que o ensino da língua pátria devia alicerçar todo o currículo. Para aquela época, uma revolução. Não foi entendido, conseqüentemente não foi aceito. Ao contrário, duramente criticado, sofreu grande campanha de oposição e, sentindo-se impedido de trabalhar, conforme suas crenças, princípios e métodos, demitiu-se do cargo. Mas, a verdade é que a educação era o seu ideal.

Não podendo aplicar nas escolas públicas sua metodologia educacional foi aconselhado a dedicar e difundir seus ideais na escola particular.

Em 1858 inaugurou o Colégio Baiano, em Salvador-Bahia onde estudaram, entre outros grandes nomes, o poeta José Antonio de Castro Alves que ali recitou seu primeiro poema e Ruy Barbosa que proferiu o seu primeiro discurso.

Na ânsia de expandir a educação retorna ao Rio de Janeiro onde, em 1871, fundou o Colégio Abílio e, dez anos depois, outro colégio com o mesmo nome em Barbacena, Minas Gerais. Em ambos implantou suas ideias inovadoras. A luta contra a aplicação de castigo físico em suas escolas foi a marca da sua vida. Tornou-se modelo para o restante do país.

Sua contribuição à educação rendeu-lhe o título de Barão de Macaúbas concedido por D. Pedro II, em 1881.

Escreveu e publicou vários livros: Pedagogia, Geometria, Gramática Portuguesa, Gramática Francesa, Geografia, Legislação Educacional e até uma edição especial dos *Lusiadas* suprimindo alguns textos que julgava inadequados à compreensão das crianças. Quem descreve bem a vocação de Dr. Abílio é nosso querido historiador Cid Teixeira. "Ele era educador, e foi como educador que deixou a sua contribuição maior ao País."

RUY SIMÕES



O prof. Ruy Simões foi o primeiro ocupante da Cadeira nº 1 da Academia Baiana de Educação Diplomou-se em Direito em 1952, para atender ao desejo de seu pai. Na condição de advogado pode exercer várias funções. Foi Assistente do Departamento de Estradas e Rodagem da Bahia – DERBA e Advogado Residente da Sociedade Anônima Magalhães e Indústria, 1956/59. Ruy tinha muita facilidade de expressão e por isso, foi repórter do Jornal ATARDE, no período de 1941/1943 e dos Diários Associados, no período de 1946/1952. Não satisfeito com o Direito encontrou-se na Filosofia, licenciando-se no ano de 1955 pela Faculdade Católica de Salvador, após o que submeteu-se a concurso de provas e títulos para professor do Ensino Médio. Aprovado em 10. lugar, foi lotado no Colégio Estadual da Bahia, hoje Colégio Central, onde serviu até 1972, quando foi colocado à disposição da Universidade Federal da Bahia em tempo integral e dedicação exclusiva. Na UFBA ascendeu em sua carreira universitária tendo sido Chefe de Departamento, Orientador dos cursos de Filosofia, Coordenador do Colegiado do mesmo curso, Vice-Diretor e Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, membro dos Conselhos de Coordenação e Universitário da UFBA, substituto do Vice-Reitor e Reitor Interino em 1984.

Mesmo envolvido em funções administrativas, Ruy Simões jamais deixou de exercer o magistério, exceção feita, apenas, no período em que foi Reitor interino. Não admitia estar longe das salas de aula. O aluno, para ele, era prioridade. Gostava de desfrutar do convívio com seus alunos, chegando mais cedo para ter a oportunidade de com eles conversar, antes que fossem para as aulas. Segundo depoimentos dos que com ele conviveram, Prof. Ruy Simões sempre encontrava uma palavra certa para quem lhe procurava.

Escreveu muitos artigos, realizou palestras e conferências e publicou dois livros.

JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR



O terceiro ocupante da Cadeira nº 1 Prof. José Simões e Silva Junior nasceu em 12 de abril de 1921, em Salvador onde fez seus estudos básicos com os Jesuítas. Casou-se com Celeste Tannus Simões, farmacêutica, com quem teve 5 filhos.

Seus pais, oriundos de famílias modestas, mas bem alicerçadas, deram aos filhos excelente educação o que lhe permitiu traçar uma brilhante trajetória profissional. Fez o curso primário nos colégios Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora da Guia e o ginásio no Colégio Antônio Vieira. Diplomou-se em Medicina em 1946, em Odontologia em 1949 e em Direito em 1997.

Em 1947 iniciava sua carreira docente sendo Professor Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, lecionando Fisiologia, sua paixão francamente assumida. Daí em diante as atividades docentes seguiram paralelas às do estudioso como um estágio na Argentina por um ano e em São Paulo por dois anos. Em 1959 foi agraciado com uma bolsa da Rockfeller Foundation, na Universidade de Wisconsin.

Em meio século de vida profissional foi aprovado em cinco concursos, todos com nota máxima. Fez parte de academias e instituições científicas no Brasil e no exterior.

Como pode-se observar, percorreu uma trajetória riquíssima. Sua docência ultrapassou os limites da Bahia alcançando Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e São Paulo. Foram 50 anos de atividades e ele mesmo declarava: “fui mais educador do que médico, Fisiologia era a minha cadeira preferida, quer na Medicina, na Odontologia, na Biologia, na Enfermagem ou na Farmácia.”

Prestes a completar 80 anos decidiu ingressar no curso de Direito, depois de ter sido reitor da Universidade Católica do Salvador – UCSAL de 1980 a 1986, onde recebeu o título de Professor Emérito. O que o fascinava não era o meramente saber, era o saber ser, que foi a tônica de

sua vida. Seu alto grau de superação foi um traço de sua personalidade. Para quem atravessou o Canal da Mancha a nado, não seriam os problemas de saúde, que o transformou em cadeirante, que o impediriam de alcançar seus objetivos.

Conhecia bastante Geografia e História. A este respeito nos contou Ruth, sua irmã: em seus últimos dias ouviu alguém da família perguntar: onde fica Waterloo? E ele, já com a voz bem frágil, respondeu com segurança: na Bélgica. Relembro neste momento, Gabriel Garcia Marques: “A morte não chega com o fim da vida, mas sim com o esquecimento”. Prof. José Simões Júnior. jamais será esquecido. Continua vivo no coração e na lembrança de quem o conheceu.

MARIA CONCEIÇÃO COSTA E SILVA



A professora Maria Conceição Costa e Silva nasceu em Santo Antonio de Jesus-Bahia onde fez o curso primário e o de magistério no Instituto Normal da Bahia.

Na Universidade Católica fez o curso de Letras Clássicas, além de cursos de especialização, sempre na área da educação. Nos Estados Unidos da América, além do curso de Inglês, especializou-se em Currículos e Programas, curso precedido de especialização também na área de Currículos, em Recife.

Exerceu função de Direção em Colégios Estaduais. Assessorou vários Secretários de Educação do Estado da Bahia e foi membro do Conselho de Estadual de Educação durante quatro mandatos.

Eleita para a Academia Baiana de Educação por indicação do Acadêmico professor José Rogério da Costa Vargens.

PATRONO

Alfredo Thomé de Britto

ACADÊMICOS TITULARES

Jair de Oliveira Santos

Adelaide Rogério de Rezende – Atual



O Professor Alfredo Thomé de Britto, conhecido como o Apóstolo das Ciências Médicas, segundo o Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto, Vice-Presidente do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, até hoje ilumina a medicina baiana.

Na sua trajetória acadêmica, Alfredo Britto, cujo ingresso no Curso Médico deu-se em 1880, foi interno de Clínica Cirúrgica; Adjunto da Primeira Cadeira de Clínica Médica, ambos por concurso; Lente substituto da Sétima Seção; Lente catedrático de Clínica Propedêutica (1893 a 1909) e, por fim, Diretor da Faculdade de Medicina no período de 1901 a 1908.

Na sua passagem pela Faculdade de Medicina da Bahia deixou exemplo de abnegação e de dedicação ao lado de marcantes realizações.

Em 1885, instala o Posto Médico-Cirúrgico da Bahia para prestar todos os serviços de medicina, cirurgia e obstetrícia com atendimento 24 horas.

Na qualidade de presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, em 1895, interferiu junto à Santa Casa de Misericórdia no sentido de se destinar “duas salas convenientes” aos tuberculosos, atendidos no Hospital Santa Isabel.

Desta época também data a inauguração da Clínica Médico-Cirúrgica do Dr. Alfredo Britto, à rua Carlos Gomes nº 61, em Salvador – com atendimento a qualquer hora. Posteriormente, em 1899, inaugura o “Consultório Clínico e Gabinete de eletricidade médica e raios X”, junto com o dr. Vieira Lima, na rua da Misericórdia, nº 24, onde anunciava as “Ultimas applicações dos raios Roentgen ao diagnostico e tratamento das moléstias em medicina e cirurgia”.

Estudioso e de mente inquieta, Alfredo Britto foi o primeiro a empregar, no Brasil, em 1897, a radioscopia para o diagnóstico em cirurgia, após ter instalado o primeiro aparelho de raio-X, por ele comprado em viagem feita à Europa, na cadeira de Propedêutica Médica da qual era catedrático, que passou a funcionar no Hospital Santa Isabel.

Foi, também, pioneiro no mundo ao empregar a radioscopia em cirurgia de guerra ao examinar um soldado do Quinto Batalhão de Polícia da Bahia, ferido na Guerra de Canudos em 1897, no Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia, enquanto titular da Cadeira de Clínica Propedêutica Médica, e foi quem primeiro diagnosticou apendicites, no ano de 1898.

Em 1902, constituiu uma comissão composta por médicos professores para organizar o Serviço Clínico de Psiquiatria, promovendo a construção de um pavilhão especial no Asilo S. João de Deus, que mais tarde tomou o nome de Pavilhão Alfredo Britto.

Em 1903, na função de Diretor da Faculdade de Medicina, Alfredo Britto, autorizou a construção dos pavilhões necessários para o serviço de

clínica obstétrica, em terreno nas vizinhanças do Hospital Santa Isabel, hoje a Maternidade Climério de Oliveira.

Em 1905, contratou o fornecimento e a instalação de todo o material destinado à sala de hidro-eletroterapia para ser instalado na antiga Enfermaria de Tuberculosos do Hospital Santa Isabel e determinou a construção, ao lado do Hospital, de um edifício por ele planejado, e inaugurado no ano seguinte, com o nome de Instituto Clínico, onde foi montado um gabinete equipado para a realização de exames, pesquisas e trabalhos práticos.

Quando no dia 02 de março de 1905, um grande incêndio devorou parte da sala dos retratos, os gabinetes de Anatomia Patológica, de Bacteriologia, de Química, além do almoxarifado e do gabinete de Medicina Legal, dirigido pelo professor Nina Rodrigues, que se achava equipado com modernos aparelhos de psicologia experimental, a Capela dos Jesuítas e a totalidade dos 22 mil volumes que compunham o acervo da Faculdade àquela época, o dinamismo e o prestígio político e social do Dr. Alfredo Britto, possibilitaram que o processo de reconstrução se iniciasse logo no dia seguinte.

Exonerado do cargo de Diretor da Faculdade de Medicina em 1908, Alfredo Britto não teve a satisfação de inaugurar sua obra.

Em reunião de 24 de maio de 1909, a Congregação da Faculdade, acolhendo petição de diversos alunos, e em homenagem póstuma, denomina o nobre espaço da Faculdade de “Anfiteatro Alfredo Britto”.

Mas, Alfredo Britto era um homem voltado também para a produção científica, tendo deixado uma extensa bibliografia, rica em conteúdo médico – científico, iniciada, quando ainda estudante em 1884, com a publicação do primeiro trabalho na Revista de Beneficência Acadêmica “Ação terapêutica do ferro e seus compostos”. Os arquivos registram 37 outros trabalhos, dentre os quais destacam-se: “A cremação e a inumação perante a higiene”, “Apoplexia histérica”, “Frequência dos aneurismas da aorta na Bahia”, “Cremação dos cadáveres”, “Ensaio crítico sobre os

principais processos de cardiometria clínica” (Tese para concurso, em 1893). “Os raios X em medicina e cirurgia. Seu valor clínico atual”.

Complementando a sua trajetória pode-se nominar, ainda, as seguintes participações do Dr. Alfredo Britto:

- Presidente da recém constituída Sociedade de Medicina da Bahia, em junho de 1908.
- 2º Secretário da Liga Bahiana contra a Tuberculose, fundada por Ramiro de Azevedo, em 1900
- Presidente do 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizado em São Paulo, em setembro de 1907
- Presidente do 4º Congresso Médico Latino Americano, realizado no Rio de Janeiro, de 1º a 8 de agosto de 1908
- Patrono da Cadeira nº 32 do Instituto Bahiano de História da Medicina, da Cadeira 38 da Academia de Letras da Bahia e da Cadeira 02 da Academia de Medicina da Bahia.

E citando mais uma vez Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto “Apesar de tudo, creio firmemente que Alfredo Britto não morreu. Vive nas tradições de sua vida notável; vive na sua grandiosa e afamada obra da ressurreição da sua Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus; vive no monumento das suas virtudes e dos seus ideais; vive no reconhecimento dos seus pósteros, pois Alfredo Britto passou na terra como um justo e como um estoico e, gloriosamente, alou-se para a imortalidade. – A noite da morte não extinguirá as irradiações desse luzeiro”.

Alfredo Tomé de Britto que era filho de Joana Maria da Salvação Vianna e do Presbítero da Ordem de São Pedro Domingos José de Britto, nasceu em 21/12/1863, na Freguesia de Sant’Anna e faleceu aos quarenta e três anos de idade, a 13 de maio de 1909, às 13 horas, na Casa de Saúde do Dr. Augusto Villaça, em Itaparica, onde se encontrava em tratamento de saúde.

JAIR DE OLIVEIRA SANTOS



Médico, Pedagogo, fundador desta Academia Baiana de Educação; condecorado com as Medalhas de “Honra ao Mérito” concedida pela FAMED/UFBA e “Thomé de Souza” concedida pela Câmara de Vereadores de Salvador; Diretor Fundador do Instituto Educacional Águia, hoje Colégio Versailles; Diretor Fundador da Faculdade Castro Alves; conferencista; autor de vários livros, este é o prof. Jair de Oliveira Santos, Membro Emérito desta Academia Baiana de Educação e 10. Titular da Cadeira nº 02.

Ao falar sobre o prof. Jair de Oliveira Santos me reporto a um estudioso que abraçou duas vocações para realizar-se, plenamente, como profissional e como pessoa: a Medicina e a Educação e que, não satisfeito em tratar das questões docentes e de gestão acadêmica, buscou aprofundamento na Inteligência Emocional, cujos conceitos vem utilizando e aplicando nos seus centros de ensino.

Evidenciando, desde cedo, um acentuado perfil de gestor, o prof. Jair de Oliveira Santos ocupou as mais diversas funções acadêmicas junto à Faculdade de Medicina da UFBA, célula mater da sua formação. Como Assessor Pedagógico, Vice-Coordenador e Coordenador do Colegiado de Curso teve destacada participação no Projeto de reestruturação Curricular do Curso de Medicina, de cuja Comissão de Currículo do Colegiado foi presidente no período de 1979 a 1981.

Mas a vocação educacional nunca abandonou o prof. Jair que, ainda acadêmico de Medicina, submeteu-se a concurso público para ser professor de Física no Ensino Médio no Colégio Estadual da Bahia, com total êxito. E já Bacharel em Medicina, paralelamente às atividades médicas que desempenhava, foi Instrutor de Ensino Superior, Auxiliar de Ensino da Clínica Propedêutica Médica do Departamento de Medicina da Faculdade de Medicina da UFBA e, mais tarde, Professor Assistente concursado e Professor Adjunto IV do mesmo Departamento, lecionando Iniciação ao Exame Clínico, Clínica Médica I, Clínica Médica II e Medicina Interna.

Interessando-se, então, pela Medicina Nuclear, faz o Curso Internacional de Medicina Nuclear, na USP, em 1960.

Enquanto docente, o prof. Jair de Oliveira Santos continua aprendiz, realizando uma série de pesquisas de cunho científico, participando de conferências, congressos, simpósios, culminando com a graduação em Pedagogia e subsequente Pós-Graduação em Administração Escolar. Decide-se formalmente pela Educação.

Utilizando como campo de observação e de experimentação o Colégio Versailles, desenvolve estudos sobre Educação Holística, Qualidade em Educação e Educação Emocional.

Ao instalar a sua Faculdade Castro Alves, projeto exitoso de educação superior, Prof. Jair Santos adota, de forma pioneira, a Educação Emocional como eixo de referência para o Curso de Administração, estendida, em seguida, para os demais cursos, entendendo a importância da competência emocional no perfil do profissional deste século.

Como embasamento para a implantação da Educação Emocional no seu espaço educativo, e com o objetivo de subsidiar os educadores e a sociedade, em geral, sobre o autoconhecimento na busca da felicidade, pesquisou, e fez publicar Manuais, sobre as estruturas psicológicas do medo, do estresse, do controle da raiva, da tristeza, da autoconsciência, da comunicação, do relacionamento.

O prof. Jair Santos tem participação expressiva em Congressos, Conferências, Seminários e um acervo de publicações significativas para a educação, a exemplo de “Educação Médica: Filosofia, Valores e Ensino;”, “Educação Emocional – aspectos históricos, fundamentos e resultados”, “Educação Emocional, Relacionamento e Saúde”, “Paradigma da Educação Pós-Moderna”, “Educação para a Qualidade Total”, “Filosofia da Educação Médica-Interpretação da Práxis”, “Valorização de Recursos humanos em Educação”, “Epistemologia da Educação Médica”.

Pela sua trajetória educacional, em 2002 recebeu da Academia Baiana de Educação o título de “Educador do Ano”.

ADELAIDE ROGÉRIO DE REZENDE



Licenciada e Bacharela em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pelo DAU/MEC e Universidade Federal do Ceará. Foi docente por 25 anos da Faculdade de Educação da UFBA onde lecionou as disciplinas Estrutura e Funcionamento do Ensino, Legislação Educacional e Currículos e Programas, tendo atuado também nos Programas de Formação de Professores do PREMEN, do CETEBA e da CENEC/BA e em Cursos de Especialização em Metodologia do Ensino Superior na rede de Instituições de Ensino Superior da cidade. Por 17 anos foi Diretora do Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação (SSOA) da UFBA onde implantou rotinas modernas e racionalizadas de gestão e novos modelos de seleção de ingresso de alunos na graduação, e criou o Centro de Informação Profissional (CIPRO) que se constituiu em importante espaço de relacionamento da Universidade com a comunidade de alunos e educadores da cidade. Ainda na área de gestão acadêmica exerceu a Supervisão Pedagógica dos Cursos de Formação Profissional do SENAC/BA e a Direção da Escola de Formação Profissional Silvino Marques. Fundadora e diretora da CONSULTEC, Consultoria em Projetos Educacionais e Concursos, acumulou, no período de 22 anos, experiências no planejamento, execução e avaliação de atividades técnico-especializadas na área educacional para Órgãos Públicos e Privados, Prefeituras e Instituições de Ensino Médio e Superior, na Bahia e em outros estados da Federação. Ainda nesse período coordenou Cursos de Formação Continuada, de Capacitação Técnica, de Aperfeiçoamento Profissional; executou Projetos de Avaliação das Redes de Ensino Estadual e Municipal; de Avaliação da Aprendizagem de alunos, de Processos de Seleção Pública das mais diversas naturezas, além de projetos de consultoria técnica para implantação, credenciamento e reconhecimento de Instituições de ensino superior e para autorização e reconhecimento de cursos de graduação.

A Profa. Adelaide participou, também, de Bancas Examinadoras para seleção de docentes, de monitores e de premiação de profissionais à exemplo do Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho, dentre outros.

Comprometida com as questões de Responsabilidade Social/Sustentabilidade, foi Articuladora do Instituto ETHOS de Empresas e Responsabilidade Social, na Bahia nos biênios de 2005/2007 e 2010/2012; é membro do Conselho de Responsabilidade Social Empresarial da Federação das Indústrias do Estado da Bahia – CORES/FIEB e do Grupo Impulsionador do Movimento Nossa Salvador.

É, desde março de 2013, Diretora da Strix Educação, Avaliação e Projetos onde vem ampliando sua atuação de consultora educacional, assessorando aos Órgãos públicos e as Organizações privadas em seus projetos educacionais de capacitação, de desenvolvimento e de avaliação de pessoas, e as Instituições de Ensino e de Formação na implantação de Projetos de cursos, promovendo cursos, seminários, fóruns, realizando processos de seleção de alunos para a graduação e a pós-graduação, e implantando projetos de avaliação inovadores.

É titular da cadeira 2 da Academia Baiana de Educação desde 09 de julho de 2008.

PATRONO

Alfredo Ferreira de Magalhães

ACADÊMICOS TITULARES

Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira

José Carlos Almeida da Silva – Atual

Alfredo Ferreira de Magalhães

A Academia Baiana de Educação fez patrono da Cadeira nº 3 o eminente Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, objetivando cultivar a sua memória e, bem como, perpetuar a competente e dedicada missão de médico e de professor. Ele nasceu em Salvador, no Estado da Bahia, em 20 de fevereiro de 1873, e com apenas 13 anos de idade matriculou-se na Faculdade de Medicina no Terreiro de Jesus. Obteve, em 1891, com apenas 18 anos, o título de Doutor em Medicina pela mencionada Faculdade, quando defendeu a tese “O hipnotismo e a sugestão, suas aplicações à clínica”. Posteriormente, em 1895, escreveu a sua tese de concurso para a Faculdade de Medicina, sob o título “Da alimentação das crianças em geral e sob o ponto de vista da Medicina e da Clínica”, por meio da qual mostra a situação das crianças expostas ao perigo da lactação.

Passou a ser professor universitário após 2 (dois) anos de formado, tendo exercido, interinamente, as funções de professor substituto nos anos a seguir indicados e para as cadeiras especificadas:

Em 1896 e 1897 lecionou a disciplina Clínica Pediátrica Médica;

Em 1907 foi professor da cadeira Clínica Propedêutica;

Em 1911 regeu a cadeira de História Natural Médica.

De 1911 a 1915 foi Professor ordinário de Clínica Pediátrica, Cirúrgica e Ortopédica, disciplina esta que veio a se tornar catedrático na Faculdade de Medicina, no último ano do referido período, tendo permanecido nesta categoria funcional até a sua aposentadoria, em 1941. Assumiu ainda, em 1938, a cátedra de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, em substituição ao Prof. Joaquim Martagão Gesteira. Ensinou Higiene no Instituto Normal da Bahia, instituição da qual foi também o seu Diretor.

Realizou viagem de estudo a Europa, em 1913, e representou a Faculdade de Medicina da Bahia nos seguintes congressos:

Em 1916, no Congresso Internacional da Criança, em Buenos Aires;

Em 1922, no Congresso Brasileiro de Proteção à Infância.

No exercício de Pediatria, mostrou-se um profissional humanitário e competente. De elevado espírito público foi fundador e diretor, até o final da sua vida, do Instituto de Proteção à Infância da Bahia. Era portador de excepcionais qualidades morais e intelectuais – com cultura vasta e fecunda inteligência – tendo publicado mais de 400 trabalhos abordando temas sobre proteção à infância, genética, eugenia, educação, pedagogia, filosofia e religião.

Publicou artigos sobre a sua especialidade no “Jornal A Tarde”, “Jornal de Notícias”, e em “O Paiz” – órgão do Instituto de Proteção à Infância da Bahia, além de ter colaborado com diversos jornais brasileiros. Foi sócio de diversas organizações científicas no Brasil e no exterior, além de pertencer à Academia de Medicina da Bahia e à Academia Baiana de Educação.

Os seus méritos de Médico e Professor foram devidamente ressaltados quando da comemoração do seu centenário, ocorrido em 10 de fevereiro de 1973, por meio de publicação da autoria de sua filha Gracilia Magalhães de Almeida Couto, intitulada “Centenário do Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães”.

CARLOS ALBERTO PEDREIRA DE CERQUEIRA



O Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, patrono da Cadeira nº 3, teve como seu sucessor o nobre educador Prof. Dr. Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira, cujo ingresso na Academia Baiana de Educação ocorreu em 1984. Ele nasceu em Salvador, em 4 de maio de 1932 e dedicou a sua vida profissional à causa da educação de nível médio e superior no Estado da Bahia. Sua vida foi um exemplo inesgotável de sabedoria, dignidade e competência.

Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e em Bacharel em Estatística, ambos credenciados pela Universidade Federal da Bahia, tendo iniciado a sua trajetória docente no ensino de nível médio em 1955 no Colégio São Salvador e, a partir daí, nos seguintes colégios: Colégio Nossa Senhora do Carmo; Instituto Central de Educação Isaías Alves; Escola Teixeira de Freitas e Colégio 2 de julho. Exerceu também o magistério do ensino de nível superior nas Faculdades de Educação da Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica do Salvador, na Universidade Estadual de Feira de Santana, na Escola Superior de Estatística da Bahia, na Faculdade de Educação da Bahia e na Faculdade de Educação de Itabuna.

Realizou o Mestrado em Política e Planejamento do Ensino Superior na Universidade Federal de Minas Gerais, cuja conclusão ocorreu em 1982, mediante a apresentação e aprovação da Dissertação o “Ensino Superior – Reforma e Produtividade”, sob a orientação de Profa. Glauro de Miranda. Obteve o título de Doutor em Planejamento e Administração da Educação, em 1991, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a aprovação da Tese “Plano Integral de Educação e Cultura. Uma experiência avançada de Planejamento Educacional na Bahia”, cujo orientador foi o Prof. Alberto Melo Souza.

Desenvolveu larga atividade científica e publicou múltiplos artigos em revistas especializadas, merecendo destaque aqueles que foram

recepcionados pelas Revistas da Academia Baiana de Educação e da Universidade Federal da Bahia.

Exerceu os cargos de Secretario Geral e Executivo da Academia Baiana de Educação e de Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de Salvador. Teve destacada atuação como professor, coordenador, membro do Conselho Departamental e da Congregação da Faculdade de Educação da Bahia. Devido a sua atuação como professor e gestor foi agraciado com as seguintes comendas: Medalha Tomé de Souza (1980); Medalha do Mérito Barão de Macaúbas (Secretaria de Educação do Estado da Bahia – 1987); Professor Emérito da Faculdade de Turismo da Bahia (1987); Professor Emérito da Faculdade de Educação da Bahia (1988).

JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA



A Cadeira nº 3 da Academia Baiana de Educação vem sendo ocupada, desde 20 de outubro de 1993, pelo Prof. José Carlos Almeida da Silva. Ele nasceu em Jacobina/Bahia, em 09/07/1944 e se formou em Economia pela Universidade Federal da Bahia (1971), instituição onde, posteriormente, obteve título de Mestre em Economia (1980). Foi professor de Economia nas Faculdades de Economia, Administração e Engenharia da Universidade Católica do Salvador – UCSAL e também na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Em sua trajetória acadêmica ocupou os cargos de Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Salvador – UCSAL (1980-1985), de Conselheiro do Conselho Estadual de Educação (1987-1994), de Conselheiro do Conselho Nacional de Educação (1996-2004), onde exerceu também o cargo de Presidente no período de 2002-2004.

Foi Reitor da Universidade Católica do Salvador – UCSAL por 28 anos consecutivos (1985-2013) e dirigiu as seguintes organizações nacionais e internacionais que se dedicam à causa da Educação Superior: Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras – CRUB (1993-2002); Presidente e Vice-Presidente do Protocolo de Integração das Instituições de Ensino Superior do Nordeste – PINE e do PINE-BAHIA (1990-2004); Presidente e Vice-Presidente da Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas – ABESC (1986-1993) e de Vice-Presidente da Organização Universitária Interamericana – OUI (1994-2001).

No serviço público do Estado da Bahia exerceu as funções de Economista na Empresa de Turismo da Bahia – BAHIA TURSA, bem como foi Diretor da Divisão do Programa Nacional do Alcool no Estado da Bahia – PROÁLCOOL e das Empresas Estatais BAHIA ÁLCOOL e AGRO-BAHIA (1972-1983).

Foi agraciado com homenagens em reconhecimento pelos 40 anos dedicados à área da educação, merecendo destaque especial as seguintes

comendas e diplomas: Ordem do Mérito Educacional Brasileiro, concedido pelo Ministério da Educação (2002); Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, pelo Tribunal Superior do Trabalho (1972); Grande Oficial da Ordem do Mérito do Estado da Bahia (1990); Honra ao Mérito pela Ordem dos Advogados da Bahia (2011); Diploma de Educador do Ano de 1991, concedido pela Academia Baiana de Educação.

Saudou o Santo Papa João Paulo II na Catedral Basílica de Salvador/Bahia no Encontro com o Mundo da Cultura (1991). Proferiu 15 palestras, 10 discursos e participou de 30 Congressos Científicos. Além disso, publicou o livro “Trajetória – Um compromisso com a educação” em 2010.

PATRONO

Alípio Correia da Franca

ACADÊMICOS TITULARES

José Francisco de Sá Teles

Luiz Erlon Araújo Rodrigues – Atual



O Professor Alípio Correia da Franca, Patrono da Cadeira nº 4, foi um dos ilustres fundadores da egrégia Academia Baiana de Educação.

Nascido de D. Eufrosina Correia da Franca e do Senhor Cristóvão Correia da Franca, na cidade de Santiago do Iguape no Recôncavo Baiano, em 15 de agosto de 1871. Faleceu em Salvador aos 86 anos de idade.

Diplomou-se em Mestre pela Escola Normal do Estado da Bahia aos 24 anos e, imediatamente, iniciou sua brilhante carreira como Professor da Escola Normal da cidade de Barra do São Francisco onde foi colaborador, como jornalista, de alguns periódicos ribeirinhos. Exerceu suas atividades nesta cidade durante 13 anos quando se transferiu para Salvador já aos 37 anos.

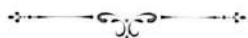
Em 1898 prestou concurso para Catedrático de Pedagogia e Metodologia na Escola Normal da Bahia, sendo nomeado para o referido posto em 1908 pelo então Governador do Estado Dr. João Ferreira de Araújo Pinho. Tornou-se Membro do Conselho Superior do Ensino tendo como colegas ilustres Professores a exemplo de Arlindo Fragozo, Ernesto Carneiro Ribeiro, Gonçalo Muniz, Inácio de Menezes, Manoel Devoto, Oscar Freire e Prisco Viana.

Ao longo de sua brilhante carreira de Pedagogo destacou-se como Vice-Diretor do Instituto Normal da Bahia em 1936, Fundador e Diretor do Colégio da Bahia (conhecido posteriormente como Colégio Central) e do Colégio Brasil.

Foi introdutor e veemente defensor da aplicação do Método Montessoriano criado pela Médica Psiquiatra e Professora Maria Montessori em 1907 e que se fundamentava no estímulo da iniciativa e da capacidade de resposta das crianças, principalmente durante o período pré-escolar onde elas eram submetidas à diversificação de tarefas e à plena liberdade de decisões que as levavam a aprenderem por si só e segundo o ritmo de suas próprias descobertas. Este método se mostrou de grande utilidade no trato com crianças portadoras de deficiências diversas.

Durante as comemorações do centenário da fundação do Instituto Normal da Bahia o Professor Alípio Franca foi escolhido pela Congregação para escrever as memórias do Instituto. Dentre suas principais publicações destacam-se: "A luva" dedicada à Educação de Crianças no Jardim de Infância, em 1935, "Noções de Pedagogia Experimental e Organização" em 1936 e "Memória Histórica da Escola Normal da Bahia", também em 1936.

JOSÉ FRANCISCO DE SÁ TELES



O primeiro titular da Cadeira nº 4 foi o ilustríssimo Professor José Francisco de Sá Teles, nascido em Várzea do Caldas, município de Seabra na Chapada Diamantina. Filho do senhor José Joaquim de Sá Teles e da senhora Maria da Graça de Sá Teles. Com D. Ruth Ana Barreto de Sá Teles, sua digníssima esposa, tiveram nove filhos nominados carinhosa e respeitosamente de Josete, José, Raimundo, Antônio Luis, Ana Ruth, Rose Ana, Ana Margarida, João Carlos e Joseane.

No dia 6 de setembro de 2010, nove dias antes de completar 95 anos faleceu, em Salvador, o ilustre Baiano.

Ainda bem jovem foi fazer o curso primário na Escola Pública de Seabra e formou-se em Magistério no Instituto Normal da Bahia (ICEIA). Em seguida cursou Pedagogia na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, obtendo seu diploma em 1950 com 35 anos de idade.

Em 1969 fez Curso de Especialização nas Universidades do Sul da Flórida, na Cidade de Tampa e na Escola de Educação de Indiana em Bloomington nos Estados Unidos. Ainda concernente à sua formação educacional fez Curso de Desenvolvimento Organizacional, patrocinado pela DESENVALE em 1984 e Curso Especial de Português e Técnica Redacional em 1985.

Sua vida profissional foi muito rica e extremamente interessante. O acesso aos arquivos da Assembleia Legislativa da Bahia onde foi Deputado Estadual pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), entre 1959 e 1963, permitiu resumir suas principais atividades e contribuições.

Entre 1937 e 1940 foi professor das Escolas Públicas de Largo do Mundo Novo, Praia Grande de Maré e Palmeiras. Em seguida transferiu-se para Salvador onde, de 1940 até 1963, foi Professor de Didática Geral do Instituto Normal da Bahia, do Colégio Presidente Costa e Silva, do Colégio Normal da Soledade e, também, Inspetor de Ensino. Foi Superintendente do Ensino Elementar do Estado da Bahia entre 1955 e 1985. Por 12 anos,

de 1955 até 1967, foi Professor de Didática Geral e de Administração Educacional na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Salvador. Em 1967 ensinou as mesmas Disciplinas na Universidade Federal da Bahia. Exerceu inúmeras funções igualmente importantes sempre na área da Educação e, após ter sido eleito para o mandato de Deputado Estadual, foi Presidente de várias Comissões entre as quais se destacaram as de Finanças, Orçamentos e Contas, de Viação e Obras Públicas, de Constituição e Justiça, de Negócios Municipais e, finalmente, de Educação e Cultura. Foi um dos Fundadores da Associação dos Professores Licenciados da Bahia (APLB) e da Associação dos Professores de Administração Escolar (ANPAE) além de Membro da União Brasileira de Trovadores (UBT).

Publicou vários livros e artigos sempre voltados para a Educação do Primeiro Grau e para a Pedagogia. Foi Condecorado com as medalhas da Ordem Nacional do Mérito Educativo do Ministério de Educação e do Mérito Barão de Macaúbas do Governo do Estado da Bahia.

LUIZ ERLON ARAÚJO RODRIGUES



No que tange à sinopse concernente à minha pessoa como acadêmico e atual ocupante da citada Cadeira nº 4, possuo graduação em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (1965), fiz Curso de Especialização em Enzimologia na Universidade da Califórnia – Los Angeles (UCLA – 1968) e Doutorado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia em 1986. Fiz Pós-doutorado em Enzimologia e Microanálises nas Universidades de Paris XII (Créteil, 1987) e XIII (Bobigny, 2001), França. Atualmente sou Professor Titular de Bioquímica Médica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências e Professor Titular aposentado (junho de 2009) da Disciplina de Patologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, após 43 anos de magistério. Sou Diretor Científico da BIODIETS Ind. Com. Ltda, em Contagem, Minas Gerais, desde 1993. Tenho experiência na área de Bioquímica, com ênfase em Enzimologia, atuando, principalmente, nos seguintes temas: bioquímica do sistema nervoso, estudos físico-bioquímicos do compartimento lisossômico e lisossomotropismo, metabolismo mitocondrial, bioquímica dos processos inflamatórios e do diabetes. Nos últimos quinze anos tenho me dedicado, paralelamente, ao estudo da nutrição e da fisiologia dos vegetais. Sou autor de cinco livros publicados nas áreas da bioquímica e da enzimologia e sou Membro, também, das Academias de Medicina da Bahia, Cadeira nº 22, e de Ciências de New York.

Fui condecorado em 1996 com a medalha de Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas, conferida pelo Senhor Ministro das Relações Exteriores da França, pelos serviços prestados ao ensino e difusão da Língua Francesa na Bahia. Em 1999 recebi o Diploma de Alto Mérito e Grande Honra Médica, outorgado pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Em 2011 recebi o Prêmio Peter BAKER como ex-aluno do Colégio 2 de Julho que se destacou como agente de progresso e desenvolvimento da Sociedade Baiana.

Fui homenageado por dezenove vezes como Professor do Curso Médico da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA) e da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública da Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências.

PATRONO

Álvaro Augusto da Silva

ACADÊMICOS TITULARES

Edivaldo Machado Boaventura

Alfredo Eurico Rodrigues Matta – Atual



Aos oitenta e sete anos desaparece Álvaro Silva em 1977. Vida dedicada ao trabalho, em especial à educação. Bacharel em Direito, exerceu a advocacia e foi deputado estadual. Destacou-se no setor da educação, onde ocupou os mais altos postos, com dedicação e liderança. Foi um dos condutores da educação baiana, sobretudo nas décadas de trinta e cinquenta. Ao ensino emprestou o melhor dos seus esforços.

Em 25 de novembro de 1930, assumiu a direção da Escola Normal e com ela o compromisso pessoal e vital de transformar aquele tradicional e quase centenário estabelecimento de ensino em grande centro de educação. Assim, idealizou a construção da nova Escola Normal, no Barbalho. Idealizou e lutou até concretizar a sua edificação, no testemunho de Elizabeth Chaves Veloso, sua colaboradora. No afã de cristalizar seu

propósito, venceu e convenceu interventores e governadores da necessidade de dotar a Escola Normal de instalações condignas, encontrando em Juracy Magalhães forte apoio à ideia. Em 1937 conseguiu aprovação do projeto e dos créditos. Na época em que lançou a pedra fundamental, em 22 de julho de 1937, recebeu dos maiores educadores brasileiros expressivas congratulações: de Fernando Tude, de Anísio Teixeira, de Waldemar de Oliveira. Anísio Teixeira foi incisivo: “Quero ainda felicitá-lo pela sua oração no lançamento da pedra fundamental do “seu” Instituto de Educação. São poucos os homens, em nosso meio, que logram viver, até o fim, um grande sonho, como o seu.”

No governo Pinto Aleixo, sendo Secretário da Educação e Saúde Aristides Novis, Álvaro Silva foi nomeado Diretor do Departamento de Educação. Com Guilherme Marback passou a titular da pasta.

Em 1942, enfim, alcançou o seu maior objetivo – inaugurou o Instituto Normal da Bahia. Na época, o depoimento de Ruy Santos, na *Crônica do Rio*.

Certamente, essa foi a obra onde colocou mais a sua alma, o seu coração. Obra de amor. Disso dá prova a Oração e a memória que escreveu *Subsídios para a história do Instituto Normal da Bahia*. Além de vários discursos, dentre eles a bela Saudação ao Ministro Ernesto de Souza Campos, às vésperas da instalação da Universidade Federal da Bahia, deixou-nos estudos de Genealogia, em especial da família “Augusto Silva”.

Em conclusão, idealizou, iniciou e viu realizado o Instituto Normal.

José Calasans Brandão da Silva, em discurso pronunciado, depois da morte do prof. Álvaro Augusto da Silva., depõe sobre a reconhecida capacidade didática: “Um excelente professor, sem dúvida alguma, Álvaro Augusto da Silva. Suas lições ficaram. Ainda hoje, não raro, ouvimos lembradas as “aulas do Dr. Álvaro”. Realizou-se integralmente na cátedra de Geografia da antiga Escola Normal da Bahia, situada no casarão do Caquende, que o primeiro Luiz Viana transformou numa casa de ensino normal.”

Foi ainda Inspetor Federal do Ensino Normal e depois Professor Cate-
drático da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da
Bahia. No Ministério Clemente Mariani, dirigiu, na Bahia, a Campanha
de Alfabetização de Adultos, encerrando as suas atividades no Estado.
Em 1970, recebeu o título de Professor Emérito, pela Secretaria de Edu-
cação e Cultura.

No Rotary Club da Bahia, Álvaro Silva foi Presidente, e Governador
do Distrito. A sua família quase que se confunde e se prolonga com a
própria organização rotária.

Álvaro Silva sonhou e realizou uma grande obra “que era grande demais
para a Bahia”, como então se dizia. Mas pensou alto e a concretizou.
Álvaro Silva se perpetua geneticamente nos filhos e descendentes.

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA



Edivaldo Machado Boaventura faz parte do grupo de acadêmicos fundadores da Academia Baiana de Educação. Quando da criação da Academia foi Edivaldo Boaventura que ocupou a Cadeira nº 5, que tem como patrono Álvaro Augusto da Silva.

Nascido em 10 de dezembro de 1933, na cidade de Feira de Santana, da qual muito se orgulha, Edivaldo é Bacharel em Direito (1959) e Ciências Sociais (1969) pela UFBA, Doutor e Livre Docente pela UFBA (1964), Mestre (1980) e PHD (1981) em Educação pela *The Pennsylvania State University*, EUA, universidade norte-americana da qual recebeu em 1990 o *Alumni Fellow Award*, concedido anualmente ao ex-aluno de destaque desta importante universidade dos Estados Unidos.

A relação de realizações do educador Edivaldo Boaventura é impressionante, estando certamente entre os que mais contribuíram para a educação baiana nos últimos 50 anos. Iniciou sua carreira no magistério em 1962 quando lecionou Economia na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Em 1968 foi convidado pelo então Reitor da UFBA Roberto Santos, para implantar a Assessoria de Planejamento da Universidade, encarregada da reforma universitária, foi quando publicou *Universidade em Mudança*. Esta participação marcou a vida de Edivaldo que, a partir de então, passa a dedicar-se à educação como campo de ação e de conhecimento. Como professor adjunto da UFBA, foi transferido para a Faculdade de Educação, neste mesmo ano. Sua carreira na UFBA foi um exemplo de sucesso. Já em 1971 obtinha a condição de professor Titular da Faculdade de Educação – FAGED. Na FAGED foi coordenador do Mestrado e implantou o Doutorado em Educação. Foi presidente da Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa, e consagrou-se como Professor Emérito da Universidade em 2006.

A sua atuação como docente no ensino superior também inclui, além da UFBA, o ensino de pós-graduação na UNIFACS e na Faculdade Visconde de Cairu.

Edivaldo atuou, também, fora da universidade, em favor da educação, tendo deixado até agora um legado ímpar à educação dos baianos. Foi membro do Conselho Estadual de Educação, presidindo-o entre 1976 e 1978. Exerceu o cargo de Secretário da Educação em duas oportunidades, de 1970 a 1971, e de 1983 a 1987, quando criou a Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Foi, também, Edivaldo que criou o Instituto Anísio Teixeira – IAT e a TV Educativa. Criou o Parque Histórico Castro Alves e o Parque Estadual de Canudos.

Foi ele, ainda, quem introduziu Estudos Africanos na escola baiana e, de 1996 a 2012, foi Diretor do jornal A Tarde, de onde exerceu seu papel de educador através do Jornalismo. Em 2007, passa a ser membro Emérito da Academia Baiana de Educação e é, neste, momento que passa a ocupar a Cadeira nº 5 da Academia o Professor Alfredo Matta.

ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA



Quando o professor Edivaldo M. Boaventura foi promovido a membro Emérito, tomou posse na cadeira patrocinada pelo professor Álvaro Silva o professor doutor Alfredo Eurico Rodrigues Matta. O professor Matta tem dupla formação – em História e em Informática. Realizou o Mestrado em História na Universidade Federal da Bahia com a professora Consuelo Novaes Sampaio, tendo escrito sua dissertação sobre “Casa Pia Colégio dos Órfãos de São Joaquim”. Contudo, o Doutorado em Educação, foi concluído na Faculdade de Educação da UFBA com o professor Edivaldo M. Boaventura. Duas universidades participaram do seu programa de doutoramento: a UFBA e a Universidade Laval, do Canadá francês. A bem sucedida tese de doutorado sobre “Hiperemídias no Ensino da História” foi premiada nacionalmente pelo CNPq/Capes, contando com a Fundação Roberto Marinho. O prêmio foi entregue pelo Presidente da República em cerimônia no Palácio da Alvorada. A tese premiada, que articula tecnologias da informação com o ensino da História, abrindo novas perspectivas para a historiografia, foi publicada em 2006 com o título “Tecnologias de Aprendizagem em Rede e Ensino de História”.

Alfredo Matta tem larga experiência no ensino secundário de informática, pois criou e liderou um laboratório de experimento de ensino nessa área. O professor leciona por muitos anos História da Bahia, na Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Fez concurso para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e ensina no programa de Mestrado e Doutorado em Educação Contemporânea. Em 2006, realizou o pós-doutorado na Universidade do Porto com marcante sucesso. Atualmente, participa do programa Universidade Aberta do Brasil (UAB) pelo qual coordena o curso de História a distância com vistas à formação de professores de história para os municípios baianos. Dedicando-se com afinco à educação a distância, bem assim à tecnologia da educação e à história da Bahia, dentro em breve entregará aos seus alunos um manual de História da

Bahia, especialmente concebido para o ensino a distância. Dirigiu um projeto inovador de Conteúdos Digitais, na Secretaria Estadual de Educação da Bahia, com apoio do CNPq, MCT e MEC, a partir do qual se tornou pesquisador do CNPq e consultor *ad hoc* para projetos e propostas relacionadas à tecnologia da informação e suas aplicações em educação.

PATRONO
Amélia do Sacramento Rodrigues

ACADÊMICO TITULAR
Germano Dias Machado



Amélia do Sacramento Rodrigues



Sempre admirei Amélia Rodrigues. Ao analisar o seu perfil biográfico escolhi, na exclusividade do coração e afinidade de espírito, *a mulher educadora, apóstola do educar como técnica e da educabilidade como cultura superior da alma*. Nessa análise me defrontei com a dificuldade de acesso a fontes em maior número, o que remete à necessidade de bibliotecas e arquivos com acervos organizados e pessoal especializado para orientar o acesso aos pesquisadores. Valho-me assim, de referências e citações, autores e mediadores credenciados, que serviram como ponto de acesso a exemplo dos confrades Hermano de Almeida Gouveia, através de documentos do seu acervo pessoal e o também amigo e confrade José Newton Alves de Sousa, que o complementou. Em Gabriela Mistral, poeta chilena, encontro algo que define muito bem Amélia Rodrigues: “La

Maestra és pura... La Maestra és pobre... La Maestra és alegre..." E eis, nestes versos a santamarense Amélia do Sacramento Rodrigues, Patrona da Cadeira nº 6 da Academia Baiana de Educação, da qual tenho a honra de ser o Acadêmico Titular desde a criação deste sodalício. Alegro-me perceber afinidades: se nasce Amélia do Sacramento Rodrigues em 26 de maio 1861, eu nasci, mera curiosidade, a 28 de maio e se ela morre em 1926, nasci eu, nesse mesmo ano. Um crítico racionalista refletirá, talvez: uma Exterioridade. Disposições da Providência, proclamarei com o filósofo Agostinho.

Amélia Rodrigues, sendo educadora, fez-se escritora: usou do conto e do romance, da dramaturgia, da tradução, do apostolado, para mais e melhor ser mestra. Carlos Chiacchio, (1961) no centenário de nascimento da grande mulher escreveu: "Era o seu instinto. A sua vocação. O seu destino. Nasceu para lutar. Onde houvesse luta, aí estaria a plantar o seu estilo, paladina do ideal pelas melhorias humanas. Humanista por índole, por educação, por antevisionismo político aos movimentos espirituais da época. Emprestou sempre o seu concurso, a sua força e o seu desassombramento... No seu tempo, sob o puro liberalismo político, a mestra foi aberta ao problema social e usou da poesia para alertar a todos sobre o destino triste da criança sem escola e sem amparo da sociedade. Assim se expressou, Amélia Rodrigues em *Réu de Amanhã*. "O dia inteiro pelas ruas anda/ Enxovalhado, roto, indiferente, mãos nos bolsos/ Olhar impertinente/ Um machucado chapeuzinho à banda/ E tem doze só!... flor do monturo/ Que lhe arranca o veneno ao seio impuro/ E os tentáculos do mal, que entorno avança?/Quem vai fazer-lhe a peregrina esmola/ De atirá-lo à oficina, ao templo, à escola, /Mudando essa ameaça numa esperança?!..."

Com ardor vê a educadora radical a liberdade dos irmãos negros, ainda não de todo vista e analisada e canta em *Versos e Reversos*: "Faz anos hoje a filha do Senhor; tudo é prazer nas salas do sobrado;/ Das janelas através o cortinado, /Sai em jorros, a luz passa o calor. /Recende fora do

banquete a dor;/Soa em trilos o piano bem tocado;/E os gorjeios de um canto apaixonado/Do rouxinol nos lábios de uma flor. /Mas, enquanto lá dentro a festa, a dança, /Brindes, discursos, riso, intemperança, misturam-se ao fragor de urras e bravos, /Do engenho em negro e imundo calabouço/Presos num tronco vil pelo pescoço, /Gemem tintos de sangue, alguns escravos...”

Não se há assim de chamar a educadora de alienada, nunca. A luta do seu tempo lhe pertence, sua pátria lhe merece, cotidianamente, amor e ânimo de peleja contra o negativo, pois a educadora, se tem visão do universal, o comunitário nacional lhe está à frente de imediato. Ainda aqui a poetisa vê o problema sociopolítico imediato: a questão da liberdade. Em seu poema *Ainda não*: “Outrora, quando a pátria se estorcia/Nos ferros da metrópole humilhante/um grupo, de homens não, mas de gigantes, /Ergueu-se para comprar-lhes a autonomia. /E o sangue que nos campos escorria, /E dos canhões as bocas retumbantes/ Aos europeus disseram, triunfantes, /Que a liberdade no Brasil nascia... /Porém os brasileiros desgraçados/Ao poste das misérias amarrados/Sucumbindo ao horror da escravidão, /Quando os heróis de júbilo exaltaram, /No estertor de angústias exclamaram/ Do fundo dos engenhos: ainda não!”

Lelis Piedade em *A NOVA ÉPOCA*, (1904) em vista de tal espírito escrevia: “Amélia Rodrigues tem nos seus livros em prosa ou em verso, a nota quente do patriotismo. A Pátria tem no seu coração um culto especial, ardente de verdadeira propagandista”. Nos tempos da Abolição a sua pena entrou triunfante na grande liça, defendendo os escravos com uma dedicação que mereceu aplauso dos que na Bahia contribuíram para a grande obra do 13 de maio”. Era o drama político social econômico e Amélia educadora, não poderia alhear-se da realidade imediata. Participante sempre, a educadora usa deste soneto histórico: *Soror Joana Angélica*. “Infrene soldadesca, alucinada, /Sedenta de oiro, horrível de furor, /como um tufão de ódio e de terror, /corre pela cidade consternada... /roubando, mata, e vai desenfreada/ contra as portas da casa do Senhor,

/Onde viceja da pureza a flor, /Pelos anjos do céu custodiada... / Salta a madeira aos golpes da alavanca da turba vil../Mas, à segunda porta, uma figura surge, doce e branca/ É Soror Joana que a passagem corta!/"Mate-se a freira!..." / E logo a entrada franca/ Se faz, por cima da abadessa morta...

E o que fazia assim a grande moça? Educava – seu método de educar se realiza sempre por uma metodologia – era o despertar a consciência de seus contemporâneos e, de modo mais direto os educandos, na ação e na prática para os grandes problemas brasileiros, humanos e da comunidade imediata. Um deles era face política de nacionalista equilibrada, de profundidade patriótica. O educador é universal no nacional, sempre voltado à pequena pátria do município e da região. Alma intuitiva, distinguia Amélia Rodrigues os assuntos da educação ligados à crença e a Deus. Não é nunca uma crença desligada mas, dentro do valor do trabalho, certa sempre de que Deus é Pai e Providência, não apenas um argumento racional, mas um valor concreto. Ainda do arquivo particular de Hermano Gouveia, transcrevo o poemeto que ilumina o que acabo de expressar, escrito em de Santo Amaro, em novembro de 1883, sem título: "Rezemos!... /De longe nos trazem os ecos/ O toque dos sinos da igreja vizinha, /Os pobres campôneos, devotos orando/ Já ergue-se a porta de cada casinha./Ó! Nada é mais doce do que est' hora/ Em que a luz é dúbia e o ar tão manso!/Mais terno que a luz é dúbia e o ar tão manso/ E após o trabalho melhor do que o descanso!"

Era, pois, ao mesmo tempo mulher de pensamento e de ação social, uma educadora agindo pela transformação do meio ambiente, uma escritora que visava a mudança do homem e da mulher, no seu eu social e cultural, religioso e humano. A escritora e a poeta, a personalidade total de Amélia Rodrigues visava, contudo, a educação. Uma religião possuía, também voltada à ação patriótica social, humanitária e caritativa. A caridade como amor. Um pequeno e delicado comentário patrocinado pela Fundação Cultural, em 1976, no cinquentenário de morte de Amélia Rodrigues, escreve Maria da Conceição Paranhos também escritora: "Afora

esse aspecto, a figura de Amélia Rodrigues é notável pela sua participação cívica. Conferencista, é muito vasto o seu discurso público em favor de uma nacionalidade fruto da democracia e da liberdade, ou em prol dos menos favorecidos materialmente, ou ainda, com o devotamento de uma cristã que além de qualquer doutrina, punha em prática os ideais do humanismo. Aliás, a sua obra assistencial múltipla e contínua, tendo sido fundadora e/ou colaboradora de várias instituições". Sobre as suas qualidades de escritora Martin de Oliveira (Suplemento Dominical do Diário da Bahia (01/07/1945) declarou: "Em síntese, Amélia Rodrigues, cujo nome inteiro disse-se Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues, é uma das nossas eminentes figuras literárias e a justificativa para o silêncio em torno do seu nome decorre de preconceito anticatólico, do que as ideias religiosas do seu trabalho".

Tudo isso é educação na educadora. E a educadora? – hão de perguntar.

A educadora ressalta de todos esses atos e fatos, decorrerá de suas obras, se imporá através de uma vida simples de Mestra que ultrapassou as barreiras de uma Província e de uma época em que a mulher e o seu papel não eram considerados devidamente. Ela, a pequena educadora enfrentou a Província, o tempo e o mundo. É a primeira jornalista brasileira de âmbito nacional, fundando a revista A Paladina, primeira revista feminina da Bahia (frisa Maria da Conceição Paranhos), além de A Voz. Foi colaboradora do Mensageiro da Fé, dos Jornais e obras Salesianos, de o Pantheon, O Album, A Renascença, outros livros. A educadora aí está, na Mestra das letras, na Mulher de ideias, na destemida defensora de suas ideias religiosas na época do racionalismo e do materialismo do século XIX, a educadora está na mulher de cultura, sendo a cultura o ápice de sua educabilidade, um reflexo de sua visão geral da vida, do mundo, do homem e sobre Deus.

A futura educadora, através dos pais – Felix Rodrigues e Maria Roque-lina Rodrigues inicia os estudos primários com o Cônego Alexandrino do Prado. Os estudos mais destacados foram lições admiráveis do professor

e educador Antônio Araújo Gomes de Sá e de Manuel Rodrigues Martins de Almeida. Tendo a vocação do ensino para educar, o Magistério chegou, à professora primária no colégio de Cândida Alvares dos Santos. Não teve o obrigatório Curso Normal, “submeteu-se a concurso e saiu-se brilhantemente, merecendo assim uma cadeira no arraial da Lapa. Do discípulo bem amado Aloysio Guilherme da Silva, “... Como Mestra conquistaria os louros da gratidão de várias gerações tocadas pelo condão da sua inteligência e da sua bondade...” A educadora, porém, se completaria sempre com a escritora e, sobretudo, com a poesia de porte grandioso que nela habitava. De Carlos Chiacchio: “Mulher de talento precoce. E na maturidade multiplamente afirmativa de sonho e de ação, de renúncia e de beleza. Era no livro, na tribuna, na imprensa, por todos os modos e meios essa atividade de criadora sem par, em toda nossa história de mulheres de letras. Criadora de instituições. Basta dizer que os primeiros alicerces do Liceu Salesiano foram obras de seus versos, dos seus dramas, dos seus artigos, de tudo seu, que revertia em favor das colunas mestras daquele templo...”

A simbiose: a educadora é uma escritora, a escritora uma educadora. Por isso, em 1898, publica o seu livro *Mestra e Mãe* que visava a educação moral e cívica. Usa a expressão “queridas meninas” e, sempre inovadora, quer na introdução, que as jovens trabalhem com vontade e afínco, para se “aperfeiçoarem moralmente e para que sejam a honra do vosso sexo”. Alguns veem nele uma espécie de autobiografia, mas tratava-se, exatamente, da história de uma professora. Nesse livro a educadora julgava que: “A Mestra que não se faz Mãe e a Mãe que não se faz Mestra falta ao dever que a sociedade lhe impõe”, Maternidade moral, uma espiritual maternidade, do coração e da inteligência, de princípios vividos e não de meras palavras elucubradas. Por isso, a Amélia Rodrigues educadora encarava a Mestra em sua totalidade e não a função, a vocação, um sacerdócio mas o dar-se por inteiro, à sua missão. O que se comprova no trecho de *Flores da Bíblia*. “D. Lúcia – (Gravemente a Marieta) “Filha, escolheste bem. /

Para ti melhor lauréa não cobiço/Educadora!... /É a missão mais nobre da mulher/Deus a criou para isso, /E para isso a quer! /... /É preciso que se afoite/E ande como anjo, pela noite/A semear estrelas... Filha! A tarefa é grandiosa e boa;/Cheia de espinhos mas bendita e bela. /Se queres ir por elas, vai! Tua mãe te aplaude e te abençoa!"

Depois de 1923, quando publicou *Flores da Bíblia*, Amélia quer, de novo, sentir a Bahia. Está alquebrada: era um prenúncio. Em 22 de agosto, 1926, morre a grande brasileira em modesta casa na Rua Futuro do Tororó, número 6. A Tarde, de 23, publica-lhe um grande necrológio e o seu último artigo – “Questão de vida ou morte”... Morria a mulher, não a educadora...” Falai, Senhor, a vossa augusta voz/Dizem que só na solidão se escuta. /Cessou entorno o estrépito da luta... /Falai, Senhor, agora estamos sós. /...”

Numa frase simples e direta, pode-se afirmar: Amélia Rodrigues só foi uma educadora. Suas poesias, seus livros, colaborações em jornais, sua participação nas obras salesianas, tudo visava a Educação. Foi educadora em Santo Amaro, em Salvador e Rio-Petrópolis.

... E ao finalizar este artigo... reafirmo a confissão: Sempre admirei Amélia Rodrigues.

GERMANO DIAS MACHADO



Ao instalar-se a Academia Baiana de Educação, convidado pelo seu idealizador e fundador o Professor Hermano José de Almeida Gouveia Neto, a cadeira com o patronato de Amélia do Sacramento Rodrigues estava vazia. Escolhi a mesma, sendo assim, seu primeiro Membro Titular, função vitalícia exercida com honra e glória.

Atualmente é Membro Titular da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris; da Academia de Letras e Artes do Salvador – ALAS, além de pertencer ao Grupo de Ação Cultural da Bahia e à União Brasileira de Escritores – UBE.

Fundador do Movimento Educativo Cultural CEPA – Círculo de Estudo Pensamento e Ação, e seu Presidente desde sua fundação em 1951.

Ao longo da vida, apresenta densa produção científica e literária, destacando-se: *A Longo Prazo* – Diário estético-filosófico, 2ª edição, Editoração CEPA. *Sintetismo* – Filosofia da Síntese, 3ª edição (prelo). *Cosmovisão e Cosmovidência de Ruy Barbosa*, 2ª edição, Editora Multifoco, (no prelo). *Varal Antológico 5* – participação no Varal do Brasil – literatura brasileira divulgada na Suíça – dois artigos: Humana Condição e Em Busca de Sentido, Design Editora, 2015. *Os dois Brasis: Um olhar filosófico sobre Os Sertões*, 2ª edição, Editoração CEPA, 2014. *Tempo Decorrido* – Autobiografia e Análise filosófica, Editoração CEPA, 1990, 2ª e 3ª edições com título “Tempo Decorrido e Outros Tempos”, 2012. *Da Filosofia e do Filosofar: O sentido do viver humano* – Filosofia e Autobiografia, 2011. *Um Glauber Inegável: Cinema*, Editoração CEPA, 2001. Colaborou nos jornais da Bahia: A Tarde, Tribuna da Bahia, A Bahia, 7 Dias, Correio da Bahia e, em outros Estados: Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro), A Marcha (Rio de Janeiro) e Jornal Operário (São Paulo), do Movimento Circulista do Brasil.

Ocupou cargos públicos, em destaque: Oficial de Gabinete do Governador Juracy Magalhães; Diretor da Imprensa Oficial da Bahia, no Governo

de Lomanto Jr.; Membro do Conselho de Cultura do Estado da Bahia (1979-1983) no governo de Antônio Carlos Magalhães e no governo de João Durval Carneiro (1983-1987).

Como Docente atuou na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e na Escola Técnica Federal da Bahia.

Recebeu os seguintes Títulos e Prêmios: Medalha Thomé de Souza, concedida pela Câmara Municipal de Salvador em 1994; Diploma do Mérito Ruy Barbosa, pela Casa da Bahia, Rio de Janeiro; Medalha Mérito Castro Alves, pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia; Diploma da Faculdade de Educação da Bahia, da Professora Olga Mettig, no vigésimo aniversário da Instituição.

PATRONO

Anfrisia Santiago

ACADÊMICOS TITULARES

Remy Pompílio Fernandes de Souza

Eduardo Lessa Guimarães – Atual



Nasceu Anfrisia Santiago nesta Capital, na rua dos Marchantes, hoje Deraldo Dias, número 65, no dia 21 de setembro de 1894, sendo seus pais Maciano Santiago e D. Amélia de Araújo Santiago. Formou-se pela Escola Normal da Bahia em 3 de Dezembro de 1910, sendo aluna laureada. Sua primeira investidura particular foi de professora adjunta da Escola Primária do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, onde lecionou de fevereiro à abril de 1911. A primeira nomeação oficial deu-se logo depois, para o cargo de professora interina do Arraial de Santo Estevão, na Vila de São Francisco do Conde, no qual foi efetivada em 27 de maio de 1912. Em 7 de outubro de 1914 foi nomeada adjunta da primeira Escola Municipal do distrito da Vitória. Em 1916 foram suspensos os cargos de adjunto e o Conselho Municipal de Salvador criou 60 cadeiras para escolas populares

nos subúrbios. A Profa. Anfrísia Santiago foi, então, indicada para reger a Escola Popular da Cruz do Pascoal, no distrito de Santo Antônio. Anos mais tarde, já consagrada grande educadora, foi diretora de Educação no governo Otávio Mangabeira, quando era Secretário da Educação Anísio Teixeira, seu grande amigo e admirador.

Em 1953 fundou a Cruzada de Auxílio Fraternal, da qual foi a Diretora. Realizou uma série considerável de trabalhos sobre pedagogia, alguns publicados em jornais e revistas da Bahia e do País. Grande pesquisadora dos assuntos históricos baianos, contribuiu com suas pesquisas para atender às constantes solicitações de historiadores que se valiam do “seu trabalho beneditino nos arquivos.”

Sua maior contribuição ao ensino – escreveram quando do seu falecimento – e, particularmente, à formação feminina, deu-se com o Colégio N. Sra Auxiliadora, por ela criado, instalado em amplo sobrado na Avenida Joana Angélica/Nazaré. Manteve nesse estabelecimento os cursos infantil, primário, ginásial, colegial e pedagógico. Foi dos mais famosos e acatados centros de estudo da juventude baiana.

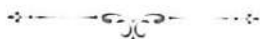
Ao ensino dedicou sessenta anos de sua vida, que foi um modelo de altas e dignificantes virtudes. Não foi sem razão que, em 1957, seu nome foi inscrito, por proposta do então ministro Clóvis Salgado, na Ordem Nacional do Mérito, na classe *Eximius*, como prova de seus grandes atributos na esfera do ensino e da história.

Era, na Bahia, talvez a maior conhecedora da obra de Castro Alves. Pertenceu a várias instituições culturais e o seu nome significa, hoje, o de uma notável educadora a merecer, sempre, o respeito e a admiração de todos.

Foi assim, Anfrísia Santiago, uma incansável e devotada mestra, contribuindo, e muito, para a formação educacional, religiosa e moral de milhares de jovens que tiveram a grande oportunidade de tê-la como mestra.

Anfrísia Santiago faleceu, nesta Capital, em 27 de abril de 1970, causando imenso pesar em toda a sociedade baiana.

REMY POMPÍLIO FERNANDES DE SOUZA



Remy costuma dizer que se formou em Direito, mas nunca exerceu a advocacia ou a magistratura, porque, em lugar de punir os adultos, preferiu educar as crianças e os jovens.

Desde muito cedo, ainda estudante do Colégio Maristas, de Salvador, ensinou o catecismo a crianças moradoras do entorno, com uma dedicação que chamava a atenção de seus professores e colegas. Tinha o livro *Imitação de Cristo* como leitura de cabeceira e guia de conduta.

Nascido em Salvador, no dia 07 de julho de 1932, logo foi levado para Paris, por sua mãe francesa, Marie Madeleine Mertens de Souza, viúva de seu pai, baiano sertanejo, Epiphânio Tude Fernandes de Souza. Quando a mãe resolve retornar ao Brasil, em 1937, opta por viver em Petrópolis, cidade com ares europeus. Remy e seu irmão Claude são matriculados no Colégio São Vicente de Paula, cujos professores são sempre lembrados de modo afetivo, em especial o Cônego Marcelo Diknians que lhe recomendou, após a mãe comentar de seu mau gênio em casa: "ora, é tão bom ser bonzinho!"

Aos 15 anos, muda-se para a Bahia onde se licencia em Filosofia (UFBA, 1954), sua verdadeira vocação, e se torna Bacharel em Direito (UFBA, 1959), atendendo os apelos da mãe. Em 1961, obtém o Diploma de Estudos Superiores de Filosofia pela Universidade de Paris (Sorbonne). Do filósofo, diz que sua utilidade é acordar os homens para fazê-los prosseguir em busca da verdade, rompendo a inércia da mediocridade.

Profissionalmente, Remy começou a trabalhar, em 1952, como professor de francês no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, fundado e dirigido pela profa. Anfrísia Santiago, onde permanece até 1962. Ensinou francês, também, no Colégio da Bahia, em 1955. Foi professor de Filosofia e de História da Educação na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Salvador (1959-1966), e seu diretor de 1962 a 1965. Nesse período na Universidade Católica, foi um dos fundadores da Faculdade de Direito,

tendo ensinado Direito Romano. Durante dois anos, 1968 e 1969, ensinou Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. De 1970 a 1974, lecionou História da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Nessa mesma época, foi professor fundador da Faculdade de Educação Olga Mettig. Foi ainda professor permanente de Filosofia do Colégio Militar de Salvador, de 1974 a 1988. E, finalmente, professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia de 1990 até 2002, quando se aposenta.

Além de lecionar, Remy coordenou o Projeto Rondon na Bahia, entre 1979 e 1984 e foi Delegado da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra, de 1987 a 1989.

Ocupou, ainda, diversas posições no ambiente educacional na Bahia: dirigente e assessor da Secretaria da Educação do Estado da Bahia; membro do Centro de Estudos e Planejamento (1967-1969); diretor do Departamento da Educação Superior e da Cultura (1969-1973); diretor do Complexo Escolar Manoel Devoto (1975-1978); assessor do Conselho Estadual de Educação da Bahia (1978-1987); membro do Conselho Estadual de Cultura (1979-1987), sendo seu Vice-Presidente de 1984-1987, e Subsecretário da Educação e Cultura da Bahia de 1984 a 1987.

Publicou cerca de 30 livros e centenas de artigos em revistas e jornais, incluindo Revista Brasileira de Filosofia, Cultura, Ângulo Revista da Bahia, *Convivium*, *Universitas*, Estudos Pedagógicos do Colégio Militar de Salvador, Cadernos do Devoto.

Seu ensaio *Pequeno Discurso sobre a Universalidade do Pensamento Francês* ganhou o Prêmio Hachette-Larousse em 1960. Remy foi designado Cavaleiro da Ordem da Coroa da Bélgica (1979) e Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas da França (1984). Foi agraciado com a Medalha do Pacificador (1984), a Medalha do Mérito Cultural Castro Alves (1986), a Medalha do Mérito Educacional Barão de Macaúbas (1987). Em 1990,

foi nomeado Comendador da Ordem do Mérito de Portugal (1990) e, em 2011, recebeu, da Prefeitura de Salvador, a Medalha Dois de Julho.

Como educador, Remy faz questão de se distinguir dos instrutores, que informam sem formar, dão cursos sem educar e não se erigem em paradigma moral de seus educandos.

EDUARDO LESSA GUIMARÃES



Eduardo Lessa é Procurador jurídico (advogado) e professor universitário (aposentado). Licenciado em Filosofia – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) – janeiro de 1971. Bacharel em Direito – Universidade Federal da Bahia (UFBA) – janeiro de 1978. Graduado em Teologia – Universidade Católica do Salvador (UCSAL) – 1970. Mestre em Pedagogia Profissional – CEFET/BA e Ministério da Educação (MINED) – Cuba. Defesa de Tese: dezembro de 2001.

Destacam-se na sua trajetória profissional as seguintes funções:

- Diretor da Escola de Menores Edson Tenório/FAMEB/Paripe – 1978-1979.
- Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e do Instituto Federal da Bahia (IFBA – ex-CEFET) – 1978-2005.
- Professor da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) – março de 1978-2007.
- Procurador Jurídico da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – 1976-2014 – exercendo a chefia do órgão durante 08 anos.
- Membro suplente do Conselho Municipal de Educação de Salvador – 1998-2001.
- Membro titular do Conselho Estadual de Educação (CEE/BA) – 2006-2010.
- Eleito Membro da Academia Baiana de Educação (ABE) – Posse em novembro de 2015.

Na condição de conselheiro do CEE/BA, exerceu a coordenação da Comissão de Direito Educacional.

Foi relator do parecer que deu origem à Resolução do CEE nº 23, de 12/03/2007, que estabeleceu normas para a inclusão no Sistema Estadual de Ensino, das disposições da Lei Federal nº 10.639/2003.

Escreveu vários artigos para Jornais de Juazeiro (BA) e para a Revista Brasil Rotário (Revista Oficial do Rotary Clube do Brasil), entre os anos de 1971 e 1975.

Mais recentemente, foi ordenado Diácono da Igreja Católica na Arquidiocese de Salvador, exercendo seu ministério na Paróquia de Santa Rosa de Lima/Costa Azul e no Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese, na condição de juiz-auditor.

Eduardo Lessa é autor do livro 'Livramento é de Nossa Senhora', co-autoria c/o jornalista Raimundo Marinho. Editora Gráfica da Bahia (EGBA) ano de 1995."

PATRONO

Anísio Spínola Teixeira

ACADÊMICOS TITULARES

Hermano José de Almeida Gouveia Neto

Maria Anália Costa Moura – Atual



Anísio Spínola Teixeira



Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, sertão da Bahia, em 12 de julho de 1900, filho de Anna Spínola Teixeira e Deocleciano Pires Teixeira. Após bem estruturada formação desenvolvida, no Instituto São Luiz Gonzaga, em Caetité e no Colégio Antonio Vieira, em Salvador, ambos os colégios católicos jesuítas, bacharelou-se em Direito, na Universidade do Rio de Janeiro, em 1922 e obteve o título de *Master of Arts pelo Teachers College* da Columbia University, em 1929. Casou-se em 1932, com Emília Telles Ferreira com quem teve quatro filhos. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1971.

O problema central do mestre Anísio, como pensador, refere-se ao problema do valor da *ideia e da ação*. Seus termos são, aliás, os polos entre os quais oscila, também, toda reflexão pedagógica. Na escola tradicional, que

ele conhecia, a ideia era fixada de antemão. Os homens futuros deviam servir a um destino a partir de toda a formação humanística clássica que havia recebido. O espírito é uma criação de Deus para a liberdade.

Esse era outro pressuposto fundamental da educação humanística cristã: cada pessoa é um fim em si mesma, não pode nem deve ser dirigida pelas intenções e propósitos de outrem qualificar. Este era, afinal o dilema. Este era o ponto de origem de todas as reflexões de Anísio, a que o curso de Ciências Sociais e Jurídicas não havia feito senão dar maior nitidez, revelando-lhe o artificialismo de muitas questões de ordem política e econômica. O Mestre Anísio procurava uma instrumentação ou, ansiosamente, buscava novos pressupostos que atendessem seu fervoroso ideal de justiça cristã e de fé nas instituições do homem e em seu poder criador, daí vem a escrever: "O homem, entretanto, continua dividido entre a necessidade de compreender o universo e a si próprio, para obter a sua integração estética ou religiosa, e a necessidade material, contingente, de subsistir". Para o Educador, ora em pauta de reflexões, a educação é o laboratório onde filosofia e ciência são postas à prova. No entanto o que o importava era seu encanto pelas crianças e seu cuidado em valorizar o Professor garantindo-lhe regime de dedicação integral às suas atividades, bem como assegurar-lhe Educação Continuada para atualização e aperfeiçoamento das competências docentes, no saber da teoria e no saber da experiência através da pesquisa e da avaliação educacional.

Após a publicação de estudo sistematizado e ensaios de Dewey, partiu para o Rio de Janeiro onde, após a frustração do Projeto Universidade Municipal do Distrito Federal, já nos idos de 1946 fora assumir o cargo de Conselheiro da Unesco, o que aceitou por um período de experiência por motivos diversos, dentre os quais o convite do Governador da Bahia, Otávio Mangabeira, para ocupar a Secretaria de Educação e Saúde, desse Estado, em cujo posto permaneceu até o início de 1950.

Uma das iniciativas mais importantes do Educador Anísio Teixeira, quando Secretário de Educação e Saúde, na Bahia, foi a construção e

inauguração do Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, denominado e conhecido como Escola Parque, no bairro Liberdade. Sua estrutura organizacional garantia aos alunos educação integral, mediante sua alimentação, higiene, socialização, artes e preparação para o trabalho e a cidadania. A Escola Parque funciona em Salvador como Centro Educacional Carneiro Ribeiro, reconhecida pela UNESCO, no sentido da vida e da democracia. Sua gênese marca excepcional momento histórico. As inquietações do pensador só encontrariam paz e calma, ou condições de maior segurança, nas mais altas indagações do espírito, no clima das universidades que devem funcionar como “A guardiã dessa razão humana, origem e instrumento do saber; é a universidade, em cujo seio deve palpitar essa suprema esperança humana, como uma nova atitude ou, enfim, um método devidamente competente para atender à aguda problemática, da civilização contemporânea”.

Como Educador da contemporaneidade, pensador da Pedagogia e realizador da educação, o Professor Anísio Teixeira, mediante a cidadania e a democracia, concebia a Universidade como Centro de irradiação científica, filosófica, literária, política e pedagógica, sobretudo como mansão de liberdade “. No seu entendimento “somente a educação e a cultura poderão salvar o homem contemporâneo” e mais, o poder do ideal e o compromisso de começar, sempre, estará assegurando a verdadeira revolução educacional, principalmente no que hoje se denomina Educação Básica, como também na adequada e devida Formação de Professores. Escola e Professores deverão ser de notável importância na civilização que estamos, corajosamente, construindo. Assim, é nosso desafio da atualidade, o da universalização da Escola para educar as novas gerações, porque Alunos e Professores devem conquistar autonomia de voo, a fim de que assinalem fidelidade aos seus sonhos.

HERMANO JOSÉ DE ALMEIDA GOUVEIA NETO



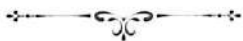
O Professor Hermano José de Almeida Gouveia Neto, possuía formação acadêmica em Filosofia e Pedagogia. Exerceu atividades em ambiência do Mestre Anísio Teixeira, deixando-se impregnar pela magia e grandeza do Educador, sempre a irradiar a autoridade do conhecimento e do compromisso com o ideal. Entusiasta da Administração Educacional desenvolveu uma pedagogia administrativa a serviço de formulações educativas eivadas de solidariedade, atenção ao bem comum, à ética e a convivência participativa que abrangia alunos, professores e pessoal técnico em função do desenvolvimento do Currículo, como cerne do planejamento educacional e de sua respectiva prática, no espaço escolar. Foi Gestor, Diretor em conceituados estabelecimentos de ensino público, a exemplo da Escola Parque, conhecida como “Escola Diferente”, que materializou a inspiração pedagógica do Professor Anísio Teixeira, seu fundador, bem como dos Colégios Estaduais Pinto de Carvalho, Alípio Franca e Costa e Silva.

A marca inicial de sua vida profissional foi a docência, na qual desempenhou sua trajetória a partir de Professor Primário, prosseguindo nos Cursos de Formação para o Magistério de 1º Grau – Escola Normal de onde alçou o patamar da Educação Superior, assumindo a disciplina Administração Escolar na Faculdade de Educação da Bahia, após os estudos universitários efetivados na Universidade Federal da Bahia.

Criador da SELIBA – Semana do Livro da Bahia, movimento Cultural que promovia e que defendia, sob transbordante entusiasmo e alegria, exposições que ocorriam sob êxito relevante, a partir de divulgação e consequente aceitação e aprovação do público em geral. Escreveu livros sobre Educação e assuntos correlatos, mantendo constante matéria de sua autoria nos Jornais de circulação em Salvador.

Inquieto e polêmico, dotado de exuberante motivação, descobria sempre, em tática personalíssima, como lidar com conflitos e crises. Admitia a

contradição, sobretudo quando discutia a necessidade de manter padrões convencionais de modelos burocráticos. Outrossim, convencia-se, através de persistente diálogo, quando a pauta de decisão referia-se à busca de inovação. Sob dever de justiça, destaque-se seu especial empenho no sentido da criação desta egrégia Academia Baiana de Educação.



Neste tempo de criação e traçado do destino, tempo qualitativo que não pode ser medido, contemplo-me para dialogar comigo mesma, questionando-me: quem é a Educadora que sou? O que ficou da Educadora de ontem na Educadora de agora?

Revisitando o que ficou da Educadora de ontem, na Educadora de hoje, emerge a consciência de que devo viver a adaptabilidade criativa, pois “nada há de permanente, exceto a mudança” Heráclito, 450 a. C. Como Educadora sinto-me inter-seres, tentando construir uma visão de mundo sob olhar que emerge do coração, olhar que revifica, ilumina, engrandece, acreditando que “às areias e aos gelos pode ensinar primavera”. Cecília Meireles.

Acadêmica, signatária destas palavras, considera-se em missão eivada de dignidade e honra, sob especial privilégio de, ao ocupar a Cadeira nº 8, na qual cinge a luz que irradia do Patrono que a ilustra, o Mestre Anísio Spínola Teixeira, na egrégia Academia Baiana de Educação, dispõe-se a contemplar para reescrever, recordando, confirmando e enaltecendo a grandeza histórica do Professor, Educador, Anísio Teixeira – profeta e empreendedor de uma Nova Filosofia de Educação, no Brasil. No **despertamento de si**, que implica o dever de pronunciar-me, desvelando o perfil e o percurso singular do pensador, como filósofo, educador, jurista e político e como corajoso dinamizador na idealização, na implantação e na implementação de políticas públicas educacionais que ainda não correspondem às exigências impostas pela realidade brasileira. Ao Mestre Anísio Teixeira, como Professora Educadora, concentrada nos estudos e na prática educativa, nos quais construí seu legado, proclama seu reconhecimento constante aos valores reais dos quais fluiu a inspiração à sua admiração crescente e o mais intenso devotamento à seara educacional.

Ao eterno Mestre Educador Anísio Spínola Teixeira a sua mais verdadeira profunda e expressiva gratidão, na simplicidade autêntica e sincera

desta homenagem. E na imensidade deste meu atual momento, exercito, sob a influência das reminiscências, o contemplar da minha vida, à luz do passado e do presente do tempo, este colaborador por mim eleito como mestre e cúmplice inspirador e confesso, tocada pelo sentimento de Fernando Pessoa:

“Olho sobre meu passado e vejo
Que fui quem foi aquilo em torno meu
Salvo o que o vago e incógnito desejo
De ser eu mesma de meu ser me deu”.

PATRONO

Antonio Alexandre Borges dos Reis

ACADÊMICOS TITULARES

Guiomar de Andrade Florence

Alírio Fernando Barbosa de Souza – Atual



Antônio Alexandre Borges dos Reis



O Patrono da Cadeira nº 9 da Academia Baiana de Educação é o Prof. Antônio Alexandre Borges dos Reis, baiano nascido em Saubara, então distrito de Santo Amaro da Purificação, em 28 de março de 1859, filho de Basílio Borges dos Reis e D. Ana Rosa Pimentel Reis. Órfão de mãe aos 14 dias de vida, foi educado de forma bastante severa pelo tio Manoel Borges dos Reis, dono de uma loja de sapatos e tamancos localizada no Comércio, na Rua dos Algibebes, na Cidade do Salvador.

Ao concluir dos estudos primários, começou a trabalhar como caixeiro na loja do tio. Estudava sozinho à noite ou em bibliotecas públicas, para prestar concurso para professor primário no Liceu Provincial, no qual foi aprovado com distinção. Assim, começou a ensinar em diversas localidades do interior da Baía de Todos os Santos, área também conhecida

como Recôncavo Baiano, como Paramirim, Vila de São Francisco, Santo Amaro do Catu, Saubara e Santo Amaro da Purificação. Casou-se com D. Maria Adelina de Abreu Neves, natural de Paramirim, em 1879, e tiveram oito filhos: Álvaro, Adelaide, Maria Alexandrina, Eurico, Antônio, Anna, Raul e Celso.

De volta a capital baiana, abriu um curso preparatório e fundou, no largo do Barbalho, o renomado Colégio Spencer. Em 2 de setembro de 1893 foi nomeado substituto de Corografia e História do Brasil no Instituto Oficial de Ensino Secundário (Ginásio da Bahia, atual Colégio Central) e, em 17 de outubro de 1895, foi nomeado lente da mesma cadeira, na qual tomaria posse em 1º de novembro do mesmo ano. Em 1896 deixa a direção do colégio que fundara para dirigir uma indústria gráfica da qual era sócio-proprietário, mas apesar de várias outras atividades, nunca abandonou a educação. Foi designado auxiliar de ensino do Ginásio da Bahia em 1909 e dez anos depois, em 1919, foi nomeado catedrático. Foi também membro do Conselho Superior de Ensino do Estado da Bahia.

Além das atividades docentes, o professor Antônio Alexandre Borges dos Reis era uma importante figura no seio da intelectualidade baiana. Foi um dos fundadores de duas importantes entidades do Estado da Bahia: O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1894) e a Academia de Letras da Bahia (1917). Foi, também, sócio correspondente das principais entidades de História e Geografia do Brasil e do exterior, como a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o Museu Nacional, o Instituto Histórico Geográfico de São Paulo e Sociedade de Geografia de Lisboa, dentre outros.

Participou ativamente de duas das mais importantes agremiações literárias da época: as revistas Nova Cruzada (era Cavaleiro de Honra da Nova Cruzada) e o Grêmio Literário, interagindo com importantes figuras intelectuais como Petion de Vilar, Álvaro Reis, Artur de Sales, Roberto Correia e Carlos Chiacchio, entre outros. Também foi contemporâneo de outros grandes nomes da história da Bahia, como Ruy Barbosa, Afrânio

Peixoto, Prado Valadares, Oscar Freire, Aloisio de Carvalho, Arlindo Fragoso e J. J. Seabra.

Todavia, o grande sonho de sua vida era tornar-se editor. Antônio Alexandre Borges dos Reis investiu suas economias poupadas com a venda de uma propriedade familiar e de seus anos de ensino na criação de uma tipografia. Para tal, mandou vir da França as máquinas e o profissional competente para operá-las.

Em 28 de março de 1896, dia de seu aniversário, em função de seu afastamento da vida de professor para se dedicar à realização de seu ideal, recebeu uma grande manifestação de seus alunos, os quais choraram com a saída do mestre tão querido. A partir de então passou a trabalhar integralmente na tipografia *Wilcke, Picard & C* (que posteriormente se chamou Estabelecimento Lito-tipográfico Alexandre Borges dos Reis & C., depois Lito-Tipografia Reis & C., ainda depois Lito-Tipo e Encadernação Reis & C. e, finalmente, Reis & Comp), estabelecida na Rua Manuel Victorino, nº 23 e 25, que funcionava como editora e livraria.

Assim, passou, entre outras coisas, a editar livros de importantes autores da época, como *L'animisme fétichiste des negres de Bahia* e *Manual de autópsia médico-legal*, de Nina Rodrigues; *Atlas Geográfico*, de Teodoro Sampaio; *Nova Seleta Inglesa*, de Guilherme Rebelo; *Estudos de sociologia e psicologia criminal*, de Aurelino Leal; *Folhas*, de Roberto Correia, além de seus próprios livros, os de seu filho, o poeta Álvaro Reis, e as revistas Nova Cruzada e Grêmio Literário.

Escreveu e publicou os seguintes trabalhos:

Os Indígenas da Bahia (1816)

Pontos de Português – 1889.

Corografia e História do Brasil, especialmente do Estado da Bahia (1893).

Guia Gramatical Português (1895).

Corografia e História do Brasil, especialmente do Estado de São Paulo (1898).

História do Brasil (1905).

Leituras Cívicas (1917).

A Batalha de Tuiuti (1919).

Corografia do Brasil (1920).

Publicou ainda uma série de almanaques intitulados *Almanaques do Estado da Bahia*, dos quais são conhecidos aqueles publicados entre 1898 e 1916, quando sofreu um ataque de congestão cerebral que o levou a afastar-se novamente das salas de aula. Ainda assim teve tempo de escrever dois de seus livros, *Leituras Cívicas* e *Corografia do Brasil*.

Bastante conhecido também na vida social e política da cidade, o professor Antônio Alexandre Borges dos Reis foi sócio-fundador do Clube Caixeiral, depois Clube Comercial. No governo de Severino Vieira (1905/1906 – 1907/1908) foi deputado estadual. Foi também diretor da Associação Comercial da Bahia (1899 – 1900). Residia (e era proprietário) na Chácara da Boa Vista onde, nos dias atuais, está a Rua da Boa Vista de Brotas. Veio a falecer aos 64 anos, após uma vida plena de realizações intelectuais.

GUIOMAR DE ANDRADE FLORENCE



A primeira ocupante da Cadeira 9 da Academia Baiana de Educação foi a professora Guiomar de Andrade Florence, natural da cidade de Entre Rios – Bahia. Conforme se deduz dos depoimentos escritos pelos acadêmicos Edivaldo Machado Boaventura e Hermano Gouveia Neto, a tônica de sua vida foi servir ao próximo.

Bastante jovem, com apenas 19 anos, formou-se em professora, distinguindo-se como aluna laureada. Sua atividade intelectual extrapola a educação formal. Dirigiu o Diário da Bahia e foi membro da Associação Baiana de Imprensa. Mas, a grande carreira educacional logo se inicia como fiscal do Colégio São Salvador e, em seguida, como docente de metodologia no Colégio da Soledade. Destacou-se na administração pública e no Governo Landulpho Alves quando dirigiu o Museu do Estado, à época chamado de Pinacoteca.

A professora Guiomar de Andrade Florence foi diretora do Instituto Normal de Educação da Bahia, atual ICEIA. Acompanhou Isaias Alves na criação da Faculdade de Filosofia, onde ocupou-se da cátedra de Filosofia e História da Educação e muito colaborou para a federalização da Nova a Faculdade. Aposentou-se, no Instituto Normal, por tempo de serviço. Na Universidade aposentou-se por motivo de saúde. Faleceu em 1990.

Toda uma vida dedicada à causa da educação fizeram da professora Guiomar de Andrade Florence grande merecedora de fazer parte desta Academia Baiana de Educação. No penúltimo parágrafo da elegia proferida em sua memória, o acadêmico Hermano Gouveia Neto assim expressou-se: “A sua memória está viva. Devemos, sim, fazer votos que quando viermos a escolher o ocupante da sua cadeira tenhamos o bom senso de escolher um colega digno e merecedor dessa grande honraria “. Eis o peso da herança que recebemos.

ALÍRIO FERNANDO BARBOSA DE SOUZA



Alírio Fernando Barbosa de Souza nasceu em Itapitanga – Bahia em 04 de novembro de 1944, ainda município de Ilhéus. Realizou os cursos primário e secundário em Itapitanga, Coaraci, Ilhéus, Jaguaquara e Salvador, onde ingressou na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia para cursar Ciências Sociais. Ainda estudante universitário dedicou-se ao magistério, o qual sempre foi sua atividade principal. Licenciado, tornou-se mediante concurso público, em 1970, professor do ensino médio oficial do Estado da Bahia. Em 1972, concluído o Mestrado em Ciências Humanas, iniciou sua carreira de professor universitário ensinando Sociologia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Cursou o Doutorado em Educação Superior nos Estados Unidos, na *The Pennsylvania State University*, concluído em 1980. Diplomado em Direito em 1992, ao lado da advocacia tornou-se professor de Direito Civil na Universidade Católica do Salvador, a partir de 1996. Foi Presidente da Academia Baiana de Educação no período de 2000 à 2004.

PATRONO

Antonio de Castro Alves

ACADÊMICOS TITULARES

Consuelo Pondé de Sena

Célia Maria Ferreira Cordeiro – AGUARDANDO POSSE



Antônio de Castro Alves



Antônio de Castro Alves, nascido a 14 de março de 1847, na Fazenda Cabaceiras (BA) continua a ser cultuado em todo o País graças ao seu engajamento nas lutas em favor da liberdade e da justiça social. Eram seus pais Dr. Antônio José Alves e D. Clélia Brasília de Castro Alves.

O poeta baiano procedia de uma família que oferecera combatentes para a campanha da Independência na Bahia (1823) e da Sabinada (1837), sendo neto de Francisco Antonio da Silva Castro, o Periquitão, fundador do Batalhão dos Periquitos, no qual se engajou a maior heroína brasileira, Maria Quitéria de Jesus, tabaroa de São José das Itapororocas, àquela época pertencente à Comarca de Cachoeira.

Gilberto Amado assinalou, com pertinência, que “Castro Alves foi o mais belo instante do Brasil”, associando-o aos fecundos anos da experiência libertária do século em que o Poeta nasceu e morreu.

Com efeito, jamais outro poeta ou escritor brasileiro esteve tão comprometido com as aspirações do povo, foi tão presente na vida social e política do Brasil, em que pese ter desaparecido aos 24 anos, no dia 6 de julho de 1871.

A permanência da sua mensagem decorre do fato de Castro Alves ter traduzido, com genialidade, os anseios mais legítimos da nossa gente, os sonhos de todos os povos que se nutriram nos ideais defendidos pela Revolução Francesa. É um poeta atemporal, cujas mensagens continuam atuais, pois se constituem em aspirações permanentes da humanidade.

Antônio de Castro Alves era um poeta carismático. Era de vê-lo esguio e pálido, belo e elegante, cabeleira basta, negra e sedosa jogada para trás, olhos igualmente negros e brilhantes, sempre vestido de negro, a impressionar as multidões por onde passava: na Faculdade de Direito, nos palcos dos Teatros Santa Isabel, no Recife; São João, na Bahia; no Rio de Janeiro, onde esteve rapidamente, e em São Paulo, onde cursou Direito e se tornou ídolo da mocidade.

Encantava as assistências da Bahia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo com seus versos arrebatados, harmoniosos e emocionais e, quando assomava à tribuna, clamava em favor da liberdade, da abolição da escravatura, enfim, das causas sociais.

Após ter cursado no Colégio Baiano, do Mestre Abílio Cesar Borges, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1864, passando, com alguns colegas, a redigir o jornal “O Futuro”. Data desse ano o poema “Tísico”, depois mudado para “Mocidade e Morte”, já sob impressão do mesmo mal de que morreria D. Clélia Brasília, sua mãe. No Recife, envolveu-se, em 1864, em um comício republicano, logo dissolvido pela polícia. Organizara-o um dos cabeças da Revolução Praieira, Antonio Borges da Fonseca, republicano cheio de ideias e de ideais. O estudante

baiano contava apenas 17 anos e, naquele episódio, inaugurava sua trajetória política. Em 1865, declama "O Século", na Faculdade de Direito do Recife, versos em que condenava as tiranias, defendia as conquistas populares, lutava pela liberdade de imprensa e da palavra. Nesse mesmo ano escreve *Visão dos Mortos*, relacionando os grandes vultos do passado nacional à sorte dos escravos, a exemplo do que fez em o Navio Negreiro, ao invocar José Bonifácio na outra linha: "E o grande Andrada, esse arquiteto ousado/ que amassa um povo na robusta mão." Aos 18 anos, também em 1865, avalia a verdadeira dimensão histórica de Tiradentes.

Castro Alves amava a aproximação com o público, era sensível aos aplausos e à admiração da sua gente. Com alegria, se reportava, em correspondência dirigida a parentes e amigos, às ovações recebidas no Teatro Santa Isabel, no Recife. Em duas oportunidades esteve diretamente em contato com o povo pernambucano. Na primeira, em 1864, protestando contra a dissolução de um comício republicano; na segunda, em 1867, insurgindo-se contra a prepotência policial.

Tendo perdido o ano acadêmico porque viajara para a Bahia, em outubro, e faltara às aulas vinte dias, tendo dez faltas não abonadas pelos mestres, retornou no ano seguinte ao Recife, alcançando grande sucesso com a recitação e publicação dos poemas: "O Século", "Pedro Ivo", "Visão dos Mortos", "Adeus", "Meu Canto".

Apesar de já estar com a saúde comprometida, começa a preparar o livro "Os Escravos". Em agosto daquele ano alista-se, com outros estudantes, no Batalhão de Voluntários, para a Guerra do Paraguai. Aprovado no primeiro ano do curso jurídico, volta à Bahia, acompanhado do poeta Fagundes Varela, de quem se tornara amigo. Durante as férias, a 24 de janeiro de 1866, morre-lhe o pai, o lustre professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. José Antônio Alves. Compõe os versos da Hebréia.

Ao retornar a Recife, em março do mesmo ano, funda em companhia de: Rui Barbosa, João Batista Regueira Costa, Plínio de Lima e outros, uma sociedade abolicionista, ao mesmo tempo em que lança o jornal

“A Luz”. Nas páginas desse periódico teve origem sua polêmica com Tobias Barreto.

É quando passa a viver com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, paixão da sua vida. Distingue-se nos estudos, respondendo aos lentes sobre o “Poder Temporal do Papa” e a Divisão de Poderes”. Em companhia da mulher amada, começa a escrever o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*.

Enfrentando a maledicência da época viaja para Salvador em companhia de Eugênia Câmara a fim de promover a representação de o “Gonzaga”.

A peça “O Gonzaga” é muitas vezes representada no Teatro São João, sob vibrante aclamação dos seus conterrâneos, tendo o poeta sido, várias vezes, por eles carregado nos finais das apresentações.

Decide, porém, transferir-se para o Sul do País, passando, em fevereiro, rapidamente pelo Rio de Janeiro, para aonde leva carta de apresentação do senador Fernandes da Cunha ao escritor José de Alencar, a quem entrega o seu drama. Por intermédio do romancista cearense conhece Machado de Assis, que aprova suas produções literárias. Ainda no Rio, recebe um banquete promovido por Emilio Augusto Zaluar. Na oportunidade, declama de uma sacada do Diário, à Rua do Ouvidor, o poema “Pesadelo de Humaitá”. Diante de si, uma multidão vibrante, festejava a vitória dos soldados brasileiros e aplaudia o poeta da Bahia.

Em março de 1868 já se encontra em São Paulo, onde se matricula no terceiro ano de Direito. É quando então escreve “Vozes d’África”, “O Navio Negreiro”, “Boa Noite”, “Adormecida”, “*Ahasverus* e o Gênio”, “Ode ao Dois de Julho” e outras poesias. Mais uma vez, funda um jornal com os estudantes e assiste seu drama *Gonzaga* ser levado à cena pelos mais consagrados atores da época. Já era conhecido e apreciado em boa parte do país. Quando recitava, despertava a atenção de todos pela impressionante figura física, voz máscula e forte, simpatia irradiante que dele emanava. Na capital paulista declama Ode ao Dois de Julho em homenagem à luta pela consolidação da independência, travada nos campos baianos.

Escreveu três poemas dedicados à maior data da Bahia, em Recife, em 1863 e dois em 1864, sendo um deles declamado na Bahia, no Teatro São João, intitulado “Ao Dia Dous de Julho”.

O mais belo dentre todos dedicados ao notável episódio baiano é “Ode ao Dois de Julho” escrito em São Paulo, em 1868.

Foi poeta de inspiração lírica até 1863, quando, em nova fase da vida, passou, ao compor “A Canção do Africano”, incorporando-se à ação abolicionista. Ao escrever “O povo ao Poder”, lança sua concepção libertária.

A partir de 1864 incorpora feição mais combativa, assumindo papel de propagandista das idéias progressistas e arauto da abolição da escravatura. Usava a tribuna para propagar os ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e progresso. Por isso, tornou-se porta-voz das ideias novas e reformadoras, das transformações que se haviam produzido na Europa e, vinham, pouco a pouco, sendo divulgadas em nosso meio.

Enfermo do “mal do século” escreveu “Mocidade e Morte”, em cujo poema antevê seu breve desaparecimento. Foi um representante fiel dos anseios da juventude do seu tempo, pleno de brasilidade, sempre voltado para o porvir, sendo, até os nossos dias, cento e sessenta e cinco anos após a sua morte, o mais lido e popular de todos os brasileiros.

No seu drama “Gonzaga e a Revolução de Minas” deixa implodirem seus anseios de abolição da escravatura e de conquista da República. São versos para os moços, para os que virão mais tarde e terão nos seus poemas candentes o farol a lhes iluminar as lutas em prol da liberdade...

Apenas três meses antes do seu desaparecimento foi fundada a Sociedade Abolicionista Sete de Setembro, a pedido de cuja associação escreveu *Carta às Senhoras Baianas*, solicitando donativos para custear a libertação dos escravos. Esse documento foi publicado no quinzenário jornal *Abolicionista*, de Ferreira de Araujo e Augusto Guimarães (1871).

Por isso, fez política por meio da poesia, com a qual combateu a tirania e o arbítrio e lutou ardorosamente pela liberdade.

Para o escritor baiano, Edison Carneiro: “Castro Alves encarnou a República e a democracia. Expressão das forças produtivas materiais da sociedade, que, a partir de 1850, começavam a negar o quadro de relações sociais das propriedades vigentes, Castro Alves interpretou todo um período da nossa história política – a fase revolucionária da burguesia nacional, que então arregimentava forças para a tomada do Poder, – e se fez eco das grandes idéias de renovação social que eram o patrimônio comum dos elementos mais progressistas da sociedade humana”.

Com esse objetivo, a Fundação Ulysses Guimarães lançou, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, dia 6 de julho de 2012, data do 141º falecimento, o livro “*Castro Alves – a política em poesia*”, editado em 2011.

CONSUELO PONDÉ DE SENA



Consuelo Pondé de Sena nasceu em Salvador (BA). Filha de Edístio Pondé e Maria Carolina Montanha Pondé. Casou-se com o neurologista Plínio Garcez de Sena e teve quatro filhos: Maíra Pondé de Sena, psicóloga, Maria Luíza Pondé de Sena, assistente social, Maurício Pondé de Sena, administrador e Eduardo Pondé de Sena, psiquiatra. Coursou o primário e o ginásial no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, da educadora Anfrísia Santiago. Em seguida, fez o curso clássico, no Colégio Nossa Senhora das Mercês. Prestou exame vestibular na, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no curso de Geografia e História, tendo sido classificada em primeiro lugar. Após a formatura fez especialização em Língua Tupi e Etnologia Geral e do Brasil. Em 1959 e 1960, substituiu, por alguns meses, o prof. Frederico Edelweiss, na regência do curso de Língua Tupi. Em 1974 foi nomeada diretora do Centro de Estudos Baianos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FFCH, da UFBA. Dirigiu a Casa de Ruy Barbosa da ABI. Foi Vice-Presidente do Conselho da Mulher Executiva da ACB. Assumiu a direção do Arquivo Público do Estado em 1986, nele permanecendo até 1990. Mestre em Ciências Sociais – área de concentração – História Social. Escreveu os livros: *Trajeto História de Juazeiro*, em colaboração com Angelina Garcez (1992), *Cortes no Tempo* (crônicas), *A Hidranja azul e o Cravo vermelho* (crônicas), *Bernardino de Souza: vida e obra* (2010) e *No insondável tempo* (2013), entre outros. Colaboradora dos jornais *Tribuna da Bahia* e *A Tarde*. Em 1997 foi Presidente da Comissão em homenagem ao Sesquicentenário de Castro Alves. Nos anos de 1999, 2001 e 2014 presidiu, respectivamente, o IV, V e VI Congressos de História da Bahia. Em 2008, foi presidente do Simpósio Internacional A Família Real na Bahia. Coordenou dezenas de seminários e cursos. Recebeu a Comenda Maria Quitéria (18/3/87), Medalha do Mérito do Estado da Bahia – 28/2/1991 (grau-Comendador), Medalha do Infante D. Henrique (15/3/1994) (República Portuguesa).

Medalha Dois de Julho, Prefeitura Municipal do Salvador. Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – IGHB, Acadêmica de Mérito da Academia Portuguesa da História, associada do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dos estaduais: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, Goiás, Rio de Janeiro, Petrópolis, Santa Catarina, Minas Gerais e Paranaguá (Paraná). Acadêmica correspondente da Academia Paraguaya de La Historia. Acadêmica titular desta Academia de Educação, foi eleita para a Cadeira nº 28 da Academia de Letras da Bahia, em 2002. Faleceu em de 2015, deixando uma grande lacuna no cenário intelectual da Bahia e do Brasil.



Antônio Borges dos Reis



Antônio de Castro Alves



Antônio Pacifico Pereira



Arthur de Salles



Egas Moniz Barreto de Aragão



Ernesto Carneiro Ribeiro

PATRONO

Antonio Pacífico Pereira

ACADÊMICOS TITULARES

Ângelo Lyrio Alves de Almeida

Maria Betty Coelho Silva – Atual

Antonio Pacífico Pereira

Antônio Pacífico Pereira nasceu a 5 de junho de 1846, em Salvador, colou grau de doutor em Medicina, em 1867, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foram seus colegas de turma: Augusto César Torres Barrense, Aprígio Martins Menezes, Antônio Celestino Sampaio, Jayme Soares Serva, Manoel Ignácio Lisboa e Ulysses Leonésio Pontes. Todos, como estudantes de medicina, participaram do Serviço de Saúde do Exército, durante a Guerra do Paraguai (Neto, José Tavares. 2008).

Aluno laureado, visitou, em várias oportunidades, o Velho Mundo, onde realizou estudos médicos nas principais capitais do continente.

Opositor, por concurso, da Secção Cirúrgica, em 1871. Foi concorrente (aprovado e não nomeado) à cadeira de Patologia Externa em 1874,

Lente catedrático de Anatomia Geral e Patológica, em 1882 e Lente de Histologia, em 1882.

“Humanista e competente clínico, e tendo a medicina como verdadeiro sacerdócio, dedicava-se, exclusivamente, aos seus doentes, que dele recebiam os cuidados primorosos de sua alta capacidade e a confiança que sabia impor através do trato ameno e da dedicação que consagrava aos enfermos, que tinham a fortuna de tê-lo à sua cabeceira” (Simões, Antonio. 1985)

Colaborou em vários jornais leigos e científicos, sobretudo na “Gazeta Médica da Bahia”, da qual foi fundador, diretor e principal incentivador, durante mais de meio século.

Por duas vezes foi diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. A primeira, em 1884, como diretor-substituto. A segunda, como diretor eleito, de 1895 a 1898, quando renunciou, por motivos políticos. Durante a Guerra de Canudos transformou a Faculdade em hospital, adaptando gabinetes e salas de aula em enfermarias, de modo a atender aos feridos.

“Anatomista, cirurgião, obstetra, clínico geral, sanitarista, professor de várias disciplinas, humanista, enfim, um sábio, Pacífico Pereira de plena justiça há merecido o título de “Preceptor Brasiliae”, que lhe foi outorgado por congresso, realizado no Rio de Janeiro, em 1922” (Neto, José Maria de Magalhães. 1979).

Foi também Diretor de Saúde Pública Estadual.

O grande médico, um dos maiores do Brasil, faleceu em Salvador, no dia 18 de novembro de 1922.

ÂNGELO LYRIO ALVES DE ALMEIDA



Filho do casal Isaías Alves de Almeida e Maria Amélia Lyrio Alves de Almeida.

Nascido em 21 de novembro 1926 na cidade de Salvador, fez seus estudos na sua terra natal, preparando-se no Colégio Estadual da Bahia, para ingressar na Universidade Federal do Rio de Janeiro em cuja seleção obteve 1º lugar, e onde recebeu o diploma de bacharel em Direito.

Ministrou sua primeira aula como professor no Colégio Ipiranga, logo depois vindo a ser dono e diretor do referido colégio herdado do seu pai o ilustre educador Isaías Alves de Almeida.

Na atividade educacional teve inumeráveis serviços prestados a educação baiana e atuação acentuada como Membro do Conselho Estadual de Educação, Secretário de Educação e Cultura do Município de Salvador, Presidente do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino Particular, Delegado da Escola Superior de Guerra (durante 10 anos). Foi ainda Governador do Rotary do distrito 455 e Grão – Mestre da Maçonaria durante dois mandatos e Diretor da AMESA – Alagados Melhoramentos S/A. Na área jurídica foi Procurador Autárquico do Estado da Bahia e Chefe da Procuradoria Jurídica da Superintendência do Centro Administrativo do Estado da Bahia.

Ocupou a Cadeira nº 11 dessa honrosa Academia Baiana de Educação até a sua morte em 30 de setembro de 2006.

Do seu casamento com Celeste Maria Pugliese Alves de Almeida, nasceram seus quatro filhos Pedro Augusto Pugliese Alves de Almeida, Angela Tereza Pugliese Alves de Almeida, Ana Claudia Pugliese Alves de Almeida e Maria Laura Pugliese Alves de Almeida.

Autor de diversas obras, dentre as quais destacam-se: Problemas da Educação; Estudos Objetivos da Educação; Cultura Responsabilidade e Ação; Código Maçônico da Bahia.

MARIA BETTY COELHO SILVA



“A profa. Maria Betty Coelho, com intenso brilho dedicou a sua vida profissional à literatura infantil, de cunho pedagógico. Eis porque essa Academia a elegeu para ocupar a Cadeira nº 11, que tem como patrono o eminente médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Antonio Pacífico Pereira” (SANTOS, Roberto. 2007).

A professora Maria Betty Coelho, pouco tempo após diplomar-se, em 1941, pela Escola Normal da Bahia, (atual Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA), foi aprovada em concurso para o magistério primário do Estado. Inicia sua carreira como regente, passa a Vice-Diretora, inspetora do ensino primário, assistente do ensino particular e chega a superintendente do Ensino Elementar, função que a leva à Portugal, em “premiação cabralina”.

Torna-se membro do Comitê da Organização Mundial para a Educação Pré-escolar (OMEP). Trabalhou na Comissão Executora do Convênio SUDENE/MEC-USAID, que procedeu a exaustivo levantamento do ensino primário na Bahia com estudos inovadores sobre currículo e supervisão escolar.

Iniciando sua atividade docente com um novo método de alfabetização, o Método dos Contos, a profa. Betty Coelho se encontra com a Literatura Infantil da qual não mais se desvincula. Assim, foi designada Orientadora de Literatura Infantil e Práticas Leitoras na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato; representante, na Bahia, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), capítulo brasileiro do International Board on Books for Young People (IBBY) e desenvolve projeto de pesquisa em Literatura Infantil em conexão com a educação pré-escolar.

Como coordenadora de bibliotecas públicas na Fundação Cultural do Estado da Bahia, implanta a Divisão de Literatura Infantil e Juvenil e intensifica a ministração de cursos sobre a arte de contar histórias, participando das Bienais do Livro em São Paulo por intermédio da Câmara Brasileira do Livro, onde ministra aulas, realiza oficinas e conta histórias.

Professora de Literatura Infantil e de Arte de contar Histórias, a profa. Maria Betty ensina nos colégios particulares de Salvador e, também, em cursos de atualização e extensão promovidos por numerosas entidades, não somente da Bahia, como de outras unidades da Federação a exemplo de São Paulo, Santa Catarina e Rondônia.

Publicou vários livros na sua área de predileção: *Contar histórias uma arte sem idade* (1986); *A menina do avental* (1988); *E se?* (1988); *Foi um dia, um dia foi* (1992); *O galo cantou e ninguém sabe onde* (1993).

"A literatura infantil permeia a vida profissional da professora Betty quer seja na carreira de magistério, da técnica em educação, da mestra, da professora" (BOAVENTURA, 2007). Com esse conhecimento acumulado faz parte do Juri do mais importante prêmio do gênero do País – Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro –, em São Paulo, e também do prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

A profa. Maria Betty Coelho foi agraciada com vários prêmios de natureza cultural, tendo recebido muitas homenagens em reconhecimento ao seu trabalho. Em 1984, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia lhe outorgou a Medalha do Mérito Educacional "Barão de Macaúbas". Duas outras medalhas lhe foram conferidas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, uma em 1989, pelo seu trabalho de incentivo à leitura no Estado da Bahia e, outra, em 1999, pelos trinta anos dessa Fundação. Em 2005 criou-se a Biblioteca Infantil Betty Coelho, biblioteca comunitária da Boca do Rio/Salvador, por iniciativa do poeta Douglas de Almeida. Por iniciativa de Renata Junqueira foi, também, dado seu nome ao Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da Universidade Estadual Júlio de Mesquita (UNESP), que passou a se chamar Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil Maria Betty Coelho da Silva. "Uma forma de reconhecimento mais profunda de seu trabalho pela leitura foi a análise de sua vida e obra, na tese de doutorado "Histórias correm no corpo: o itinerário de Betty Coelho", defendida, em 2006, por Maria Antonia Ramos Coutinho da Universidade Federal de Minas Gerais."

PATRONO

Arlindo Silva Costa

ACADÊMICOS TITULARES

Adroaldo Ribeiro Costa

Bárbara Vasconcelos de Carvalho

Rosa Pereira Levita – Atual



Arlindo Silva Costa



Rememorando em longos traços os fatos mais importantes que sempre envolveram a vida do Patrono da Cadeira nº 12, Prof. *Arlindo Silva Costa* e os acadêmicos que a ocuparam, profs. *Adroaldo Ribeiro Costa* e *Bárbara Vasconcelos de Carvalho*, procuraremos de modo sucinto narrá-los a contento, fugindo às particularidades e minúcias. Isso porque, “escreve-se a história não para a adulação, mas para o testemunho e a verdade”.

Arlindo Silva Costa residia em Santo Amaro da Purificação em companhia de sua esposa *Alíria Ribeiro Costa*. Tiveram dois filhos, *Aderbal* e *Adroaldo*. Como em Santo Amaro não existia Ginásio (escola secundária), *Arlindo* empenhou-se em fundar um Ginásio naquela Cidade, a fim de dar aos filhos melhor assistência na sua aprendizagem e também, beneficiar os jovens que residiam em Santo Amaro e cidades vizinhas.

Eis aí o grande mérito de um homem de recursos financeiros limitados. Finalmente, no dia 3 de fevereiro de 1928 foi inaugurado pelo Governador Francisco Marques de Góes Calmon o Ginásio Santamarense. Em fevereiro de 1929 iniciou-se o primeiro ano letivo, tendo o Prof. Arlindo Silva Costa como diretor.

Ao Ginásio Santamarense o Prof. Arlindo Silva Costa dedicou todo seu idealismo, capacidade de trabalho e proficiência, enquanto teve forças para lutar contra a insidiosa moléstia que o atingiu e da qual veio a falecer.

Adroaldo Ribeiro Costa, seu filho, um dos fundadores da Academia Baiana de Educação, reconhecendo o trabalho admirável realizado por seu pai, indicou o seu nome para Patrono da Cadeira nº 12, da qual foi o primeiro ocupante.

Arlindo Silva conquistou os seus verdadeiros objetivos, merecendo a admiração e reconhecimento dos santamarenses. No livro *Paginas Escolhidas* Aramis Ribeiro Costa ressalta seu grande merecimento: "Arlindo Costa conquistou o título de Educador Nato". Certamente seu nome viverá na memória de seus discípulos e na história da Cidade de Santo Amaro.

ADROALDO RIBEIRO COSTA



Adroaldo Ribeiro Costa foi o primeiro ocupante da Cadeira nº 12. Baiano, soteropolitano, nasceu em 13 de abril de 1917, mas viveu toda sua infância em Santo Amaro da Purificação, recebendo, mais tarde, o título de Cidadão Santamarense, homenagem que muito o sensibilizou.

Diplomado em Direito, dedicou toda sua vida à educação. Professor Catedrático de História, do Instituto Normal da Bahia, hoje ICEIA – Instituto Central de Educação Isaías Alves, do qual foi Diretor na década de 1960. Foi Diretor, também, do Colégio João Florêncio Gomes e do SEAM – Serviço de Assistência a Menores –, época em que muitos menores infratores foram reeducados através de oficinas de cursos profissionalizantes e de artes, participando na formação de uma Banda de Música que visavam a reintegração desses jovens à sociedade.

Como jornalista foi editorialista do Jornal A TARDE, além de responsável por uma crônica diária, “Conversa de Esquina”. Como compositor consagrou-se com o Hino do Esporte Clube Bahia, o Hino das Olimpíadas Baianas da Primavera, valsas, canções, e as operetas “Narizinho”, “Monetinho”, “Timide”. Sua maior obra e motivo de vida foi o Programa de rádio “A Hora da Criança”, um movimento de arte voltado à educação, o qual manteve-se no ar, com extraordinária audiência, de 1943 a 1973.

Mantendo correspondência com o escritor Monteiro Lobato, Adroaldo Ribeiro Costa conseguiu autorização para encenar a opereta “Narizinho”. Esse evento marcou a estreia do Teatro Infantil no Brasil em 22 de dezembro de 1947, no antigo Teatro Guarani, com a presença de Monteiro Lobato. Foi um espetáculo grandioso e considerado o maior acontecimento cultural da época.

Como educador Adroaldo sempre se preocupou com a criança e, munido de grande sensibilidade, observava os episódios do dia a dia, acompanhando as notícias da Bahia, do Brasil e do mundo, aproveitando temas polêmicos e transformando-os em obras teatrais, a exemplo de

“Monetinho”. Na peça “Timide” abordou o tema mortalidade infantil, em 1957. Na categoria de Revista realizou em 1953 “Enquanto Nós Cantarmos” e “Nossa Árvore Querida” em 1959, comemorando os 20 anos da atividade.

Conta Adroaldo, em seu livro *Igarapé*, que o Governador Antonio Balbino, após assistir a Opereta Narizinho, no Teatro Guarani, prometeu à Bahia construir um teatro digno para os baianos. Diante disso, podemos considerar que Adroaldo foi o inspirador da construção do Teatro Castro Alves, sendo convidado para organizar o evento da sua inauguração.

Adroaldo Ribeiro Costa foi o organizador dos eventos do sesquicentário da Independência, além de escrever a Revista em Quadrinhos “A Independência foi guerra na Bahia”, com desenhos de Ada Brito, artista plástica e ex-integrante da Hora da Criança, a qual foi editada pela Abril Cultural e reeditada no final da década de 1990 pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Mestre por excelência, autor de 7.200 crônicas, Adroaldo Ribeiro Costa foi e continua ilustre e imortal.

BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO



A Profa Bárbara Vasconcelos de Carvalho substituiu a Adroaldo Ribeiro Costa na Cadeira nº 12 da Academia Baiana de Educação. Licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da Bahia, foi professora de Português e Literatura do ICEIA e do Severino Vieira. Na década de 1950 mudou-se para São Paulo onde, também concursada, lecionou em vários colégios públicos e particulares da capital paulista. Aprofundou seus estudos em literatura infanto-juvenil e introduziu no Curso de Letras o estudo da Literatura Infantil. Publicou o primeiro compêndio sobre Literatura Infantil em Língua Portuguesa. Na Bahia publicou dezesseis livros de literatura infanto-juvenil e livros didáticos para essa faixa etária.

Membro fundador da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, ocupou uma de suas cadeiras. A modéstia e a humildade marcaram sua vida profissional como docente e, principalmente, como escritora, mostrando-se mais preocupada em criar e produzir do que divulgar e laurear suas obras. Assim, soube conquistar a admiração de um vasto e leal público através de seus versos que expressam um dos mais belos sentimentos, o amor.

O seu livro *Bem Me Quer* é uma demonstração de amor em versos originais e bem adequados aos interesses das crianças. Encantam pela originalidade pois são poesias delicadas, irresistíveis, de gênero singular de uma Educadora Poeta que ousou transmitir para o público o seu amor à criança o que a tornou parte do seu mundo. Disse Leo Buscaglia, autor do livro “Amor”: “viver amando é viver na vida e viver na vida é viver amando”.

Bárbara Vasconcelos de Carvalho através de seus poemas fez de sua vida uma dádiva fantástica e ousou moldar, através da poesia, o seu próprio mundo. Como esquecer esta brilhante figura cuja vida consagrou à educação e às crianças, atingindo as culminâncias do seu idealismo? A Profa. Bárbara Vasconcelos de Carvalho deixa-nos o seu grande exemplo de idealismo e tenacidade, merecendo nosso apreço e admiração.

ROSA PEREIRA LEVITA



Nasceu em Cachoeira – Bahia e teve destacada atuação na Educação do Estado da Bahia, iniciando suas atividades em 1938 como Professora Regente da Escola Ruy Barbosa. Foi Professora Regente, também, da Classe Experimental do Método Global o que lhe oportunizou receber uma Bolsa de Estudos de um ano em Belo Horizonte, pela eficiente aplicação daquele método. Foi, ainda, Orientadora de Ensino na Capital, pela Secretaria da Educação; Inspetora de Educação com atuação na capital e no interior, por um período de 16 anos; Diretora de Educação Municipal na implantação da Municipalização do Ensino de Jequié/BA (período de 1958/61); Técnica em Educação da SEC/BA durante o ano de 1963; Superintendente do Ensino Elementar do Estado da Bahia entre os anos de 1963/1964 e Membro do Conselho Estadual de Educação, no período de 1963 à 1968. Na esfera privada, Rosa Levita teve marcante atuação no Colégio N. Sra. do Carmo, no qual foi Coordenadora do Curso de Formação para o Magistério, no período de 1973/1979, e Coordenadora dos Seminários Pedagógicos do Curso de Formação para o Magistério, no biênio de 1977/1979.

Dentre os Títulos e Menções que lhe foram conferidos, destacam-se: “Lírio de Ouro” pela atuação eficiente à causa da “criança especial”; Menções Honrosas pelo desenvolvimento e expansão de bibliotecas escolares, durante a gestão do Dr. Raimundo Gouveia e pelo brilhante desempenho nas funções exercidas na Superintendência do Ensino Elementar e no Conselho Estadual de Educação, conferidas pelo Colegiado Superior da Faculdade de Educação da Bahia. Recebeu, ainda, Medalha de Ouro – “Honras”, concedida pelo então prefeito da cidade de Jequié, Dr. Antonio Lomanto Júnior, pelos relevantes serviços prestados à Educação do município de Jequié/Ba, na realização comemorativa do Cinquentenário do Rotary Club Jequié – Distrito 4550 –, durante a 39a. Convenção Distrital, no dia 22/04/1995.

Como trabalhos publicados sobressaem *Educação no Curso Primário; A Formação de Professores; Conferência realizada no Encontro de Delegados Escolares da Capital e do Interior e A Educação e suas novas técnicas*, artigo publicado no Jornal A TARDE, em 1968.

Rosa Levita foi Governadora Assistente do Rotary Club Salvador Leste, no período de 2004 à 2009, tendo sido homenageada com o título de Governadora Emérita na gestão do Governador Durval Olivieri.

É membro titular da Cadeira nº 12 da Academia Baiana de Educação, em cuja Diretoria exerce o cargo de 2a. Secretária.

PATRONO

Arthur Gonçalves de Salles

ACADÊMICOS TITULARES

Raul de Souza da Costa e Sá

Elsior Moreira Alves

Antonio Amorim – Atual

Arthur Gonçalves de Salles

Filho de Severiano Gonçalves de Sales e Maria Eufrosina de Aragão Sales. Arthur de Salles nasceu a 7 de Março de 1879, no bairro do Pilar, na Cidade Baixa. A água do mar chegava próxima à porta de sua casa. Morava bem próximo ao Cais Dourado, onde havia muitos estivadores, comerciantes e aconteciam sambas-de-roda e rodas de capoeira. Essas primeiras impressões marcariam-no profundamente. Elabora seus primeiros versos aos treze anos e suas poesias são publicadas pela primeira vez em 1901, por diversas revistas de Salvador.

Em 1905, forma-se pela Escola Normal da Bahia.

Em 1908, é nomeado bibliotecário da Escola Agrícola da Bahia, situada na vila de São Francisco do Conde. Publica seus poemas em diversas revistas da Bahia. Por essa época, participa dos serões, dos recitais de

poesia na casa de seu tio Martinho Gonçalves de Salles Brasil, ao lado de seu pai, Severiano, da poetisa Amélia Rodrigues, dos Balthazar da Silveira, dos Mangabeira, dentre outros.

A Revolução de 1930 fechou os Aprendizados e fez com que o poeta, que era professor adjunto, caísse em disponibilidade não-remunerada. Em 1935, é nomeado para o mesmo cargo de professor adjunto, para o Aprendizado de Quissamã, Sergipe. Enquanto estava em disponibilidade, foi ensinar no Instituto Baiano de Ensino, de seus antigos condiscípulos Hugo e Geraldo Balthazar da Silveira, onde lecionou português, francês e história.

O prof. Cláudio Veiga nos conta, em seu livro *Sete tons de uma poesia maior – Uma leitura de Artur de Salles*, que, uma vez aposentado, o poeta encontrou uma modesta sinécure, proporcionada por Otávio Mangabeira, seu amigo da Academia de Letras da Bahia, e então governador da Bahia.

“Apesar de seu retraimento – diz Veiga –, não se divorciou da vida literária de sua província. Participou ativamente do movimento Nova Cruzada, aproximou-se dos jovens promotores de “Arco&Flexa”, freqüentava as reuniões da ALA (Ala das Letras e das Artes). Filiado à Associação Brasileira de Escritores, era presidente da Seção da Bahia, quando, em 1948, se realizou em Salvador um congresso nacional promovido pela entidade.” Foi um dos fundadores da Academia de Letras da Bahia, junto com Rui Barbosa, Otávio Mangabeira, Antônio Alexandre Borges dos Reis, Afrânio Peixoto, Miguel Calmon, Aloísio de Carvalho (Lulu Parola), Teodoro Sampaio, Oscar Freire, Carneiro Ribeiro, Seabra, Pirajá da Silva, Arlindo Fragozo, os Castro Rebelo, os Moniz Sodré etc.

Em 1947, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, ministrou a aula inaugural de um curso sobre Castro Alves.

Arthur de Salles foi Imortal da Academia Baiana de Letras, ocupando ali a Cadeira nº 3, até sua morte, em 1952, quando foi sucedido por Eloywaldo Chagas de Oliveira.

Sua produção literária vai de 1901 até 1930. Ele explica, em 1951: “Desde 1930 por motivos de todos conhecidos e pelo infortúnio, me afastei das atividades literárias. Anteriormente, pensava como Gabriele d’Annunzio: “Criar com alegria”. Hoje, depois de muito pensar, medito como Goethe: “Da tua dor faze um poema”... E eu ainda não comecei o poema da minha dor.”

RAUL DE SOUZA DA COSTA E SÁ



O professor Raul de Souza da Costa e Sá formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Foi um brilhante professor catedrático de vários Colégios de Salvador, entre eles o Colégio das Sacramentinas. Antes ensinara no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, de onde viera já aposentado. Foi professor de Estilística da Língua Portuguesa nos cursos de Letras da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, posteriormente Instituto de Letras, onde encantou a uma legião de alunos, tendo exercido a docência, também, de Língua Portuguesa no curso de Administração e de Comunicação da mesma Universidade. O educador Raul de Souza da Costa e Sá foi membro suplente do Conselho Estadual de Educação da Bahia.

Nas palavras de um ex-aluno Raul de Sá foi “Um exemplo de mestre, tanto pelos profundos conhecimentos do Idioma, quanto pelo jeito característico de transmiti-los. Admirável a didática que utilizava. Preciso nas afirmações e nos modelos adotados.”

ÉLSIOR MOREIRA ALVES



Nascido em 5 de abril de 1937, na cidade de Encruzilhada, região de Vitória da Conquista, no sudoeste da Bahia. Élsior Moreira Alves estudou no Colégio Salesiano de Salvador, tendo concluído o 2º grau no Colégio Estadual da Bahia, hoje Colégio Central. Em 1959 ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, diplomando-se em 1963. Fez Pós-Graduação especializando-se em Direito Romano, com residência para estudo em Roma, no Vaticano, em Londres e em outros países da Europa, e Mestrado em Direito Econômico, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Desenvolveu, ao longo de sua vida, diversas atividades profissionais.

Na área do Direito, exerceu a advocacia particular; foi Procurador Federal junto à Universidade Federal da Bahia; Juiz Promotor e Defensor do Vínculo no Tribunal Eclesiástico Regional e de Apelação de São Salvador da Bahia, além de Consultor Jurídico no Escritório de Advocacia “Gonçalves da Cunha Advogados Associados”.

Na área educacional, dedicou-se com brilhantismo ao magistério tendo sido Professor de “História do Pensamento Econômico” e “Introdução à Ciência Econômica” na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Salvador; “Economia Brasileira” na Faculdade Católica de Ciências Econômicas; “Estudos de Problemas Brasileiros” na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia; “Instituições de Direito Público e Privado” na Faculdade de Turismo da Bahia;

“Direito Civil” na Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, na Escola Preparatória de Magistrados da Bahia e na Escola Superior do Ministério Público – FESMIP e Direito Canônico” na Faculdade de Teologia São Bento.

Na área de gestão educacional foi Diretor do Departamento de Administração da Universidade Federal da Bahia e Coordenador Administrativo da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Salvador.

Élsior Moreira Alves exerceu, também, outras atividades de caráter social tais como

Membro do Instituto Brasileiro de Filosofia; Sócio efetivo e Presidente do Instituto dos Advogados da Bahia; Diretor da Escola do Instituto dos Advogados da Bahia; Membro do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados – Seção da Bahia.

Participou de diversos congressos, seminários e simpósios tanto na qualidade de palestrante, quanto na qualidade de participante com o objetivo de estar sempre atualizado não só na área do Direito, como na área da Religião.

Católico praticante, grande divulgador e defensor da Fé Católica, proferiu palestras e debates em paróquias para grupos de fiéis e, pela sua dedicação e competência, foi agraciado com os títulos de Cavaleiro da “Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém” e de Membro da “Ordem de Malta”.

Foi membro titular da Academia Baiana de Educação no período de 1988 até 2014, quando veio a falecer em 15 de julho.

ANTONIO AMORIM



O professor Antonio Amorim é Pedagogo formado pela Faculdade Nove de Julho de São Paulo, Especialista em Currículo e Avaliação pela Universidade Federal da Bahia. Tem Mestrado em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando foi aluno de Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ivanir Fazenda e Ana Maria Saul, entre outros. Tem Doutorado em Psicologia pela Universidade de Barcelona na Espanha. É Professor Pleno da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sendo um dos fundadores dessa Universidade juntamente com o Prof. Dr. Edivaldo Machado Boaventura e outros, onde já exerceu a função de coordenação, Gerência, de Pró-Reitor de Ensino de Graduação, por duas vezes, de Diretor do Departamento de Educação do Campus I da UNEB, também por duas vezes, tendo um papel importante na interiorização da educação superior no Estado da Bahia. Publicou vários livros e ainda continua publicando. Faz parte do quadro permanente do ensino de graduação e de pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Foi um importante Consultor Educacional e participou de vários Conselhos Acadêmicos, sendo um deles o Conselho Estadual de Educação da Bahia, quando foi Membro Titular daquele órgão. Foi na sua gestão à frente do DEDC I que ocorreu a renovação do Departamento de Educação, ocorrendo às mudanças no ensino de Pós-Graduação com a implantação do Doutorado em Educação, do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação e da Elaboração e o envio ao Ministério da Educação do Projeto do atual Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos. Em seguida ocorreram as mudanças significativas no planejamento, na organização e na administração departamental, com o desenvolvimento qualitativo da gestão do ensino de graduação e a implantação dos cursos de Psicologia e de Ciências Sociais. Atuou de forma definitiva na consolidação da educação superior em Barreiras e Caetité no início da década de 80. Em seguida, em Juazeiro, Senhor do

Bomfim, Jacobina e Serrinha e no Processo de Plenificação dos cursos de Alagoinhas. Depois, atuou na implantação das Faculdades de Guanambi, Itaberaba, entre outros. Por isso, o professor Amorim foi eleito para a Academia Baiana de Educação, levando consigo a experiência, a ética e o profissionalismo, com os seus mais de trinta e cinco anos de serviços dedicados à causa da universidade pública, gratuita e popular.

II – LIVROS JÁ PUBLICADOS

1 – **Avaliação Institucional da Universidade**, publicado pela Editora Cortez de São Paulo.

2 – **LDB – análise e aplicação**.

3 – **Educação e Contemporaneidade – Processos e Metamorfoses**, publicado pela Editora Quarteto do Rio de Janeiro.

4 – **Escola – uma instituição social complexa e plural**, publicado pela Editora Viena de São Paulo

5 – **Diálogos Contemporâneos – Gestão Escolar, Formação docente e Identidade Cultural**.

6 – **Democratização, Gestão Escolar e Trabalho Docente na Educação Básica**, publicado pela Editora EDUNEB.

7 – **Políticas Públicas em Educação, Tecnologia e Gestão do Trabalho Docente**, publicação da Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB.

8 – **Batalha – Um Tempo – Uma História**. É uma publicação da Imprensa Gráfica de Alagoas/Gráfica Graciliano Ramos.

PATRONO

Augusto Alexandre Machado

ACADÊMICO TITULAR

Enoch Senna de Souza

Augusto Alexandre Machado

Augusto Alexandre Machado, nasceu na cidade do Salvador, a dois de junho de 1895 e era o filho mais novo do engenheiro Alexandre Augusto Machado e D. Elvira Machado. Tinha um irmão dois anos mais velho, chamado Antônio Augusto Machado, que se dedicou ao magistério, tornando-se catedrático do Instituto Normal da Bahia, hoje Instituto Central Isaias Alves, onde alcançou notoriedade por sua cultura humanística. Ao falecer o pai e ainda em terna idade, enfrentando dificuldade, estudou no Liceu Salesiano do Salvador, onde, também, aprendeu a profissão de tipógrafo. Alcançando voos mais altos, formou-se em Contabilidade pela Escola Comercial da Bahia, na Praça da Piedade, onde foi aluno laureado e orador da turma. Logo após sua formatura, tornou-se professor da Casa.

Casou com D. Helena Palmeira Machado a quem sempre chamou de menina Lena, que ao tempo do seu casamento tinha vinte e dois anos e ele Augusto, trinta e dois. Teve três filhos: Hermano Augusto, Marlene e Maria Helena.

Trabalhou, desde cedo, como comerciário na firma M. G. Duarte e depois na empresa Augusto de Carvalho e Cia. onde alcançou o grau de Gerente e Interessado que exerceu com notória capacidade e honestidade com apenas um ano de trabalho, tendo renunciado a tão honroso e vantajoso mister por ter conseguido em 1917, entrar na Faculdade de Direito. Sem a facilidade financeira que lhe outorgava o antigo emprego, consegue um cargo na Imprensa Oficial do Estado, e completa os poucos recursos como professor explicador de humanidades em caráter particular. Em 1921, forma-se em Direito, tendo concluído o curso como orador da turma, concorrendo com o conhecido nome de Aloisio de Carvalho Filho, seu grande amigo, filho de Aloisio de Carvalho – o notável e conhecido Lulu Parola.

A vida de Augusto Alexandre Machado se destaca em cinco aspectos distintos:

COMÉRCIO – O comércio foi a sua primeira fonte de trabalho e dos recursos que alimentaram sua juventude de menino sem grandes dotes com que alimentar sua sede de educação e de saber. Como já vimos, após a morte do seu querido pai, não lhe faltou, também, o manancial que alimentou seu sonho de saber. Por isso, tendo conseguido matricular-se no Salesiano aproveitou, talvez, as horas de lazer e os momentos de recreio para aprender a profissão que, por certo, lhe renderia alguns trocados para completar os poucos recursos a que teve de limitar a sua mesada. Mais tarde vai trabalhar. Antes, já teria a sua iniciação no mundo do trabalho como “caixeiro” da firma M. G. Duarte e, depois, da firma de Augusto de Carvalho e Cia. onde alcançou os cargos de Gerente e Interessado. Em 1928 fez livre docência para a Faculdade de Direito com a brilhante tese intitulada *Alguns Aspectos do Trabalho Econômico*. Em 1930,

torna-se catedrático de Economia e Finanças da Faculdade de Direito, com a aplaudida tese *Estudo Econômico e Financeiro da Despesa Público*.

ADMINISTRAÇÃO – Sua carreira nos postos administrativos começa com sua nomeação como presidente da Comissão do Salário Mínimo do Estado da Bahia. Logo em seguida é nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, tendo exercido o mandato de 1943 a 1949. É, ainda, nomeado membro do Conselho Regional do Trabalho, hoje Tribunal Regional do Trabalho.

Foi, ainda, presidente do Instituto de Economia e Finanças da Bahia e duas vezes, com mandato de três anos, diretor da Faculdade de Economia da Universidade Federal da Bahia. Foi no último mandato desse cargo que inaugurou o atual prédio dessa Faculdade, na gestão do reitor Edgar Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia. Ainda nesse período, foi vice diretor da Faculdade de Direito da UFBA e diretor do Colégio Estadual da Bahia, época em que era Secretário de Educação do Estado o inesquecível Anísio Teixeira, tendo sido este, o seu último cargo de natureza administrativa.

Passou daí a intelectual famoso, orador de grande eloquência, expressando-se melhor de improviso do que quando escrevia, revelando o grande manancial de cultura e dom de oratória que possuía.

Tornou-se membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, onde exerceu cargo de Vice-Presidente, fazendo parte de sua diretoria até pouco antes de sua morte.

MAGISTÉRIO – Machadinho, como era conhecido o prof. Augusto Alexandre Machado, trazia de si e na prática de sua vida a máxima do “é dando que se recebe”. Por isso, na sua escolha profissional tornou-se um desprendido das coisas “materiais” e, muitas vezes, recusou encargos muitos mais compensadores, procurando distribuir o que mais possuía, que era sua bondade de coração do que auferir resultados muito mais compensadores materialmente. Desde jovem dava cursos de Humanidade a companheiros mais necessitados e foi professor de renome tanto

no Ensino Fundamental quanto no Superior, onde o seu nome ainda é lembrado com carinho e afeto por aqueles que tiveram a dita de ser seus alunos.

INTELLECTUAL E AUTOR – O professor Augusto Alexandre Machado, desde cedo na sua carreira, revelou-se um intelectual de grande saber, e, tanto no Ensino Fundamental quanto no trabalho de nível superior, nos seus livros magistrais, em seus artigos de jornal e em seus discursos distribuiu as benesses do seu grande saber e, sobretudo, da grande bondade do seu ser, tesouro que se comprazia em distribuir com aqueles que, pessoal ou anonimamente, o procuraram e a quem nunca se negava fazer o bem.

JORNALISMO – Além do magistério, dedicou-se ao jornalismo publicando sonetos e crônicas literárias intituladas Filigranas, sob o pseudônimo Augma, no Diário de Notícias e Crônicas de Miniaturistas Românticas. Mais tarde, foi articulista do jornal O Imparcial, onde escreveu artigos semanais sobre questões econômicas e sociais. Colaborou, ainda, no jornal do seu ex-aluno e amigo João da Costa Falcão – O Jornal da Bahia.

ENOCK SENNA DE SOUZA



Enoch Senna de Souza nasceu no município de Lençóis/Bahia em 15 de maio de 1926. Realizou o curso primário no Instituto Ponte Nova, em Wagner/Bahia, transferindo-se para Salvador onde concluiu o curso de ginásio no Colégio 2 de Julho em 1942 e o curso colegial no Colégio Estadual da Bahia em 1950. Em 1958, concluiu o Bacharelado em Teologia no Seminário Teológico Presbiteriano de Recife e, posteriormente, em 1964/1965 graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia realizando a Licenciatura e o Bacharelado. Nos anos de 1967/1968 fez o curso de Especialização em Administração Escolar na University of Texas/Austin e em 1977 foi aluno especial do Mestrado em Educação na UFBA.

Tem vasta experiência como gestor educacional tendo sido diretor do Colégio 2 de Julho no período de 1958 à 1976 e do Colégio São Paulo por quase três décadas. Foi, também, Presidente da Federação Norte/Nordeste de Estabelecimentos de Ensino e do Sindicato de Estabelecimentos de Ensino do Estado da Bahia, do qual foi também Diretor.

Foi membro do Conselho Estadual de Educação, por um período de doze anos. Também participou do Conselho Pedagógico da Escola Técnica Federal da Bahia e do Conselho Consultivo do IRDEB.

Em 1991, participou da Delegação Brasileira à Reunião da OIT, em Genebra/Suíça e em 1996, representou o Rotary Club Bahia/Leste na Convenção Internacional de Rotary – Calgari, Canadá.

Enoch Senna Souza foi ainda Presidente do Rotary Club Bahia/Leste e tesoureiro da Academia Bahiana de Educação. É líder de grupos de estudos, painelistas e debatedor em vários encontros de caráter educacional, e possui vários diplomas e certificados de participação em congressos, jornadas e encontros de Educação.

Em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à educação no Estado, o professor Enoch Senna de Souza foi agraciado com a Medalha e o Diploma do Mérito Educacional Barão de Macaúbas, concedidos pelo Governo do Estado da Bahia.

PATRONO
Cosme de Farias
ACADÊMICO TITULAR
João Eurico Matta

Major Cosme de Farias

No jornal *A Tarde* de 14 de março de 1970, ano em que completava 95 anos de idade o então venerado e venerando Cosme de Farias, – Jornalista atuante desde 1894, rábula autorizado a advogar naquele mesmo 1894, poeta publicado desde 1896, fundador, em 1915, liderando um grupo de cidadãos idealistas, da *Liga Baiana contra o Analfabetismo*, Vereador eleito do município de Salvador (em 1915, 1917, 1919, 1921 e 1970) e Deputado Estadual eleito em 1972, – em artigo intitulado “O Major foi à Hora da Criança”, do professor Adroaldo Ribeiro Costa, – famoso jornalista, criptônimo ARCO, e Radialista animador do programa radiofônico, desde os anos 1940, *A Hora da Criança* – revelava que foi em 1888 que o adolescente, aos 13 anos, Cosme de Farias “começou a discursar em público.” Se não tivesse falecido em 1972, ainda lúcido e cidadão ativo, aos

97 anos de idade, e pudesse ter vivido até os 107 anos (pois não é que o grande arquiteto e urbanista brasileiro Oscar Niemeyer faleceu recentemente, ainda lúcido e cidadão ativo, aos 104 anos!?). provavelmente, se não certamente, o “Rábula do Povo” – como o chamou o romancista Jorge Amado numa de suas obras-primas, *Tenda dos Milagres*, transfigurando o Major Cosme de Farias no personagem Damião de Souza, um notável mulato autodidata à semelhança de outro personagem daquele romance Pedro Archanjo, metamorfose do baiano Manuel Querino da história real, – teria sido, em setembro de 1982, o décimo dos nove mestres que constituíram, nessa data de 1982, o grupo de fundadores da Academia Baiana de Educação, a saber: os de saudosíssima memória professores Hermano José de Almeida Gouveia, reconhecido historicamente como “o líder da iniciativa”; Raimundo Nonato de Almeida Gouveia; Adroaldo Ribeiro Costa; Antonino de Oliveira Dias; Antônio Pithon Pinto; Raymundo José da Matta, associados aos educadores hoje plenamente lúcidos e cidadãos ativos, o cearense José Newton Alves de Souza, nos seus 91 anos, e os septuagenários Edivaldo Machado Boaventura e Remy Pompílio de Souza. Ficou então historicamente associado o nome do baiano Cosme de Farias, nascido em 2 de abril de 1875, à Academia Baiana de Educação como patrono de sua cadeira acadêmica nº 15, da qual é primeiro titular o professor João Eurico Matta, autor deste registro.

Por ter concluído apenas quatro anos letivos do Curso Primário, num educandário de seu rincão natal, a suburbana São Tomé de Paripe, das cercanias de São Salvador da Bahia, aquele adolescente que aos 13 anos, em 1888, fez seu primeiro “discurso em público” não pôde diplomar-se Professor ou bacharelar-se Advogado, mas se tornou escritor como redator de imprensa e poeta aos 25 anos, publicando em 1900 duas coletâneas de poemas ou poesias intituladas *Singellas* e *Lilazes*; uma terceira em 1902, sob o título *Lira do Coração*; uma quarta, sem data no impresso, coleção de *Trovas e Quadras*; e em 1933, nos seus 58 anos de idade, o opúsculo *Estrophes*. A partir de 1915 e por cinco décadas até os anos 1960, Cosme

de Farias publicou o opúsculo (na edição de 1968, da *I.O.B. – Imprensa Oficial da Bahia*, – com 47 páginas) intitulado *CARTA de A.B.C.*, da Liga Bahiana contra o Analfabetismo, *PARA AS CRIANÇAS PROLETÁRIAS, – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA*, com a epigrafe ou mote “*A Cartilha do A.B.C. é a Chave da Sabedoria*” e prefaciada com a seguinte carta:

“Professor Amigo:

“Tenha Paciência com a criança que apresentar esta CARTA.

Ajude-a.”Será um relevante serviço à Pátria.

“Muito grato,

“Cosme de Farias.”

Como um de seus traços de personalidade, – de que dou testemunho por tê-lo conhecido pessoalmente, de perto, nos anos 1950, 60 e 70, como Jornalista, rábula (especialmente na tribuna do júri, desde 1930 ao lado dos penalistas Edgard Matta, meu pai, de quem era compadre por ter batizado, em 1932, meu saudoso irmão Paulo Matta, e Dorival Passos, que foi Secretário da Educação e Cultura no governo Régis Pacheco, 1951-55), ou como militante do assistencialismo humanitário (visitei-o e à sua consorte de tantas décadas, a bondosa D. Semíramis, num de seus escritórios no Terreiro de Jesus) e militante parlamentar, bem como assíduo participante, anualmente por décadas, do festivo desfile patriótico do 2 de Julho na Bahia, em carro aberto e segurando a trêmula bandeira da “Liga Bahiana contra o Analfabetismo” – foi sempre o cultivo do humor espirituoso e de risonha esperança, que expressava até com seu modo de trajar solene – colarinho, peitilho e punhos engomados (“para esconder a falta da camisa”, segundo sua primeira e melhor biógrafa, Mônica Celestino) e gravata borboleta, terno completo, ainda que surrado, e chapéu formal de palhinha, até quando pôde usá-lo, – realizou dois feitos editoriais, dotados desse humor esperançoso, nas edições de sua Cartilha do A.B.C. das décadas de 1950 e 1960 (acompanhadas de

dois cadernos anexos, o de exercício de Caligrafia e o Taboada, assim intitulados), para os quais se chama a atenção, a seguir:

Primeiramente, o Major Cosme fez preceder a essas edições anuais a transcrição de um alegre *Hino da Campanha do A.B.C.*, de sua autoria e datado de Salvador, 2 de abril de 1950 (dia de seu nascimento em 1875), em sete quadras, a segunda e a sétima ditas *estribilhos*, todas em redondilhas maiores, transcritas a seguir:

*Pelo bem de nossa Pátria, /Florão Gentil do Civismo, /Moços e velhos
erguei-vos/*

Contra o Analfabetismo!

Estribilho

*Desfruta muitos prazeres, /Uma alegria sem par, /
Toda pessoa que sabe/Ler, escrever e contar!*

*O gérmen da Ignorância/Diversos males produz, /Mate-se, pois, esse
"bicho" /*

Dentro de um jorro de LUZ!

*A Ciência é um Tesouro, /Tesouro de Alto valor, /Quem dedicar-se
aos estudos /*

Pode ser dele o senhor!

*O Brasil será maior, /Oh! Que Nação respeitada!/Quando toda a
sua gente /*

For uma gente letrada!

*Corações grandes e nobres, /Vinde, sorrindo, ajudar/A meritória
Campanha /*

Da Instrução Popular!

Estribilho

*Desfruta muitos prazeres, /Uma alegria sem par, /
Toda pessoa que sabe/Ler, escrever e contar!*

Em segundo lugar, o autor dessa originalíssima CARTA de ABC, Cosme de Farias (em 2 de abril do corrente 2014 teria feito 139 anos de nascido!) acrescentou, como apêndice, nas edições da década de 1960, um

bem-humorado texto jornalístico daquele seu amigo, o professor Adroaldo Ribeiro Costa, assinado por ARCO, enunciando 19 chistosamente ditas “Verdades Engraçadas” sobre as seguintes “profissões”: *barbeiro, dentista, engraxate, advogado, alfaiate, médico, político, pedreiro, astrônomo, carpinteiro, engenheiro, datilógrafo, enfermeira, agrônomo, açougueiro, professor, carteiro, garçon e negociante* (assim mesmo, enunciando “datilógrafo” – obviamente sem alusão ao digitador de teclado computacional ou eletrônico – e “enfermeira” no feminino!). Como o Major Cosme, ao inserir esses dezenove *dísticos* humorísticos de Adroaldo Ribeiro Costa nas páginas 44 a 46 de sua “Cartilha”, assume uma espécie de co-autoria dos mesmos – aliás redigidos, comicamente, com o verbo *ser* e outras formas verbais em tempo pretérito, – há espaço aqui para transcrever, não todas as dezenove expressões, mas oito delas, selecionadas pelo critério de que algumas definem “profissões” que o próprio Cosme de Farias “praticou”, a saber:

“Não era turbulento mas só vivia nos barulhos dos outros.

Era advogado.”

“Não era religioso mas só vivia fazendo promessas. Era político.”

“Não era vaidoso mas só falava quando todos os presentes ficavam em silêncio. Era professor.”

“Não era indiscreto mas só vivia dentro dos quartos alheios.

Era médico.”

“Não era gênio mas quando trabalhava os outros ficavam de boca aberta. Era dentista.”

“Não era ébrio mas só vivia riscando. Era engenheiro.”

“Não era padre mas tinha freguesia. Era negociante.”

“Não era despersonalizado mas só vivia copiando o que os outros faziam. Era datilógrafo.”

Todos os dezenove dizeres comunicam a profunda simpatia, eminentemente pedagógica e andragógica, e patriótica, do Major Cosme por tudo o que é humano ou atividades humanas. A partir da página 19 da edição definitiva de sua Carta de ABC ele relaciona nomes de “brasileiros

notáveis" que ele considerava *Músicos Notáveis* (o nome de D. Pedro I encabeça essa lista de 19); *Militares* (nessa lista de 28 nomes figuram o *Corneteiro Luiz Lopes* e a mulher *Alferes Maria Quitéria de Jesus Medeiros*); *Oradores Sacros* (o Pe. Antônio Vieira encabeça a lista de 22 nomes, entre os quais estão os do Cônego Cupertino de Lacerda, Mons. Francisco de Paiva Marques e os Padres Antônio Cabral e Gaspar Sadock da Natividade), *Oradores* (18 nomes, a partir de Ruy Barbosa), *Jornalistas* (50 nomes), *Poetas* (50 nomes, entre eles Luis de Camões e Antônio de Castro Alves), *Estadistas* (30 nomes, de Tomé de Souza e Dona Isabel de Bragança a Getúlio Vargas e outros presidentes do Brasil e governadores do Estado da Bahia), e numerosas listas de ilustres *Magistrados*, *Médicos Populares*, *Engenheiros Distintos*, "*Homens de Grandes Corações*", *Marujos*, "*Professores Primários Brilhantes*" e *Professoras Primárias Distintas* (a exemplo de *Amélia Rodrigues*). A seguir publicam-se quatorze "quadrinhas" intituladas "*Versos à Infância*", escritos por Cosme nos seus 45 anos, porquanto datados "*Bahia, 2 de julho de 1920*" e mais: uma lista de quinze nomes sob o título "*Preito de Justiça aos Grandes Amigos da Campanha do ABC na Bahia*" e as letras dos seguintes hinos, nomeados seus autores, letra e música: Hino Nacional Brasileiro, Hino ao Dois de Julho, Hino à Bandeira Nacional, Hino da Proclamação da República e Hino da Independência do Brasil, com as seguintes indicações: Rio de Janeiro, 1822; Música de D. Pedro I; Letra do Jornalista Evaristo da Veiga. Na contracapa Cosme de Farias assina o seguinte texto: "*Homenagem da Liga Bahiana contra o Analfabetismo ao grande patriota Oscar Salvador Cordeiro, o bravo descobridor do petróleo do Lobato*".

Ainda em vida, já nonagenário, o Major Cosme de Farias recebeu duas homenagens muito expressivas da excelência de sua biografia de cidadão ilustre e educador popular. Primeiramente, a Câmara de Vereadores de Salvador deliberou, à unanimidade, dar o nome de Cosme de Farias ao salão nobre de reuniões plenárias da Assembleia do Poder Legislativo Municipal. E, em novembro de 1967, foi o grande Salão do Tribunal do

Júri Popular, no Fórum Ruy Barbosa, no “Campo da Pólvora” em Salvador, que recebeu, solenemente, o nome de Cosme de Farias. Salão lotado, presentes altas autoridades do Poder Executivo estadual e municipal, do Poder Judiciário e do Ministério Público, Cosme de Farias, 92 anos, foi homenageado por vários oradores, entre estes o Presidente do Tribunal, Desembargador Nicolau Calmon, e o Advogado e Professor Edgard Matta, falando em nome dos advogados e educadores baianos, entre tantos presentes, como Dorival Passos e Emmanuel Matta. Disse Edgard, arrancando lágrimas do homenageado: “Cosme não poderia alcançar plena realização humana, como patriota, orador e amigo do povo, sem a compreensão e a personalidade de D. Semíramis, sua companheira de longos anos que, na morada do casal, à rua São Francisco, no Terreiro de Jesus, abrigava loucos, pessoas em desgraça e os que, absolvidos no júri pelo marido, saíam da prisão sem destino e sem perspectiva.” Este registro se encontra no noticiário do Diário de Notícias, edição de 11 de novembro de 1967, onde se lê que a peroração do discurso de homenagem partiu da lembrança da frase “O Brasil é uma eternidade”, que Edgard ouvira em 1945, de um exilado francês, foragido do nazismo em Campinas, São Paulo, para afirmar, exclamando: “Cosme de Farias não sabe que um povo e a sua cidade, Salvador, não poderiam ter a eternidade que têm se não houvessem sido beneficiados com a vida de um homem eterno – *everlasting man* (assim considerado Jesus pelo escritor inglês Chesterton, em título de um famoso livro de sua autoria) – por sua grandeza, a um tempo um mito e um símbolo!”

A professora universitária Mônica Celestino, jornalista e doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia, publicou em 2006 sua tese/biografia intitulada *Cosme de Farias*, e em 2012, no volume *Personalidades Negras – Trajetórias e Estratégias Políticas*, publicado pela Academia de Letras da Bahia, com prefácio do Acadêmico então presidente Edivaldo Boaventura, uma conferência sob o título *O Major Cosme de Farias, anjo da guarda dos excluídos de Salvador (Ba)*, na qual podemos ler

excertos que sumariam, com brilhante objetividade, a vida do educador do povo Cosme de Farias, a seguir transcritos:

“Cosme de Farias nasceu em dois de abril de 1875, na localidade de São Tomé de Paripe, então uma área longínqua do Centro de Salvador. Tinha um irmão gêmeo (Cícero) que morreu na mais tenra idade. Filho do comerciante de madeira Paulino Manuel e de Júlia Cândida de Farias, o menino magricelo cursou apenas o ensino primário e começou sua vida laboral junto com o pai, com a venda de madeira, no final da adolescência. Depois, solidificou uma carreira profícua como rábula e jornalista, tornou-se referência em assistencialismo na Bahia, participou da vida política e cultural da cidade, e conquistou fama graças à sua singular forma de vida... O jeito simples e a extensa obra assistencial motivaram uma homenagem em 1909: um grupo o presenteou com a patente de tenente R-2 da Guarda Nacional, surgindo então o codinome de Major Cosme... No dia 15 de março de 1972, morreu em Salvador.”

Estava, então, o venerando nonagenário, a poucos dezessete dias de celebrar os seus 97 anos de idade. Quase um século de existência de um cidadão do povo, educador popular.

JOÃO EURICO MATTA



Professor universitário: de Literatura, na então Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, desde março de 1959 até julho de 1960; de Administração, na Escola de Administração da UFBA, desde julho de 1962 até 1992, ano em que se aposentou, na UFBA, com 38 anos de serviço público no magistério, – pois contava tempo desde 1954, quando começou como professor de ensino médio, por dois concursos públicos, de Língua Portuguesa e Literatura, do Colégio Estadual da Bahia; e de Administração, desde março de 1976 até a presente data, na Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Na UFBA, por não ter ocorrido concurso para Titular ou para Livre Docente, foi aprovado em concurso de títulos para Professor Adjunto, chegando, pelo tempo de 30 anos, a Professor Adjunto 4. Foi também, na UFBA, Professor do Colegiado e fundador do Mestrado em Administração, 1982 e 1986. E na UCSAL, por ser docente fundador da Escola de Administração de Empresas, em processo de reconhecimento junto ao MEC (de 1973), é Professor Titular, com efetivo exercício desde março de 1976 (há 30 anos, portanto, nesta data).

Administrador, CRA nº 084, e Consultor de Organização e Gerência desde 1962 (com numerosas empresas e órgãos públicos como organizações-clientes, nesses 41 anos).

Formação universitária

João Eurico Matta é Bacharel em Direito e Ciências Sociais, pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, curso realizado no período de 1954 a 1958, tendo realizado os seguintes Cursos de Pós-Graduação e Especialização ou Aperfeiçoamento: Um ano acadêmico completo (1959) do Doutorado em Direito Público, curso de Pós-Graduação fundado pelo Professor e Diretor da Escola Orlando Gomes, na Faculdade de Direito da UFBA; Mestrado (*Master of Science*) em Administração

Pública, cursado na então Escola de Administração Pública (hoje *Institute of International and Public Affairs*) da Universidade do Sul da Califórnia (*University of Southern California – USC*), em Los Angeles, E.U.A., agosto de 1960 a junho de 1962 (iniciada, com três disciplinas, acreditação para Doutorado, não concluído, porém, por imperativo de retorno ao Brasil, a chamado do então Diretor da Escola de Administração da UFBA, Prof. Lafayette Pondé); Curso e estágio sobre *Modernização Administrativa*, na Universidade do Estado da Pensilvânia (*Penn State University*) e na Universidade do Sul da Califórnia, E.U.A., em Bolsa da USAID, de setembro a novembro de 1965, com certificado.

Participou, também, do I Ciclo de Estudos da ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra –, em 1965, e do Seminário sobre Desenvolvimento Organizacional para Profissionais Consultores, ministrado pela Fundação Getúlio Vargas e o *National Training Laboratories-Institute for Applied Behavioral Sciences* (Washington, D. C.), projeto da USAID, em Petrópolis, Rio, setembro de 1972.

Com uma relevante trajetória profissional, João Eurico exerceu uma gama de atividades técnicas e administrativas na Universidade Federal da Bahia e na Universidade Católica do Salvador.

Na UFBA foi Diretor da Escola de Administração, nomeado pelo Presidente da República, como de lei na época, para mandato de quatro anos, 1972-1976, como tal foi membro do Conselho Universitário, e também eleito membro do Conselho de Coordenação (e das Câmaras de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão); Diretor do Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público – ISP, da UFBA, de 1989 a 1992 (maio); Coordenador do Curso de Bacharelado em Administração Pública, 1963 e 1968; Técnico do Instituto de Serviço Público (ISP), da Escola de Administração, como um de seus fundadores, de 1963 a 1969, e consultor do ISP em 1970; Chefe de Departamentos acadêmicos desde 1968 e em numerosos mandatos, de 1970 a 1988; Coordenador do Programa de Pesquisa em Administração Pública da Escola de Administração, sob

patrocínio da Fundação Ford, na fase de conclusão e edição mimeografada dos “compêndios” e volumes de “casos” (1968-1969), e Pesquisador-Coordenador do projeto *Estratégias de Desenvolvimento Organizacional e Metodologia de Treinamento de Executivos*, na mesma Escola, fase 1970-1980, cuja produção está documentada por vários relatórios e publicações, incluindo-se a fase de convênio com a *Vanderbilt University*, Nashville, Tennessee, E.U.A., através de sua *Graduate School of Management* (então dirigida pelo professor Igor Ansoff), de novembro de 1972 a abril de 1973.

Na UCSAL foi Chefe do Departamento Acadêmico de Estudos Administrativos e membro de seu Conselho Departamental, de 1979 a 1988, e em segundo período, de 1999 a 2001.

Exerceu, também, importantes cargos no Serviço Público Estadual, mandatos políticos e de representação da categoria profissional de Administrador. No período de 1963-1964 foi Coordenador da Assessoria Geral do Governador do Estado e, também, Técnico da Fundação Comissão de Planejamento Econômico (CPE); Coordenador Geral do Programa de Reforma Administrativa do Estado da Bahia, no governo Lomanto Júnior; Secretário de Estado para Assuntos da Reforma Administrativa, Bahia, 1965-1967 (responsável político por todos os projetos que se tornariam Leis nº 2321, 2322, 2323/1966 e demais normas e regimentos de reestruturação das chamadas *Administração Centralizada e Descentralizada do Estado*, projetos tecnicamente assessorados pela UFBA, através do Instituto de Serviço Público – ISP, criado em 1964 na Escola de Administração da mesma UFBA); Assessor Chefe da Assessoria Geral de Planejamento e Orçamento (AGPO), do Sistema de Planejamento do Estado, 1966, e Coordenador da Comissão Central da Reforma Administrativa (Decreto Governamental de 13.05.1966); Conselheiro e Vice-Presidente do Conselho Curador do Instituto de Urbanismo e Administração Municipal (IURAM), 1967-1971, no governo Luis Viana Filho.

No âmbito dos Governos Estaduais, foi Secretário Particular e Chefe da Casa Civil do Governador da Bahia, 1964-1965; Secretário do Trabalho e

Bem Estar Social, do Governo da Bahia, de fevereiro a abril de 1967 (decreto governamental de 30.01.67) e Conselheiro do Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia, de 1979 a 1983, no governo Antônio Carlos Magalhães (2o mandato deste) e de 1983 a março de 1987, no governo João Durval Carneiro (por oito anos, portanto).

Exerceu o mandato político de Suplente do Senador Antônio Lomanto Júnior, 1979-1987.

Prof. Eurico Matta, que tem atuação marcante junto aos Órgãos de Classe da categoria dos profissionais da Administração, foi membro do primeiro Conselho Regional de Técnicos de Administração, CRTA, 5a Região (Bahia, Sergipe, Alagoas), no período de 1968/69, Conselheiro eleito, em 1974, e Vice-Presidente de 1977 a março de 1983.

No Conselho Regional de Administração da Bahia – CRA/BA – foi eleito Conselheiro em 1992, para um mandato de 4 anos, reeleito em 1996 e em 2000, sendo eleito Presidente em 1996, reconduzido em 1997, 1999, 2001 e 2003.

Foi, ainda, Escrivão (Vice-Provedor) da Santa Casa de Misericórdia da Bahia (a segunda mais antiga do país), de 1974 a 1978, e Conselheiro da Junta Governativa da mesma entidade de 1978 a 2000 (em sucessivas eleições pelos membros da irmandade); Conselheiro (Mordomo) da Mesa Administrativa da entidade, no mandato da Provedoria Álvaro Conde Lemos Filho (2001-2003).

O prof. João Eurico Matta é membro Titular da Academia de Letras da Bahia, da Academia de Letras e Artes *Mater Salvatoris*, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Academia Baiana de Educação, de cuja Diretoria faz parte.

Títulos, Prêmios e Comendas

Dentre as Homenagens, os Títulos Honoríficos e as Medalhas recebidas, destaque-se o Título de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, conferido pelo Conselho Universitário da mesma UFBA em

1997; O Prêmio Nacional *Belmiro Siqueira* de Administração, conferido pelo Conselho Federal de Administração e a Medalha do Mérito Cultural Castro Alves, conferida pela Secretaria da Educação e Cultura do Governo do Estado da Bahia.

PUBLICAÇÕES

Com intensa produção científica e literária, o prof. João Eurico Matta é autor de inúmeros artigos e ensaios sobre temas de Literatura e Filosofia, publicados em jornais baianos e em seus suplementos literários semanais, *desde 1951 até o presente (agosto de 2003)*, – os mais recentes sobre Anísio Melhor, Jackson de Figueiredo, Antero de Quental, a Revista Ângulos, o poeta baiano José Luis de Carvalho Filho, e “A Parceria Cervantes, Drummond, Portinari”, alguns deles republicados em jornais do Rio ou em coletâneas especiais, a exemplo de: *João Eurico Matta, “Tentativa de exegese de um poema de Drummond”,* Jornal da Bahia, 1960, reproduzido em o Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, nesse mesmo ano, e citado na pág. 1040 de Carlos Drummond de Andrade, *Obra Completa* em um volume editado em 1967 pela Companhia José Aguilar Editora, Rio de Janeiro, GB, 1967; *João Eurico Matta, “Dona Flor e a Dialética”,* publicado no Jornal A Tarde, em agosto de 1982, republicado na coletânea Jorge Amado – *Ensaios sobre o Escritor (nos seus 70 anos)* –, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1982, edição comemorativa, s. d..

É autor, também, de artigos sobre temas de *Administração, ensino e prática*, no jornal A Tarde, nas décadas de 60, 70, 80 e 90; Ensaios publicados na revista Ângulos, Estudos e Relatórios de pesquisa acadêmica, publicados pela Escola de Administração da UFBA, além de conferências, apresentações especiais e palestras publicadas em revisas e livros, ressaltando-se: *Guerreiro Ramos – reflexão preliminar sobre sua trajetória intelectual, em homenagem póstuma*, palestra publicada na RAP – Revista de Administração Pública, FGV, Vol. 17, nº 1, jan-mar 1983, pp. 95-106; *Guerreiro Ramos e o Desenvolvimento Brasileiro; e a Teoria da Delimitação dos*

Sistemas Sociais, apresentações nos Terceiro e Quarto Painéis, do Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma Obra, publicadas na RAP – Revista Brasileira de Administração Pública, FGV, Vol. 17, nº 2, 1983, pp. 85-87 e 106-110; *Pedro Calmon e a Literatura*, conferência publicada na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 90, 1992; *Poemas de culminância*, prefácio ao livro póstumo do poeta Carvalho Filho, POEMAS TERMINAIS, também publicado na Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 44, novembro de 2000; *Cientificismo e religiosidade em Antero de Quental e Jackson de Figueiredo*, páginas 239 a 255 do volume Colóquio Antero de Quental – Anais, Aracaju, Sergipe, Fundação Augusto Franco, 1993; *Pinto de Aguiar e a segunda Revista da Bahia*, páginas 55 a 58 do volume *A aventura editorial de Pinto de Aguiar*, Salvador, Instituto Baiano do Livro, 1993; *Renato Almeida e o movimento modernista brasileiro*, conferência publicada nas páginas 59 a 68 do volume 8º. Congresso Brasileiro de Folclore – ANAIS, Salvador-Bahia, ed. Comissão Nacional de Folclore/IBECC/UNESCO, Comissão Baiana de Folclore, Tempo Brasileiro, 1999; *Trajatória Intelectual de Afrânio Coutinho (aos 80 anos)*, palestra-saudação publicada nas páginas 67 a 82 do vol. Afrânio Coutinho, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 2003; *Breves Reflexões sobre 60 Anos desde a Introdução do Gerencialismo no Governo da Bahia (1942-2002)*, ensaio publicado nas páginas 19 a 38 do volume Gestão Pública – A Trajetória da Função Administração no Estado da Bahia, Cadernos da Fundação Luis Eduardo Magalhães, nº 6, Secretaria da Administração do Estado da Bahia, 1ª edição, junho de 2003.

Dentre os Livros e opúsculos de autoria do Prof. João Eurico Matta, destacam-se *Filosofia e Divórcio*. Bahia (S. A. Artes Gráficas), 1953; *Auguste Comte e a crise da Física Contemporânea*. Bahia, 1958 (separata da revista ÂNGULOS, 12); *Os Intelectuais Soviéticos e a luta ideológica em Física*. Bahia, 1958 (*idem*); *Direito, Humanismo e Liberdade (discurso, com notas bibliográficas, de orador da turma de Bacharéis em Direito e Ciências Sociais de 1958, pela Universidade da Bahia, paraninfados pelo professor Orlando*

Gomes); *Gênese de um processo de mudança administrativa*", capítulo do livro de vários autores, *Reformas Administrativas Estaduais*, UFBA, Escola de Administração-ISP, s. d. (lançamento em 1971); *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento de Organizações* (2 volumes). São Paulo, Livraria Editora Pioneira, 1975; *Desenvolvimento Organizacional e Treinamento*. Ministério da Fazenda, Escola de Administração Fazendária (ESAF), 1979; *Programa Nacional de Desenvolvimento do Grupo D. A. S. (Direção e Assessoramento Superior)*. Ministério da Fazenda, ESAF, 1978 (opúsculo); *Escola de Administração: vinte anos de história institucional*. Salvador, UFBA-Escola de Administração. Gráfica do Banco Econômico, 1979; *A influência da Teoria da Decisão de Herbert A. Simon*, separata publicada na Revista Universitas, UFBA, nº 26, jul-ago-set 1979; *Ângulos* (a vigência de uma revista universitária), publicação nº 131 do Centro de Estudos Baianos, Universidade Federal da Bahia, 1988; *Discurso de Posse do Acadêmico João Eurico Matta (na Academia de Letras da Bahia, fundada em 1917), na Cadeira nº 16* (Patrono: José Thomas Nabuco de Araújo e titular anterior, Orlando Gomes). Salvador, maio de 1989; *Revisitando o "Homo Ludens", no cinquentenário da morte de Johan Huizinga*, separata da Revista da Academia de Letras da Bahia, nº 43, 1998.

PATRONO

Diógenes Gomes da Costa Vinhaes

ACADÊMICOS TITULARES

Roslie Alaor Metzker Coutinho

Germano Tabacof – Atual



Diógenes Gomes da Costa Vinhaes



Filho de Pedro Gomes da Costa Vinhaes e de Adelaide Basilissa Marques da Silva Vinhaes, Diógenes Vinhaes nasceu em 29 de Outubro de 1901. Diplomou-se, em 1927, em Ciências Médico-Cirúrgicas pela Faculdade de Medicina da Bahia, obtendo Distinção na defesa de Tese, tendo realizado o Internato na Clínica Obstétrica na Maternidade Climério de Oliveira. Foi médico obstetra e clínico, tendo sido Livre – docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

Como Médico exerceu as seguintes atividades, dentre outras:

Nos anos de 1935, foi Parteiro da Casa de Saúde Dr. Alício Queiroz e do Hospital Santa Cruz, ambos em Itabuna. Foi Diretor Médico do Posto Médico da Loja Maçônica Acácia do Sul, em Pirangi no período de 1932-1937 e, em 1942, do Serviço de Assistência Social à Pobreza da

Congregação Mariana de Itajuípe. No período de 1942 à 1947 foi Médico Diretor do Posto Médico da Aliança dos Artistas e Operários de Pirangi.

Foi Sócio Acadêmico da Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia (1927); da Sociedade de Medicina da Bahia (1935); Sócio-Fundador da Sociedade Beneficente de Hospitais de Pirangi, em 1935 e, em 1936, fundou, permanecendo sócio, a Sociedade Médica e Cirúrgica de Itabuna, que foi a primeira Sociedade Médica do interior da Bahia. Em 1938 tornou-se Sócio da Sociedade Médica e Cirúrgica de Ilhéus.

Apresentou significativas contribuições científicas na sua área de atuação médica, ainda como doutorando e, posteriormente, foi colaborador da Revista Médica da Bahia, dos Anais da Sociedade Médica da Bahia e dos Anais da Sociedade Médica e Cirúrgica de Itabuna.

Dentre seus trabalhos científicos, destacam-se:

- Imunização Local e puerpério infectado. Tese de doutoramento. Imprensa Oficial da Bahia. 1927.
- Hipotonia uterina por pneumonia dupla. (Revista Médica da Bahia. Jan 1937).
- Ceasarianas. (Revista Médica da Bahia. Agosto. 1938).
- Rigidez edematosa do cólo. Dilatação cirúrgica. Naturalização do trabalho.
- O aspecto toco-ginecológico dos cuidados pré-natais. (Rev. Gyn e d'Obst. – Rio. Tomo 10. no 1. Jan. 1939).
- Sobre um caso de gravidez extra uterina de termo. (Anais da Sociedade Médica e Cirúrgica de Itabuna. 1937. pag. 199)
- Um caso de abortamento habitual por nrefropatia; gravidez de termo; parto natural; feto vivo e sobrevivendo em boas condições.. (Anais da Sociedade Médica e Cirúrgica de Itabuna. pag. 111)
- O parto não é uma função natural. (considerações físico-psíquicas. (Anais da Sociedade Médica e Cirúrgica de Itabuna. 1938. pag. 189)

Diógenes Vinhaes foi, também, professor primário na cidade de Itajuípe/Bahia.

Faleceu em 11 de março de 1967, aos sessenta e cinco anos.

ROSLIE ALAOR METZKER COUTINHO



Nascido em 22 de maio de 1928. Natural de Salvador. Formado em Farmácia Bioquímica pela Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia, em Medicina pela Faculdade de Medicina da UFBA e em Psicologia, Psiquiatria, Psicofarmacologia, Hipnose e Hipnoseanálise pela Faculdade de Medicina da Universidade de Paris e Hospital *Saint Anne*. Foi nomeado em 11 de julho de 1950 para exercer o cargo de laboratorista auxiliar na Secretaria de Educação e Saúde, e em janeiro de 1951, para o cargo de laboratorista auxiliar interino no Colégio Estadual da Bahia, passando, em seguida, a lecionar em diversas unidades escolares como instrutor de Química, principalmente, neste Colégio. Em março de 1960, assume o cargo de Vice-Diretor do Ginásio Estadual Manoel Devoto e, em novembro de 1964, passa a ser membro efetivo do Conselho Estadual de Educação. No ano de 1965, é nomeado Diretor de Educação e Cultura até assumir o cargo de Secretário de Educação, em fevereiro de 1966, permanecendo até abril de 1967. Em outubro de 1984 passa a servir no Gabinete do Secretário Edivaldo Boaventura, aposentando-se em 15 de abril de 1986 para exercer o mandato de Senador da República.

GERMANO TABACOF



Germano Tabacof, Cirurgião – Dentista graduado pela Universidade Federal da Bahia UFBA em 1952, iniciou sua carreira docente em 1954 como auxiliar de professor regente da recém – emancipada Faculdade de Odontologia. Tornou-se Professor Assistente, fez duas Livres – Docências, uma em disciplina básica e outra em uma disciplina profissionalizante na área de Fisiologia e Técnica Odontológica (1985). Participou intensamente da vida acadêmica na Universidade Federal da Bahia, tendo exercido as seguintes atividades: Docente, Coordenador de estágios, Chefe de Departamento, Coordenador de Colegiado de curso, Representante da Faculdade no Conselho de Coordenação, Diretor da Faculdade de Odontologia (1980/1984), Assistente do Reitor para Assuntos de Graduação, substituto do Vice-Reitor, Vice-Reitor Interino e Reitor Interino (1979/1983) até ser nomeado, em 1984, Reitor da UFBA.

Como Reitor, no quadriênio 1984/1988, promoveu mudanças significativas na Universidade, como: desmembramento da Escola de Biblioteconomia e Comunicação em duas unidades: Escola de Biblioteconomia e Documentação e Faculdade de Comunicação; instalação da Escola de Nutrição em novo prédio; desdobramento da Escola de Música e Artes Cênicas em três unidades: Escola de Música, Escola de Belas Artes e Escola de Teatro; criou os cursos de Educação Física, de Química Industrial e o Bacharelado em Biologia. Criou, também, o Mestrado em Engenharia Química e o Doutorado em Patologia Humana e duas novas áreas de concentração no Mestrado em Química: Físico – Química e Química Orgânica e uma no Mestrado em Agronomia: Fruticultura Tropical. Implantou processo de modernização acadêmica; contribuiu substantivamente para grandes conquistas dos docentes e dos servidores técnico-administrativos (licença sabática, profissionalização do magistério, licença especial dos celetistas, ampliação da concessão dos regimes de dedicação exclusiva – DE – para os docentes); implantou novo modelo de

seleção para ingresso de alunos na Graduação; promoveu a maximização da integração Pós-Graduação/Graduação; valorizou a Extensão Universitária entendendo-a como atividade curricular e como prática docente reconhecida, e um canal de diálogo e aproximação entre a Universidade e a comunidade onde se insere.

Participou de diversas Bancas de concursos no Brasil e teve uma produção bibliográfica profícua, com foco na atualização profissional e na formação universitária, destacando-se: *Avaliação clínica de um material restaurador intermediário* (UFBA 1976); *Preparo de cavidades e restauração amálgama* (UFBA 1973); *Pós-Graduação em Odontologia no Brasil* (UFBA, 1979); *Pesquisas dos recursos humanos no setor de saúde* (UFBA, 1975); *Pesquisas dos recursos institucionais no setor de saúde* (UFBA, 1977); *Currículos Odontológicos Nacionais* (UFBA, 1977).

Germano Tabacof foi também membro do Conselho Estadual de Educação no quadriênio 1985/1989; Vereador do Município de Salvador, após se aposentar das atividades na UFBA e membro da Comissão que elaborou a Constituição Estadual de 1989, junto à Assembleia Legislativa da Bahia, em 1989. É membro do Instituto Baiano de História da Medicina e da Academia Brasileira de Odontologia. É professor Emérito da Universidade Federal da Bahia.

PATRONO

Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar)

ACADÊMICA TITULAR

Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon



Egas Moniz Barreto de Aragão



Egas Moniz Barreto de Aragão, nascido aos 4 de setembro de 1870 no Solar São Pedro Velho, à Avenida Sete de Setembro nº 64, na cidade de Salvador, Bahia, no mesmo vetusto sobrado cerrou os olhos para sempre aos 18 de novembro de 1924. Foi, talvez, o poeta mais culto e versátil que o “ninho de eterna poesia” tem incubado em série e, também, fora de série, em quantidade e qualidade que fazem a perplexidade dos demais compatriotas, originando mitos, lendas e tradições...

Adotou o pseudônimo Pethion de Villar, como concessão ao parnaso e a estética.

Os dois personagens haveriam de ter os seus conflitos, suas ambivalências, mas a verdade é que sempre conviveram pacificamente não sendo, de resto, tão desconhecidas e diferentes, um do outro.

Pethion era filho de Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão e de Ana de Lacerda Moniz de Aragão, baianos ambos de nascimento.

Casado com Maria Elisa Valente Moniz de Aragão (falecida na década de sessenta) de cujo matrimônio nasceram-lhes quatro filhos: Egas Moniz Barreto de Aragão Junior, Anita Didier, Evangelina Moniz de Aragão e Duarte Moniz Barreto de Aragão. No conjunto daquele trono somam-se 15 netos e mais de trinta bisnetos.

Pethion de Villar foi um homem feliz. Bem nascido, de uma estirpe que vai além daquele Egas Moniz que fora o conselheiro de Afonso Henrique, antes de Portugal, e cuja lealdade está na epopeia "Os Lusíadas". Sua família não era rica, mas, se não o fausto remediada tinha o conforto, a consideração, o respeito. Fora educado preciosamente: falava e escrevia, como a própria duas ou três principais línguas da Europa.

Foi nomeado professor de Francês, Inglês e Alemão no Ginásio da Bahia, em novembro de 1895, ano de sua formatura, galgando a cátedra de alemão, em março de 1900.

Possuía cultura geral, humanística e profissional. Poetava em francês e alemão, como no vernáculo; converteu mesmo um soneto em 14 idiomas, a partir de desafio feito pelo seu amigo e poeta Aloisio de Carvalho, jornalista e escritor baiano. Dias depois aparecia o soneto e a tradução publicados no "Diário de Notícias" da Capital baiana.

PETHION – MÉDICO.

Matriculado na Faculdade de Medicina em 1890, recebeu a láurea doutoral em dezembro de 1895. Durante o seu tirocínio acadêmico fundou e redigiu a "Revista Acadêmica" (1891), "O Livro" (1893), "A Renascença" (1894), dentre outros periódicos, fundando, posteriormente, a "Revista Popular" (1898) e a "Revista do Grêmio Literário" (1901).

O jovem doutor distribuía a sua atividade pública entre a literatura e o estudo e ensino das línguas de que era professor, não cultivando nem praticando a medicina, o que não o impediu mais tarde, de segundo o

profecto Mestre Gonçalo Moniz, de voltar-se, especialmente por ocasião da viagem que fez a Europa, para estudos médicos e, após o seu regresso, estreitar no exercício da Clínica, adotando como especialidade a dermatologia e a sifilografia, abrindo, então o seu consultório nesta cidade.

Pela Reforma Rivadávia Correia, em 1911, Egas Moniz de Aragão foi nomeado professor extraordinário de História Natural Médica, cargo no qual foi conservado após a subsequente Reforma de Ensino com a mudança, porém, do título para o de professor substituto, em cuja atividade permaneceu até a morte, lecionando com brilho e proficiência os cursos que lhe competia fazer (Gonçalo Muniz).

Era o centro de atração de estudantes. Do Ginásio da Bahia ou da Faculdade de Medicina quase nunca partia isolado após as preleções.

MARIA AUGUSTA DE CARVALHO CRUZ ABDON



Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, nascida em Paripiranga/Bahia, é Licenciada em Filosofia pela Universidade Católica de Salvador, tem Pós-Graduação em Orientação Educacional realizada pela Universidade Federal da Bahia e duas Especializações: em Orientação Educacional pela Universidade San Diego/Califórnia/EUA e em Crescimento Pessoal pela Universidade Laval em Quebec/Canadá. Tem vasta experiência como docente, tenho lecionado nas seguintes Instituições de Ensino: nas Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica de Salvador, nesta última permaneceu quase três décadas, e na Faculdade de Educação da Bahia, onde por 20 anos foi Professora Titular. Paralelamente à atividade docente, exerceu por mais de uma década a atividade de Orientadora Educacional em diversas Escolas da Rede de Ensino do Estado da Bahia, a exemplo do Colégio Estadual da Bahia (Central), da Escola M. A Teixeira de Freitas e do Colégio N. Sra. do Carmo.

Foi forte defensora da Orientação Educacional no Estado, tendo se destacado nas seguintes atividades vinculadas à Orientação Educacional:

- a) Na Coordenação de Cursos: Informação Profissional com a profa. *Fani Winick* e Curso sobre Aconselhamento em Orientação, ambos promovidos pelo NOED/UFBA; Curso de Sondagens e Aptidões, com a profa. Glória Pimentel; Curso de Atualização em Concepção Operatória do Desenvolvimento Vocacional com a participação do prof. *Raymunde Bujold*; Curso sobre Crescimento Pessoal, Quebec/Canadá. Coordenou, também, o Curso de Planejamento Educacional realizado pela Profa. Josefina Baiochi, o Curso de Extensão e de Treinamento, do Núcleo de Orientação Educacional (NOED) da FAGED/UFBA, e os Encontros dos Estagiários de Orientação Educacional do NOED da FAGED/UFBA por dez edições.
- b) Na área de gestão: chefe do Departamento de Orientação Educacional da Faculdade de Educação da Bahia (período de 1969/1985); chefe da Seção de Orientação do Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação da

Universidade Federal da Bahia, período de 1974 a 1984; Vice-Presidente do Centro de Orientadores Educacionais da Bahia (COEB), no período de 1966/1968 e sua Presidente por dois períodos: de 1969 à 1973 e de 1981 à 1983, tendo exercido, também, a Presidência da Associação de Orientadores Educacionais da Bahia de 1984 a 1986.

Foi Vice-Diretora do Instituto de Ciências Religiosas João Maria Vianney, em Paripiranga/Bahia.

Maria Augusta possui uma vida associativa muito rica, sendo membro do Rotary Club Bahia Leste desde 1989, do qual foi Presidente nos períodos de 2001 a 2002 e 2009 a 2010, e Governadora Assistente no biênio 2011/2012.

Na Academia Baiana de Educação foi Vice-Presidente de 1989 à 1997, sendo reconduzida em 2009 permanecendo até os dias atuais.

PATRONO

Ernesto Carneiro Ribeiro

ACADÊMICOS TITULARES

José Newton Alves de Souza

Maria Luigia Magnavita Galeffi

Nadja Maria Valverde Viana – Atual



Nasceu em Itaparica, no dia 12 de setembro de 1839, onde aprendeu os primeiros fundamentos educacionais.

Em Salvador, no Liceu Provincial, realizou os estudos preparatórios e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual diplomou-se em 1864.

Ainda estudante, dedicou-se ao magistério, ensinando no Ginásio Baiano – de Abílio César Borges – e em outros estabelecimentos de ensino.

Em 1871, depois de haver realizado concurso para professor de Língua Francesa no Liceu Provincial, candidatou-se à cadeira de Gramática Filosófica, sendo aprovado, após brilhante parecer da Banca Examinadora.

Em 1874, fundou o “Ginásio Carneiro Ribeiro”, do qual foi diretor por cerca de 36 anos. Seus filhos o sucederam, dando continuidade ao

famoso Educandário. Entre seus alunos famosos destacam-se Ruy Barbosa, Euclides da Cunha e Rodrigues Lima, dentre muitos outros que ocuparam posições de destaque na vida política e intelectual, no período que compreende o fim do Império ao início da República.

Participou, quando recém-proclamada a República, de uma comissão formada pelo governador Manuel Vitorino, destinada a elaborar um plano de ação educacional.

Era casado com Maria Francisca Ribeiro, com quem teve vários filhos, alguns dos quais seguiram-lhe a carreira como professores, com destaque para o quarto deles, Helvécio Carneiro Ribeiro.

No ano de 1902 Carneiro Ribeiro foi incumbido, por J. J. Seabra, de realizar a revisão do Projeto de Código Civil, que pela primeira vez iria vigor no Brasil – então regido por antigas e esparsas leis das Ordenações.

Envolvido, a contragosto, na apreciação do Projeto, iniciou com Ruy Barbosa, seu antigo aluno, uma importante polêmica, que serviu para revelar o profundo conhecimento filológico de Carneiro Ribeiro, refutando as críticas do ex-aluno, expondo e defendendo a normatização de peculiaridades do idioma português falado no Brasil – diferente das gramáticas então existentes, sendo neste particular o pioneiro no país. Sobre o assunto publicou *A Redação do Projeto do Código Civil* (1902) e *A réplica do dr. Ruy Barbosa* (1905).

Sua principal obra – *Serões Gramaticais* – publicada inicialmente em 1890 e reeditada em 1915, constitui-se num “verdadeiro monumento da Língua Portuguesa”, no dizer de Antônio Loureiro de Souza, in “Bahianos Ilustres”, (Salvador, 1949).

Ernesto Carneiro Ribeiro faleceu em sua terra natal, em 13 de novembro de 1920, com 81 anos de idade.

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA



Delinear o perfil do Professor José Newton Alves de Sousa reflete uma responsabilidade ímpar considerando-se a grandeza de sua personalidade e o incomensurável legado de sua ampla ação educacional desenvolvida ao longo de sua vida. Dada a característica da presente publicação, este artigo esboça em suas linhas aspectos fundamentais que marcam, de modo indelével, a pessoa, o educador e o atuante acadêmico que na Academia Baiana de Educação ocupa a Cadeira nº 18 na condição de 1º Titular, cujo Patrono é o Educador Ernesto Carneiro de Ribeiro. Com sua ascensão ao quadro de Acadêmicos Eméritos, a sequência de Titulares compreende, nessa ordem, as Professoras Maria Luigia Magnavita Gallefi e Nadjia Maria Valverde Viana.

Falar da pessoa José Newton Alves de Sousa é experimentar instantes de profundo enlevo. A serenidade permanente que ele transmite, a bondade de suas palavras, a delicadeza com que trata indistintamente qualquer pessoa, a paz que irradia, a espiritualidade que apregoa o fazem uma figura humana inesquecível, tais os predicados, bem como suas características de educador e de acadêmico. O educador José Newton Alves de Sousa se consagra, ontem como hoje, no estudioso profundo, e no escritor nato que se expõe e se revela no comunicador pela palavra, por sua produção literária, científica e acadêmica, pela postura pessoal e social, autoridade moral e seu próprio exemplo de vida.

O Acadêmico José Newton Alves de Sousa é reconhecido nas diversas entidades a que empresta o prestígio de sua inserção como membro efetivo, sendo proclamado como figura agregadora, produtiva, inspiradora de sucessivas gerações de acadêmicos. A Academia Baiana de Educação tem a honra de tê-lo, desde suas origens, como paladino da criação desta Entidade, como se constata adiante com a informação e comentário de carta de sua autoria propondo tal iniciativa. Sua atuação participativa no

referido sodalício assumindo cargos e encargos em sucessivas gestões, o tornam um confrade respeitado e acolhido com aplauso.

Registre-se também, com justiça, seu valioso trabalho na criação, fundação e direção, por muitos anos, da Academia *Mater Salvatoris*, onde igualmente se doa e inspira seguidores a permanecer na sementeira e colheita de bons frutos. Num preito à memória, assinale-se a data de instalação solene em Sessão de 18 de junho de 1976 no Auditório do Instituto Feminino da Bahia, sob a presidência de honra do Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela.

Assim, vejo e sinto a pessoa, o educador e o acadêmico no convívio fraterno do cotidiano e constato nas fontes bibliográficas consultadas.

Aqui se utiliza o registro de traços do perfil biográfico do Professor José Newton Alves de Sousa, destacados em quatro volumes da Revista editada pela entidade. Desse modo, são comentados numa sequência cronológica artigos publicados nos volumes editados em 1996, 2007, 2010 e 2014.

Em artigo no qual se observa uma nítida visão documental da trajetória de 6 anos de atividades aí inventariadas em detalhes, como se recomenda para assegurar a memória da entidade e escrito pelo, à época, Presidente da Academia Baiana de Educação, nota-se a disposição de José Newton Alves de Sousa em participar ativamente da gestão da entidade ao assumir integrar a Diretoria no cargo de Secretário Executivo, numa posição notadamente proativa como se observa em (BOAVENTURA, Edivaldo M. *A Academia Baiana de Educação: 1990-1996*. Revista da Academia Baiana de Educação, v. 4, set., 1996, p. 66-71).

Em discurso de posse na Academia Baiana de Educação a Profa. Vanda Angélica Fernandes da Cunha destaca: “Evoco o Professor José Newton Alves de Sousa, meu Mestre de Língua e Literatura Portuguesa no Instituto Sete de Setembro, Colégio dirigido pela Professora Nathália Vinhaes, onde fiz o ciclo ginásial e o Curso Pedagógico. Suas aulas, Professor, nas tardes mornas de Salvador eram amenizadas pela suavidade de sua voz nos deleitando com belíssimos trechos de autores brasileiros e

portugueses e pelo movimento das folhas nas árvores que embelezavam e ainda o fazem, o jardim do Campo Grande. Sua voz suave e a postura de mansidão, não impediam, muito ao contrário, a necessária firmeza para que o conteúdo trabalhado fosse adequadamente assimilado". (CUNHA, Vanda Angélica da. *Adentrando o Portal*. Revista da Academia Baiana de Educação, v. 13, dez., 2007, p. 275-287).

Um artigo do Acadêmico José Newton Alves de Sousa que se inicia expondo a força de sua ideia: "Entendo que a Universidade é instituída para o homem, agente realizador", destaca a característica antropológica da Universidade e endossa o perfil do professor reflexivo, pesquisador, sintonizado com o tempo e o espaço em que vive, com a missão das instituições educativas de nível superior, assim como o papel a ser desempenhado por docentes e alunos diante da dimensão do seu significado para a sociedade. (SOUSA, José Newton Alves de. *Dimensão Antropológica da Universidade*. Revista da Academia Baiana de Educação, v. 16, dez. 2010, p. 259-266).

Comprova-se, de modo claro, o seu talento multifacetado. A Revista da Academia Baiana de Educação publicada em 2014, mostra a riqueza da mente fértil do nosso Educador Emérito, ao abordar, com conhecimento, segurança, objetividade e capilaridade de temas e de públicos a atingir, uma série de assuntos reunidos sob o título *Seleta em Prosa e Verso: o pensamento do Acadêmico José Newton Alves de Sousa*. São 85 páginas de uma beleza fascinante nos textos poéticos, sejam em prosa ou em verso; outros são memorialistas de pessoas, instituições e momentos históricos. Destaco o precioso e raro documento, embrião da Academia Baiana de Educação de sua lavra – "Os Intuitos de Uma Carta" dirigida ao Professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia em que propõe a fundação em Salvador, da Academia Baiana de Educadores (mais tarde efetivada com a denominação de Academia Baiana de Educação). Cabe, assim, ao ilustre Professor José Newton Alves de Sousa a iniciativa oficial de sua criação, o que lhe confere o grau de Paraninfo de nosso Sodalício fundado,

festivamente, em 9 de setembro de 1983, tendo por primeiro presidente o Professor Raymundo Nonato de Almeida Gouveia que a presidiu nos primeiros 4 anos.

É importante transcrever o seguinte trecho, legítimo corolário concedido pelo autor, definindo e determinando uma ética a ser cumprida no nosso mister de acadêmicos: “O ontem idealista e heroico veio desaguar num hoje incontestavelmente promissor. Nenhum de nós, que a integramos, tem o direito de omitir-se. Todos nos obrigamos a fortalecer, prestigiar, fazer duradoura a Academia Baiana de Educação. Nela, os que lhe patrocinam as Cadeiras ou os que tiveram seus nomes lembrados para Sócios, os que nela não figuram como Patronos nem Membros mas viveram uma vida de magnitude educacional, serão ali recordados e reverenciados. Agora e sempre. (SOUSA, José Newton Alves de. *Os Intuítos de Uma Carta*. Revista da Academia Baiana de Educação, v. 18, set. 2014, p. 293-298).

Concluindo, asseguro que este artigo buscou registrar uma parte valiosa da biografia do Professor José Newton Alves de Sousa. No entanto, para uma apreciação completa de sua vida e obra considero indispensável a leitura do seu mais recente livro, publicado em 2015, adornado com a primorosa *Apresentação* do seu filho Paulo de Tarso Barreto Alves de Sousa. Da capa à contracapa vê-se uma autobiografia recheada de amor e poesia. Lê-se o cérebro, o coração e a alma do Professor José Newton Alves de Sousa. Nota-se a translúcida simbiose do seu amor à família e à vida – sua inspiração perene – que o faz presentear o mundo, na lucidez dos seus 93 anos de idade, com essa pérola literária autobiográfica: *No fluir da vida*: “Quando fala o coração”.

MARIA LUGIA MAGNAVITA GALEFFI



Educada na Itália desde os 16 anos, Maria Luigia Magnavita obteve o diploma em “Abilitazione Magistrale” em Roma, curso esse depois complementado pela *Facultá di Magistero da Università degli Studi di Roma* e revalidado pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro em 1942, correspondendo à Licenciatura em Pedagogia. Concluiu o doutorado, também em Roma, cuja tese “homenageou Farias Brito, um filósofo brasileiro de reconhecido valor”, obtendo *Laurea cum Laude* o título em Pedagogia, com especialização em História da Filosofia”.

O início de sua atividade acadêmica na Bahia, na década de 40 do século passado, coincide com a inauguração da Faculdade de Filosofia, tendo participado da realização do primeiro vestibular para selecionar os primeiros alunos da Faculdade.

Nas palavras da profa. Leda Jesuino (Revista da Academia Baiana de Educação, 2006 pags. 66) a Profa. Maria Luiza Magnavita Galeffi era dotada de uma notável cultura humanística, que colocava sempre a serviço da Educação e, “com seu invejável didatismo e a sua incomparável simplicidade, comprometeu-se com a formação dos primeiros licenciados, ou seja, os primeiros professores com nível superior, envolvendo-se, assim no sonho de Isaías Alves, de preparar, com a tradição, a geração do Brasil, como está no brasão da Faculdade de Filosofia – *Brasilidum Sobolem Traditione Paro.*”

A profa. Gina Magnavita, como se tornou conhecida por seus alunos, colegas e amigos, teve participação ativa na vida intensa e rica da Faculdade de Filosofia, onde desenvolveu diversas atividades acadêmicas, seja na gestão universitária, seja na docência em sala de aula.

Nas atividades de gestão universitária foi Vice-Diretora do Instituto de Letras, Coordenadora do Colegiado de Curso de Letras e Chefe do Departamento de Letras Germânicas. Na década de 1980, substituiu o

Reitor de então, na condição de Vice-Reitora da UFBA, por ser a decana do Conselho Universitário.

Na docência foi significativa a sua participação. Assim, nos Departamentos de Filosofia e Pedagogia ensinou História da Filosofia, Ética, Administração Escolar, Educação Comparada, História da Educação, respectivamente. No Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, posteriormente Instituto de Letras da UFBA, foi catedrática de Língua e Literatura Italiana e professora de Didática Especial de Latim.

Foi também professora orientadora de dissertação de alunos do Mestrado em Letras da UFBA. Foi examinadora de vários concursos para cátedra, doutorado, livre-docência nas áreas de Italiano, Francês, Inglês, Linguística e Filosofia no Brasil e no exterior.

Em 1950, fundou o Instituto Brasileiro de Filosofia, Secção Bahia, com o prof. Romano Galeffi (seu marido), no âmbito do qual proferiu várias conferências.

Como grande incentivadora da cultura italiana e do estudo da Língua Italiana, fundou, em 1953, a Associação Cultural Ítalo-Brasileira Dante Alighieri e o Instituto Italiano da Faculdade de Filosofia da UFBA. Organizou várias Semanas de Cultura Italiana, promoveu cursos, conferências, seminários e palestras sobre grandes vultos da história, escritores e artistas da Itália, tendo muitos dos seus textos publicados na Revista Universitas, da UFBA e no Jornal A Tarde, da Bahia.

Organizou o 10. Seminário de Professores de Italiano do Brasil, tendo sido eleita presidente da Associação de Professores de Italiano em 1982, em São Paulo.

A Profa. Gina Magnavita, foi, também, membro do então Conselho Nacional de Educação, nomeada por decreto presidencial.

Recebeu o Título de Professor Emérito da UFBA, “pelos seus saberes e a eficácia com que também cumpriu os seus deveres”, nas palavras da profa. Leda Jesuíno.

NADJA MARIA VALVERDE VIANA



Nascida na cidade de Jequié/Bahia, a Professora Nadja Maria Valverde Viana é Engenheira Química, graduada pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Foi Professora, Chefe do Departamento do Curso de Química, Diretora e Vice-Diretora do Instituto de Química da UFBA. Foi, também, Reitora em exercício, Pró-Reitora e Assessora do Reitor para Assuntos de Graduação Acadêmica. Exerceu as funções de Consultora do Ministério da Educação e Membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES). Com ampla experiência na área de gestão da Educação, teve ainda experiências como Presidente do Conselho Estadual de Educação da Bahia por duas gestões, como presidente do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação. Foi Diretora Geral da Faculdade de Tecnologia Empresarial, é Assessora Acadêmica do Grupo Educacional DeVry Brasil, Membro do Conselho da Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP) e Vice-Presidente do Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior da Bahia – SEMESB.

PATRONO

Francisco da Conceição Menezes

ACADÊMICO TITULAR

Cid José Teixeira Cavalcante



Francisco da Conceição Menezes



Nas décadas de 40 e 50, todos os dias úteis entre as dezessete e as dezenove horas, a secretaria do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia funcionava, além do seu expediente normal, como uma espécie de “club” no mais ortodoxo sentido inglês da palavra.

Profissionais de diversas áreas tinham, ali, o seu encontro diário. Mesmo aqueles mais opostos, e até adversários na vida pública, tinham, naquela sala, o terreno comum do entendimento.

Conquanto o conagração fosse geral haviam, evidentemente, grupos mais ligados, por força de lembranças comuns. Espécies de “câmaras” do “plenário” maior. Neste último caso, estavam os antigos revisores da Imprensa Oficial do Estado. A vida os levava por diversos caminhos: Aloysio de Carvalho Filho era professor de Direito Penal; Jayme Junqueira Ayres, de Direito Civil; Francisco da Conceição Menezes, (Secretário do próprio

Instituto Histórico) era professor de História; Tadeu Santos, jornalista como Arnaldo Alves. Eram os mais assíduos desse grupo. Eventualmente, apareciam Teodomiro Batista e Salvador Borges dos Reis.

A conversa da secretaria do Instituto Histórico resolvia todos os problemas do mundo. Da guerra na Europa ao dia-a-dia da cidade ou do trabalho de cada qual. O grupo que vinha da Imprensa Oficial não se poupava de lembrar os fatos que viveram em comum. Na verdade, todos se consideravam, de alguma sorte, vinculados pelo denominador comum que era a lembrança do “Dr. Cazusa”, referência entre o respeito e o carinho com que identificavam a figura de José de Aguiar Costa Pinto, “diretor da casa” e que lá empregara a todos.

Francisco da Conceição Menezes, de origem muito modesta, começara na infância a aprender o ofício de funileiro. Daí, passou a aprendiz de tipógrafo e foi nesta condição que se meteu, ainda menor, em uma greve com movimentos de rua reprimidos pela polícia, tendo, num desses choques, o comprometimento de um dos olhos, o que lhe deu, pela vida afora, um jeito muito peculiar de fitar as pessoas.

Foi, pois, já com algum “conhecimento de caixa” que passou a trabalhar na oficina da Imprensa Oficial. E, daí, já fazendo o curso de professor primário na Escola Normal, passou à revisão. Coube-lhe trabalhar na elaboração gráfica da edição anotada por Braz do Amaral do livro de Inácio Acioli e, também, da edição das *“Notícias Soteropolitanas e Brasíliaas”* de Luiz dos Santos Vilhena. E, por muitas vezes afirmava ter sido ali, no contato com os textos que revia, a tomada de decisão de fazer do estudo e do ensino da História a sua opção profissional.

Memórias e comentários desfilavam: a continuidade administrativa de José Joaquim Seabra durante o quadriênio Antonio Moniz; a ascensão de Góes Calmon; a escolha de Vital Soares para a Vice-Presidência da República; os últimos dias da “República Velha” com gente pretendendo publicar atos no Diário Oficial à revelia de uma autoridade vacante. Eram os antigos revisores do Diário Oficial que conferiam reminiscências e observações a propósito de uma casa de trabalho que jamais deixou de ser deles.

CID JOSÉ TEIXEIRA CAVALCANTE



Na sequência de titularidade da Cadeira nº 19 que tem por Patrono o Educador Francisco da Conceição Menezes, está o Educador e Historiador Cid José Teixeira Cavalcante. Conhecido nacional e internacionalmente como Historiador, se auto define, com a frase escrita no epitáfio de Afrânio Peixoto: *“Ensinou, escreveu, nada mais lhe aconteceu”*. E sua atuação longa e profícua no tempo lhe consagra um nome e um incontestável símbolo de conhecimento e dedicação aos estudos, à produção científica em História da Bahia, como professor do ensino médio e superior, pelo que será sempre respeitosamente lembrado. Cid Teixeira conseguiu deixar esta marca não apenas na atuação do ensino formal e da literatura científica, como em outras experiências profissionais, a exemplo do famoso programa de Rádio “Pergunte ao José” em que interagiu com os ouvintes respondendo às mais inusitadas perguntas. Jamais alguém colocou uma questão sobre História da Bahia que o professor Cid Teixeira não o conseguisse deixar bem informado sobre o assunto. Igualmente, como Presidente da Fundação Gregório de Mattos, órgão que abriga acervos e funções de Arquivos, Bibliotecas, Museu e Teatro.

Cid José Teixeira Cavalcante nasceu em Ilha de Maré, como sempre se orgulha de dizer. Seus documentos oficiais indicam haver sido em 11 de novembro de 1924, sendo o primeiro dos cinco filhos de Cidália e José, o que inspirou seus pais a registrá-lo com o prenome de Cid José.

Cursou o nível secundário, assim chamado à época, no antigo Ginásio da Bahia entre 1936 e 1943. Com formação superior no Curso de Direito da Universidade Federal da Bahia, entre 1944 e 1948, não exerceu, no entanto, a advocacia, dedicando-se integralmente ao chamado da vocação para historiador e professor. Uma vocação despertada na juventude, em sua lide funcional no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o levou a se iniciar na atividade de transcrição de documentos históricos. Nesse diálogo com os textos manuscritos, depois os impressos, descobriu a

inclinação e a paixão pela pesquisa histórica, seu alimento e expressão intelectual por toda a sua longa vida, e seu caminho natural para o exercício da docência. Iniciou, desse modo, em 1944 a carreira no magistério secundário e no magistério superior em 1946, ainda cursando a Faculdade de Direito, atuando como auxiliar de ensino na Escola de Belas Artes da UFBA na cadeira de História da Arte. Por concurso se tornou Livre Docente nesta Universidade, optando pelo ensino de História na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Exerceu, igualmente, a Docência na Universidade Católica do Salvador. Seu conhecimento e paixão pela História da Bahia o levaram, entre 1992 a 1996, a desempenhar o cargo de Presidente da Fundação Gregório de Mattos, órgão da Prefeitura Municipal de Salvador, onde deixa o legado do seu empenho na preservação de documentos antigos do Arquivo Histórico Municipal de Salvador, uma instituição depositária da memória histórica da Bahia, com documentos originais da Câmara a partir de 1624. Recebeu, por esta atuação, o testemunho público de sua nobreza e responsabilidade funcional, como se observa na declaração de sua Diretora, à época, em livro de memória de uma gestão: "Ao Professor Cid Teixeira, ex-presidente da Fundação Gregório de Mattos, pela iniciativa de transferência da sede do Arquivo Histórico do Solar São Dâmaso, para a Rua Chile, num testemunho de apreço à preservação do acervo documental da instituição. (Cunha, V. A. Memória, Sociedade e Mídia Impressa: a experiência do Arquivo Histórico Municipal de Salvador. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, Coleção Documentos de Salvador. V. 5, 2004, p. 7). Autor de inúmeros livros e de centenas de artigos publicados em Revistas e Jornais fazem do professor Cid Teixeira um dos mais produtivos escritores baianos.

Detentor de vários títulos e honrarias que lhe foram concedidos devem ser destacados: Titular da Cadeira nº 19 na Academia de Letras da Bahia; Titular da Cadeira nº 19 na Academia Baiana de Educação; Medalha Thomé de Souza concedida pela Câmara Municipal de Salvador (1992) e Comenda 2 de Julho outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Rotariano atuante, inclusive como palestrante em dezenas de Clubes, presidiu o Rotary Club Salvador – Itapagipe e foi Governador do Distrito 455.

O prof. Cid Teixeira tem os seguintes livros editados: *Bahia em Tempos de Província; História da Mineração na Bahia; O Coronelismo na Bahia; História da Armação; Salvador, Posse e Uso da Terra.*

PATRONO

Gelásio de Abreu Farias

ACADÊMICO TITULAR

Hermano Augusto Palmeira Machado

Gelásio de Abreu Farias

Gelásio de Abreu Farias foi uma personalidade poliédrica, quer dizer: mestre e professor, advogado, jornalista, cultor das letras, cronista, poeta, epigramista, cidadão prestante, chefe de família exemplar, sólida cultura clássica humanista. Merecidamente, ele tem um perfil de que toda Bahia se orgulha.

Nasceu em 21 de novembro de 1882, em Salvador. Teve como progenitores João Pedro Abreu e D. Ignês de Melo Tannus, um típico casal de classe média soteropolitana.

O Mestre Gelásio de Farias teve quatro filhos do seu primeiro casamento com D. Ester da Costa Farias: Dr. Antônio da Costa Farias, D. Inês Farias de Araújo, Dr. Gelásio de Abreu Farias Filho, Maria e Eugénia

Farias e Dr. Hamlet da Costa Paiva Farias, que lhe deram nove netos entre os quais Dr. Paulo Farias, professor de Oxford na Inglaterra.

Casou-se ainda depois de enviuvar mais duas vezes, com D. Rosa e D. Matilde, esposas que não lhe deram filhos. Gelásio acolheu e amou intensamente os cinco filhos de D. Matilde, não os distinguindo dos seus filhos naturais, genros e noras sendo, portanto, um homem dedicado ao lar.

Como homem da comunidade estava presente nos movimentos cívicos da vida associativa em entidades culturais como o Instituto Geográfico e Histórico ou mesmo em entidades meramente recreativas, como o seu querido clube carnavalesco Cruz Vermelha, depois Cruzeiro da Vitória e seus desfiles momescos ou bailes de gala.

Bacharel em Ciências e Letras, iniciou-se no magistério antes mesmo de ingressar na Faculdade de Direito, na qual se formou em 1912, após decidir não seguir a carreira médica como aspirava sua família. Advogou, mas sentia ser sua vocação maior o exercício do magistério, do qual só se afastou quando, em 21 de julho de 1952, veio a falecer aos 70 anos, em Salvador.

Professor dos melhores colégios de Salvador faltava-lhe, no entanto, o título de professor do Ginásio da Bahia, hoje conhecido com Colégio Central, instituição que gozava da reputação de ser o melhor estabelecimento de ensino médio da Bahia. Inscreveu-se, então, em concurso disputando com seu colega e amigo Aristides Maltez, a cadeira de Latim do Ginásio da Bahia, em 1907.

Por diversas vezes, o Mestre cobrou do Governo a feitura do concurso que não se realizou por achar-se em curso a reforma federal do ensino que só seria concluída em 1911, a 11 de abril com a Lei Rivadávia que estabeleceu a liberdade de ensino em todo o país acabando com as equiparações dos cursos.

Em 1914, com a Lei Rivadávia, tanto Gelásio de Farias como Aristides Maltez, galgaram a docência no Ginásio da Bahia passando, ambos, a fazer parte do quadro de docentes composto pelos grandes mestres da

época Hermano de Santana, Herbert Parentes Fortes, Deraldo Dias de Moraes, Francisco da Conceição Menezes, Cristiano Muller, Vasconcelos de Queiroz, Constantino Vieira, Clemente Guimarães, Robespierre Farias, Vieira de Campos, Heitor Fróes e Leopoldo Amaral, além dos novos mestres professores que vinham se destacando como: Augusto Alexandre Machado, Álvaro Rocha, Antônio Figueiredo, Luiz de Almeida, Gabriela Sá Pereira, Hélio Ribeiro, Nelson Oliveira, Filomeno Cruz, Armando Costa Pereira, Rui Maltez, Raul Sá, Pedro Tavares, Pedro Tenório, Tobias Neto, Aureliano Lisboa e Ricardo Pereira.

Foi Diretor do Ginásio da Bahia por duas vezes. A primeira, na qualidade de Vice-Diretor, substituindo o Diretor Aureliano Costa, de abril a setembro de 1920, renunciando, juntamente com este, em 13 de setembro do mesmo ano, ambos em atitude de protesto contra irregularidades decorrentes da Lei Jerônimo Monteiro.

Assumiu a Diretoria na segunda vez, a pedido de seu ex-mestre e amigo Bernardino de Souza, então Secretário do Interior e Justiça, e nela foi confirmado pelos dois interventores subsequentes, General Raymundo Barbosa e Capitão Juracy Magalhães.

Destacou-se tanto na docência como na administração do Ginásio da Bahia. Decano da Congregação, tinha nela uma liderança absoluta, pela sua postura em defesa da educação baiana.

Renomado latinista, integrou em 1933 à banca do concurso de latim do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Gelásio era, em verdade, um poliglota que dominava além do português e do latim, o francês, o inglês e o grego.

Elegante no escrever e no versejar, de igual forma elegante no trajar, ostentava sempre um cravo à lapela.

Gelásio exerceu vários cargos importantes, foi membro do Conselho Superior de Ensino onde tinha a função de dar parecer sobre os livros a serem utilizados nas escolas de 1926, até uma data que não podemos obter uma definição segura.

Na Secretaria de Educação foi incumbido, juntamente com o Professor Francisco da Conceição Menezes, da elaboração da Memória Histórica do Ensino Secundário oficial da Bahia, durante o primeiro século 1837-1937, que foi editada pela Imprensa Oficial do Estado em 1937.

Gelásio foi jornalista no Diário de Notícias e jornalista literário da Revista "A Luva" sob o pseudônimo de Gelfar.

Saudado por Gelásio, ao visitar o Colégio da Bahia, o então Governador do Estado, Otávio Mangabeira ressalta a importância do querido mestre:

— "Se eu tivesse de escolher um símbolo que representasse o professorado baiano para receber por este, as homenagens do Governo Baiano, esse símbolo seria Gelásio de Farias, porque ele é um padrão de amor ao ensino, à que tem consagrado com dedicação inextinguível, toda a sua vida" (Diário Oficial do Estado de 04/10/1950).

HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO



O prof. Hermano Augusto Palmeira Machado, filho de Augusto Alexandre Machado e Helena Palmeira Machado, nasceu em Salvador/Bahia, no dia 19 de dezembro de 1928. Concluiu o curso secundário no Colégio Estadual da Bahia (Central). Graduiu-se em Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Realizou curso de Especialização em Desenvolvimento Econômico, pelo CEPAL/ Banco do Nordeste, além de ter concluído os créditos, sem defesa de tese, dos cursos de Doutorado em Direito Público e em Direito Privado pela Faculdade de Direito da UFBA, onde, também, concluiu o Mestrado em Direito Econômico.

Teve uma destacada atuação na área acadêmica. Na UFBA foi Membro da Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas; Chefe do Departamento de Direito Privado da Faculdade de Direito; Membro da Congregação da Faculdade de Direito. Membro da Câmara de Pós-Graduação; Professor Assistente da Faculdade de Filosofia e Membro da Banca Examinadora de concursos para caros docentes.

Na UCSAL foi Professor Assistente da Faculdade de Direito; Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas.; Professor Titular da Faculdade de Administração; Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas.; Membro da Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas; Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e Membro da Banca Examinadora de concursos para caros docentes.

Paralelamente à atividade acadêmica, o Prof. Hermano Machado exerceu, também, os seguintes cargos e funções:

- Membro do Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia, por três mandatos.
- Presidente da Comissão de Direito Educacional do Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia.

- Presidente da Câmara de Ensino Especial e Supletivo (Educação Continuada) do Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia.
- Vice-Presidente da Associação Baiana de Educadores (ABEP).
- Advogado da Petrobras.
- Técnico da Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (CPE).
- Assessor do Secretário de Indústria e Comércio do Estado da Bahia.
- Diretor da Coordenadoria de Gerência de Empresa da Secretaria de Indústria do Estado da Bahia.
- Chefe da Procuradoria Jurídica do Instituto de Terras do Estado da Bahia (INTERBA).

Publicou as seguintes obras:

- *O Mercantilismo.*
- *Existe uma Ciência das Finanças.*
- *Da Procuração.*
- *A Propriedade e as Propriedades*
- *Marxismo e Estruturalismo.*



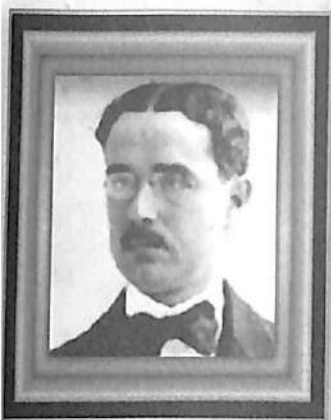
Isaias Alves de Almeida



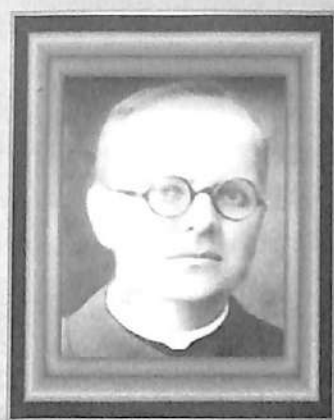
Henriqueta Catharino



Álvaro Augusto da Silva



João Florêncio Gomes



Luiz Gonzaga Cabral



Júlio Afrânio Peixoto

PATRONO

Helvécio Carneiro Ribeiro

ACADÊMICOS TITULARES

Pedro Júlio Barbuda

Milton de Almeida Rabelo

Eliel Judson Duarte de Pinheiro – Atual

Helvécio Carneiro Ribeiro

Filho do notável filólogo e professor Ernesto Carneiro Ribeiro – também um dos patronos desta Academia – e D. Maria Francisca Ribeiro, Helvécio Carneiro Ribeiro nasceu em 8 de abril de 1880, falecendo aos 89 anos, em 1969. Graduiu-se em Engenharia Agrônômica e dedicou-se à botânica e ao magistério.

Por um dever de justiça não se deve referenciar o professor Helvécio Carneiro Ribeiro sem evocar a figura de seu pai o ilustre baiano Ernesto Carneiro Ribeiro. Mestre de muitas gerações esparziu, na sua luminosa existência, as luzes da sua cultura aprimorada e as reverberações do seu espírito boníssimo e superior. Em 1884, fundou o Colégio Carneiro Ribeiro, no bairro da Soledade em Salvador, que funcionava em regime de internato, semi-internato e externato e o dirigiu durante 36 anos,

quando transferiu o comando administrativo ao seu quarto filho Professor Helvécio Carneiro Ribeiro, cuja gestão, acumulada com a de docente da disciplina de História Natural, prolongou-se por mais de 40 anos.

A formação humanística do professor Helvécio aperfeiçoava-se na sua predileção pelas ideias filosóficas, centrando em Sócrates suas reflexões pedagógicas. Comentam seus ex-alunos que ele iniciava sua docência através da formulação de perguntas que agissem como um fio condutor para o diálogo que desenvolveria com seus discípulos nos espaços de aprendizagem. Era um conciliador e supervisionava a conduta e os eventuais conflitos dos seus estudantes como uma oportunidade de orientá-los para a vida, dando-lhes responsabilidade e estabelecendo mecanismos que resultavam, sempre, na conquista da confiança e do coração dos alunos. Por isso era respeitado e querido e, não raramente, conselheiro dos seus estudantes.

O professor Ático Vilas-Boas da Mota, ao ser acolhido em 2003 como membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, registra, no seu discurso de posse, ao relembrar as suas experiências profissionais, que trabalhou no Colégio Carneiro Ribeiro “onde pontificava a bondosa figura do Professor Helvécio Carneiro Ribeiro cujo método de ensino apoiava-se na prática do amor”. Esta fotografia revela a estatura pedagógica e humana do patrono da Cadeira nº 21.

Por ocasião de sua morte o egrégio Conselho Estadual de Cultura do Estado da Bahia aprovou a seguinte moção que exalta o seu valor como um educador de escol.

“Este Colegiado manifesta o seu profundo pesar pelo falecimento do professor Helvécio Carneiro Ribeiro, docente do Instituto Normal Isaías Alves e Diretor do Colégio Carneiro Ribeiro, que foi toda uma vida dedicada à causa do ensino de nosso Estado, motivada pela gloriosa tradição paterna e grande amor à juventude estudiosa. Destarte, desapareceu sua presença física, material, mas continuará viva na saudade de tantos amigos e admiradores, que lastimam a ausência de sua presença, do seu convívio”.

Helvécio Carneiro Ribeiro foi um homem que semeou o bem e um educador e cidadão que honrou e dignificou o seu tempo, a sua terra e a humanidade.

MILTON DE ALMEIDA RABELO



O professor Milton de Almeida Rabelo nasceu em Jequié em 10 de abril de 1924 e faleceu em 12 de janeiro de 2010, na sua cidade natal, aos 86 anos incompletos. Realizou os seus cursos primário e ginásial em Jequié, o curso científico no Colégio da Bahia, graduando-se em Odontologia pela Universidade Federal da Bahia.

Ao longo de cinco décadas o professor Milton Rabelo teve destacada participação nas atividades políticas, sociais, educacionais e desportivas de Jequié. Pode-se afirmar com segurança que, neste período, todos os acontecimentos relacionados com o progresso da sua estremecida “Cidade Sol” contaram com a sua participação.

Milton Rabelo foi Acadêmico fundador da Academia de Letras de Jequié; foi fundador da Associação Jequieense de Imprensa e da Loja Maçônica Areópago, sendo o seu primeiro Venerável. Foi, também, presidente do Lyons Clube, Clube dos Maçons e do Conselho Comunitário de Jequié. No campo político exerceu quatro mandatos de Vereador, foi Presidente da Câmara de Vereadores, Prefeito em exercício e presidiu agremiações partidárias.

Na área educacional atuou como Professor de várias gerações no Ginásio de Jequié, tendo sido também docente, e dirigido o Instituto de Educação Régis Pacheco, por 13 anos. Exerceu a diretoria em tempo integral, sempre presente e atuante.

Desenvolveu de forma incansável a luta pela implantação do Ensino Superior de Jequié, um dos seus grandes sonhos, sendo o primeiro Diretor da Faculdade de Formação de Professores, posteriormente transformada em *campus* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atuou como Professor e Assessor da Reitoria.

Como Conselheiro do egrégio Conselho Estadual de Educação, integrou a Câmara de Educação Superior. Neste alto Colegiado emprestou

o seu talento e experiência na apreciação de matérias importantes para a Educação Baiana.

A sua investidura na Academia Baiana de Educação, ocorreu em 3 de outubro de 2001, sendo saudado pelo ilustre acadêmico Astor de Castro Pessoa que sublinhou a alta respeitabilidade, comprovada competência e irrefutável atuação de Milton Rabelo no Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Era um obstinado. Lançava-se por inteiro nas porfias que o seu idealismo apontava como promotora do desenvolvimento de sua Jequié. Dele poder-se-ia dizer que tinha como lema de vida o que Tenneson, ao encerrar o relato da epopeia de Ulisses, sintetizou: “Lutar, procurar, talvez achar – mas não ceder”.

Milton Rabelo, por ter vivido intensamente os mais importantes acontecimentos de Jequié, nos últimos 50 anos, tem o seu nome inserido na galeria de honra da história da cidade e é uma personalidade a quem a região reverencia pelo seu acendrado amor ao torrão natal e pelo alto espírito comunitário e empreendedor.

Tanto no Conselho Estadual de Educação quanto na Academia a sua fidalguia, a disposição de servir, de assumir compromissos, conquistou os seus pares que lhe tributavam merecido afeto e expressões de respeito, amizade, confiança e admiração. A exaltação dos méritos, da capacidade de luta, das realizações do Educador e Acadêmico Milton de Almeida Rabelo e o seu permanente compromisso em legar a posteridade dias melhores se constituem em fonte de inspiração e exemplo para as novas gerações.

ELIEL JUDSON DUARTE DE PINHEIRO



O atual Acadêmico Titular da cadeira 21 possui Graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Bahia, Mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou também o Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra e o Curso de Administração de Projetos de Defesa Agropecuária pela Fundação Getúlio Vargas. Atuou na Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia, tendo exercido os cargos de Médico Veterinário, Professor, Chefe de Departamento, Chefe do Núcleo de Extensão, Coordenador do Curso e Diretor da Escola, em dois mandatos. No âmbito da Universidade foi, também, membro titular do Conselho Universitário por nove anos, membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão e Substituto do Vice-Reitor por quatro anos, eleito pelo Conselho Universitário.

Atuou como Consultor *ad hoc* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, na avaliação das condições de ensino dos cursos de Graduação em Medicina Veterinária.

No âmbito do Governo do Estado, exerceu a Presidência do Instituto Biológico da Bahia e as funções de Chefe de Gabinete, Secretário Substituto da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Estado da Bahia e Conselheiro Titular do Conselho Curador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

Foi Presidente da Comissão Nacional do Ensino da Medicina Veterinária e do Comitê Editorial da Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, tendo exercido neste órgão as responsabilidades de Conselheiro, Tesoureiro e Vice-Presidente.

Eliel Judson é Acadêmico Titular Fundador da Academia Baiana de Medicina Veterinária onde atuou como Diretor Científico. Desde 2002 é o Coordenador do Curso de Medicina Veterinária da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura – UNIME.

Na sua vida profissional publicou diversos trabalhos de pesquisa, além de artigos no âmbito da Educação Médico Veterinária.

PATRONO

Henriqueta Martins Catarino

ACADÊMICA TITULAR

Zilma Gomes Parente de Barros



Henriqueta Martins Catarino



A Academia Baiana de Educação foi instituída em 9 de setembro de 1982, com quarenta patronos. Para a Cadeira nº 22, foi indicada a ilustre educadora Henriqueta Martins Catarino. Nascida em Feira de Santana, em 12 de dezembro de 1886, faleceu em Salvador, em 21 de junho de 1969. Era filha de Bernardo Martins Catarino, de nacionalidade portuguesa, e de Úrsula Costa Martins Catarino, de conceituada família feirense. Aos cinco anos de idade, mudou-se para Salvador, onde sua família passou a morar.

Seguindo a tradição das famílias abastadas daquela época, não frequentou escolas, sendo educada em casa, com professores particulares, que lhe davam aulas de conhecimentos gerais, línguas estrangeiras, música e pintura, além de boas maneiras, religião e princípios morais. As

frequentes viagens à Europa também contribuíram para completar sua formação, colocando-a em contato com novas culturas.

Dona Henriqueta, como era conhecida, delineou, ainda muito jovem, os objetivos que moveram a sua vida: um ideal de ajuda ao próximo, de doação e de louvor a Deus. Com tais propósitos, desenvolveu, inicialmente, dois projetos: “Propaganda de boas leituras” e “Tardes de costura”. Como nos relata Elizete Passos (1), o primeiro pretendia “divulgar e estimular jovens e senhoras da sociedade a lerem obras, consideradas por ela e por um grupo de companheiras, como salutares e proveitosas. Com esse intento, ela colocava à disposição sua biblioteca particular (...) e ia, continuamente, renovando o seu acervo, a fim de melhor cumprir com as suas finalidades”. Com o mesmo propósito, conta-nos Elizete Passos (2), “criou as Tardes de costura, em sua própria residência. Ali se reuniam senhoras e senhoritas para executarem trabalhos de agulhas, crochê e *tricot*, os quais eram doados a pessoas carentes”.

Convencida de que a mulher precisava ser preparada para os novos papéis que teria de desempenhar na sociedade moderna, Dona Henriqueta resolveu ampliar os projetos anteriores, acrescentando os serviços de uma agência de empregos. Estava criada a “Obra de proteção à mulher que trabalha”. Com o crescimento da demanda de jovens pelos serviços prestados, a obra transformou-se em “Casa São Vicente” e passou a ter também restaurante e pensão. “Ali se abrigavam estudantes, funcionárias públicas, professoras, bem como mulheres que precisassem vir a Salvador desacompanhadas” (3).

Como naquela época – anos vinte do século passado – só existia em Salvador uma escola comercial, de funcionamento noturno, Dona Henriqueta decidiu fundar a Escola Comercial Feminina, em 8 de dezembro de 1923. O novo estabelecimento era “uma forma de proporcionar à mulher formação profissional e moral mais consistente, capaz de proporcionar-lhe condições de garantir a sua própria subsistência.”

A grande sensibilidade de Dona Henriqueta levou-a a criar, ao lado da Escola Comercial, cursos de curta duração, com finalidade profissional,

como Datilografia, Estenografia, Francês, Inglês, dentre outros. A demanda para esses cursos era constituída de jovens que pretendiam obter melhor qualificação para conseguir, rapidamente, um emprego ou complementar sua formação. No seu afã de melhor servir ao próximo, em especial à mulher desamparada, acrescentou novos serviços à Casa São Vicente, criando a Beneficência Santa Úrsula, com a finalidade de prestar assistência médica e odontológica ao sexo feminino.

Com o passar do tempo, a Escola Comercial foi-se firmando, no panorama educacional da cidade, tornando-se um dos seus mais conceituados estabelecimentos de ensino, sendo, em 21 de março de 1929, oficializada pelo governo, passando a chamar-se Instituto Feminino da Bahia (IFB) e declarada órgão de utilidade pública. Finalmente, em 1950, transformou-se em Fundação Instituto Feminino da Bahia.

O reconhecimento da importância da obra de Dona Henriqueta, como bem observou Elizete Passos (5), devia-se à “forma séria, comprometida e respeitosa com que ela foi sendo construída. Em tudo estava a marca da seriedade, do empenho e da dedicação (...) Na execução das suas atividades, (...) ao lado do grande rigor pedagógico e metodológico, a Instituição não se descuidava “do objetivo de tudo fazer para a maior glória de Deus”.

É importante ressaltar que, ao lado da formação moral e religiosa, o objetivo do Instituto era profissionalizar as jovens, especialmente as que precisavam trabalhar para seu próprio sustento, possibilitando sua rápida inserção no mercado, pois só assim “elas poderiam ser respeitadas e terem uma vida digna”, acreditava Dona Henriqueta.

Atuando no cenário da educação por mais de cinco décadas, Henriqueta Martins Catarino legou à posteridade uma vasta obra que ultrapassa os limites da educação, propriamente dita, estendendo-se a três setores: cultural, de economia doméstica e de assistência social. O primeiro, como descreve a Profa. Elizete Passos, “abrangia uma biblioteca, com aproximadamente 22 mil volumes, incluindo livros, revistas e jornais nacionais e estrangeiros, funcionando em sistema semiaberto, servindo tanto às alunas da casa, como às pessoas da comunidade. Esse setor compreendia,

ainda, os Museus de Arte Antiga e de Cultura Popular, a Escola Técnica de Comércio Feminina e o Ginásio Feminino da Bahia, uma Escola de Datilografia e diversos outros cursos de formação profissional. O segundo, de Economia Doméstica, abrangia a Pensão São José e o restaurante para mulheres (...). O restaurante também era utilizado para eventos sociais de caráter filantrópico (...). O setor de Assistência Social visava a atender não apenas as pessoas ligadas ao Instituto, mas todas aquelas que procurassem sua ajuda. Faziam parte dele a Casa de Férias Santa Terezinha, a Agência de Colocações, a Agência de Trabalhos, a Bethânia, o Círculo de Amizade”.

É bem verdade que, no panorama educacional de Salvador, foram surgindo escolas particulares dirigidas por mulheres vocacionadas para ensinar crianças e adolescentes, as quais se tornaram importantes núcleos de formação de jovens. Anfrisia Santiago, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Suzana Imbassay, na Escola Nova, Helena Matheus, na Escola Moderna, Amábília Almeida, na Escola Experimental, Maria Helena Brandão, na Escola Joãozinho e Maria, Angelina Assis na Escola Baronesa de Sauípe, Olga Pereira Mettig, na Escola Nossa Senhora do Carmo, dentre tantas outras figuras exponenciais de mulheres que, nas suas escolas, marcaram época. No entanto, nenhuma delas teve, como Henriqueta Martins Catarino, a visão de longo alcance para perceber a grande mudança que já se anunciava e que só se concretizou a partir dos anos sessenta.

A mulher começava a trabalhar fora de casa, a sonhar com horizontes mais amplos, a vislumbrar possibilidades mais efetivas para viabilizar seu “estar no mundo”. Queria participar dos acontecimentos da história como agente de transformação.

No seu pioneirismo, Henriqueta Martins Catarino alavancou novas possibilidades, preparou o solo, plantou sementes, abriu caminhos, presenciou esta grande virada da história e não hesitou em aparelhar sua Instituição para o grande salto da modernidade.

Ao elegê-la como Patrona da Cadeira 22, a Academia Baiana de Educação reverencia a grande educadora que não temeu ousar e contribuir, com o seu legado, para a maior mudança ocorrida nos corredores da história.

ZILMA GOMES PARENTE DE BARROS



A cadeira de que é Patrona a Professora Henriqueta Martins Catarino, só teve uma ocupante: Zilma Gomes Parente de Barros. Nascida em 1934, em Salvador, graduou-se em Letras Anglo-Germânicas – Licenciatura (1956) e Bacharelado (1957) – pela Universidade Federal da Bahia. Fez curso de Pós-Graduação em Língua Alemã na Universidade de *Freiburg* (1958/59) e especialização em Metodologia do Ensino de Alemão para estrangeiros, no *Goethe Institut* de Munique (1963), ambos na Alemanha. Possui diploma de Mestre em Educação pela UFBA (1976) e de Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (1975), da qual é, também, Livre Docente em Língua e Literatura Alemã. Exerceu carreira docente e administrativa na UFBA de 1957 a 1988, onde, além do Magistério, ocupou os seguintes cargos: Chefe de Departamento, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Diretora do Colégio de Aplicação, Pró-reitora de Graduação. Fora da UFBA, ocupou o cargo de Secretária de Ensino de 1º e 2º Graus do MEC, em Brasília (1979/1981) e integrou o Conselho Federal de Educação (1980/1992). Atualmente, já aposentada da UFBA, além de membro da Academia Baiana de Educação, é Consultora em diversas instituições de Educação Superior e Presidente da “Zilma Parente de Barros Consultoria Educacional LTDA”, desde 2001. Possui vários trabalhos publicados em revistas especializadas – artigos, palestras, discursos, etc., – e em livros, como o intitulado *Redefinição Conceitual dos Colégios de Aplicação*, publicado pelo Centro Editorial e Didático da UFBA, (1988). Ao longo da sua vida profissional, recebeu diversas homenagens, dentre as quais podem ser destacadas: Diploma de Doutor Honoris Causa da Universidade São Marcos, SP, (1995); da Universidade Regional de Joinville, SC (1997); da Universidade de Cuiabá, MT, (1998); da Universidade Camilo Castelo Branco, SP (1999); da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, RS (2004); Grau de Comendador da Ordem de Instituição Pública do Governo Português

(1981); *Palme Académiques*, do Ministério de Educação da França (1981); Medalha “Barão de Macaúbas”, de Mérito Educacional, do Governo do Estado da Bahia (1984); Medalha do Mérito “Anita Garibaldi”, do Governo de Santa Catarina (1992); Diploma de “Educador do Ano”, da Academia Baiana de Educação (1995); “Medalha Reitor Edgard Santos”, de Mérito Educacional, outorgada pela UFBA, (2010).

PATRONO

Hugo Balthazar da Silveira

ACADÊMICOS TITULARES

Rômulo Galvão de Carvalho

Eraldo Tinoco de Melo

Eduardo Saback Dias de Moraes

Raymundo Medrado Primo – Atual

Hugo Balthazar da Silveira

A Cadeira nº 23 da Academia Baiana de Educação tem como patrono Hugo Balthazar da Silveira, membro de ilustre família que, ainda hoje, se destaca no panorama cultural e profissional de Salvador. Família de professores, destacando-se seus irmãos, Evandro Balthazar da Silveira, Catedrático da Faculdade de Direito e Geraldo Balthazar da Silveira, professor do Ginásio Itapagipano dirigido pela Professora Palmira Balthazar da Silveira Alves de Moura.

Nascido em 29 de abril de 1888, formou-se em Professor pela Escola Normal da Bahia, indo inicialmente lecionar em Caetité. Retornando à Capital, fundou, com Alberto de Assis, o Instituto Baiano de Ensino, em Nazaré, que se constituiu em um dos estabelecimentos mais renomados de todo o Estado. Infatigável, foi ainda Hugo Balthazar da Silveira

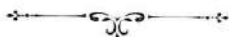
fundador e Presidente do Grêmio Beneficente do Professorado Baiano; do Instituto dos Cegos da Bahia; da Editora do Brasil na Bahia. Foi também Presidente do Partido Social Trabalhista na Bahia e membro do seu Diretório Nacional. No Instituto Baiano, ensinava Língua Vernácula notabilizando-se pelo profundo saber, primorosa didática e inexcedível dedicação.

Dedicação e cuidado que, também, se refletiam na seleção do luzido corpo docente do Instituto: Alberto Silva, em História; Antônio Dias de Moraes, em Física; Armando Costa, em Ciências Físicas e Naturais; Otávio Ferreira Santos, Tobias Neto e Tripoli Gaudenzi, em Química; Felipe Nery e Oscar Hilário, em Geografia; Pedro Tavares, em Matemática. Como se vê, todos, também, pontificando nas Faculdades e/ou no Gymnasio da Bahia. E, ainda, na Academia de Letras da Bahia, como Arthur de Salles, Roberto Correia e meu pai, Deraldo Dias de Moraes.

No corpo discente destacavam-se, entre centenas de outros: Abigail Lordello, a “*dona literata*” como a chamava, presciente, o Professor Hugo. a dra. Abigail, em homenagem a seu centenário, publicou, na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, no 91, magnífico artigo, no qual encontrei a maioria dos dados ora referidos. E ainda: Anibal Muniz Silvany Filho; Augusto Gentil Vaz Batista; Nilson de Oliva César; Orlando e Walter Affonso de Carvalho; Suzette Mandarinó Hipólito.

A contribuição de Hugo Balthazar da Silveira não se limitou ao âmbito do Instituto Bahiano de Ensino onde, aliás, foi pioneiro do Ensino Noturno. Foi membro da Comissão Nacional do Fundo do Ensino Médio, participando, com destaque, de inúmeros Congressos e Encontros.

RÔMULO GALVÃO DE CARVALHO



Nasceu Rômulo Galvão de Carvalho em 22 de setembro de 1930, em Campo Formoso, onde permaneceu até 1950, quando chegou a Salvador. Funcionário do Banco do Brasil, assim custeou os estudos, formando-se em Direito em 1959. Era o momento em que Edgard Santos, Oldegar Vieira e Lafayette Pondé organizavam o corpo docente da Escola de Administração. Vai, então, Rômulo cursar o Mestrado em Administração Pública em Los Angeles, na *University of Southern California*. Ao retornar, além de exercer o magistério na Faculdade Visconde de Cairu, na UCSAL e na própria UFBA, onde chegou a Professor Adjunto e Coordenador do Curso de Administração Pública, iniciou sua brilhante carreira político-administrativa. Foi Diretor do Departamento Social de Vida Universitária, em 1967; Chefe de Gabinete do Reitor Roberto Santos; Secretário de Educação; Deputado Federal por três legislaturas, logo se ubicando na Comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal, que passou a presidir, em 1981. Em 1987, assume a Presidência da recém-criada Secretaria de Educação Especial do MEC, dedicando-se, de corpo e alma, à causa de excepcionais e superdotados. Em 1991, retorna à Bahia como Delegado do Ministério de Educação, vindo a presidir, por duas vezes, o Conselho Estadual de Educação. Em 15 de setembro de 1998, tal como acontecera, em 1950 a Lauro Farani Pedreira de Freitas e, em 1982, a Clériston Andrade, falece em trágico acidente, em plena campanha para a Assembleia Legislativa, onde pretendia continuar sua luta em prol da Educação.

ERALDO TINOCO DE MELO



Nasceu Eraldo Tinoco de Melo em Ipiaú, em 20 de novembro de 1943. Concluídos os estudos secundários no Colégio Taylor Egídio, em Jaguaquara, graduou-se, em 1968, Bacharel em Administração Pública. Nesse mesmo ano ligou-se ao Instituto de Urbanismo e Administração Municipal (IURAM), do qual veio a ser Assessor Chefe, em 1969, e Diretor do Serviço de Administração Geral, em 1970. Seus primeiros contatos com sua verdadeira paixão, a Educação, datam de 1971 quando assumiu a Chefia da Assessoria de Programação e Orçamento da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia. Em 1977, passou a Diretor Geral do Departamento de Pessoal do Ministério da Educação e Cultura, do qual foi Secretário de Apoio Administrativo de 1977 a 1979, quando vem assumir o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, que voltou a ocupar de 1999 a 2002. Em 1983, inicia brilhante carreira parlamentar tendo sido deputado federal por cinco legislaturas. Foi Constituinte, de 1986 a 1988; membro de várias comissões; Presidente da CPI que investigou a Crise da Universidade Brasileira, nos anos de 1991 e 1992 e, de agosto a outubro de 1992, foi Ministro da Educação. No quadriênio 2003/2006, foi Vice-Governador do Estado, acumulando as funções de Secretário da Infra-Estrutura. Vem a falecer em abril de 2008.

EDUARDO SABACK DIAS DE MORAES



Eduardo Saback Dias de Moraes, nascido em Salvador, Bahia, em 20 de setembro de 1936, graduou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA, em 1960. Realizou Pós-Graduação na Escuela Profesional de Psiquiatria em Madrid, nos anos de 1968-69, e em Educação, na UFBA, no período de 1970-1974. Fez, também, Formação em Psicodrama, pela ASBAP/SOPSBA.

Exerceu os seguintes cargos e funções acadêmicas na UFBA: primeiro Chefe de Departamento do Curso de Psicologia, em 1970; Vice-Diretor e Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, no período de 1974-1980; Membro da Câmara de Ensino de Pós-Graduação; Presidente da Comissão para Criação do Instituto de Psicologia.

Foi Diretor da Faculdade Ruy Barbosa de Psicologia, no período de 1998-2008.

O prof. Eduardo Saback Dias de Moraes faleceu em 2015.

RAYMUNDO MEDRADO PRIMO



Raymundo Medrado graduou-se em Direito pela UFBA, em 1959. Realizou o Curso de Especialização em Conteúdos e Métodos de Ensino Superior pela UFBA, em 1974. Possui Certificado de Registro de Professor de Ensino Médio para lecionar Português e Certificado de Registro de Diretor de Estabelecimento de Ensino Secundário, sob o nº 5374, concedido em 1964. Pelo Parecer nº 26/1976 foi autorizado a lecionar a disciplina Mudanças Sociais no Brasil, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Exerceu as seguintes atividades no segmento educacional: Curador da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, com sede em Juazeiro, Bahia. Fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro, hoje integrante da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Diretor do Colégio Estadual Ruy Barbosa, de 1959 a 1975. Diretor da Divisão de Organização (DOE) do 2o. Grau, na Secretaria Estadual de Educação da Bahia, de 1975 a 1977.

Advogado com inscrição 1820 e OAB 10.173, na área jurídica exerceu as funções de Juiz de Direito do Tribunal de Justiça da Bahia, de 1977 a 1989; Assessor Técnico Jurídico do Tribunal de Justiça da Bahia, durante 10 anos, e Consultor Jurídico do Tribunal de Justiça da Bahia durante 03 anos.

Foi homenageado com a colocação de seu nome na Escola de Ensino Infantil e Fundamental, em Juazeiro, Bahia, que passou a ser intitulada Escola Municipal Raymundo Medrado Primo; de sua foto na sala reservada aos Juizes de Direito no Fórum Filinto Bastos, Feira de Santana, Bahia, também, foi homenageado na Auditoria da Polícia Militar da Bahia.

Recebeu os seguintes Diplomas ou Condecorações: Diploma de Honra ao Mérito pelos 50 anos de dedicação à Advocacia e contribuição ao crescimento da Ordem, Secção da Bahia. Diploma de Cidadão Juazeirense, outorgado pela Câmara Municipal do Município de Juazeiro, em 1977.

Foi homenageado no Fórum Filinto Bastos, Feira de Santana, Bahia, com a sua foto na sala reservada aos Juízes de Direito. e, também, na Auditoria da Polícia Militar da Bahia.

Raymundo Medrado foi, ainda, vereador por 04 legislaturas no Município de Juazeiro, Bahia.

PATRONO

Isaias Alves de Almeida

ACADÊMICOS TITULARES

Antonio Pithon Pinto

Joselice Macedo Barreiros

Hélio Rocha – Atual

Isaias Alves de Almeida

O mister de falar ou escrever sobre uma personalidade, pressupõe a busca de informações em fontes bibliográficas fidedignas e em outras formas de testemunho documental. Este artigo traz um levantamento bibliográfico e digital em acervos localizados na Universidade Federal da Bahia, em artigos publicados na internet por sites especializados em Educação e no acervo da Academia Baiana de Educação em fase inicial de reorganização.

Interessante é se observar o destaque encontrado sobre o educador Isaías Alves qualificando-o como intelectual, atributo herdado de gerações anteriores – os primeiros educadores brasileiros. O contato com a biografia contextualizando a atuação profissional do professor Isaías Alves leva ao destaque que autores consultados fazem à sua intelectualidade e à sua

atuação política no sentido de elevar os padrões da educação brasileira através de legislação específica e proveitosa e de recursos financeiros, estruturais e institucionais que assegurassem, no tempo, o patamar almejado para a necessária gestão educacional em nosso país.

Primogênito do casal Aprígio Alves de Almeida – Ana Augusta de Almeida Sampaio (Ana Augusta Alves de Almeida), Isaías Alves de Almeida nasceu em 29 de agosto de 1888, na Cidade de Santo Antônio de Jesus-Bahia. Faleceu em Salvador em 20 de janeiro de 1968.

Coube à Professora Leda Jesuíno dos Santos, Presidente de Honra da Academia Baiana de Educação, no sepultamento, proferir discurso homenageando o emérito educador baiano, em que se destaca o trecho: *“Sobre o berço do homem que nasce há lágrimas de alegria com vida e muitos risos de efusivas emoções de prazer. Sobre o esquife do homem que morre há só lágrimas de tristeza plena: mas se é um homem que se realizou na sua expressiva criatividade, parece que essas lágrimas se transmudam em letra de fôrma constituindo um nome de um homem que não morreu e que está e permanecerá vivo, eterno”*. (Revista da Academia Baiana de Educação, v. 15, 2009, p. 109-110).

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia em 1910, optou por se dedicar ao magistério, sua autêntica vocação, antes mesmo de sua formatura. Desse modo, já lecionava no Colégio Ipiranga desde 1905, havendo galgado o posto de diretor a partir de 1911. Obteve, em 1931, o título *Masters of Arts and Instructor in Psychology*, do Teachers College da Columbia University. Regressando ao Brasil tornou-se professor do Ginásio da Bahia, da Escola Normal da Bahia (atual Instituto Central de Educação Isaías Alves). Com o aperfeiçoamento adquirido na Universidade americana de Columbia, lecionou Psicologia Educacional no mesmo ano do seu retorno. De sua mente fértil comprometida com a causa da Educação e seu privilegiado espírito de realização resulta a criação da Faculdade de Filosofia da Bahia, da qual foi o idealizador, fundador e professor, unidade formadora de professores que foi integrada

à então Universidade da Bahia. Fruto de aprofundados estudos sobre Testes Psicológicos para a aprendizagem lhe levaram, entre 1932 e 1935, a montar o Serviço de Testes no Serviço de Medidas Escolares do Instituto de Educação, na gestão de Anísio Teixeira, quando ocupava a Direção da Instrução Pública do Distrito Federal. Isaías Alves integra uma tradição de educadores baianos, iniciada em meados do século XIX com Abílio Cesar Borges, Barão de Macaúbas. (Paixão, Fernando. *Educação em Destaque*. http://www.educacaoemdestaque.com/index_arquivos/Page335.htm).

Percebe-se nos depoimentos de seus contemporâneos e nas leituras sobre sua personalidade, formação acadêmica e atuação profissional, que Isaías Alves se realizou como educador intelectual brasileiro e, de modo incontestado, beneficiou a educação brasileira com uma trajetória digna de aplauso e desdobramentos. Defendeu ideias e realizou ações com uma visão extraordinária. Sua destacada projeção nacional foi assegurada pela preciosidade do seu saber e a grandeza do seu fazer em prol da educação no Brasil. Outro pesquisador da Educação Brasileira, André Luis Mattedi Dias assinala que o objetivo principal de Isaías Alves era fazer da Educação o instrumento para a defesa da cultura e das riquezas naturais brasileiras. Era um patriota que visava a formação e o exercício da cidadania pelos cidadãos. Não apenas uma Educação – espaço de transmissão de saber – mas de construção coletiva de um saber de todos e para todos. André Luis Mattedi o define como “fêrreo salvaguarda da profissionalização do magistério secundário”, em artigo publicado na *Revista Publicatio UPEG Ciências Sociais Aplicadas*, v. 16, n.º 2, 2008. (<http://www.revistas.uepg.br/index.php/humana/articel/el/view/641>) e, também, destaca ser Isaías Alves o crítico do modelo de ensino profissional, praticado à época, nas Faculdades de Medicina, de Direito e nas Escolas de Engenharia no Brasil, fenômeno que, naturalmente, se refletia no ensino secundário tendo em vista que seus professores, ainda sem uma formação especializada por uma Unidade Universitária correlata, eram buscados nas referidas Faculdades. Daí resultou a ideia de Isaías Alves de que o Brasil necessitava da

criação de universidades e nestas, a Faculdade de Filosofia."Suas ideias materializaram-se na Faculdade de Filosofia da Bahia, da qual foi seu fundador e primeiro diretor, onde atuou desde 1943". Para Isaías Alves as universidades no Brasil deveriam cumprir a função de centros de formação do pensamento nacional e de elaboração de planos para o desenvolvimento do país. Desse modo, uma universidade patriota, voltada ao encaminhamento e solução dos problemas econômicos, políticos e sociais do Brasil. Uma universidade formadora de recursos humanos para atuar extra-muros, ideia disseminada em oito artigos publicados no Diário de Notícias de Salvador. André Luis Mattedi Dias ainda ressalta os vários espaços na esfera do poder público aos quais Isaías Alves ofereceu sua contribuição. Mais uma vez se destacam sua intelectualidade e visão política em defesa da Educação no Brasil. Ocupou importantes cargos públicos estaduais e federais. Em Salvador: Diretor Geral da Instrução na Bahia em 1931, por pouco tempo, pois Anísio Teixeira, que acabara de ser nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, convidou-o para ser Subdiretor Técnico ainda em 1931. Mudando-se para o Rio de Janeiro, deu início a sua longa participação como membro efetivo do Conselho Nacional de Educação, de 1931 a 1958. Foi, também, Chefe do Serviço de Testes e Escalas do Distrito Federal, de 1932 a 1933, e Assistente Técnico do Departamento Nacional de Educação de 1934 até 1938. No Distrito Federal, Isaías Alves pôde acompanhar de perto toda a intensa movimentação em torno das questões educacionais e políticas da época que despertavam o seu interesse, a exemplo da fundação das universidades do Distrito Federal e de São Paulo.

A pesquisadora Ana Cristina Santos Matos Rocha, também interessada no tema intelectualidade e a visão política e sua influência na educação brasileira ao longo dos séculos, traz subsídios às questões com profunda análise sobre a vida e a obra educacional de Isaías Alves de Almeida, contribuindo com valiosas informações através de dois artigos a seguir comentados. No primeiro, Influências norte-americanas na psicologia

escolar do Brasil: o trabalho de Isaías Alves (http://vencontro.anpuhba.org/anaisencontro/A/Ana_Cristina_Santos_Matos_Rocha.p) e no segundo, Intelectuais e política educacional: a experiência de Isaías Alves (anais.anpuh.org/?p=141497). a autora confirma informação anterior sobre o fato de Isaías Alves haver demonstrado muito cedo seu interesse pela Educação, estabelecendo uma relação profissional mesmo antes de concluir sua formação acadêmica. Já em 1905 lecionava no Colégio Ipiranga e pensava a Educação como uma estratégia social mais ampla que o processo ensino-aprendizagem. Em 1906, aos 18 anos, quando ainda era apenas professor, Alves fez incursões por algumas cidades do interior da Bahia, proferindo palestras sobre a importância da educação para a construção da nação. Os estudos dessa autora se aprofundaram em buscas aos arquivos pessoais do educador, o que dá consistência aos artigos que escreve. Comenta se perceber na biografia do educador sua convicção na necessidade de profissionalização dos professores para assumir papel tão relevante na sociedade. Essa ideia defendida em toda a sua vida, certamente, levou-o à criação da Faculdade de Filosofia da Bahia em 1941, que posteriormente foi integrada à Universidade da Bahia. Sobre o absoluto interesse no assunto dos testes a autora se refere haver sido importante nessa trajetória, a experiência vivida por Isaías Alves na *Teacher's College* de Columbia, onde recebeu a forte influência das ideias de Alfred Binet, psicólogo que dirigia o Laboratório de Psicologia Experimental da Sorbonne. É Binet o autor de uma técnica para identificar crianças com necessidade de educação especial, uma experiência única para Isaías Alves, que teve a oportunidade de incorporar esse conhecimento e prática que veio a ser mais tarde o ponto de destaque no exercício de sua pedagogia – os testes – que avaliavam o desenvolvimento mental dos alunos para inserção em classes que agrupavam alunos de igual nível de desenvolvimento e de desempenho escolar. Sem dúvida, Isaías Alves se tornou conhecido e admirado pela defesa desse método, havendo criado em 1924 o “Centro de Pesquisas Psycho Pedagógicas” no Ginásio Ipiranga,

e aprofundando estudos sobre este assunto escreveu dois livros. O primeiro em 1926 sob o título *Teste Individual de Inteligência* e o segundo em 1930 – *Os Testes e a Reorganização Escolar*. Fortemente influenciado pela psicologia norte-americana Isaías Alves defendeu sempre o ponto de vista de que essa teoria e prática agregando alunos em classes homogêneas, com alunos de perfil de inteligência e de nível de desempenho semelhantes, determinaria o aumento de desempenho escolar, evitaria o fenômeno da repetência, o que resultaria em satisfação para o alunado, a família e a escola. O tempo decorrido e as naturais mudanças políticas e sociais da sociedade brasileira se encarregaram de apontar críticas de discriminação e autoritarismo como sendo características marcantes desta teoria e prática educacional. Essas críticas, no entanto, não empanaram o brilho da inteligência e a capacidade de ação e realizações de Isaías Alves, o que lhe rendeu prestígio nacional e a oportunidade de ocupar diversos e importantes cargos onde contribuiu para o desenvolvimento da Educação na Bahia.

ANTÔNIO PITHON PINTO



Antônio Pithon Pinto, formado em Medicina, dedicou-se à Puericultura e, desde cedo, foi professor de Educação Média na Escola Normal da Bahia, hoje Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA). Educador vocacionado, decidiu especializar-se nos Estados Unidos da América, onde realizou o Mestrado em Educação e Administração Escolar na Universidade do Norte da Carolina.

Com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, passou a ensinar Administração Escolar e Educação Comparada, da qual depois se tornou professor titular. Chefiou o Departamento de Pedagogia da Faculdade e, com a Reforma Universitária de 1968, tornou-se chefe do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Foi membro do Conselho Estadual de Educação da Bahia e diretor do Centro Regional do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

Antônio Pithon Pinto conquistou um lugar de distinção na história da ANPAE, como seu precursor e um de seus mestres fundadores. Em 1961 associou-se a José Querino Ribeiro, que convocou o I Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, inaugurado por Anísio Teixeira, na Universidade de São Paulo, e que teve como resultado a fundação da Associação Nacional de Professores de Administração Escolar (ANPAE). Na ocasião, os fundadores da ANPAE elegeram Antônio Pithon Pinto como seu primeiro presidente.

O professor Pithon Pinto dirigiu a ANPAE por dez anos consecutivos, presidiu três Simpósios Brasileiros e um Simpósio Interamericano, realizado em 1968 em Brasília, sob os auspícios da Organização dos Estados Americanos. Em julho de 1971 transmitiu o cargo de presidente da ANPAE ao colega, também mestre fundador, professor Paulo de Almeida Campos, eleito por ocasião do V Simpósio Brasileiro de Administração Escolar, realizado na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, RJ.

JOSELICE MACEDO BARREIROS



Joselice Barreiros graduou-se em Letras Neolatinas na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, em 1945/1946, onde concluiu o Bacharelado e a Licenciatura, respectivamente.

Durante seu curso foi aluna destacada, sobressaindo-se entre os demais colegas de sua turma. Foi ainda como aluna do curso de Letras que começou a lecionar, permanecendo vários anos como professora de Francês e Latim nos Colégios Ipiranga, Nossa Senhora das Mercês, Sofia Costa Pinto, Nossa Senhora Auxiliadora, Nossa Senhora do Carmo e no Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada no primeiro concurso público realizado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, quando era secretário Anísio Teixeira, exerceu a docência de Francês nos Colégios Estaduais Severino Vieira e Central, tendo neste último, participado do Projeto Especial das Classes Experimentais, “coordenado pela Professora Lêda Jesuíno, que se constituiu em uma das mais respeitáveis e inovadoras experiências pedagógicas já empreendidas em nosso Estado”.

Na busca da excelência, a Profa. Joselice realizou cursos de *Aperfeiçoamento em Literatura Contemporânea* (1951) e em *Fonética Francesa* (1952), na Universidade de Paris e na Universidade do Brasil, além do *curso de Etruscologia e Antiguidade Itálica*, na Universidade para Estrangeiros, em Perúgia, em 1961. Realizou, também, estágios no Centro Nacional de Estudos Pedagógicos da Universidade de Paris, em Sévres, nas Classes do Liceu Experimental; no Centro de Pesquisas e de Estudos para a difusão do Francês (CREDIF) do Ministério de Educação Nacional; na *Maison des Sciences de L'Homme*, na Universidade de Paris e na OTAN, em Veneza, de Tradução Automática.

Conforme nos relata a Profa. Zilma Parente de Barros em sua Saudação à Profa. Joselice de Macedo Barreiros, quando da sua posse na Cadeira nº 24 dessa Academia, “as qualidades didáticas da professora Joselice

também foram demonstradas em cursos preparatórios para o vestibular... Mas foi nos cursos de Letras, como Assistente Voluntária de Latim, que a Professora Joselice iniciou sua brilhante carreira no magistério universitário". E complementa: "Foi, porém, durante seu doutoramento na Universidade de Paris, que a Professora Joselice se sentiu, definitivamente, atraída pelos estudos linguísticos. Assim, foi sob a orientação do famoso foneticista André Martinet que obteve, com segurança e brilho, em 1963, o grau de Doutor".

Tão relevante quanto a sua contribuição aos estudos de Linguística Aplicada ao ensino da Língua Vernácula e das Línguas Estrangeiras, foi a participação da Profa. Joselice na implantação de alguns projetos educacionais de grande repercussão na melhoria do ensino nos diferentes níveis, a exemplo do redimensionamento pedagógico das funções do Colégio de Aplicação, da proposta de criação do Colégio Universitário, e do Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, destinado ao treinamento em serviço de professores de ensino médio de escolas públicas da Capital e do interior do Estado da Bahia.

Como docente de ensino superior na Universidade Federal da Bahia a professora Joselice Macedo iniciou suas atividades como Professor Assistente, ascendendo, por concurso, a Professor Adjunto e, posteriormente, Professor Titular exercendo, em paralelo, diversas atividades acadêmicas, das quais destacam-se: a Vice-diretoria do Instituto de Letras, a chefia dos Departamentos de Linguística, Teoria da Literatura e História da Literatura, e o de Fundamentos para o Estudo das Letras; a coordenação do primeiro Colegiado do Curso de Letras, após a implantação da Reforma Universitária (Lei 5.540/68) e a coordenação da área de Estudos Linguísticos do Mestrado em Letras, cuja implantação e consolidação teve sua efetiva participação.

Na administração superior exerceu o cargo de Coordenadora Central de Pesquisa e dos Cursos de Pós-Graduação na Pró-Reitoria de

Pós-Graduação da UFBA, no reitorado do prof. Luis Fernando Macedo Costa (1979-1983).

Fora da Universidade Federal da Bahia foi Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas e da Universidade do Texas, nos Estados Unidos; foi docente no Centro de Pós-Graduação Olga Mettig, da Faculdade de Educação da Bahia e em Programas de Pós-Graduação da Universidade Católica de Salvador.

No âmbito do Sistema Estadual de Educação foi Assessora do Secretário de Educação Professor Luiz Navarro de Brito, quando coordenou a implantação das Faculdades de Educação de Feira de Santana, de Alagoinhas, de Vitória da Conquista e de Jequié. Dirigiu, ainda, a principal Divisão do Departamento de Ensino Superior e Aperfeiçoamento da Secretaria Estadual de Educação e membro titular do Conselho Estadual de Educação da Bahia.

HÉLIO ROCHA



Nasceu em 1923 em Salvador.

Fez o curso primário em escolas particulares de Salvador.

Em 1936, fez o Exame de Admissão para o Ginásio da Bahia onde realizou o curso ginásial de cinco anos conforme a lei de então. Enquanto cursava o Ginásio da Bahia, dedicou-se, também, ao ensino particular de alunos que se preparavam para fazer o rigorosíssimo Exame de Admissão.

Em 1941, foi residir no Rio de Janeiro. Fez o curso clássico no conceituado Colégio D. Pedro II, onde foi aluno do notável poeta Manuel Bandeira e de José de Oiticica “magister dixit” da língua portuguesa, famosíssimo na época devido à publicação da *Teoria do Complemento na Sintaxe Portuguesa*. Este período propicia sua ida frequente às conferências da Academia Brasileira de Letras, permitindo o forte convívio com as celebridades literárias da época.

Em 1943, fez o vestibular na Faculdade Nacional de Filosofia (Curso de Ciências Sociais) que aprovou apenas oito candidatos, dos quais o próprio Hélio Rocha. Foi aluno de professores célebres como Djacir Menezes, verdadeira enciclopédia em Sociologia, de Jacques Lambert, professor parisiense, que lecionava em francês e de Luís Aguiar Costa Pinto, baiano, radicado no Rio e já celebridade em Sociologia. Nesta oportunidade, surgiu a sua determinação de lecionar Sociologia.

Em 1947, ainda no Rio de Janeiro, Hélio Rocha faz uma palestra representando os jornalistas do Brasil para o casal Juan e Eva Peron, que voltava da Europa de navio.

De 1948 a 1950, ligado aos Centros Culturais da Juventude, passou três anos fazendo palestras desde Manaus até Porto Alegre, na época dos extremismos ideológicos que combatia intensamente, estimulando as referências culturais brasileiras. Escreveu vários opúsculos contra o totalitarismo.

Sempre católico e defensor de um nacionalismo cristão.

Hélio Rocha retornou à Bahia em 1956, convivendo ao lado do Professor Milton Santos durante dois anos. Foi uma fabulosa influência e renovação intelectual.

Nesta ocasião, Hélio Rocha dirigiu a Revista Afirmção na qual escreveram nomes, hoje, de destaque nacional e intelectual, como Caetano Veloso, Capinam, Haroldo Lima, Cyro de Matos, entre outros.

Em 1968 foi convidado para lecionar na UnB juntamente com Machado Neto e Carlos Costa, formando um grande time de baianos nas disciplinas de ciências políticas, filosofia da história, sociologia da educação etc.

Nesta oportunidade, Hélio Rocha foi convidado, também, por Dom Clemente Silva Nigra para compor sua equipe no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) funcionando no próprio Ministério de Educação. Foi o momento dos convívios intelectuais com as celebridades da época, como o poeta Carlos Drummond de Andrade e o célebre Afonso de Taunay, historiador dos bandeirantes paulistas etc.

Ainda em 1968, com o fechamento da UnB pelos militares, retorna à Bahia e começa a lecionar as disciplinas de Sociologia, História, Geografia, Português e Redação, nos mais destacados cursos pré-vestibulares de Salvador, além de lecionar na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica de Salvador, na Faculdade de Sociologia da Bahia e na Faculdade de Economia da Bahia.

Em 1974, funda o Curso e Colégio Nobel que viria a ser a maior instituição educacional particular da Bahia com quase 10.000 (dez mil) alunos.

Em 1985, funda a Sociedade Integral de Ensino, composta pelo Curso e Colégio Integral e pela Faculdade Hélio Rocha, juntamente com seus familiares, retomando a sua “visão pedagógica” e mantendo-se firme e ético nos anos que se seguiram até hoje.

Acumulou uma biblioteca de aproximadamente 9.000 (nove mil) volumes nas áreas em que ele lecionou.

Atualmente, Hélio Rocha faz conferências, escreve artigos e ensaios das suas especialidades nas várias publicações do Colégio Integral e da

Faculdade Hélio Rocha, todas envolvendo o processo de conscientização dos educandos e dos educadores.

São 70 anos de magistério, assistindo ao desfile das gerações, das reformas e do pensamento pedagógico, mas com uma grande certeza: todo aluno é uma carta que precisa chegar ao endereço certo para não ser extraviada. O professor é este mensageiro que garantirá a sua entrega.

PATRONO

João Alves Portela

ACADÊMICOS TITULARES

Cícero Pessoa da Silva

Maria José Pacheco de Andrade Costa – Atual



A Cadeira nº 25 da Academia Baiana de Educação tem como Patrono o ilustre Professor João Alves Portela. Ele viveu no século XIX. E, ao se falar em João Alves Portela, remonta-se a um levantamento bibliográfico da história da educação no Brasil com o material referente à Bahia.

No século XIX, o poder público da província baiana atuou com intervenções sobre a educação, fato este que gerou um tempo de desordem e falhas no que diz respeito à mesma.

Houve, então, uma emenda à Constituição de 1824, gerando o Ato Adicional de 1834. Daí, por conseguinte, as Assembleias Legislativas Provinciais começaram a legislar sobre questões de ensino elementar a ensino médio.

Em *Fontes para o Estudo da Educação*, de TAVARES, Luis Henrique Dias, 2ª ed. 2001, SSA, BA, UNEB, o próprio autor diz: "Tudo o que se tem escrito até agora sobre a história da Educação, entre nós, é trabalho individual, incompleto, que alcança o conjunto do país, no tempo e no espaço".

Assim, nos primórdios da colonização portuguesa, a Educação, na Bahia, esteve subordinada ao sistema jesuítico, a princípio com a finalidade de catequese, ampliando-se, depois, com a participação de padres Carmelitas, Franciscanos, Beneditinos e, ainda, com padres seculares.

Reportemo-nos a um fato histórico do século XVIII, mais precisamente, em 1759, isto é, a reforma de Pombal, consequentemente, a expulsão dos padres Inacianos e posterior confisco da Companhia dos Jesuítas, emergindo daí uma nova era na Educação de Portugal e de suas colônias. A partir de então, a Bahia vivenciou cinco (5) fases no que se refere à Educação.

A 2ª fase, dentre as cinco, de 1835 a 1860, é classificada como fase de organização e preparação. Em 1835, foi decretada a primeira Lei Baiana de Educação, assim como, em 1860, o presidente da província, Antonio da Costa Pinto, sancionou o Regimento Orgânico da Instrução, estruturando-se, por via de consequência, pela primeira vez, os ensinos primário, secundário e normal com a predominância de colégios particulares, na grande parte do século XIX, e de ensino secundário, o que caracterizou a verdadeira fase da Educação na Bahia.

Em 1837, as aulas régias, na Bahia, foram substituídas pelo Liceu Provincial, ensinando-se um elenco de disciplinas, tais como: *Filosofia Racional e Moral*; *Aritmética*; *Geometria e Trigonometria*; *Geografia e História*; *Comércio*; *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*; *Eloquência e Poesia*; *Análise e Crítica dos Clássicos*; *Desenho*; *Música*; *Gramática Latina*; *Gramática Grega*; *Gramática Francesa e Inglesa*; *Grego*; *Gramática Filosófica*; *Belas Letras*; *Filosofia e Retórica*.

O período de 1835 a 1840 foi de certa instabilidade na Bahia, quando ocorreu pânico na sociedade escravista, devido à “Rebelião dos Malês”, em 1835.

Em 1837 deu-se início à Sabinada, da qual participaram professores do Liceu Provincial e da Faculdade de Medicina.

O número de obras pedagógicas editadas, na Bahia, no século XIX, foi relativamente pequeno, considerando-se que parte daquela literatura era de origem francesa ou portuguesa. Dificuldades existiam encontradas pelos discentes no estudo de livros em Francês. Por outro lado, merecem destaque os trabalhos editados sobre a Bahia com referência à educação: crônicas, memórias, tratados, artigos, esquemas da educação baiana e outros.

É pequena a referência às bibliografias e biografias de educadores.

A Escola Normal foi criada pela Lei Provincial nº 37, de 14 de abril de 1836, embora só tivesse começado a funcionar em 1842, formando professores de ensino elementar.

O seu primeiro Diretor foi o insigne e imortal Professor João Alves Portela, que, previamente, tinha sido enviado à França, juntamente com o Professor Manuel Correia Garcia, a fim de se familiarizarem com as novas formas de organização, não somente com a instrução primária pública mas, também, com a estrutura de uma Escola Normal, que formasse MESTRES, especializando-se, assim, na Escola Normal de Paris, pois considerava-se, enfim, que o problema de ensino não se resolveria com abertura de escolas, porém, com o preparo de professores.

Em 1841, ambos retornaram ao Brasil, mais notadamente, à Bahia, e redigiram um regulamento para o bom funcionamento das escolas primárias pelos métodos simultâneo e mútuo simultâneo da Província da Bahia; e outro regulamento para a Escola Normal, publicados, ambos, em 20 de janeiro de 1842, sancionados pelo presidente liberal desta província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos, começando, conseqüentemente, o funcionamento da Escola Normal.

É oportuno ressaltar que, em 1848, o único método utilizado era o Simultâneo e apenas um professor do município de Cachoeira utilizava o método Mútuo.

Periodizando-se a História da Educação da Bahia, no Império, considerar-se-iam como anos marcantes: o ano de 1836 com a criação do Liceu Provincial, da Escola Normal e do Regulamento das Missões Indígenas e o de 1842 com os três grandes Atos: o Regulamento da Escola Normal, a sua criação e o Regulamento do Conselho de Instrução Pública.

Inicialmente a Escola Normal da Bahia, a primeira a formar professores de Ensino Elementar, funcionou em uma casa situada na antiga Rua do Colégio com as seguintes cadeiras: Leitura; Caligrafia; Gramática Filosófica da Língua Portuguesa e a de Ensino Mútuo e Simultâneo. Nesta escola, funcionavam 2 turnos: um para homens e outro para mulheres.

O Professor João Alves Portela, detentor de vários títulos educacionais e de atitudes sensatas e firmes como Diretor de uma pioneira Escola Normal da Bahia, laborando com muito empenho, dedicação e apreço, revelou-se ser um grande contribuidor à ascensão do processo educativo na província baiana; também, sendo proprietário de uma tipografia, utilizada, inclusive, para publicações de literaturas referentes à Educação, celebrizou-se, na sua época, sendo considerado um cidadão respeitável do século XIX.

Certa vez, segundo o Jornal da Bahia de 01/03/1858, pôs-se à frente do povo enfurecido e convenceu os soldados a se afastarem, na rebelião cognominada “Carne sem osso e farinha sem caroço”, o motim de 1858 contra a carestia na Bahia.

João Alves Portela exerceu, durante cinco anos, o cargo de Diretor da Escola Normal da Bahia, um marco da Educação do século XIX, deixando-a em 08/06/1847.

Notabilizou-se, também, o Patrono da Cadeira n° 25 da Academia Baiana de Educação, pelo fato de ter sido um exímio tradutor da Língua Francesa para a Língua Portuguesa, exemplificadas as seguintes obras: o

livro *Manual Completo do Ensino Simultâneo por dois Membros da Universidade de França*, o qual fora mandado imprimir pelo Exmo. Governador da Província da Bahia, com prévia aprovação do Conselho de Instrução Pública, na tipografia do próprio João Alves Portela em 1852. (82 p.); o livro de SARAZIN M., *Manual das Escolas Elementares d'Ensino Mútuo*, o qual continha direções para o ensino de todas as matérias de instrução primária elementar. Obra que fora adotada pela Sociedade de Instrução Elementar e aprovada pelo Conselho de Instrução Pública da França. 1854. (118 p.) Tradução para a língua portuguesa das obras de BALZAC.

Desde 1851 que se considerava incompleta a instrução oferecida pela Escola Normal. Dever-se-iam ensinar, entre outras disciplinas, noções de MÚSICA e elevar para três anos o Curso Normal.

Porém, antes, em 1848, pela Lei nº 335 de 05 de agosto, foi criada uma Cadeira de Música Vocal e Instrumental na cidade de Santo Amaro, Bahia.

Já em 1918, século XX, pela Lei nº 1244 de 08 de junho, considerava-se de utilidade pública o Conservatório de Música com a denominação de Instituto de Música da Bahia, reconhecido, em 1951, pelo Decreto nº 29.180.

E, em 1934, pelo decreto nº 8977 de 1º de junho, considerava-se de utilidade pública a Escola Normal de Música.

Mas, foi em 1938, pelo decreto nº 10.636 que se criou o Serviço de Música e Canto Coral nas escolas, tendo como grande incentivador o Imortal Dr. Anísio Spínola Teixeira, mais adiante, em 1949.

CÍCERO PESSOA DA SILVA



O 1º ocupante da Cadeira nº 25 da Academia Baiana de Educação, e meu antecessor, foi o inesquecível, brilhante e, por excelência, Professor e Educador dos nossos tempos, do século XX e 1ª década do século XXI, Cícero Pessoa da Silva.

O Professor Acadêmico Cícero Pessoa da Silva, filho do Sr. Arquimedes Pessoa da Silva e da Sra. Elibia Margarida Pessoa da Silva, mais conhecido nos meios educacionais como Cícero Pessoa, nasceu na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, em 15 de maio de 1922 e faleceu em 14 de maio de 2010. Seus estudos foram realizados no Colégio Liceu Salesiano e, posteriormente, no conceituado Colégio Estadual da Bahia. Viveu, portanto, 88 anos, dos quais mais de sete décadas foram, ativamente, dedicadas à Educação na Bahia.

Prof. Cícero Pessoa desenvolveu estudos na área do Direito e Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, contudo, ao entrar em contato com a carreira de magistério, abdicou das outras, dedicando-se, plenamente, aos estudos e ao ensino da Língua Portuguesa, com abrangência à Literatura e à Gramática. Notabilizou-se, sobretudo, e principalmente, em 1954, quando fora aclamado pela aprovação, em 10. lugar, em um concurso para Professor Catedrático de Língua Portuguesa. Lecionou em vários estabelecimentos de ensino de Salvador, destacando-se o Instituto Normal da Bahia (ICEIA), onde foi Diretor, por algumas gestões, nunca, porém, afastando-se da sua paixão: a docência.

Sua atração pela literatura e artes o motivou a produzir várias obras literárias e teatrais, participando das mesmas, também, como ator. Entre outros sucessos no teatro, aqui, enumeramos: *A Estrada*, *A Estátua Viva*, *A Comédia das Mulheres*, *O Carcaça*, *Pax Vobiscum*, *Viva Santana (comédia)*, na década de 1950.

A vida de Cícero Pessoa da Silva, primeiro ocupante titular da Cadeira nº 25 da Academia Baiana de Educação, não só através do seu desempenho

e função educacional, como também do seu profícuo trabalho e de seu exemplo de Cidadão e Mestre, contribuiu, sem sombras de dúvidas, para a formação de centenas ou mesmo milhares de cidadãos baianos.

Mestre, portador de perfil marcado pela integridade, responsabilidade, ética, sabedoria e atualizada cultura, simplicidade, competência, humildade, sensibilidade, senso de justiça, integridade moral, compromisso e lucidez ao que se alinham conteúdos e procedimentos pedagógicos, valorização da amizade na interação com os colegas e do binômio professor-aluno, eivados de compreensão, de carinho e expressivo amor, engrandeceu o quadro de Acadêmicos da Academia Baiana de Educação.

Sua vocação para as lides educacionais nunca o abandonara, pois havia decidido trilhar os caminhos da Educação, caminhos estes tortuosos, estreitos, mas, às vezes, assemelhando-se a um campo verdejante a ser palmilhado. À sua esposa, dedicou um poema de sua autoria, em 20.02 1943, intitulado *“Os Cabelos de Helena”*.

O Professor Acadêmico Cícero Pessoa da Silva foi um ser humano que sempre estava disposto a aprender e ensinar: Ensinar, amando! Amar, ensinando! Organizou e fundou o Colégio Anchieta, em Salvador-Bahia, sendo que a ação educacional preenchia seus anseios de realizações. E, discorrer acerca do eminente e magniloquente Acadêmico Professor Cícero Pessoa da Silva significa falar de uma referência educacional cultural da Bahia, do Brasil!

MARIA JOSÉ PACHECO DE ANDRADE COSTA



Nasceu em Salvador, Bahia, residindo, por vários anos, em frente ao Instituto Normal da Bahia (ICEIA), onde fez seus estudos secundário e normal. Realizou o Curso de Letras Anglo-Germânicas Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, (1959-1962), especializando-se em Língua Inglesa. (Inglaterra, PUC/SP e UFBA).

Iniciou sua carreira docente no ensino médio, após aprovação, com louvor, em concurso público, (1968), tornando-se, logo após, também, docente na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e, em 1976, Professora Titular da disciplina Língua Inglesa. Foi fundadora e docente do Núcleo de Estudos Canadense (UNEB), em 1990. É a 2ª ocupante da Cadeira nº 25 da Academia Baiana de Educação, empossada em 04.05.2011.

Introduziu, na UEFS, o ensino da disciplina *Língua Inglesa Instrumental*, destinado a vários segmentos acadêmicos. Tem-se dedicado à Educação desde os anos de sua adolescência, aprofundando-se, com afinco, na consecução de objetivos educacionais, além de ser detentora de uma aptidão musical ímpar, tendo escolhido o piano como instrumento de execução, paixão e vida.

PATRONO

João Florêncio Gomes

ACADÊMICO TITULAR

Astor de Castro Pessoa

João Florêncio Gomes

Patrono da Cadeira nº 26 da Academia Baiana de Educação, segundo o historiador Antonio Loureiro de Souza, foi um grande educador, como Carneiro Ribeiro e Abílio Cezar Borges. Dedicou toda a sua vida, com uma proficiência inigualável, com um extremado amor, à árdua, porém confortadora, tarefa de ensinar. Moldou, assim, com os seus ensinamentos e os seus exemplos a inteligência e a alma dos jovens de então. Foi um verdadeiro apóstolo do ensino. Com o seu afamado e conceituado Ginásio São José, prestou à juventude baiana, senão à Bahia, um serviço inestimável. Querido e respeitado pelos discípulos, era João Florêncio Gomes um caráter nobre e puro.

Nasceu João Florêncio Gomes a 28 de fevereiro de 1846, sendo seus pais o Alferes João Florêncio Gomes e dona Ana Joaquina Gomes.

Concluídos os primeiros estudos e os de Humanidades, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, por onde se formou, em 1870, após um curso repleto de notas distintas. A sua grande vocação, porém, era ensinar. Iniciou-se, pois, no magistério, a que dedicaria toda a existência. Ao assumir a Direção do antigo Ginásio Baiano, que passou a denominar-se São José, teve, ele mesmo, estas palavras, que bem definem e mostram, à evidência, a sua formação pedagógica: "tendo assumido, por motivo de complicada série de acontecimentos, a Direção deste Colégio, que o gênio do eminente educador bahiano (referia-se a Abílio Cezar Borges) fundara, – instituição única em seu gênero, e que assinalou o início de uma regeneração no campo da instrução e da educação, discípulo daquele ilustre mestre, estranho inteiramente a ambições outras, aspirava prosseguir na execução de um plano cujo ideal, meio século mais tarde, estaria longe ainda de atingir todos os seus fins." E concluía, aludindo ao estabelecimento que fora do Barão de Macaúbas e que ele passara a dirigir, mantendo a mesma gloriosa tradição: "instituições desta natureza somente assim se mantem por dilatado espaço de tempo; sua existência se regula pela máxima extensão dos benefícios que produzem".

João Florêncio Gomes, cuja memória é sempre lembrada como a de um mestre mui querido que foi, faleceu a 2 de outubro de 1925. Possuía o mestre insigne profundos conhecimentos humanísticos, não desprezando, porém, os estudos científicos da carreira que abraçara.

ASTOR DE CASTRO PESSOA



Nasceu em Salvador, Capital da Bahia, no dia 2 de agosto de 1943. Filho de Astor Pessoa da Costa e Silva e de Stela de Castro Pessoa, irmão de Maria Stela Pessoa Ferreira, Joana Angélica Pessoa Domenech e Eliana Maria Pessoa Santiago. É casado com Maria Conceição Pinheiro Pessoa, com quem tem duas filhas. Sua primogênita, Maria Rachel Pinheiro Pessoa Pinto de Queiroz, casada com Fernando Carlos Pinto de Queiroz Filho, lhe presentearam com os netos Fernando Henrique Pessoa Pinto de Queiroz e Carlos Henrique Pessoa Pinto de Queiroz. Sua filha caçula, Maria Carolina Pessoa Landesmann, casada com Alexandre Landesmann, também lhe presentearam com os netos Maria Pessoa Landesmann e Antônio Pessoa Landesmann.

Passou sua infância no bairro de Nazaré, onde iniciou as primeiras letras na Escola da Professora Alvine Garcez. Fez exame de admissão ao ginásio, terminologia usada na época, para o Colégio Nossa Senhora do Carmo, concluindo o seu curso no Colégio Estadual Severino Vieira. Optou, no ensino médio, pelo Curso Técnico da Fundação Visconde de Cairu, sede da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, onde foi Presidente do Centro Acadêmico 25 de Abril.

Licenciou-se em Contabilidade Geral e Aplicada e Contabilidade Industrial e Agrícola pelo Centro de Formação Pedagógica para o Ensino Técnico do Ministério da Educação/Fundação Visconde de Cairu, em Salvador e Pós Graduou-se em Direito Tributário e Legislação Fiscal, pela Universidade na Empresa, no Rio de Janeiro.

Graduou-se em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar, pela Faculdade de Educação da Bahia e Pós Graduou-se em Metodologia para o Ensino Superior, no Centro de Pós Graduação Olga Mettig, em Salvador.

Assumiu, aos dezoito anos de idade, o seu primeiro emprego, no Banco da Lavoura de Minas Gerais, sucedido pelo Banco Real, hoje Banco Santander, e três anos depois, prestou Concurso Público para a Petróleo Brasileiro S/A, onde permaneceu, por sete anos, no Departamento Financeiro da Petrobrás, até descobrir que a rotina de ativo e passivo, receita e despesa não tinha a ver com a sua vida e com sua verdadeira vocação.

Inaugurou a sua função docente na rede particular, através do Instituto de Formação Cultural e do Colégio da Fundação Visconde de Cairu, ingressando também no Serviço Público, como interino, para lecionar no Colégio Estadual Abílio César Borges, na gestão do Secretário Edivaldo Machado Boaventura.

Seguiu a sua trajetória na educação submetendo-se a dois Concursos Públicos de Provas, Títulos e Aulas Públicas, promovidos pelo Secretário Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito, em 1968 e 1970, sendo aprovado em ambos, para lecionar no ensino médio, atuando nos Colégios Estaduais João Florêncio Gomes, Abílio César Borges e Alípio Franca como Professor, Coordenador de Disciplinas Técnicas, Coordenador Pedagógico, Vice-Diretor e Diretor Geral, durante a gestão dos Secretários Rômulo Galvão de Carvalho e Eraldo Tinoco Mello.

A sua experiência docente, na educação superior, teve início na Faculdade de Educação da Bahia, onde foi selecionado para o Quadro de Professores, exercendo ao longo de trinta anos, os cargos de Professor Titular, Coordenador Acadêmico e Diretor da Faculdade. Atuou também, na Faculdade Unyhana, como Coordenador de Vestibular, Eventos e Marketing, e na Rede de Ensino FTC - Faculdade de Tecnologia e Ciências, como Presidente da Comissão Permanente do Vestibular, reunindo as Unidades de Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Jequié e Vitória da Conquista, além da Faculdade da Cidade, na praça da Inglaterra.

Dirigiu o Departamento de Ensino da Secretaria de Educação da Bahia onde sua vivência em educação infantil, ensino fundamental e médio, educação profissional e ensino superior se ampliou, nos contatos permanentes com o Ministério da Educação, em Brasília, e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação do País, trabalhando incansavelmente com as lideranças do ensino para a melhoria da aprendizagem. Assumiu a Chefia do Gabinete da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, e por esse motivo, inúmeras vezes Secretário em exercício, substituindo o Secretário Mario Cardoso Costa Neto, que sucedeu ao Secretário Carlos Correia de Menezes Sant'Anna, no Governo Roberto Figueira Santos.

Na Secretaria da Educação do Estado ocupou vários outros cargos e funções públicas como Presidente das Comissões Estaduais de Educação Moral e Cívica

e de Programação da Carga Horária Docente, Coordenador Estadual de Eventos e de Cerimonial Público, Assessor e Diretor Substituto no Conselho Estadual de Educação da Bahia, ao longo das gestões dos Secretários Edivaldo Machado Boaventura, Rômulo Galvão de Carvalho, Eraldo Tinoco Mello, Maria Augusta Rosa Rocha, Anaci Bispo Paim, Adeum Hilário Sauer e Osvaldo Barreto Filho.

Como Secretário da Educação e da Cultura do município de Simões Filho, na região metropolitana de Salvador, Governo Berlindo Mamede de Oliveira, criou e presidiu o primeiro Conselho Municipal de Educação e o único Conselho Municipal de Cultura do Estado, na época. Sua profícua gestão lhe credenciou para um mandato de Vereador naquela Cidade, tendo sido o quinto mais votado entre os quinze Vereadores eleitos pela população simõesfilhense, se destacando na Comissão de Educação e no Plenário da Câmara Municipal, com o maior número de indicações, moções, requerimentos e projetos de lei elaborados por um único Vereador, na história daquela Casa Legislativa.

No convênio de Cooperação Técnica entre o Governo do Estado da Bahia e a Prefeitura Municipal do Salvador, foi Coordenador de Articulação da Secretaria Municipal de Saneamento, Habitação e Infra-Estrutura Urbana da Capital baiana. Embora permanecesse com outras funções na educação sistemática, essa foi uma inusitada experiência com a educação não formal, na gestão do Secretário Carlos Geraldo Lins Cova.

Integrou o Egrégio Conselho Estadual de Educação da Bahia, desde 2000, inicialmente com Mandato de Conselheiro Suplente, e a partir de 2002 com Mandato de Conselheiro Titular, reconduzido em 2006 e eleito, pelos seus pares, Presidente desse Conselho, para o biênio 2008/2010, oportunidade em que promoveu e presidiu dois Encontros do Conselho Estadual de Educação com os Conselhos Municipais de Educação da Bahia, nos Municípios de Alagoinhas e Santo Antônio de Jesus, reunindo mais de 1.000 Conselheiros baianos, e um Encontro Nacional de Conselhos Estaduais de Educação, com representação de todas as Unidades da Federação Brasileira, incluindo o Distrito Federal, com a participação de mais de 300 Conselheiros de todo Brasil.

Foi Assessor-Chefe da Fundação Pedro Calmon - Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia, Órgão da Secretaria da Cultura do Estado, sob a Direção Geral de Claudius Hermann Portugal, numa experiência exitosa e

gratificante, que ampliou e modernizou o Centro de Memória, as bibliotecas e os arquivos públicos estaduais e municipais baianos, além da realização de uma extensa e qualitativa agenda de simpósios, conferências e debates sobre temas da atualidade, com expressivos debatedores da cultura e da memória, culminando com apresentações de cameratas da Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Bahia.

É membro Titular da Academia Baiana de Educação, por eleição de seus pares, desde 1982, Mestre de Cerimônia há 20 anos, “Educador do Ano” em 2006, Presidente da Academia em 2012-2016, tendo sido reeleito para um novo mandato até 2018, dando uma grande visibilidade à esta Colenda Instituição, cumprindo um amplo programa de atividades acadêmicas nos quatros Encontros Estaduais de Educação, promovidos pelo Ministério Público do Estado da Bahia e pelo Ministério da Educação do Brasil, duas Conferências Estaduais de Educação na Bahia, uma Conferência Municipal de Educação em Salvador, cinco Encontros Estaduais de Educadores da Fundação José Carvalho, dois Convênios de Cooperação Técnica, Científica e Cultural com a Universidade Federal da Bahia e Ministério Público do Estado, apresentação das Revistas da Academia Baiana de Educação, números 17, 18 e 19, além das atividades comuns com a Academia de Educação de Feira de Santana e estímulo à criação das Academias Municipais de Educação em Alagoinhas, Cachoeira, Ilhéus, Pojuca e Santo Antonio de Jesus, promovendo também 35 Conferências, Palestras, Painéis e Debates sobre os mais diversos e atuais temas da educação, do ensino e da cultura no País, com renomados educadores.

Durante todos esses anos desempenhou inúmeras atividades paralelas ligadas a educação, representando a Secretaria da Educação, o Conselho Estadual de Educação da Bahia e a Academia Baiana de Educação: na Comissão para elaboração do Ante-projeto da Lei Orgânica do Ensino, nos Conselhos Estaduais de Cultura, de Saúde, de Trabalho e de Justiça e Cidadania, além do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos, do Programa do Ministério Público Estadual e os Objetivos do Milênio - Saúde e Educação de Qualidade para Todos e do Projeto “Saúde + Educação: Transformando o Novo Milênio”.

Participou e ainda hoje faz parte de outras instituições não governamentais, de âmbito municipal, estadual, nacional e internacional, à saber: Ordem

Soberana e Internacional de Malta, Lions Clube, Rotary Club, Associação Cultural Brasil-Portugal, Academia Brasileira Rotária de Letras, Fundação Odebrecht, Fundação José Carvalho, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Associação dos Diplomados pela Escola Superior de Guerra e Associação Baiana de Educação e Cultura.

Conquistou diversos títulos e honrarias, dentre eles: Medalha do Mérito de Assistência ao Estudante, conferida pelo Ministério da Educação do Brasil; Medalha do Mérito Educacional Barão de Macaúbas, Medalha do Mérito Cultural Castro Alves, Diploma de Educador Emérito, e Medalha Comemorativa dos 50 anos da SEC, conferidos pelo Governo da Bahia; Diploma de Educador do Ano e de Personalidade Educacional, representando o Egrégio Conselho Estadual de Educação da Bahia, concedidos pela Academia Baiana de Educação, Medalha do Mérito Educacional Anísio Teixeira, Medalha do Mérito Cultural Ruy Barbosa e Diploma de Educador Emérito, conferidos pela Prefeitura Municipal de Simões Filho, Membro Honorário da Força Aérea Brasileira e da Sociedade de Amigos da Marinha. Parainfou diversas turmas de estudantes dos Colégios “Alípio Franca”, “Península”, Celina Pinho” e “Cosme de Farias”, “Faculdade de Educação da Bahia”, Faculdades de Tecnologia e Ciências” e “Faculdade da Cidade do Salvador”, além do “IERP” e “CAP” em Jequié, “Municipal de Itatim” e “Comercial de Guanambi”, no interior do Estado.

Publicou trabalhos monográficos sobre: 1. “Administração Escolar - Uma Experiência Fascinante”, no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia; 2. “Objetivos Nacionais” e “O Menor Carente - Comprometimento do processo Educacional”, na Escola Superior de Guerra - Coordenação da Bahia; 3. “Plano de Contas” e “Registro de Operações” no Centro de Formação de Professores para o Ensino Técnico do Ministério da Educação/Fundação Visconde de Cairu, nesta Capital.

Promoveu e supervisionou, sendo um dos seus autores, a publicação dos Livros: 1. “Simões Filho - Conheça Melhor o seu Município”; 2. “Coleção Memória História do Conselho Estadual de Educação da Bahia”; 3. “Memória Histórica da Academia Baiana de Educação”.

PATRONO

José Olympio de Azevedo

ACADÊMICOS TITULARES

Thales Olimpio Góes de Azevedo

Antonio Jesuino dos Santos Netto

Anaci Bispo Paim – Atual

José Olympio de Azevedo

A cidade de Santo Amaro situada na região conhecida como Recôncavo Baiano, localizada no Estado da Bahia, mais precisamente, no entorno da Baía de Todos os Santos, é uma das primeiras áreas de terra visitadas pelos portugueses, logo que aportaram em solo brasileiro. Origina-se aí, uma das mais ricas regiões do nosso país, tanto em relação a natureza, como culturalmente, e que comporta em seu território uma ampla mistura de povos, que ali se uniram deixando suas marcas na cultura, na culinária, na religião e na arquitetura, contribuindo para a complexidade e singularidade cultural típica da Bahia. É uma região de grande importância histórica por ter sido palco de significativos eventos da história baiana, associados, principalmente, à Independência da Bahia e do Brasil.

A cidade expande-se em terraços do Rio Subaé, no ponto em que este recebe o rio Sergimirim como afluente, tendo como núcleo a área formada pela Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, pela Casa da Câmara e pela Cadeia, onde hoje funcionam a sede da Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores. Neste cenário de grande relevância histórico-cultural nasceu, em 1843, José Olympio de Azevedo. Nasce mais um filho que se tornaria ilustre e digno cidadão profissional. Santo Amaro da Purificação é conhecida por sua importância histórica, pela sua vasta cultura e ilustres filhos.

José Olympio de Azevedo, torna-se filho ilustre pela trajetória que desenvolveu. Após a conclusão dos estudos preparatórios, ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia onde, ainda muito jovem aos 22 anos de idade, recebeu o grau universitário em Medicina, no dia 29 de novembro de 1865, dando início, portanto, ao grande legado que deixou para a área de saúde na Bahia.

Anos depois foi nomeado Lente Substituto, por concurso, da seção acessória, quando defendeu tese sobre Alcoois Poliatômicos, em 3 de novembro de 1877 e, em 1882, foi Lente de Química Médica e Mineralogia, cadeira posteriormente transformada, quando ficou regendo a Química Médica, até 1912, ano da sua aposentadoria.

Desenvolve assim, carreira universitária, participando de inúmeras atividades e de concursos para variadas disciplinas da área de saúde, exercendo a docência até a aposentadoria em 1912. Foi professor do Ginásio da Bahia e Diretor Interino da Instrução Pública do Estado.

Teve, também, experiência em gestão acadêmica, atuando como Vice-Diretor da Faculdade de Medicina, em 1888, e, por várias oportunidades, seu Diretor Interino, tornando-se Diretor Efetivo no período de 1898 à 1901.

Exerceu, sempre com muita competência, diversos outros cargos na Faculdade de Medicina, tais como os de preparador de Farmácia, de Física, de Química Orgânica e de Medicina Legal.

Também lecionou Medicina Legal, Botânica e Zoologia, em caráter interino. Foi ainda redator da Revista Especializada em Medicina na Bahia, comprovando a atuação dinâmica na Faculdade de Medicina.

Embora desde 1884, pelo Decreto nº 9.311 de 25 de outubro, tivesse sido criada a *Revista dos Cursos Teóricos e Práticos* das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, somente em 1904 foi publicado o primeiro volume da Revista da Faculdade de Medicina da Bahia referente ao ano de 1902. Foram publicados apenas mais sete volumes, sendo o último deles de 1913, relativo aos anos de 1911 e 1912. Teve como redatores principais, os catedráticos Guilherme Pereira Rebello (1902), Manoel José de Araújo (1903), José Eduardo Freire de Carvalho Filho (1904; 1908), Antonio Pacheco Mendes (1905), José Olímpio de Azevedo (1906) e Antônio Victorio de Araújo Falcão (1907).

José Olímpio de Azevedo envolveu-se na política, sendo eleito Deputado Provincial, em várias legislaturas, comprovando excelente desempenho, competência, seriedade, austeridade, cultura vasta e grande operosidade. Todos o reconheciam como um grande mestre, um cidadão digno, um administrador eficiente, um homem do bem.

Em 14 de junho de 1901, o Ministro da Justiça e Negócios Interiores – Dr. Epitácio da Silva Pessoa –, do gabinete do Presidente Manuel Ferraz de Campos Sales, fechou, temporariamente, na sobredita data, a Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, por persistirem os alunos no propósito de não voltar às aulas em virtude da parada iniciada a 4 de junho, que teve como pivô, de acordo com a versão do Diretor da Faculdade, a sua recusa em atender à pretensão dos acadêmicos de lhes ser concedida umas férias, como costumavam ter nos anos anteriores. Afirmava ainda, que a sua negativa estava consubstanciada no regime da frequência obrigatória, estabelecido no novo Código das Instituições de Ensino Secundário e Superior, decretado em 1º de janeiro de 1901, e, à 12 do mesmo mês, o Regulamento das Faculdades de Medicina, referendados pelo Ministro Epitácio Pessoa. Era Diretor da Faculdade o Dr.

José Olímpio de Azevedo, que, não resistindo às pressões do episódio, renunciou ao cargo em 1º de agosto de 1901 e obteve exoneração em 10 de agosto de 1901, sendo nomeado Diretor, por decreto de 10 de agosto, o Dr. Alfredo Thomé de Britto, o qual tomou posse no dia 21 do mesmo mês e ano.

Fechada a Faculdade de Medicina da Bahia, foi a mesma reaberta por decreto de 19 de janeiro de 1902, começando as inscrições para exames de ingresso em 21 de fevereiro do mesmo ano, dando prosseguimento às suas atividades acadêmicas regulares.

A trajetória do cidadão José Olympio de Azevedo é marcada por inúmeros desafios, mas sempre com firmeza de propósitos, seriedade e competência. Demonstrou, ao longo da sua carreira profissional, fiel cumprimento da lei, observando o rigor das normas e dos instrumentos legais vigentes para o desenvolvimento de todas as suas atividades.

Patrono da Cadeira nº 27 que foi ocupada, posteriormente, pelos acadêmicos Thales Olimpio Góes de Azevedo e Antonio Jesuino dos Santos Netto, Dr. José Olímpio de Azevedo permanece entre nós como exemplo de dignidade e competência, ressaltado pelo reconhecimento da Academia Baiana de Educação.

THALES OLÍMPIO GÓES DE AZEVEDO



Thales Olímpio Góes de Azevedo foi o primeiro ocupante da Cadeira nº 27 da Academia Baiana de Educação.

Médico e Professor, foi também homem de Imprensa. Começou a escrever ainda estudante de Medicina, em um jornal diocesano do município de Ilhéus e para as seções do Círculo de Estudos da Mocidade Acadêmica Padre Cabral. Foi revisor do Diário Oficial da Bahia, transferiu-se para o Diário da Bahia, em seguida, para o Jornal à Tarde, onde foi encorajado por Ernesto Simões Filho a se dedicar ao Jornalismo. Convive com Aloysio Carvalho, Antonio Marques Pinto, Aristóteles Gomes, Tadeu Santos, Jerônimo Sodré Vianna, Epaminondas Berbert de Castro, Wenceslau Galo, Gilberto Valente, Luiz Viana Filho e José Valadares.

Na Faculdade de Medicina foi interno da cadeira de Clínica Ginecológica do professor José Adeodato de Souza, na enfermaria Santa Marta do Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia e do Ambulatório de Ginecologia. Participou da comissão formada pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Social para combater a peste bubônica. Publicou, mais tarde, o romance *Foi Deus não acontecer nada*.

Enquanto Professor Universitário, pela Faculdade de Medicina, liderou a criação da Escola de Serviço Social da Bahia, unidade pioneira da Universidade Católica do Salvador, atuando como professor e, posteriormente, Diretor.

O marco decisivo de sua dedicação ao ensino e à pesquisa foi o convite de Isaías Alves para integrar o corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Escreveu sobre o povoamento da cidade de Salvador, um dos trabalhos da série evolução histórica da cidade da nossa capital. Foi encarregado da primeira cadeira de Antropologia e Etnografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, cuja matéria integrava-se aos currículos dos cursos de Geografia, História e Ciências Sociais. Thales Olímpio Góes

de Azevedo teve um papel decisivo no apoio a projetos de pesquisa e na concessão de bolsas de estudo a pesquisadores.

Possuía outras habilidades, como autodidata, na pintura, na fotografia, o que lhe valeu inclusive um prêmio da Kodak. Estava sempre atento às novas tecnologias, o que levou a possuir inúmeros aparelhos inovadores para a época que viveu.

Espírito lúdico, gostava de fazer cineminha com material alternativo, ensinava aos filhos as técnicas de fotografia, a confecção de rádios, os princípios da Física, notadamente a eletricidade, a obtenção de oxigênio e hidrogênio pela eletrólise da água, a observação astronômica e muito mais.

Homem digno, competente, recebeu inúmeras homenagens na Bahia, sendo patrono de diversas academias e nome de Escolas das redes Estadual e Municipal de Ensino.

ANTONIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO



Antonio Jesuíno dos Santos Netto, evidencia aspectos relevantes da história da sua vida pelo seu caráter, serenidade, honestidade, princípios e presença forte entre todos, mesmo estando muitas vezes em silêncio. Pai honrado, marido exemplar, presente e sempre amoroso, além de paciente em todos os ambientes de participação profissional e afetivo.

Profissional da Medicina desde 1944, Médico Geral e Médico de Família, atuou na Escola Bahiana de Medicina como Catedrático de Clínica, no serviço do Hospital Santa Isabel, cumprindo, assim, a segunda missão de educador, demonstrando elevada capacidade de servir e de doação. Sua filha Leda Maria assim o definia:

“Meu pai sempre representou o símbolo do poder e da presença, não o poder do poderoso, mas daquele que sempre inspirou método, organização, disciplina e rigor, além de proteção e estabilidade aliadas a uma grande força de vontade de ter a satisfação do dever cumprido.”

Paulo Jesuíno considerava seu pai um grande exemplo e o mais belo ser humano que conheceu.

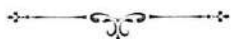
Em um dos seus depoimentos, a Professora Leda Jesuino o definiu com precisão: “simples, essencialmente simples, era direto e objetivo como convém a um cirurgião, acostumado a deduções rápidas e conclusões definidas. Modesto, aceitava as honrarias, mas não se envaidecia com elas, procurando sempre apoiar as manifestações de apreço dedicadas aos colegas, amigos e familiares”.

Professor Jesuino denominava seus filhos de “pérolas de felicidade” como presente divino para a sua realização plena. Como médico deixa um legado enorme pelo seu dedicado e contínuo trabalho em favor da vida humana. A Medicina era a sua grande musa, sua vida.

Deixa grandes contribuições na Santa Casa de Misericórdia da Bahia, no Hospital Santa Isabel, na Liga Bahiana Contra o Câncer, na Faculdade Bahiana de Medicina, na Academia de Medicina da Bahia, na Academia

Baiana de Educação, na Universidade Católica de Salvador, no Colégio Internacional de Cirurgiões e várias outras instituições que contaram com o seu labor em favor da saúde humana.

Como professor deixa grandes lições de um mestre que respeitava a vida, a dignidade humana e a convicção de que a Educação é a maneira eficaz de garantir a realização plena do homem e condição essencial para transformar a sociedade.



Anaci Bispo Paim fez os estudos universitários iniciais na UEFS – Feira de Santana, onde desenvolveu parte significativa da trajetória profissional e pessoal. A passagem pela Reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana oportunizou a coroação da trajetória acadêmica, desenvolvida em dois mandatos (1995-1999-2003). A participação como titular da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (2004-2008) e o cargo de Secretária de Educação do Estado da Bahia (2003-2006), complementam a atuação como educadora com mais de três décadas dedicadas à Educação Pública. Experiências posteriores na esfera privada ocorrem como Consultoria Educacional em Prefeituras, Faculdades e Universidades na área da Educação Básica, Superior e na modalidade de Educação a Distância.

Na Universidade Estadual de Feira de Santana coube a responsabilidade de presidir o CONSEPE (Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão), CONSU (Conselho Superior) e CONSAD (Conselho de Administração), além de exercer o cargo de Pró-Reitora Acadêmica e Coordenadora de Cursos de Graduação de Estudos Sociais e Geografia.

Em março de 2003, em reconhecimento ao programa de gestão educacional desenvolvido na Reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana, lhe foi concedido o título de Doutor Honoris Causa, outorgado pela *European University* na Suíça. Na ocasião, mereceram destaque os resultados do Reitorado e da trajetória educacional.

De maio 2004 a maio de 2008, o cargo de Conselheira do Conselho Nacional de Educação foi exercido a partir da indicação de 11 instituições e da nomeação pelo Presidente da República. Na Câmara de Educação Superior as ações foram intensas, com destaque para as atribuições de avaliar processos de credenciamento de Instituições de Ensino Superior, autorização de Cursos e Faculdades, credenciamento de Instituições de Ensino a Distância, julgamento de vários processos de reconhecimento

dos cursos de Medicina e Direito, trabalhos na Comissão de Formação de Professores, elaboração das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, revisão das Diretrizes do Ensino Médio e da Educação a Distância, além de da participação em seminários e congressos, dentre outros projetos.

A primeira experiência na esfera privada foi de janeiro de 2008 à março de 2010 como consultora para o Recredenciamento Institucional da Universidade Norte do Paraná. A partir de março de 2010 até dezembro de 2012, a atuação foi como Coordenadora Regional da mesma Universidade, com jurisdição nos estados da Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco, supervisionando 81 Polos de Apoio Presencial.

A experiência profissional decorreu da formação acadêmica inicialmente na UEFS com formação graduada na área de Geografia, Pós-Graduação Lato Sensu pela FESP-Pernambuco e o título de Doutor Honoris Causa pela *European University* na Suíça.

Anaci Bispo Paim é natural de Alagoinhas-Bahia, mãe de dois filhos e avó de três netos.

PATRONO

Júlio Afrânio Peixoto

ACADÊMICOS TITULARES

Oldegar Franco Vieira

Roberto Figueira Santos

Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado – Atual



Júlio Afrânio Peixoto



Júlio Afrânio Peixoto, além de destacar-se na Medicina e nas Letras, exerceu com brilho múltiplas atividades como professor. Ao longo de várias décadas acumulou títulos docentes que, sobejamente, justificaram a sua escolha para patrono da cadeira nº 28 desta Academia. Cito entre eles: Catedrático de Higiene e de Medicina Legal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com vultosa obra internacionalmente reconhecida, Diretor da Instrução Pública, Professor do Instituto de Educação e Reitor da Universidade do Distrito Federal, além de Presidente da Associação Brasileira de Educação.

Assim resumiu Deolindo Couto, autor de celebrada biografia de Afrânio, as múltiplas realizações do nosso patrono: “escreveu romances, ensaios, contos, crônicas, peças teatrais, artigos de crítica e de doutrina,

monografias e tratados, exerceu na oratória acadêmica e parlamentar e na epistolografia, empenhou-se na polêmica. Foi historiador, memorialista, filólogo, estudioso do folclore, educador, sociólogo, moralista, higienista, psicólogo, psiquiatra, legista, percorrendo amiúde e cinzelando páginas sobre todos os correspondentes distritos do conhecimento”.

Espírito inquieto, Afrânio fundou o Instituto de Estudos Portugueses, no Rio de Janeiro, propôs a criação da cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa, participou da inauguração do Instituto de Alta Cultura Luso-Brasileira, também em Lisboa. No campo da política foi Deputado Federal pela Bahia, oportunidade em que apresentou projetos de lei pioneiros sobre a atenção a ser dispensada aos alienados mentais e sobre os acidentes de trabalho.

Relatam os contemporâneos haver sido ele um dos mais conceituados *causeurs* do seu tempo, no ambiente do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, no qual a arte de conversar era cuidadosamente cultivada. Em convívio nada provinciano, era essa arte enriquecida pelo fecundo intercâmbio intelectual, não apenas nos círculos da própria terra, como em âmbito internacional. Vários dos seus livros de ficção registram conversas entre os personagens representativos do ambiente social descrito, em animados diálogos, construídos com enorme graça e agilidade.

Nasceu Afrânio na belíssima cidade de Lençóis, orgulho da Chapada Diamantina, à qual me prezo por ter dedicado toda atenção e carinho, enquanto governei a Bahia. Obteve o título de doutor pela nossa tradicional Faculdade de Medicina, em 1987, ao defender tese sob o título *Epilepsia e Crime*, trabalho que despertou grande interesse nos meios científicos do país e teve seu mérito reconhecido por especialistas internacionais. Poucos anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados em substituição a Juliano Moreira, a cuja obra renovadora deu continuidade.

Ávido por aprofundar-se nos estudos de Medicina, viajou para a Europa. Em cerca de dois anos visitou dez países e trabalhou ao lado de cientistas

dos mais ilustres. Entre as honrarias recebidas na área médica, mereceu a eleição para a Academia Nacional de Medicina. E, em meio a várias atividades administrativas, dirigiu o Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, ao qual, por justiça, deram o seu nome.

Tive o privilégio de conviver com muitos dos amigos de meu pai, mesmo entre os nascidos várias décadas antes de mim. Infelizmente não foi assim com Afrânio, a quem jamais tive ocasião de conhecer. Na minha adolescência já havia me deliciado com alguns dos seus livros, a exemplo de *Fruta do Mato* e *Maria Bonita*. Mais tarde saboreei a leitura de muitos outros, inclusive dos elaborados nos últimos anos da sua existência, como o *Breviário da Bahia* e o *Livro e Horas*, verdadeiros hinos à nossa Terra. Mesmo após viver fora da Bahia durante muitos anos, a nitidez das suas descrições do ambiente físico e do clima social que o envolveram na juventude, estão entre as características que agradam, especialmente, aos leitores baianos.

Faleceu Afrânio no Rio de Janeiro, a 12 de Janeiro de 1947, após deixar mais de cem publicações referentes aos mais variados campos do saber.

OLDEGAR FRANCO VIEIRA



Pela primeira vez tomei conhecimento da atividade intelectual de Oldegar Vieira quanto tinha treze ou quatorze anos de idade e cursava o antigo “ginásio”. Era eu, então, leitor assíduo da Revista “América”, fundada por um dos meus professores, o médico João de Souza Pitangueira, e que circulou em Salvador entre 1939 e 1943. Nela se incluía uma seção de poesia, na qual se encontravam com frequência, versos inspirados na arte japonesa, os famosos “haikai”, em grande voga nos nossos meios literários, e dos quais muitos eram da autoria de Oldegar. Vim a conhecê-lo em pessoa muitos anos mais tarde, no gabinete do Reitor Edgard Santos, de quem foi um dos mais competentes e leais colaboradores.

A Cadeira nº 28, desta Academia, ocupada pelo Professor Oldegar Franco Vieira desde 1983, foi declarada vaga devido à promoção do seu titular à Emérito em Agosto de 2003. Na cerimônia em que comemorou a sua ascensão ao novo “status”, o confrade João Eurico Matta, pronunciou brilhante oração explicitando, perante a comunidade baiana, as razões daquele ato de justiça. As origens familiares do homenageado foram, então, comentadas com o apoio do livro intitulado “... Simplesmente recordando”, de autoria da senhora Joana Angélica Vieira Ribeiro, irmã de Oldegar. No mesmo discurso, o “curriculum vitae” do meu antecessor foi, criteriosamente, analisado. Mas, a riqueza da vida e da obra de Oldegar permite que registremos aqui alguns aspectos, entre os mais relevantes de sua personalidade.

Em face dos objetivos desta Academia, devo mencionar com prioridade, embora de forma resumida, as atividades de Oldegar relacionadas à Educação. Formado pela Faculdade de Direito da Bahia e, posteriormente, em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia pela UFRJ, foi nomeado Técnico em Educação do Governo Federal, em 1942. Mais tarde, assumiu o cargo de Diretor de Educação do Território do Guaporé (atual Estado de Rondônia). Conheceu, então, a Sra. Edith Tolentino de Souza,

natural de Santa Catarina, com quem veio a casar-se e de quem teve dois filhos: Paulo e Fernando, ambos profissionalmente muito bem sucedidos. De volta à Bahia, depois do Rio de Janeiro e, definitivamente, mais uma vez em Salvador, exerceu várias funções docentes na UCSAL, no Sistema SENAI e na UFBA. Entre tantas tarefas que estiveram a seu cargo, talvez a mais importante haja sido a organização da Escola de Administração, na qual colaborou com o ex-Reitor Lafayette Pondé. Competentemente planejada, valendo-se de moderna metodologia de ensino desde a sua implantação, contando com professores muito bem preparados, essa nova Unidade Universitária ofereceu curso profissional, até então inexistente em nosso meio, que teve pronta aceitação na comunidade baiana. Em pouco tempo tornou-se, essa Escola, uma das mais dinâmicas do nosso *campus*, condição até agora preservada. Datam do período em que exerceu a diretoria da Escola de Administração, várias viagens de caráter cultural, tanto à Europa quanto aos Estados Unidos e ao México.

A intensa atividade literária de Oldegar valeu-lhe a escolha para a Academia de Letras da Bahia, onde ocupou, desde 1964, a Cadeira nº 11, da qual é patrono o Visconde de Jequitinhonha. Além de publicar interessante ensaio sobre a natureza e a história dos “haikai”, preencheu dois dos seus livros mais aplaudidos – *Folhas de Chá* e *Gravuras ao Vento*, com exemplos dessa “antiga forma popular – erudita de poesia japonesa.” A dedicação de vida inteira à poesia japonesa levou-o a desenvolver numerosas atividades de intercâmbio cultural daquele país com o nosso. Em 1995, foi Oldegar merecidamente agraciado por Sua Majestade, o Imperador do Japão, com a Comenda da Ordem do Tesouro Sagrado.

Assim como Afrânio Peixoto, Oldegar exerceu múltiplas atividades na vida pública, além da de professor. Durante muitos anos ocupou o cargo de Procurador do Estado da Bahia. Várias das suas publicações versam sobre temas do campo do Direito e lhe valeram a escolha para a Academia de Letras Jurídicas da Bahia. São, ainda, trabalhos seus publicados sob a forma de livros: *A propósito do Direito Agrário no Brasil*, assunto no qual

a sua competência é internacionalmente reconhecida; *Estado de Direito e Estado de Cultura*; *Federalismo e Unidade Judiciária*; uma coletânea da *Bibliografia Brasileira do Direito do Trabalho*; e *Vocações da Bahia*, volume no qual traça o perfil de sete baianos eminentes “cujas vidas e obras contribuíram, com significativa diversidade, para afirmação ainda mais decisiva do que se poderia chamar “civilização baiana”. Entre os sete biografados incluiu Edgard Santos, a respeito de quem Oldegar assim se pronunciou: “Distante, pela inteligência e pela formação, de certos padrões bacharelescos que lamentavelmente nos dominam, mas, em vez disso, intuitivo e penetrante, Edgard apossava-se rapidamente do sentido real das coisas. Orientava-se em coerência com o modo essencial do mundo em que vivia...”

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS



Roberto Figueira Santos, filho de Edgard Rego Santos e Carmem Figueira Santos, nasceu em Salvador, Bahia, em 15 de setembro de 1926. Em julho de 1950, poucos meses após diplomar-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, obteve Bolsa da Fundação W. K. Kellogg que lhe permitiu viajar para os Estados Unidos da América do Norte onde, durante quase três anos, frequentou Hospitais das Universidades de *Cornell*, *Michigan* e *Harvard*. Além de completar sua formação no campo da Clínica Médica, participou de pesquisas sobre o metabolismo hidromineral no *Massachusetts General Hospital*, sob a orientação do professor Alexander Leaf. De volta a Salvador, passou a trabalhar em regime de dedicação exclusiva no Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia, hoje Hospital Universitário Prof. Edgard Santos. Iniciou a carreira de magistério como assistente da 1ª Clínica Médica. Obteve o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas mediante defesa de tese submetida à Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Submeteu-se a concurso para a Docência-Livre e conquistou, também mediante concurso de títulos e provas, a cátedra de Clínica Médica da mesma Faculdade. No exercício da cátedra criou o primeiro Programa de Residência Médica do Norte-Nordeste do País e liderou alteração no currículo do Curso de Medicina, com o intuito de evitar a especialização precoce, muito frequente até então. Defendeu, também, a inclusão do ensino da Sociologia Médica aos estudantes, ainda no início da formação profissional. Pelo interesse revelado nos problemas da formação de médicos, foi eleito Presidente da Associação Brasileira de Educação Médica. Em 1963, casou com a sra. Maria Amélia Menezes Santos. O casal tem seis filhos e muitos netos. Em 1967 foi nomeado Reitor da Universidade Federal da Bahia para um mandato de quatro anos, durante o qual dedicou especial atenção à Reforma da estrutura universitária nos termos do Decreto-Lei 53, de 1966, e de documentos legais subsequentes. Planejada

e executada no intuito de promover a intensificação do ensino e da pesquisa nos setores básicos do conhecimento, a nova estrutura possibilitou, nas últimas quatro décadas, a criação da vigorosa rede de Pós-Graduação, simultânea com o grande desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica nas universidades brasileiras. Entre 1964 e 1974, Roberto Santos exerceu o cargo de membro do Conselho Federal de Educação, tendo sido Presidente do mesmo órgão entre 1971-1974. Em 1975 assumiu o Governo do Estado da Bahia, com mandato de quatro anos. Sua gestão foi marcada por grande ênfase na atenuação dos imensos problemas sociais da população do Estado. A rede pública de atenção à saúde foi consideravelmente ampliada e foram muito aumentadas as oportunidades de matrículas no ensino médio profissionalizante. Implantou o primeiro Museu de Ciência e Tecnologia do País. No campo da Economia deu um grande impulso à construção do Polo Petroquímico de Camaçari, fomentou o Turismo com a construção do Centro de Convenções da Bahia, contribuiu para a modernização da agricultura construindo o Parque de Exposições de Animais e intensificando a cultura do café no Estado. Na área da infraestrutura construiu rodovias de fundamental importância e aumentou, consideravelmente, a eletrificação rural em várias regiões do Estado. No começo da década de 1980, em estreita colaboração com Tancredo Neves organizou o Partido Popular (PP) na Bahia. No início do Governo José Sarney, assumiu a presidência do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Pouco mais de um ano depois, foi nomeado Ministro da Saúde, cargo que ocupou entre os anos de 1986-1987. Em seguida, representou o Brasil na Organização Mundial da Saúde, em Genebra, durante três anos. Eleito Deputado Federal pelo Partido Social da Democracia Brasileira (PSDB), exerceu o mandato no período de 1995/1999, findo o qual reuniu seus pronunciamentos em volume intitulado *Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais*. Em seguida, afastou-se da militância política para dedicar-se a iniciativas de natureza cultural.

Em 2004 foi eleito Presidente da Academia Baiana de Educação, em cuja presidência permaneceu até 2008, e da qual se tornou Membro Emérito em 2013, além de participar ativamente da Academia de Letras da Bahia e da Academia de Medicina, e de Comissões ligadas à Reitoria da Universidade Federal da Bahia. Em 2012, cria a Academia de Ciências da Bahia, da qual é Presidente.

FERNANDO ANTONIO GONÇALVES ALCOFORADO



É Doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona (2003), Graduado em Engenharia Elétrica pela UFBA – Universidade Federal da Bahia (1966) e Especialista em Engenharia Econômica e Administração Industrial pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro (1970). É professor universitário aposentado, membro da Academia Baiana de Educação, Sócio Efetivo do IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sócio Benemérito da AEPET – Associação dos Engenheiros da Petrobrás, Sócio e Conselheiro do IRAE – Instituto Rômulo Almeida de Altos Estudos e Sócio do Clube de Engenharia da Bahia.

Foi Consultor da UNESCO em Ciência, Tecnologia e Inovação, Professor da FGV – Fundação Getúlio Vargas e exerceu os cargos de Diretor da Faculdade de Administração das Faculdades Integradas Olga Mettig de Salvador, Bahia, Presidente do IRAE – Instituto Rômulo Almeida de Altos Estudos, Presidente do Clube de Engenharia da Bahia, Subsecretário de Energia do Estado da Bahia, Secretário do Planejamento de Salvador, entre outros cargos. Trabalhou durante mais de 40 anos no planejamento de empresas do setor elétrico e atua, no momento, como consultor de organismos públicos e privados nacionais e internacionais nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos.

Exerceu atividade docente ministrando as disciplinas A Economia do Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental da UNIFACS – Universidade Salvador, Estratégia de Empresas do MBA em Gestão Empresarial da FGV – Fundação Getúlio Vargas, Administração Financeira e Projetos Turísticos do Curso de Turismo das FAMETTIG – Faculdades Integradas Olga Mettig, Gestão da Qualidade, Planejamento Estratégico, Pesquisa Operacional, Administração da Produção e Análise

e Avaliação de Projetos de Investimentos do Curso de Administração das FAMETTIG, Sistemas de Produção I e II do curso de Engenharia de Produção da Faculdade de Ciência e Tecnologia – Área 1, Planejamento energético do VIII Curso de Planejamento Energético e IV Colóquio Latino-Americano, COPPE/UFRJ, Curso de Planejamento do Setor de Energia, Núcleo de Serviços Tecnológicos da Escola Politécnica da UFBA, Administração da Produção e Planejamento Estratégico da UNIFACS.

É autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC – O Brasil e a Nova (Des) ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado, Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944.2003>), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia – Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development – The Case of the State of Bahia* (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), *Aquecimento Global e Catástrofe Planetária* (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), *Amazônia Sustentável – Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global* (Viena – Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011) e *Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social* (Editora CRV, Curitiba, 2012), entre outros.

PATRONO

Luiz da França Pinto de Carvalho

ACADÊMICOS TITULARES

Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa

Hermes Teixeira de Melo – Atual



Luiz da França Pinto de Carvalho



Nasceu em Salvador, em 31 de março de 1877, sendo seu pai Luis da França Pinto de Carvalho, fundador do Colégio Sete de Setembro, conceituada instituição de ensino desta capital.

Realizados os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual recebeu o grau de doutor em Medicina, em 17 de dezembro de 1898.

Desde os bancos acadêmicos, demonstrou grande inclinação para a Literatura e as Artes.

Em 1900, submeteu-se ao concurso para Professor Assistente de Clínica Pediátrica, da qual foi Professor Efetivo. Aposentou-se em 1945, quando recebeu o título de Professor Emérito.

Autor de inúmeros trabalhos científicos e literários, exerceu, com brilhantismo, as atividades de médico, professor, jornalista, grande orador, notável polemista e crítico de arte.

Foi exímio pianista e possuía grande cultura humanística.

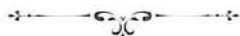
Redator Chefe do “Correio do Brasil” e da “Gazeta do Povo”, redator-secretário de “O Norte”, colaborador assíduo do “O Imparcial”, “Jornal de Notícias”, “Diário de Notícias”, “Diário da Bahia”, “A Tarde” e outros periódicos baianos.

Escreveu sobre cólera-morbo, neurites, educação sexual e outros assuntos, na “Gazeta Médica da Bahia”, da qual também foi redator.

Foi presidente do Conselho Nacional de Educação, membro da Academia de Letras da Bahia, da Sociedade Acadêmica de História Internacional de Paris, da Academia de Medicina da Bahia, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da Academia Nacional de Medicina, do Instituto Brasileiro de História da Medicina, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e de diversas outras instituições.

Faleceu em Salvador, em fins de 1965, aos 88 anos de idade.

LUIZ FERNANDO SEIXAS DE MACEDO COSTA



Natural de Aracaju, (SE) Luiz Fernando Macedo Costa nasceu em 20 de Novembro de 1925. Filho do médico Mário de Macedo Costa e de Edith Seixas de Macedo Costa, veio para Salvador ainda criança e nessa cidade, sem esquecer seu estado natal, procedeu seus estudos e carreiras.

Realizou os estudos primário e secundário na capital baiana e, em 1944, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, sendo por ela diplomado em 1949.

Como estudante de Medicina, demonstrou rara inteligência, espírito de liderança e extraordinária aplicação, ocupando, inclusive, a Presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade e Secretaria da União dos Estudantes da Bahia. Ao concluir o curso médico, foi agraciado com o "Prêmio Manuel Vitorino", conferido ao aluno que reuniu, durante o currículo, o maior número de notas máximas.

Estagiou em clínicas, hospitais e serviços universitários do Rio de Janeiro, Buenos Aires, Washington e Nova York, onde realizou cursos nas áreas de Endocrinologia, Doenças da Nutrição, Radiologia e outras especialidades, além de participar de vários eventos científicos.

A prática médica e a preocupação com a formação dos futuros profissionais conduziu Macedo Costa para a docência universitária.

Em 1955 doutorou-se em Ciências Médicas e Cirúrgicas com a tese *Tentativa de adaptação do Teste Thom ao rato*. Um ano depois com o *Estudo sobre a motricidade dos corações linfáticos* titulou-se para a Livre Docência em Fisiologia para a Escola de Medicina da UFBA. A Livre Docência para Terapêutica Clínica foi alcançada em 1958 com o estudo dos *Problemas terapêuticos da Bartobelose*. A cadeira de Professor Titular de Fisiologia com a tese *Influência e volume uterino sobre o ciclo miométrial* foi conquistada em 1971.

"Nesses concursos, para o Doutorado, a Livre-Docência e a Cátedra, as teses originais que apresentou, soube defendê-las com brilho invulgar,

agilidade mental, palavra límpida e escorreita, argúcia didática e metodologia científica." (Sá Menezes)

Professor da Escola de Medicina da Bahia, do Instituto de Ciências da Saúde da UFBA, da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e da Universidade Católica do Salvador, o futuro Reitorperseguiu a excelência para transmitir aos futuros profissionais não apenas a especificidade da teoria, mas, sobretudo, a formação médica humanista, enquadrando a Medicina em amplas dimensões e relacionando-a a outros campos do conhecimento. Essa preocupação conduziu Macedo Costa a uma profícua atuação na Associação Brasileira de Educação Médica.

A experiência como docente e o engajamento nos meandros institucionais da academia, bem como os estudos e visitas técnicas à instituições congêneres, permitiu ao Professor Macedo Costa o amadurecimento para repensar a Universidade. Nesse sentido, o desejo de uma Universidade mais forte, atuante, destemida e presente para modificar a situação da ciência e da cultura no Nordeste do Brasil foram buscados conduzindo-o à Reitoria da Universidade Federal da Bahia., à frente da qual permaneceu de 1979 a 1983.

O Reitor Macedo Costa, imbuído de um espírito renovador, projetou a Universidade em patamares amplos imbricando a ciência com a arte. Estabeleceu parcerias, convênios e diálogos com a Cultura, a Literatura e Órgãos de Fomento. Restaurou a liturgia e a solenidade dos atos acadêmicos, outorgou títulos de Doutor Honoris Causa a personalidades baianas, sendo o escritor Jorge Amado e o pintor Carybé alguns dos laureados. O ensino, a pesquisa e a extensão, pontos focais da vida universitária, foram contemplados e receberam transcendente influência do Reitor que, paralelamente, desenvolveu projetos especiais que alargaram o raio de ação da Universidade e permitiram a ampliação dos seus espaços físicos. São dessa época: o Museu de Arqueologia e Etnologia, no antigo Colégio dos Jesuítas. O Museu Afro-Brasileiro, fruto de convênio cultural entre o Brasil e países africanos. O Memorial de Medicina, iniciativa que teve

como objetivo organizar, preservar e difundir os acervos documentais e artísticos da Faculdade de Medicina, inaugurado em 1982, associando-se aos festejos dos 150 anos de criação da Faculdade. O Núcleo Sertão, originado da doação feita pelo Professor José Calasans, seu Vice-Reitor, sobre o sertão e Antonio Conselheiro, acervo que, hoje, compõe as coleções especiais do Centro de Estudos Baianos. O Hospital Pediátrico, em regime de ambulatório e internação, a Central de Manutenção de Equipamentos de Pesquisa na Escola Politécnica, o Projeto Produtivo da Escola de Agronomia que, buscando revitalizar o curso, propunha, entre outras coisas, a exploração comercial do Campus de Cruz das Almas. A Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão – FAPEX, agência de gerenciamento administrativo e financeiro de projetos ligados à pesquisa e extensão universitárias, foi criada, também, na sua gestão.

A instalação da Biblioteca Central no campus de Ondina, foi também, uma grande reatuação, que objetivou a centralização dos processos de informação em prédio especialmente projetado para esse fim, ampliando sobremaneira os recursos para pesquisa estudantil, fortalecendo seu papel de suporte à qualidade dos cursos.

A eloquência e acuidade de pensamento do Reitor Macedo Costa pode ser conferida nas obras por ele concebidas. São textos que abordam o ensino da Medicina – *Fisiologia do Aparelho Digestivo* –, livro didático publicado em 1971; *Temas Médicos*; *Ética Médica e Tecnologia*, ambos publicados pelo CREMEB, e reflexões sobre a Universidade considerando aspectos variados atemporais e outros mais específicos: *Reflexões sobre a Universidade* (1978); *Outras Reflexões sobre a Universidade* (1982); *Novas Reflexões sobre a Universidade* (1983); *Memorial da Medicina*; *Arte baiana hoje e Museu Afro-Oriental*, ambos em 1983.

Além das atividades docentes, Luiz Fernando Macedo Costa, paralelamente, as seguintes atividades: representante dos Docentes Livres da UFBA na Congregação, no Conselho Departamental da Unidade e no Conselho Universitário; representante dos Professores Adjuntos na

Congregação do Instituto de Ciências da Saúde (ICS); membro do Conselho Técnico e Administrativo da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; presidente da Comissão do Currículo Nuclear da Câmara de Ensino de Graduação da UFBA; Chefe dos Departamentos de Fisiologia e Biorregulação do ICS.

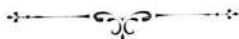
Como médico foi membro do Conselho Nacional de Saúde; do Colégio de Cirurgiões, Seção de Fisiologia; da Associação Bahiana de Medicina; Associação Médica Brasileira. Foi sócio efetivo das Sociedades Brasileira de Fisiologia, de Higiene e de Cardiologia. Foi Presidente da Academia de Medicina da Bahia e Diretor Médico do Hospital Espanhol da Bahia.

Dentre os prêmios e honrarias recebidos, destacam-se o Prêmio CRE-MEB – 1978, concedido pelo Conselho Regional de Medicina da Bahia e as seguintes condecorações: pelo Governo de Espanha, em 1966, a Ordem de Isabel, a Católica; pelo Governo do Estado da Bahia, a Ordem do Mérito da Bahia; pelo Governo Francês como *Chevalier de la Legion d'Honneur*; pelo Ministério das Relações Exteriores a Medalha do Rio Branco – Chancelaria da Ordem do Rio Branco, no Grau de Grande Oficial; pela Câmara Municipal de Salvador o Título de Cidadão de Salvador e pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia o Título de Cidadão Baiano.

Traçando o perfil de Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa, disse José Maria de Magalhães Neto: “Orador primoroso, dificilmente igualável, dotado de excepcional poder de síntese, apanágio dos talentosos, nos legou autênticas joias literárias. Palavra fácil, polemista e incomparável argumentador, prestou relevantes serviços ao Conselho Regional de Medicina da Bahia, por mais de duas décadas, não só em discussões plenárias em que era praticamente imbatível, mas também, e precipuamente, em pareceres lapidares tendo ainda conquistado o prêmio Arnaldo Matos, destinado ao melhor trabalho a cerca de assuntos éticos, com uma excelente monografia sobre Ética Médica e Tecnologia”.

Luiz Fernando Macedo Costa faleceu, prematuramente, em Salvador, no dia 31 de Outubro de 1984, aos 58 anos de idade.

HERMES TEIXEIRA DE MELO



Hermes Teixeira de Melo é Doutor e Mestre em Educação pela *Pennsylvania State University* e Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Iniciou sua carreira docente como Professor de Ciências Físicas no Colégio de Aplicação da UFBA e de Física nas Classes Experimentais do Colégio Central da Bahia (Classes Piloto) e no Colégio Militar de Salvador (CMS). No Ensino Superior foi Professor do Mestrado em Administração Estratégica da Universidade Salvador – UNIFACS.

Foi Bolsista do CECIBA/PROTAP da *Ford Foundation*, da USAID e da *Fullbright Comission*.

Fez vários cursos de Atualização nas áreas de Ciências Físicas, Ciências da Terra, Química e Biologia.

Foi, também, professor fundador da Faculdade de Educação da UFBA onde, na Graduação, dedicou-se à Metodologia e Instrumentação para o Ensino da Física. Posteriormente, ainda na Faculdade de Educação, ministrou as disciplinas Métodos Quantitativos aplicados à Pesquisa Educacional e Metodologia da Pesquisa.

Orientou várias Dissertações de Mestrado e Doutorado de alunos dos cursos de Pós-Graduação da UFBA e da UNIFACS.

Como pesquisador contribuiu para a Pesquisa na área da Psicologia Cognitiva com seus estudos seminais e, na companhia de pesquisadores americanos, na década de 1980, contribuiu para a criação da área da Psicologia da Imagem. Foi, ainda, pesquisador associado da Universidade do Estado da Pensylvania, nos Estados Unidos, tendo sido admitido na Irmandade “PHI DELTA KAPP”, constituída por profissionais de alto desempenho acadêmico na comunidade educacional americana.

Por mais de quinze anos foi Consultor do MEC nos Programas do PADCT participando de Comissões de Assessoria e Consultoria no segmento

do Ensino de Ciências, tendo participado de diversas Comissões de Avaliação de Cursos em Faculdades e Universidades Brasileiras.

Incorporou à sua atividade docente e de pesquisador vasta experiência em administração acadêmica: Diretor Interino da Faculdade de Educação da UFBA; Chefe de Departamento de Curso de Graduação; Coordenador de Colegiados de Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu e Coordenador Acadêmico da Faculdade Hélio Rocha.

Na Universidade Federal da Bahia ocupou, também, a Coordenação Central de Pesquisa e Pós-Graduação, em duas gestões, e, posteriormente, foi Secretário dos Conselhos Superiores. Foi, também, membro do Conselho Universitário e do Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação, além de Assessor Didático – Pedagógico do 2º CEPU – Curso de Especialização em Planejamento Urbano realizado pela UFBA/SUDENE.

Hermes Teixeira de Melo foi Secretário Municipal de Educação de Salvador e Coordenador do Projeto de Educação Rural do Convênio UFBA/Fundação Rockefeller.

PATRONO

Luiz Gonzaga Cabral

ACADÊMICOS TITULARES

Luís Henrique Dias Tavares

Luiz Augusto Fraga Navarro de Britto

Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza – Atual



A vinda do Padre Luiz Gonzaga para o Brasil deu-se no contexto de uma segunda expulsão dos jesuítas de Portugal. Nascido em 10. de outubro de 1866, na Foz do Douro, no Porto, foi educado pelos jesuítas desde 1883. Em 1897, ordena-se sacerdote e em seguida passa a lecionar no Colégio Lisboa de Campolide, tendo sido seu Reitor de 1903 a 1908. Em 1908 foi designado Provincial da Companhia de Jesus em Portugal e, nessa condição, viu a expulsão dos Jesuítas desse país em outubro de 1910, quando da Proclamação da República. Assim, pela segunda vez, a Ordem sofria um revés, desta vez de alcance limitado ao país sede, em comparação com a primeira a mando do Marquês de Pombal, pouco mais de um século atrás.

Exilou-se primeiro na Bélgica e de lá escreveu e publicou o livro *Passado um Ano de exílio, Carta aos padres e irmãos da Província Lusitana*. Nele faz

referência às perseguições sofridas pela Ordem, ao mesmo tempo em que afirma o modelo evangelizador jesuítico e seu profundo sentimento de fidelidade à Ordem. Já aí se revela a força de ânimo, a fé inabalável e a vocação de Pregador e Educador.

Após o período na Bélgica, em 1917, vem para o Brasil e se estabelece na Bahia onde ensinou Filosofia, Apologética, Língua e Literatura Portuguesa e Latina no Colégio Antônio Vieira. Aqui continuou o trabalho de recuperação da história da Ordem, restabelecendo a figura do Padre José de Anchieta como paradigma pelo seu trabalho missionário e intelectual. Grande orador sacro, não abria mão de atribuir ao Marquês de Pombal as características de mesquinhez e despotismo, responsáveis, segundo ele, pela perseguição que resultou na expulsão dos Jesuítas do Brasil. Foi uma voz ativa na defesa de seus irmãos de fé, tendo escrito diversos trabalhos sobre a presença dos Jesuítas no Brasil.

Sua grande vocação, no entanto, foi a de formador de jovens. Tornou-se Diretor do Colégio, em 1930, permanecendo nesta função até 1933 e ao morrer em 1939, depois de longa enfermidade, era a figura mais popular e querida do Colégio Antônio Vieira. Foram seus alunos, entre outros, Anísio Teixeira e Jorge Amado. O primeiro chegou, inclusive, a cogitar assumir a vida religiosa como Jesuíta, com certeza inspirado na figura do mestre, o que pode ser confirmado pela correspondência trocada pelos dois. O fato de Anísio Teixeira, cuja vida é fonte de permanente inspiração para todos que militam na área de Educação, ter sido influenciado por Padre Luiz Cabral é o atestado do brilho e da densidade das ideias deste religioso, por isso, merecedor da admiração de todos. Mesmo não tendo se tornado religioso, a veemência e o fervor com que Anísio defendia suas ideias e o compromisso com que encarava o trabalho na perspectiva de transformação da sociedade podem ter sido alimentados na convivência com o seu orientador de juventude. Jorge Amado, em que pese sua distância da religião e sua militância no Partido Comunista, também fez referências positivas, revelando-se um discípulo agradecido, segundo alguns dos seus biógrafos.



A figura do Professor Luis Henrique Dias Tavares destaca-se pelo volume de sua obra aliada ao rigor da pesquisa e à qualidade da comunicação. Daí a quantidade e variedade de títulos, livros publicados associados à formação acadêmica e presença no cenário cultural: Doutor em História do Brasil, Pós Doutor pela Universidade de Londres, Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, Professor Honoris Causa da Universidade Estadual da Bahia, Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sócio Emérito do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sócio Emérito da Academia Portuguesa da História, Membro da Academia de Letras da Bahia, Integrante do Conselho Estadual de Cultura, Diretor do Arquivo Público em diversas gestões, são alguns deles. Da pequena Nazaré das Farinhas, onde nasceu a 25 de janeiro de 1926, chegou a Salvador trazendo na bagagem sinais da sua militância profissional e política e da sua inquietação intelectual. Havia fundado com o colega Clóvis Neiva Naya um Jornal, o Parlapatão. Aqui chegando, teve uma experiência no Teatro, participando do Teatro de Estudantes da Bahia – TEB. Ainda estudante do Colégio da Bahia, foi convidado para trabalhar no Jornal O Momento, órgão do Partido Comunista Brasileiro, à época ilegal. É daí que veio o conhecimento com João Batista de Lima e Silva e Alberto Vita, todos militantes e que se tornaram grandes amigos. Jovens idealistas que lutavam não só pela participação do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo mas, também, pelo fim da ditadura Vargas e pela democratização do país. Mais adiante, em 1958, já Professor de Ensino Médio e da Universidade Federal da Bahia, integrou o grupo que fundou o Jornal da Bahia, fruto do desejo de muitos daqueles que haviam militado no Partido Comunista e lutado pela democracia na década de 40, de oferecer à população um jornal independente, insubmisso e inovador na forma. No Jornal da Bahia ele assinava uma seção de crônicas com o título: Cidade, Homens e Bichos. Dessas crônicas saiu o seu primeiro livro de Literatura, *Moça sozinha na sala*, apadrinhado por Jorge Amado,

seu amigo, que por iniciativa própria, selecionou as que considerava melhores e publicou pela sua editora em São Paulo. Outros livros se seguiram, novelas e peças de teatro.

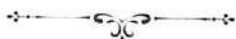
A estas atividades mais identificadas como militância cultural e compromisso intelectual, soma-se o extraordinário trabalho do Historiador. Extraordinário pelo rigor da pesquisa histórica, pela dedicação a temas regionais, no caso História da Bahia e pelo entendimento do papel da história para o presente. Neste particular, são dignas de nota respostas dadas por eles em diferentes momentos a diferentes entrevistadores: Perguntado se o Movimento de 1798 ainda era pouco estudado, ele respondeu: *ainda não é estudado*. Sabendo que a esse tema ele havia se dedicado com afinco, sendo objeto do seu concurso para Professor e para o Doutorado, a pergunta foi se ele havia esgotado o assunto. A resposta dada foi: *ainda está aberto. Em história não há tema fechado*. E mais: *Todo o livro de História pede o estudo, que o leitor raciocine e abra um horizonte para novas interrogações. Assim como meus trabalhos sobre o 1798 não são a última palavra, todos os temas de História estão permanentemente abertos*.

A ideia do conhecimento como um constructo, como sendo um território de perguntas, questionamentos, muito mais do que de respostas e afirmações, está na base da ciência didática. Pode-se encontrar sua origem na Grécia, com Sócrates e a Maiêutica, o que é hoje confirmado pelas pesquisas cognitivas, e aí temos nomes como Jerome Bruner e Howard Gardner, entre outros. Entre os educadores e estudiosos da Didática, são muitos os que trabalham para vencer a ideia, tão arraigada nas práticas docentes, de premiar a resposta certa em detrimento de saber perguntar, começando com Anísio Teixeira, passando por Paulo Freire e para trazer alguns nomes internacionais, David Perkins, Phillipe Perrenoud, Delia Lerner. Pelo que ele expressa nas suas respostas e na sua prática, é preciso acrescentar a esta relação o nome do Professor Luiz Henrique. Sua veia de Professor se revela mais uma vez quando afirma reescrever muito dos seus trabalhos com o objetivo de torná-los mais claros. Segundo ele: *“O propósito é que minhas colocações sejam mais bem entendidas pelos leitores*

– não só pelos colegas profissionais de História, mas por todos aqueles que se interessam pelos assuntos que abordo.”

A Bahia é um tema permanente na vida e no pensamento do mestre Luiz Henrique. Seus livros *História da Bahia*, com várias edições, e *Independência do Brasil na Bahia*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, são obras indispensáveis. Nelas, assim como nas que tratam da chamada Conjuração Baiana, cumpre-se o papel do conhecimento histórico: conhecer e analisar o passado para se entender o presente e preparar o futuro. A bela cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, aí incluído todo o Recôncavo, vai sendo revelada e desvelada, possibilitando a compreensão da realidade presente tão contraditória: história, lutas, tradições, riquezas naturais, belas paisagens convivem com miséria, descaso, atraso, o que enseja a criação de um imaginário ora intrigado – o enigma baiano – ora depreciativo – a indolência baiana, povo festeiro. Ler os seus livros ajuda a entender as origens do atraso e a abandonar estereótipos. Ele mostra como a antiga Capitania foi produtora de artigos de grande circulação, o fumo, o açúcar, a madeira e mostra, também, como ela não foi capaz de sustentar a riqueza e de caminhar no sentido do desenvolvimento. Ao analisar essa situação ele não hesita em dizer que um dos principais fatores para esse atraso foi a manutenção do trabalho escravo. As consequências da escravidão, ainda segundo ele, permanecem até hoje, propiciando um atraso crônico sentido por todo o país, porém mais aguda e fortemente pela Bahia, o que, de novo, o conhecimento histórico ilumina. Conhecer os fatos da história, compreendendo os contextos em que se deram e suas consequências, significa entender a dinâmica da sociedade, as forças que lutam para avançar e para retroceder, as contradições. Dessa forma, o conhecimento favorece a construção do pensamento crítico, o desnudamento de preconceitos e, quiçá, a formação de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa. Sintetizando, quem quiser conhecer a história da Bahia e o lugar que ela ocupa na história do país, há que ler obra do Professor Luiz Henrique.

LUIZ AUGUSTO FRAGA NAVARRO DE BRITTO



Dos três “Luizes” ocupantes da Cadeira nº 30, Luiz Augusto tem a marca da precocidade. Precocidade na entrada nesta Academia, assim como precocidade na vida acadêmica e profissional. Muito fez e com muito brilho, mas também foi precoce na partida, falecendo aos 51 anos.

Nascido em 1935 na cidade de S. Félix, no Recôncavo Baiano, graduou-se Bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, em 1957, tendo concluído o Doutorado em Direito Constitucional e Ciência Política na Faculdade de Direito e de Ciências Econômicas da Universidade de Paris, no ano de 1962.

Em todas as atividades que desempenhou – acadêmicas, administrativas e políticas –, Luiz Navarro de Brito destacou-se pela competência, capacidade de trabalho e produtividade.

Na área acadêmica foi Professor dos Cursos de Mestrado de Educação e de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, além de ser Professor Adjunto de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da mesma Universidade. Exerceu a Docência em diferentes unidades da Universidade a exemplo: da Faculdade de Direito, da Faculdade de Administração, além da própria Faculdade de Filosofia. Foi professor, também, da Universidade Católica de Salvador no Curso de Serviço Social, na Universidade de Brasília e no *Institut d'Etude de Développement Economique et Social*, na Universidade de Paris I-Sorbonne. Ainda no âmbito universitário, o Professor Navarro de Britto coordenou inúmeros grupos de pesquisa, muitas delas enfocando distintos temas de Educação, desde aspectos relacionados ao social – “Educação e Populações de Baixa Renda em Áreas Urbanas da Região Metropolitana de Salvador” e “Determinantes Socioeconômicos do desempenho escolar na UFBA”, às questões sobre a formação do magistério “Formação e Capacitação do Magistério de 1º e 2º Graus”, até as voltadas para o Sistema de Ensino como “Estudo de viabilidade para um sistema de Educação Integrada para

o Polo Petroquímico” e “Relações latino-americanas, sistemas de ensino e de teleeducação em países da América do Sul espanhola”.

Fora da Universidade exerceu, também, a docência e a coordenação em cursos promovidos por diferentes organizações, tais como: Fundação Getúlio Vargas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Prefeitura do Distrito Federal.

Resultado dessa dedicação à vida acadêmica aliada ao interesse pela coisa pública pode ser constatado pela sua produção escrita. A quantidade e variedade de títulos de artigos, ensaios e livros publicados é tão mais espantosa quanto se observa a intensa vida profissional, sempre em cargos de muita responsabilidade, e a sua morte prematura. Destacam-se aqui alguns títulos por abordarem temas de educação: *Teleeducação – o uso de satélites*; *Política, Poder e Direito*; *Educação e Política*, e *a Coletânea Navarro de Britto*, vols I, II e III respectivamente: *Educação na Bahia – propostas, realizações e reflexões*; *Educação no Brasil e na América Latina – questões relevantes e polêmicas* e *Educação – reflexões que transcendem tempos e espaços*.

Na vida profissional ocupou diferentes posições nos âmbitos estadual e federal. Ainda na Universidade foi Assessor do Reitor para Assuntos de Ensino da UFBA, Diretor do Centro de Recursos Humanos da mesma UFBA. Coordenador Instituto de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP/UFBA). Fora do ambiente universitário foi Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, ocasião em que investiu muito nas questões da tecnologia, antevendo o avanço dessa área e o seu impacto na educação, no momento em que se promovia a expansão do ensino público obrigatório.

Seu espírito público e excelente formação acadêmica levaram-no a integrar diversos órgãos de representação entre os quais: Conselho Federal de Educação, Conselho Editorial da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos-INEP e Conselho de Coordenação da Universidade Federal da Bahia.

No âmbito internacional foi Consultor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

Finalmente, como coroamento de uma vida de serviço público, o Professor Navarro de Britto recebeu inúmeras condecorações. São algumas delas: a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito, a Grã-Cruz da Ordem Rio Branco, a *Grand-Croix de l'Ordre de Leopold II* (Bélgica), a Medalha do Mérito Educacional da Bahia.

Luiz Augusto Navarro de Britto casou-se com Emília Maria de Albuquerque Salles tendo deixado quatro filhos: Maria Tereza, Maria Cristina, Maria Dulce e Luiz Augusto.

Faleceu em 1986 de um enfarte agudo de miocárdio, deixando um precioso legado e a memória de um notável Educador, com seu carismático perfil de Professor e paixão pela causa do ensino.

Quando, então, Secretário de Educação do Estado, em 1968, promoveu a instalação da Faculdade Estadual de Feira de Santana, obra que floresceu e frutificou-se em tão próspera Universidade.

MARIA THEREZA OLIVA MARCÍLIO DE SOUZA



Associada da Avante, como fundadora, desde 1991 e atualmente Gestora Institucional, Mestra em Educação pela *Harvard Graduate School of Education* da Harvard University, com concentração em Educação Infantil e Séries Iniciais. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia. Possui larga experiência na implantação e coordenação de projetos pioneiros em Educação Infantil e Alfabetização e na Formação Continuada de Professores das redes pública, particular e do SESI/BA, realizados pela Avante. Foi Professora da Faculdade de Educação da UNB, Assessora Técnica da Coordenação de Educação Pré-Escolar (COEPRE) do MEC, Coordenadora do Programa de Integração da Universidade com o 1º grau na SESU/MEC e ocupou a Coordenação de Programas de Ensino da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador. Como Gerente da Fundação João Souza Góes foi responsável pelo Programa de Incentivo à Leitura e criação de bibliotecas comunitárias. É co-autora dos livros: *A Direção do Olhar Adolescente: Focalizando a Escola* e *O olhar de jovens sobre Direitos Humanos no Brasil*, do currículo de Educação Infantil e Ensino Fundamental 1ª a 4ª série das escolas da rede SESI/BA e do Currículo Unificado da Rede Municipal de Irecê, além de autora de artigos para revistas educacionais e é co-organizadora da publicação: *Primeira Infância em Primeiro Lugar: Experiências e Estratégias em Advocacy*. Atuou com Consultora em programas/projetos de organismos internacionais do UNICEF, da UNESCO, e de Fundações e Institutos privados. Assessorou a Secretaria Estadual de Educação do Ceará e de diversos municípios do Estado da Bahia. Foi Consultora do Programa Pró-Infantil do MEC. Assessorou a ONG dinamarquesa MS na seleção de assessores brasileiros para trabalhar em projetos em Moçambique. Coordenou o Consórcio Social da Juventude na Região Metropolitana de Salvador, projeto do Ministério do Trabalho e Emprego, nas quatro edições. Integrou o Grupo Técnico responsável pela elaboração dos Indicadores da Qualidade na

Educação Infantil. Escolhida *Global Leader for Young Children* pelo *World Forum on Early Childhood Care and Education* para o biênio 2009-2011. Coordenou a Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância no biênio 2011-2012.

Casada com Carlos Alfredo Marcilio de Souza, Maria Thereza, nascida em Salvador, no dia 30 de maio de 1948, tem cinco filhos e sete netos.



Manoel Carlos Devoto



Paulo Fábio Dantas



Maria Romana Calmon de
Bittencourt



Pedro Tenório de Albuquerque



Ruy Barbosa de Oliveira



Sátiro de Oliveira Dias

PATRONO

Manoel Carlos Devoto

ACADÊMICOS TITULARES

Adelmo Soares Pessoa

Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho – Atual



A Cadeira nº 31 da Academia Baiana de Educação tem como Patrono o Professor Manoel Carlos Devoto, nascido em 23.12.1854 e falecido em 20.10.1931.

Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, formado em 1876, destacou-se na vida, não como médico, mas como educador.

Formado como Bacharel em Francês pelo Lyceu Provincial da Bahia, futuro Colégio Estadual da Bahia, conhecido hoje como Colégio Central.

Em 1882, aprovado por concurso, foi nomeado como Professor Cate-drático de Francês do Lyceu Provincial. Tomou posse em 23 de agosto de 1882. Exerceu o Magistério por 36 anos.

Em 1898, foi empossado como 11º Diretor do Lyceu, este que é o estabelecimento mais antigo de Ensino Secundário da Bahia, tendo começado

a funcionar em 1837. Na sua administração o Lyceu passou a se chamar Gymnásio da Bahia. Dirigiu-o por 21 anos, tendo se afastado da sua Direção, a pedido, em 28.05.1919.

Dois anos depois, ainda prestou um último e grande serviço ao mesmo estabelecimento de ensino, num episódio que ficou célebre à época.

“Em fins de dezembro de 1921, por motivo de desentendimento entre a Banca de Aritmética e o fiscal federal, foi o Gymnásio, teatro de cenas graves, que deram em resultado passar o Diretor, dr. Alfredo Constantino Vieira, o exercício da diretoria a quem de direito, sendo então chamado pelo Governo, como elemento coordenador, capaz de debelar a crise disciplinar então reinante, o antigo Diretor – dr. Manoel Carlos Devoto –, já aposentado e enfermo. Tendo acudido ao apelo do Governo, o prof. Manoel Devoto, logo ao penetrar no Gymnásio, cujas portas estavam fechadas pela Força Pública, exclamou textualmente: – Abram estas portas! Meus senhores! Voltando-se para os estudantes, que o saudaram com palmas, disse: – Esta casa é vossa! Defendei-a! Aos agentes da Força Pública declarou: – Os senhores estão dispensados! E tudo voltou à normalidade”.

Este relato, que está na página 282 do livro “Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia” de Gelásio de Abreu Farias e Francisco da Conceição Menezes, publicado em 1937, em comemoração ao centenário do Gymnásio da Bahia, bem mostra a grandeza de caráter e a força moral deste educador que, com muita justiça, teve o seu nome colocado como patrono desta cadeira.

ADELMO SOARES PESSOA



A Cadeira nº 31, só teve um ocupante anterior ao atual. Foi ele o Professor Adelmo Soares Pessoa, originário de Pernambuco, bacharel em Direito e em Ciências Contábeis.

O Prof. Adelmo também teve a sua vida de Educador ligada ao Colégio Estadual da Bahia, onde foi admitido em 16.03.1946 para ensinar Português e Latim.

Fez concurso em 1949 para Professor do Ensino Médio, tendo obtido o primeiro lugar. Progrediu na carreira, passando por seus vários estágios, até 1968 quando alcançou o posto de Professor Catedrático do Ensino Médio.

No exercício deste cargo desempenhou funções de Direção em vários colégios, destacando-se o fato de que foi o primeiro Diretor do Colégio Estadual Manoel Devoto, no Rio Vermelho.

Foi eleito para a Academia pelos grandes serviços prestados à Educação no nosso Estado.

MANOEL JOAQUIM F. DE BARROS SOBRINHO



O Professor Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho nasceu em Salvador, estado da Bahia, em 15.06.38.

Graduou-se Químico Industrial em 1961 pela Escola de Química de Sergipe.

Começou sua vida profissional em 1962 como Professor Assistente de Química Geral da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia – UFBA. No mesmo ano ensinou Química na Escola Técnica Federal da Bahia.

Em 1963 foi contratado pela Escola de Administração da UFBA como Professor de Processos e Equipamentos Industriais e selecionado para fazer o Mestrado de Administração de Empresas na Universidade Estadual de Michigan nos Estados Unidos, o que completou no ano de 1964.

Em 1965, voltou a ensinar na Escola Politécnica da UFBA como Professor de Química Geral e, também, na Escola de Administração como Professor do Departamento de Administração da Produção. Em 1966 concentrou suas atividades na Escola de Administração, onde ensinou diversas disciplinas da área de Administração da Produção, além da disciplina de Diretrizes Administrativas. Aposentou-se na UFBA em 1992.

Em 1973 recebeu do Governo dos Estados Unidos uma Bolsa Fulbright de Pesquisa que o levou a passar cinco meses como Professor Visitante na Escola Wharton da Universidade da Pennsylvania e na Escola de Hotelaria da Universidade de Cornell.

Em 1966 foi contratado pela Federação das Indústrias do Estado da Bahia, onde foi Chefe da sua Divisão de Treinamento. Neste ano foi posto à disposição do Sesi – Serviço Social da Indústria como Consultor em Administração.

Neste mesmo ano de 1966, foi contratado pela Secretaria da Indústria e Comércio do Governo da Bahia como Coordenador do Fomento à Indústria onde projetou, implantou e dirigiu, por 3 anos, o Programa de

Fomento à Indústria no Interior. Foi promovido a Secretário Substituto da Indústria e Comércio em 1969 e a Secretário Titular em 1970, servindo neste posto até março de 1971.

Em 1970, projetou e implantou com outros colegas a Escola de Administração da Universidade Católica do Salvador, sendo seu Diretor Acadêmico até janeiro de 1972.

Neste ano, projetou, implantou e dirigiu, como Diretor Acadêmico, a Escola de Administração de Empresas da Bahia, transformada em 1989 em FACS – Faculdades Salvador, da qual foi Diretor Geral. Na década de 1990 projetou a expansão da FACS e a sua transformação em Universidade. Com o credenciamento da Universidade Salvador – UNIFACS passou a Reitor até junho de 2010, quando assumiu o cargo de Chanceler.

Além da Academia Baiana de Educação, é membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e da Associação Comercial da Bahia, sendo nesta do seu Conselho Superior.

Recebeu o Prêmio Norberto Odebrecht, concedido pelo Rotary Clube da Bahia; o Prêmio de Educador do Ano, concedido pelo Jornal “Folha Dirigida” e a Medalha do Pacificador Sérgio Vieira de Mello, concedida pelo Parlamento Mundial para Segurança e Paz.

É casado, desde 1973, com Stella Maria Pereira Fernandes de Barros tendo quatro filhos e oito netos.

PATRONO

Maria Luiza de Souza Alves

ACADÊMICAS TITULARES

Angelina Rocha de Assis

Lêda Jesuino dos Santos – Atual

Maria Luiza de Souza Alves

Educar é desenvolver o físico, o intelectual e o moral, num conceito unânime, a produzir benéficos resultados.

Instrução é útil, é necessária até, porém educar no temor de Deus, no refreamento das paixões, é ainda mais útil e necessário, no curto período da vida terrena.

(Maria Luiza de Souza Alves)

Baiana, soteropolitana do distrito de Sant'Ana, a jovem Maria Luiza fez o caminho tradicional dentro do seu contexto sociocultural. Após o Curso Primário, ingressa no Instituto Normal da Bahia, incontestável celeiro de talentos femininos, impulsionados, quase por tradição, ao ensino. Ser mestra, um prolongamento do papel de mãe, a exemplo de Sant'Ana

ensinando a Jesus, era, para a mulher, mais que um destino traçado: era um imperativo categórico.

Não tendo filhos de seu casamento com um Professor Emérito e Poeta, Escriturário da Delegacia Fiscal do Tesouro Federal, Candido Seraphim Alves, dedicou-se ao magistério no qual atuou com destaque ensinando Francês, alcançando o nível de tradutora de comédias e romances franceses, merecendo inclusive a publicação destes no Jornal *Mensageiro da Fé*: *Osonia*, *Marcelino*, *A Vingança do Judeu*, *Berta da Alemanha*, todos romances, e mais: *Quo Vadis Domine*, de Amedée Vignola, epopeia religiosa em 14 quadros, e as comédias: *As Margaridas*, *O Jogo das Iniciais*, *A Chave Falsa*, e o drama *Os Mártires de Lyão*, todas com sucesso.

Poetisa, teve suas poesias publicadas na Revista *A Paladina* da qual foi Redatora e Fundadora com Amélia Rodrigues, em 1910. Conferencista e articulista, enveredou pela produção de dramas e comédias.

Entre a Literatura e a Educação, percorreu a jovem professora uma laboriosa trilha existencial, iniciada em 27 de agosto de 1862 e finda 83 anos depois, em 1945, com sua morte. Mas apresentou sempre, como tônica de sua vida, interesses definidos e ações determinadas dentro da complexa área educacional em que penetrou aos 19 anos de idade, quando lhe foi conferida “a carta de habilitação que lhe dá todos os direitos e regalias, marcadas nas leis e regulamentos que regem a Instrução Pública nesta Província”.

Esteve sempre interessada no ensino de valores morais dentro do paradigma educacional do seu tempo, fato evidenciado no título de sua tese para concurso: “O ensino religioso nas escolas”.

Seu interesse bem definido pelo francês, adquirido na infância quando, ao perder seu pai, o português Joaquim Lima de Souza, foi estudar no Colégio dos Órfãos do Coração de Jesus no qual se identificou com a Irmã Vivência Floret, “grande mestra, vinda do Colégio Imaculada Conceição da Praia do Botafogo”; aprendeu, então, com ela a Língua Francesa, a ponto de traduzir, para o Português, poesia e hinos sacros, sendo

nomeada Professora de Francês para a Escola Normal, tornando-se, em 1905, Professora do Curso Complementar (equivalente ao Ensino Médio), anexo à Escola Normal.

Os seus interesses definidos levaram-na a ações determinantes e uma destas, a mais significativa, foi enfrentar um concurso para preencher a vaga da cadeira mista da Barra, distrito da Vitória, na Capital. Foi um “concurso ruidoso e brilhante”, uma vez que havia vontade política do Presidente da Província de nomear uma sua “candidata”. Determinada, enfrenta Maria Luiza uma Banca que a aprova, levando o Conselheiro Almeida Couto a nomeá-la.

Enfrentou determinada outro desafio: fazer parte da Comissão nomeada pelo Diretor da Instrução Pública, Dr. Sátiro Oliveira, para organizar o Projeto de Regimento Interno das Escolas Primárias, tendo sido elogiada pelo seu desempenho em ofício a ela dirigido, louvando-lhe os bons serviços prestados ao Ensino Público.

Maria Luiza, uma mulher de interesses definidos e ações determinantes, indiscutivelmente se destacou no panorama Educacional da Bahia.

Paradoxalmente, sua fragilidade física, sua estatura pequenina, sempre “com um pince-nez de ouro pendurado de um broche ao peito”, contrastava com sua potência intelectual, sua corajosa firmeza para ações determinantes e desafiadoras dentro, naturalmente, da axiologia dominante nos séculos XVIII e XIX.

Após a aposentadoria, teve mais uma determinante ação que a engrandece. Preocupada com seus sobrinhos, continuou a traduzir textos do francês para ajudar a criá-los. Fundou uma escola e um pensionato para moças, além de outra escola de primeiras letras em outro local, só para meninos. O que possibilitou essa realização foi ter herdado do marido um velho casarão no Jogo do Carneiro, no Bairro de Nazaré, o qual doou ao Colégio onde foi educada, como preito de gratidão.

Sua dedicação à Literatura e à Educação deve-se a não ter tido uma vida afetiva feliz. Casada com um viúvo, com filhas quase da sua idade, que

transitavam nas festas e reuniões sociais, teve dificuldade de harmonizar um lar de ideias e costumes antagônicos aos seus. Afastada do marido, embora sem separação legal, conserva seu sobrenome, Alves, e volta-se para seus interesses determinantes.

Passa, então, a escrever muito, talvez desejando justificar sua discordância dos pensamentos e ações de suas enteadas. Chega a ser Redatora-Chefe da Revista *A Paladina*, na qual pontificava Amélia Rodrigues e que objetivava “a manutenção da moral e dos bons costumes da sociedade, solicitando a colaboração dos homens e da sociedade em geral para o projeto que salientava a importância do papel que a mulher representa na sociedade moderna”.

Maria Luiza assumiu a Chefia de Redação da Revista, após a saída de Amélia Rodrigues e modificou o seu título para *A Paladina do Lar*. Amélia Rodrigues, por sua vez, também fundou outro periódico chamado *A Voz da Liga Católica das Senhoras Baianas*, modificado depois para *A Voz*., recomendado à sociedade pelo Arcebispo da Bahia.

Nos periódicos *A Paladina do Lar* e *Mensageiro da Fé*, a produção literária de Maria Luiza se apresenta com “uma linguagem fácil, em geral prenhe de encômios, vocabulário romântico” vinculada à “visão de mundo ainda presa ao século XIX”.

Essencialmente católica, toda sua obra está visivelmente impregnada de uma conceituação religiosa bem definida, que reflete a sua constante preocupação em preparar a mulher para ser realmente a Rainha do Lar, a Mãe de Família, sendo a família o centro do universo feminino.

Em 1915, escreve Maria Luiza: “a mãe de família desempenha um sacerdócio no interior de sua casa, principalmente quando Deus lhe confia esses tesouros que chamam filhos”.

Não é à toa que coloca, em sua revista, o título *A Paladina do Lar*. A mulher não deve ser ociosa, de acordo com seu pensamento, pois escreve incitando todos ao trabalho, considerando que o dever está acima de qualquer outro anseio, e as virtudes cristãs são essenciais e devem ser prioritárias.

Nos seus textos, estão presentes as virtudes teológicas Fé, Esperança e Caridade, e as cardinais Fortaleza, Prudência, Temperança e Coragem. A Fé, dentro da teologia católica, impõe a ajuda monetária na obra de sua propagação. A Caridade deve estar ligada à felicidade, pois “bem felizes os abastados da fortuna que a utilizam em derramar benefícios sobre seus irmãos”.

Coragem e Temperança, como virtudes cardinais, são acentuadamente referidas como dever da mulher para tornar seu lar um ambiente harmonioso para o marido e os filhos.

Patriota, toma a coragem de Colombo e suas virtudes como exemplo para as mães: persistência, coragem, firmeza, determinação com o lema “querer é poder”.

Poetisa, em versos simples e despretensiosos, induz os jovens a uma conduta serena, com paz, sossego, moderação e gratidão, em função do Amor a Deus. Cita como mau exemplo a borboleta em versos rimados:

Graciosa, bela
Louca a voejar
Lembras uma estrela
A nos visitar.
Sem perseverança,
Vais d'aquí, de lá
Quem seguir-te a dança
Não progredirá.
Minha Borboleta
Gozo do jardim
Vives irrequieta
Sem propor-te um fim
Não é meu desejo,
Existência igual
Refletindo vejo
N'isto um grande mal.

A Paz resulta da consciência pura, de quem cumpriu o dever. Fazendo análise sobre o respeito humano, julga Pilatos que, para não desagradar a César, condena Jesus, atento ao respeito humano.

A mulher obediente teme e segue Maria, a mãe de Jesus, sempre se purificando, à Lei obedecendo cegamente.

“As mulheres gentis, assinantes da Revista ‘A Paladina do Lar’, serão ditosas agindo com criteriosa moderação”.

É enfática ao responsabilizar os pais pela educação moral dos filhos, dando-lhes bons exemplos com base na verdadeira virtude.

De uma fé expressa num belo poema, escolhe Maria, mãe de Jesus, e a invoca para ajudá-la quando “o céu se faz de chumbo”. Nesse momento, recorre “a fervorosa prece” e entrega a sua vida: “Oh ama e abençoa a filha que a ti vai, mãe de Deus, minha mãe”.

Assim pensava a educadora Maria Luiza Alves de Souza, numa época em que o ideal feminino estava inserido num código explícito: ser Mãe e Mestra como foram Maria e Sant’Ana, tendo Jesus como farol iluminando os caminhos.

A poética de Maria Luiza merece ser pontuada, pela singeleza quase pueril dos seus versos tão ajustados aos seus sentimentos, dominados pelo ideário feminino do seu tempo:

Dos seus papais a ventura
Entre sonhos do Porvir,
E beijar-lhe a fronte pura,
Nos arroubos da ternura
Que ninguém sabe exprimir.

E têm razão, que de um filho
Muito se deve esperar,
Quando do segundo trilho
Que tem do Deva o Brilho
Encontra o exemplo no LAR.

Dos grandes homens notáveis,
Que a morte não faz morrer,
Ao feitos inimitáveis
Da Infância no alvorecer.

Ês de teus pais a ventura
Sentem crescer o vigor
Na expressão ardente e pura
Do mais entranhado Amor.

Por ti se esforçam gostosos
Nada lhes custa empreender
Querem ver-te entre os ditosos
Nos dias do teu viver.

Corresponde, meu menino,
A sua dedicação
Apesar de pequenino
Dá-lhe todo o coração
Pois seus queridos papais
Serão Bondades escassas
E nunca lhes pagarás.

Não te esqueças, entretanto,
Caro amiguinho gentil,
Que se lhes fores o encanto,
Deus te dará graças mil
Porque de um filho as carícias
Os beijos, as atenções
Enchem os Pais de delícias
Desterrando as aflições.

ANGELINA ROCHA DE ASSIS



O respeito ao passado e ao valor de sua contribuição, cada novo acadêmico só sente de perto quando estuda a vida de um patrono e a tradição não quer dizer que os vivos estão mortos, mas que os mortos estão vivos (Heonir Rocha)

Entendemos que, numa Academia onde o fato educacional em si mesmo é essência e razão de ser de sua própria existência, a visão crítica deve estar aguçada, desenvolvida numa linha filosófica autêntica de contínua busca, com a serenidade da sabedoria, não com a arrogância do saber.

Ocupante da Cadeira nº 32 da Academia Baiana de Educação, Angelina Assis não era a “dama de ferro”, como atestam os que com ela conviveram, mas resistiu bravamente a um câncer para cumprir o que considerava sagrado: o seu dever de lutar pela Educação Infantil, acreditando sempre que os valores são introjetados no período então chamado Pré-Escolar.

Era tão forte e positivo o seu trabalho que levou Elizete Passos na sua biografia (p. 55) a afirmar que ela ia “na contramão da época”. Defendeu ferrenhamente a formação universitária para todos os professores da Pré-Escola. Conseguiu naquela época áurea que as professoras ficassem sábados e domingos em Cursos de Aperfeiçoamento a fim de que os seus desempenhos estivessem no nível desejado por ela.

O aluno como centro do processo era o seu lema. A incessante busca do melhor, do maior, do mais perfeito levou Angelina para fora do País à procura de novas metodologias, novas formas de despertar o interesse não só do aluno, mas também dos seus professores, que precisavam estar sempre saudavelmente felizes para irradiar alegria e afetividade. Colocava a alegria como um dos fundamentos da sua prática. Identificar-se com a felicidade, com a alegria, passou a ser uma meta.

Jamais permitiu que seus estagiários assumissem logo as classes, sendo obrigados a passar por um processo de contínuo aperfeiçoamento até se

sentirem prontos para realmente ensinar. Afinal, sua responsabilidade era bem dimensionada por todos: a Baronesa de Sauípe, sua escola e também seu lar por opção e ideal, era um exemplo de escola experimental, respeitada e visitada por aqueles que tinham condição de realizar uma análise pedagógica, mas, sobretudo, totalmente aceita pelos pais dos seus alunos.

LEDA JESUINO DOS SANTOS



Nascida no Rio Vermelho, bairro marcante de Salvador, passei minha infância entre árvores e animais. Fui aluna do Colégio Americano, hoje Colégio Dois de Julho, onde estudei durante nove anos, equivalentes ao ensino fundamental de hoje, mas, naquela época, sendo os quatro primeiros o chamado Curso Primário e os cinco restantes correspondendo ao antigo Ginásio que facultava, ao final do curso, o Diploma de Bacharel em Ciências e Letras.

Preparava-me, em seguida, para ingressar na carreira diplomática, quando Getúlio Vargas, Chefe de Governo da época, proibiu, por decreto, o ingresso de mulheres nessa carreira. Submeti-me, então, ao vestibular para o Curso de Filosofia na novel Faculdade criada por Isaías Alves, lá permanecendo os quatro anos exigidos, até 1947, recebendo dois diplomas: o de Licenciada e o de Bacharel em Filosofia.

Ensinei Filosofia no Colégio Sophia Costa Pinto e no Colégio Ipiranga, tendo, logo depois, voltado à Faculdade de Filosofia da UFBA como Professora da disciplina História da Filosofia, o que se constituiu no grande desafio profissional da minha juventude. Pelo insistente convite de Dr. Isaías Alves, então Diretor daquela Instituição, assumi a direção do Colégio de Aplicação e, anos depois, fui indicada para compor a Comissão de Reforma da UFBA, no reitorado de Dr. Miguel Calmon, e para elaborar o Projeto do Colégio Universitário.

Enquanto lecionava na Faculdade de Filosofia, cursei Serviço Social na Escola de Serviço Social, que ainda não pertencia à Universidade Católica de Salvador, tendo defendido trabalho de conclusão de curso que se encontra, hoje, na Biblioteca do Hospital Santa Izabel, onde realizei o estágio probatório. Na mesma Escola, lecionei a disciplina Serviço Social Médico.

É importante considerar que todos os cargos por mim ocupados na Universidade Federal da Bahia foram exigência das necessidades administrativas e educacionais da Instituição, nunca por mim pleiteados.

Assim, depois de ter coordenado o Projeto do Colégio Universitário, assumi a Coordenação do Setor de Educação do Centro de Ciências da Bahia – CECIBA, coordenei também a experiência das Classes Experimentais (Convênio MEC/SEC/UFBA), sendo nomeada Diretora da Faculdade de Educação da UFBA, após coordenar a sua implementação, e posteriormente, Pró-Reitora para Assuntos de Graduação, no reitorado de Macedo Costa, em 1980.

Fui, ainda, Membro do Conselho Estadual de Educação, Coordenadora Municipal do Mobral e, a serviço da UFBA, coordenadora do Projeto Rondon em Barreiras, interior da Bahia.

Como Assistente Social, trabalhei na LBA e coordenei o LAR FRANCO BELCARO e projetos no Instituto de Cegos da Bahia.

Fui honrada com muitos títulos dos quais destaco: Professor Emérito da UFBA (1999); Personalidade Educacional de 2007 – eleita em votação direta pela comunidade educacional da Bahia, pela grande contribuição à Educação; Prêmio Cogito de Arte, Cultura, Filosofia e Educação concedido pela Cogito Editora, em 2010.

No momento atuo na Academia Baiana de Educação na condição de sua Presidente de Honra.

Tenho publicado em jornais, revistas e coletâneas, crônicas e poesias, estando em organização um livro de crônicas.

PATRONO

Maria Romana Calmon de Bittencourt

ACADÊMICOS TITULARES

Jorge Calmon Moniz de Bittencourt

José Corgosinho de Carvalho Filho



Maria Romana Calmon de Bittencourt



A professora Maria Romana Calmon Bittencourt (1871-1958), Patrona da Cadeira nº 33 da Academia Baiana de Educação, ou Dona Romana Calmon, como ficou conhecida no meio educacional, foi uma grande Educadora do Estado e exemplo de mãe dedicada à educação dos seus filhos.

Moça culta e muito premdada, graças à primorosa educação que recebera, inclusive a musical que lhe permitiu tornar-se uma festejada pianista, iniciou sua carreira no Magistério na velha e tradicional Escola Normal da Bahia (mais tarde intitulado ICEIA), onde pontificavam as mais ilustres figuras da educação baiana, e pelo exercício do magistério foi notadamente reconhecida. Falava fluentemente várias Línguas Estrangeiras – excepcionalmente Alemão e Francês. Além de compositora, era também pintora, revelando notável aptidão para as artes.

Grande mestra, a Professora Romana era extremamente respeitada e admirada pelos seus alunos. A sua postura de grande dama e mestra ornava o quadro dos docentes da conceituada Escola Normal. Vale salientar que, no seu tempo, as disciplinas de Educação Doméstica, Prendas, Trabalhos Manuais e Música eram consideradas de fundamental importância, ao lado de outras mais voltadas à formação profissional.

Hoje, em reconhecimento ao seu legado, uma das escolas do Estado da Bahia, situada na cidade de Salvador, bairro do Engenho Velho de Brotas, que abrigam mais de 500 alunos, leva o seu nome, bem como uma rua situada no mesmo bairro.

Certamente, os aspectos de maior relevância na vida da Professora Romana Calmon se respaldam no seu brilhante desempenho como digna mestra e grande educadora no seu lar. Os seus ilustres filhos foram todos muito bem formados para se projetarem em nossa sociedade: Nicolau, Pedro, Jorge, Dulce, Maria Tereza e Maria Romana.

JORGE CALMON MONIZ DE BITTENCOURT



O terceiro filho da Professora Romana, sucessor e Acadêmico Titular dessa mesma Cadeira, teve uma papel significativo na Educação e na História da Bahia e do Brasil. Membro, também, da Academia de Letras da Bahia, Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, Jorge Calmon nasceu a 7 de julho de 1915, em Salvador, onde, posteriormente, se diplomou em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia. Dedicou-se ao Magistério, carreira em que acumulou uma série de experiências, quando lecionou na Escola Comercial Feminina da Bahia e assumiu a Cátedra de História Americana, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA; de 1957 a 1958, ministrou aulas como Professor contratado de Direito Constitucional, no curso de Bacharelado e, como Docente de Direito Público Comparado, no curso de Doutorado, na Universidade Federal da Bahia, onde foi também regente da disciplina História da Civilização Americana.

O professor Jorge Calmon ocupou vários cargos na administração superior da universidade, tendo sido, no período de 1959 a 1964, Chefe do Departamento de História e de Jornalismo, além de participar de várias comissões julgadoras de concurso para professores. Representou a sua Universidade em simpósios, conferências e colóquios, dentro e fora do Estado da Bahia, fazendo-o sempre com competência, seriedade e desenvoltura, devido à vasta cultura de que era portador. Afora o magistério, Jorge Calmon circulou em outros setores, emprestando também a sua dedicação, o seu empenho e os seus valores a outras áreas. Foi Parlamentar e Secretário da Justiça; Ministro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, de 1967 a 1971, além de haver exercido os cargos de Presidente da Comissão Mista de Conciliação do Estado da Bahia, de 1938 a 1939. Foi Diretor da Biblioteca Pública do Estado, de 1938 a 1942. Na vida pública do Estado, soube dignificar, como poucos, os votos de seus eleitores, ao incorporar, em seu mandato de Deputado à Assembleia Constituinte da

Bahia (1947) e à Assembleia Legislativa (1947-1951; 1951-1955), na qualidade de Vice-Líder da maioria, os problemas mais urgentes da população.

Estudioso das questões relativas à migração de nordestinos, mormente de baianos, para São Paulo, desde a década de 30 até 1998, Jorge Calmon dedicou-se em fazer pesquisas pessoais através de amplo estudo da literatura existente sobre o assunto e de observações feitas “in loco”. Nesse trabalho, cuidou de identificar as causas, o volume e a dinâmica desse Movimento que expulsa de sua terra natal um contingente enorme de homens e mulheres. Interessam-lhe “... as estradas e os homens”, seu *leit-motif*, como diz o professor Milton Santos no prefácio do livro *As estradas corriam para o sul*, de autoria de Jorge Calmon, publicado pela EGBA e datado de 1998. “Seu texto, afirma o prof. Milton Santos, revisita a geografia e a história, a economia, a sociologia e a política de duas grandes regiões: o Sudeste e o Nordeste” (p. 8).

Na busca de explicações para o êxodo rural que, segundo o autor, apresentou um declínio na década de 70, ele aborda a questão da Seca e da Reforma Agrária como temas a serem revistos e analisados. Sugere nosso Parlamentar pesquisador que se medite sobre “um plano de reforma agrária que obtenha pleno consenso da nação” (p. 239). Tal questão, em sua opinião, exige uma ação conjunta da União, dos Estados e dos Municípios, a partir de um plano de solidariedade nacional. Com este trabalho, Jorge Calmon fornece subsídios para novos estudos e ações futuras, no sentido de encontrar alternativas possíveis capazes de cicatrizar essa ferida aberta que, há tantos anos, penaliza a população do Nordeste.

Além de Escritor, Professor e Parlamentar, este insigne homenageado é Jornalista, tendo sido, durante décadas, Diretor Redator-Chefe do Jornal “A Tarde”, contribuindo com vasta produção escrita, que vai do discurso às palestras e conferências, entre as quais destaco *História da Vida de Abrantes*, *A independência da Bahia*, *A História de Ilhéus*. Notáveis foram seu discurso de posse na Academia de Letras da Bahia; o de recepção ao Acadêmico Wilson Lins, nessa mesma Academia; o de homenagem

a Josaphat Marinho, bem como as obras de caráter histórico, tais como *A Galera Belisário*, ensaio que obteve o prêmio AUB de Literatura, em 1936, *A Revolução Americana* – 4 estudos, 1973, e a *Flotilha Itaparicana* – um capítulo da Guerra pela Independência da Bahia, 1972, entre outras, somadas à numerosa e constante produção para a imprensa assinada.

Agraciado, ainda, com inúmeros títulos beneméritos e honorários, destacam-se os de Presidente de Honra do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; a Medalha de Mérito Jornalístico, outorgada pela Associação Baiana de Imprensa; o Diploma *di Benemerenza da Societá Dante Alighieri*, de Roma, Itália etc. Jorge Calmon construiu uma fantástica história de vida como profissional e como ser humano inserido no seu tempo, no seu contexto cultural, social e político, afinado com as expectativas e as esperanças do povo baiano, sensível às lutas de seus conterrâneos por uma qualidade de vida melhor. Como o apóstolo São Paulo, “combateu o bom combate”, dividindo com o povo baiano os louros da vitória, porém convocando todos a seguir-lhe os passos, a enfrentar novos desafios. Este rico legado, põe a nu a fragilidade humana e suas limitações, mas, também, nos estimula a superá-las para que, dentro das possibilidades de cada um, possa-se unir forças em defesa de uma Educação de qualidade.

JOSÉ CORGOSINHO DE CARVALHO FILHO



Ocupante da cadeira, de nº 33, sucessor do Sr. Jorge Calmon, o engenheiro José Corgosinho de Carvalho Filho, dedicou os resultados do êxito dos seus negócios na área de Mineração e Metalurgia à problemática educacional brasileira, principalmente dos Municípios mais pobres do nordeste.

Em 1975, quando o conceito de Responsabilidade Social era muito pouco difundido no Brasil, José Carvalho, no auge da sua vida, aos 44 anos de idade, doou a maior parte das ações que possuía da Cia. de Ferro Ligas da Bahia – Ferbasa para a Fundação José Carvalho, tornando-a acionista controladora da Companhia.

José Carvalho justifica seu desprendimento ao sentimento de patriotismo e gratidão que tem pelo Brasil pois, embora tenha nascido em família de poucos recursos no Município de Martinho Campos – MG, foi através da educação e das Bolsas de Estudo recebidas, que lhe foi dada a oportunidade de embasar sua carreira profissional, através de instituições de ensino de excelência, graduando-se em Engenharia Civil, de Minas e Metalurgia.

Hoje, a Instituição por ele fundada, há mais de três décadas, voltada à Área Educacional, beneficia, anualmente, a cerca de 6 mil crianças e adolescentes, por meio do oferecimento de Educação gratuita no Ensino Fundamental, Médio, Técnico e Profissionalizante, através de 6 (seis) Escolas próprias e projetos, convênios e parcerias nos interiores da Bahia, Pernambuco e Sergipe.

José Corgosinho de Carvalho Filho faleceu em 21 de outubro de 2015, aos 84 anos

PATRONO

Paulo Fábio Dantas

ACADÊMICOS TITULARES

Raymundo Nonato de Almeida Gouveia

Fernando Floriano da Rocha

José Rogério da Costa Vargens – Atual



Nasceu a 31 de julho de 1900, numa chácara de propriedade de sua família, no Matatu de Brotas, Cidade do Salvador, filho de Pedro Joaquim e Clotildes Dantas.

Casou-se, em 1924, com Maria Rosa de Almeida Gouveia (1904-1973), D. Rosinha, e tiveram nove filhos: Judith, Raymundo, Milton, Noélia, Maria Luiza, Paulo, falecido ainda criança, José Luiz, Alberto e Ana Maria. Soube transmitir aos mesmos o interesse pela educação, quatro deles (Judith, Milton, Noélia e Ana Maria) trabalharam no Magistério Público e Raymundo, como funcionário, na Secretaria Estadual da Educação. Dos seus 15 netos, dois são professores.

Nem sempre pôde optar pelo que lhe era mais agradável, posto que, desde muito cedo, quando ainda adolescente, perdeu o pai, já despojado da

chácara, e ainda mais depois, ao constituir numerosa família. Assim, sua vida foi pontilhada por frequentes dificuldades financeiras. Só em plena maturidade, em grande parte pelo empenho e obstinação de sua esposa, conseguiu, por exemplo, dispor da estabilidade de uma casa própria, seu único patrimônio material adquirido ao longo da vida. Entretanto, em que pesem as dificuldades, pôde ter a felicidade essencial de realizar a sua grande vocação de Educador.

Diplomou-se Professor pelo Instituto Normal da Bahia – hoje, Instituto Central de Educação Isaías Alves – em 1918. Nesta Instituição de Ensino exerceu o magistério por 38 anos, desde 1922, lecionando Ciências Físicas e Naturais e, especialmente, Matemática, matéria da qual se tornou Catedrático.

Sua trajetória no Instituto Normal incluiu o exercício da função de Vice-Diretor, durante a gestão do então Diretor Professor Alfredo Nogueira Passos, chegando, interinamente, a assumir a Direção, por breve período.

Colega e grande amigo do Professor Álvaro Augusto da Silva, foi seu incansável parceiro, especialmente quando, exercendo a Direção do Instituto, aquele saudoso mestre liderou um grande e bem sucedido esforço para concretizar o sonho de instalar aquela Escola numa nova e arrojada sede, onde até hoje funciona, no bairro do Barbalho.

Na idealização e na luta pela conquista da sede, no cuidadoso acompanhamento das obras e na mobilização da comunidade da escola para a transferência das atividades à nova casa, o professor Álvaro encontrou em Paulo Fábio um entusiasmado colaborador e cúmplice.

Lecionou, também, por períodos mais curtos, no Colégio Estadual Duque de Caxias, em alguns colégios privados e na Faculdade de Ciências Econômicas, aí como substituto do mesmo Professor Álvaro Silva, na cadeira de Geografia, que era, ao lado das Ciências Naturais e mais até do que a Matemática, a sua maior paixão intelectual.

A conduta de Paulo Fábio Dantas na qualidade de Educador marcou a memória de várias gerações de jovens baianos, por quatro décadas.

Ainda hoje seus descendentes comprazem-se em ouvir, nos mais variados lugares, e da parte de uma virtual unanimidade de seus ex-alunos, palavras de intenso carinho, gratidão e saudade, nas quais os adjetivos mais gratificantes mostram-se perfeitamente ajustados à substância espiritual e ética do seu perfil pessoal.

A bondosa mansidão do seu temperamento o impedia de comportar-se com pretensões a juiz dos seus alunos, assim como nunca o quis ser dos filhos, dos amigos ou de qualquer pessoa, ainda que a força persuasiva do seu caráter pudesse provocar, à sua revelia, autocensura em quem tentasse viver, sem sucesso, segundo a sua moldura.

Diante dos jovens era, vale repetir, ao reverso de um juiz, um ouvinte compreensivo, confiante observador e eficaz conselheiro, cujo argumento, por excelência, mais que a sanção disciplinar ou a pregação moral, sempre foi o exemplo, obstinadamente praticado, embora modestamente, com rara sobriedade e nenhuma ostentação.

Buscar o foco da ribalta não era o seu desiderato, nem sua vocação. Mestre do cotidiano, o segredo do êxito que obteve na obra que abraçou como missão primordial da sua vida provinha menos de um arrojo nos acabamentos e mais da paciente construção de alicerces, obra tão calma e moderada como o tom da sua voz, a qual jamais precisou se levantar para se fazer observada.

Na sala de aula, mais que a aula, valia a mensagem educativa e nesta, mais que a palavra, a atitude. Dentre as partes do seu corpo mobilizadas no labor do ofício, certamente o coração e os ouvidos foram as empregadas com mais frequência, zelo e inteireza, e os veículos mais importantes através dos quais entregou sua alma ao Magistério.

Ao se aposentar, em 1960, a ninguém seria possível afirmar com precisão se a maior lacuna ficava entre os colegas que perdiam o seu convívio, entre os novos jovens que não teriam mais o privilégio de tê-lo como mestre ou entre os seus próprios botões, no âmago do seu próprio

espírito, viúvo agora do contacto diário com todos aqueles, os colegas e os jovens do seu querido Instituto.

Se assim foi Paulo Fábio Dantas como Professor, não menos Educador tentou ser nos momentos em que exerceu mandatos de Vereador na Cidade do Salvador, nos períodos de 1951 a 1955, de 1959 a 1963 e de 1967 a 1971. Adentrou à Câmara Municipal, que tanto respeitou e dignificou, já homem maduro, aos 50 anos de idade, quiçá acalentando o sonho de fazer dali o espaço de continuidade do seu magistério.

Sendo outro o auditório e diversos os meios a empregar, certamente, na atividade política, deve ter o Professor, apesar dos anos já vividos, experimentado um complexo e penoso retorno à condição de aluno.

Modestos foram os resultados do aprendizado, pois era sua decisão guiar-se na vida pública, não apenas, como é desejável, pelos mesmos princípios que guiavam sua vida de homem e educador, como pelos mesmos procedimentos e meios, o que já aí configurava, talvez, uma impropriedade.

Mesmo quando ambos são sérios, honestos e trabalhadores, não são da mesma natureza as habilidades requeridas a um professor e a um político de formação democrática. Para missões diversas certamente cabem diferentes modos de agir; se de ambas se requer flexibilidade e transigência, as do professor encontram um limite no que ele julga ser o certo, as do político, no que ele constata ser o possível; enquanto no Magistério ser discreto é uma virtude, na política, sê-lo é, naturalmente, uma limitação.

Tal concepção do que deveria ser a representação popular naturalmente não poderia sustentar, numa sociedade de massas, uma carreira política propriamente dita. Mesmo assim, não lhe faltou, em 3 das 7 vezes em que disputou eleições, o reconhecimento dos seus concidadãos e, em 1962, da parte do Sindicato Unificado dos Professores do Estado, o título de Sócio Benemérito.

O professor Paulo Fábio Dantas viveu os oito últimos dos seus quase 79 anos de vida circunscrito ao mundo da sua família e a um reduzido círculo de amigos.

Um infarto colheu o seu coração na tarde do dia 5 de março de 1979 e lhe deu o descanso a que nunca se permitiu em vida. Deixou aos seus contemporâneos um grande exemplo, como cidadão, de conduta ilibada; como Educador, de devotamento à sua causa; na sua incursão como político, a ética, a lisura, a coerência e o compromisso com seus elevados fins, de que tanto carecem os quadros da vida pública na atualidade brasileira.

RAYMUNDO NONATO DE ALMEIDA GOUVEIA



Nasceu em 19 de outubro de 1907 na Rua dos Perdões, freguesia Santo Antônio Além do Carmo, nesta Capital, filho de Hermano José Almeida Gouveia e de Maria Cecília Carvalho de Almeida Gouveia. Casou-se aos 22 anos com Angel Midlej de Almeida Gouveia, que tinha apenas 15 anos de idade, e com ela permaneceu por 65 anos, tendo quatro filhos: Maria Cecília, Celeste Hermana, Raymundo Nonato e Antônio Carlos.

Durante os seus 95 anos de vida, desenvolveu duas carreiras: como Médico e como Educador.

Nesta Academia foi um dos Fundadores, seu primeiro Presidente e primeiro ocupante da Cadeira nº 34, que tem como Patrono Paulo Fábio Dantas.

Realizou o Curso Primário na Escola Estadual Arão Carneiro, situada na Ladeira do Baluarte e na escola do professor Candido Abbad. O Curso Secundário foi integralizado no Colégio Antonio Figueiredo de Souza e no Ginásio Ipiranga.

Ingressou na Faculdade de Medicina aos 14 anos, diplomando-se com apenas 20 anos. Durante todo o curso figurou como um dos melhores alunos da famosa turma de 1927, cujos egressos marcaram a Medicina baiana daquela geração como Antônio Simões, Bráulio Xavier, Carlos Moraes, Hosannah de Oliveira, Jorge Valente, José Silveira, Luiz Rogério de Souza e Thales de Azevedo.

Ao longo de sua vida escolar beneficiou-se de professores consagrados, que muito influenciaram a formação de seu caráter e o gosto pelas Letras, como Américo Simas e Isaias Alves, na Educação Básica, e Aristides Novis, Couto Maia e Pirajá da Silva no Curso de Medicina.

Durante os cinco primeiros anos de carreira, exerceu a Medicina no interior do Estado. Inicialmente, como Inspetor Sanitário, combatendo os surtos de varíola, malária, peste bubônica e outras enfermidades contagiosas em cidades das regiões do Nordeste e do São Francisco, como,

Xique-Xique, Santo Inácio e Bom Jesus da Lapa. Os dois últimos destes anos passou na região do cacau, clinicando nas atuais cidades de Uruçuca, Dois Irmãos, Barra do Rocha e Ipiáú.

Retornou para Salvador, em 1932, decidido a exercer aqui sua atividade médica e buscar oportunidades docentes, motivado por sua vocação para o ensino.

Em sua carreira profissional foi Médico do Ministério da Saúde, aprovado em primeiro lugar em concurso realizado, e exerceu diversas outras funções, entre as quais foi Diretor Técnico e Vice-Presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Diretor do Departamento de Educação e Saúde da Bahia e Chefe do Serviço Social, de Medicina e de Educação do Serviço Social da Indústria da Bahia (SESI). Foi, ainda, Capitão Médico R-2 do Exército e Conselheiro do SENAI.

Como Educador, o início de sua carreira está marcado pela aprovação em concurso para docência de Clínica Obstétrica, no ano de 1936.

Foi Professor Catedrático de Higiene Geral e Escolar do Instituto Normal, Professor concursado de Sociologia Geral do Colégio da Bahia e Professor Titular da Universidade Católica do Salvador, permanecendo no exercício desta função até os noventa anos de idade. Lecionou, igualmente, nos estabelecimentos Educandário dos Perdões, Instituto Feminino da Bahia, Liceu Baiano, Colégio São José e Colégio São Salvador.

Sua vida foi marcada por uma intensa atividade intelectual, que se traduz por mais de vinte livros publicados e cerca de quatro centenas de palestras, artigos e publicações sobre temas ligados à Literatura, Poesia, Medicina e Educação.

Falando de si próprio, escreveu:

"Chego aos meus noventa anos de idade e não me vale perguntar se teria sido mais, ou melhor, sendo somente médico ou somente professor. Indagação agora totalmente desnecessária se não trás qualquer reparação do tempo, possivelmente perdido ou mal aplicado"

"Se fui só médico estou satisfeito. A medicina deu-me saúde, compreensão da vida, bem estar e aceitação dos fatos que me ocorreram. Outros que eu fosse não teria sido melhor. "Militar", não suportaria a rude inflexibilidade da disciplina obediente. "Religioso", a dúvida abalaria a minha Fé. "Comerciante", o lucro me afetaria o caráter. "Agricultor", poucos frutos me trariam desengano. "Professor" fui, mesmo contrariando a "didática". "Poeta" não sou, faço versos."

Entre outras atividades, foi Delegado Federal da Criança, Membro Fundador e Presidente do Instituto Baiano de História da Medicina, Membro da Academia de Medicina da Bahia, Membro da Academia de Letras Castro Alves, Membro da Academia de Médicos Escritores e Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Faleceu em 8 de abril de 2002.

FERNANDO FLORIANO DA ROCHA



Ingressou nesta Academia em 1º de dezembro de 1999 e, lamentavelmente, permaneceu por pouco tempo, devido a seu desaparecimento, súbito, trágico e precoce, em 19 de maio de 2000.

Nascido em Castro Alves, a 15 de maio de 1941, adotou Cruz das Almas como seu berço natal e, ao que parece, seu domicílio preferido, onde cursou o Ensino Fundamental e, após um período de ausência, concluiu o Curso Normal no Colégio Estadual Alberto Torres, em 1963.

Licenciou-se em Geografia pela UFBA, em 1969, e concluiu o Mestrado em Educação pela UNB, em 1979.

No Ensino Básico, exerceu o magistério em Cruz das Almas no Colégio Estadual Alberto Torres e no Colégio Cruz das Almas, que ele próprio fundou e, em Salvador, no Colégio das Sacramentinas.

No Ensino Superior, lecionou na Escola de Agronomia e na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, bem como, na Faculdade de Educação da Bahia.

Foi Membro do Conselho Estadual de Educação, no qual presidiu a Câmara de Educação Superior.

Em suas atividades como Jornalista foi repórter esportivo do “Estado da Bahia”, fundador e redator do Semanário “Jornal do Planalto” e, no Jornal “A Tarde”, foi correspondente, de 1979 a 1980, e responsável pela coluna de Educação, a partir de 1996.

O seu espírito empreendedor e sua vocação para o ensino levou-o a organizar e desenvolver uma série de projetos na área de capacitação e especialização de professores, que beneficiou muitos docentes do interior baiano. Empenhado justamente em um ambicioso programa de interiorização do ensino superior, foi colhido por um acidente rodoviário fatal.

JOSE ROGÉRIO DA COSTA VARGENS



Nascido em Salvador no dia 15 de julho de 1942, filho de Olympio Balduino da Costa Vargens e Regina Dias da Silva Vargens, também nesta Capital realizou toda a sua formação escolar, iniciando o Primário na Escola Modelo e concluindo-o na Escola Jesus Maria José. Coursou o Ginásio no São Bento e o curso Científico no Colégio da Bahia, famoso Central. Em julho de 1969, graduou-se Engenheiro Civil pela Universidade Federal da Bahia.

Logo após a formatura, iniciou seus estudos de Pós-Graduação, realizando um Curso de Especialização em Economia Rodoviária, patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas Rodoviárias, concluído em fevereiro de 1970. No mês seguinte, deslocou-se para Lisboa, em Portugal, onde realizou no LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* com duração de três anos e aprovação em concurso público com apresentação de tese original. Ao retornar ao Brasil, ingressou por concurso na UFBA, iniciando sua carreira docente na Escola Politécnica em março de 1973. Posteriormente, em 1976, deslocou-se para a Inglaterra a fim de realizar um Programa de Especialização na Universidade de Manchester em Gestão de Educação Técnica, patrocinado pelo *British Council*.

Como Professor da Universidade Federal da Bahia percorreu, praticamente, todas as funções da gestão acadêmica, incluindo a Diretoria da Escola Politécnica, de 1979 a 1984, e culminando com o cargo de Reitor de 1988 a 1992. O exercício desta alta função deu-se em um momento de crises decorrentes de profundas mudanças no cenário nacional, desde a reimplantação do regime democrático, algumas trocas da moeda brasileira, o entrelhecho de interesses de uma Constituinte e a eleição de um Presidente que, pouco depois, seria deposto. Todo este contexto com inevitáveis reflexos no ambiente universitário. Entretanto, resolutivo

e obstinado, enfrentou as dificuldades e deixou um legado de reconhecidas realizações.

Ao lado de sua carreira docente na UFBA, vivenciou muitas outras experiências no campo da Educação e da Ciência e Tecnologia.

Entre 1975 e 1977, atuou, intensamente, no projeto físico, acadêmico e institucional do Centro de Educação Tecnológica da Bahia – CENTEC e na sua implantação. Esta Instituição de Ensino, pioneira no Brasil e organizada sob forma de Autarquia do Ministério de Educação, veio tornar-se o Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET/BA, originando outras congêneres nos demais Estados, a qual, recentemente, foi associada à Escola Técnica Federal para constituir o IFBA – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia. Naquela Instituição, integrou sua Diretoria de Fundação, acumulando a Vice-Diretoria Geral e a Diretoria Acadêmica.

Logo em seguida, atendendo a convite do então Governador Roberto Santos, instalou e desenvolveu a Subsecretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado, sendo seu primeiro titular, aí permanecendo até o final desse período governamental em 1979.

Durante longo período, após o seu reitorado na UFBA, de 1991 a 2006, foi Membro Titular do Conselho Estadual de Educação por sucessivos mandatos, tendo sido seu Presidente por duas vezes, quando promoveu uma importante modernização deste Órgão. Presidiu, igualmente, o Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais, organismo que congrega esses Conselhos, fazendo realizar em Salvador uma convenção nacional que teve especial importância na consolidação desse Fórum. No exercício destas funções, estimulou a criação dos Conselhos Municipais de Educação e instituiu, na Bahia, a realização de uma reunião anual itinerante destes Conselhos com o Conselho Estadual, encontro que se consolidou até os dias atuais e vem prestando, ainda, significativa colaboração aos municípios na área educacional.

Tendo-o como Presidente, em dois mandatos consecutivos de setembro de 2008 a setembro de 2012, esta Academia realizou um Ciclo de Oficinas para Professores de Educação Física, complementando o programa desenvolvido na gestão anterior de seminários destinados a discutir a problemática das Licenciaturas oferecidas pelas Instituições de Ensino Superior.

Ainda durante sua gestão, promoveu a reforma dos documentos legais da Academia, produzindo o novo Estatuto, publicado no Diário Oficial de 28. 12. 2010, e o Regimento que foi aprovado no ano seguinte. Estas atividades, realizadas com a participação coletiva dos acadêmicos, preencheram muitas das sessões ordinárias. Estabeleceu, também, um convênio com a UFBA, sob a Coordenação da Acadêmica Vanda Angélica da Cunha, para organização do acervo documental, e deu continuidade à edição periódica da Revista, sob a direção e patrocínio do acadêmico José Nilton Carvalho Pereira. Ao longo deste período, 2008 a 2012, ocorreu a renovação de um quinto do seu quadro de acadêmicos titulares, com o ingresso de Eduardo Saback Dias de Moraes, Eliel Judson Duarte de Pinheiro, Geraldo Leite, Hélio Rocha, Josué da Silva Mello, Luis Erlon Araújo Rodrigues, Maria José Pacheco de Andrade Costa e Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza.

Foram realizadas, ainda, a outorga de títulos honoríficos, como “Educador do Ano” aos Professores Josué da Silva Mello e Francisco Soares Senna e, em co-participação com a Folha Dirigida, como “Personalidade Educacional”, aos Professores Roberto Santos, Jorge Portugal e ao então Secretário de Educação do Município de Salvador, Adeum Sauer.

Igualmente, foram realizadas homenagens a figuras ilustres, como o ex-presidente e Fundador desta Academia Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, o professor Cícero Pessoa da Silva, o professor e jurista Orlando Gomes, por ocasião de seu centenário de nascimento, e o ex-ministro Carlos Sant’Anna.

Estas concorridas Sessões Públicas muito contribuíram para ampliar o reconhecimento da Academia na atual realidade baiana.

PATRONO

Pedro Júlio Barbuda

ACADÊMICOS TITULARES

Cassilandro Everaldo Barbuda

João Fernandes da Cunha

Vanda Angélica da Cunha – Atual



A inteligência e a cultura de Pedro Júlio Barbuda reveladas ao longo de uma existência dedicada às áreas em que atuou, seja na Medicina como na Educação, campo no qual incorporou seu permanente objeto de estudo a Filologia e a Literatura, em muito glorificam a Academia Baiana de Educação que, ao ser instituída, o elegeu Patrono da Cadeira nº 35. O conjunto de talentos que possuiu dignifica a Bahia. Em equivalência, a Academia Baiana de Educação revigora o compromisso de manter viva sua memória.

Este ensaio inicia a trilha de sistematização da memória do emérito Patrono na expectativa de conhecer, compreender, entrelaçar, contextualizar fatos, espaços, personalidades, ações e caminhos que constituíram, não somente, a biografia de Dr. Pedro Júlio Barbuda mas a memória

social que ele integra, considerando a densidade de sua vida pessoal, profissional, acadêmica e política.

A personalidade em foco e o alcance social dos resultados deste estudo para a memória social da Bahia e além fronteiras, indicaram a necessidade e os rumos de avanço na busca, feita em um percurso metodológico sinuoso e rico de experiências, levando a lugares físicos e virtuais de puro conhecimento e encantamento, criando uma rede de informações e de pessoas e instituições não imaginada, resultando em sólida base de informação e conhecimento.

Considerando o escopo desta publicação, aqui se enuncia o conjunto de fundamentos da sistematização da memória do Patrono homenageado e se anuncia como sua parte introdutória, em fase de prospecção bibliográfica e documental, associada à coleta e registro de depoimentos de familiares e pesquisadores da vida e obra do Dr. Pedro Júlio Barbuda. No estudo em fase embrionária cabe o agradecimento às Bibliotecas, Arquivos, Centros de Referência Documental, seus especialistas e técnicos das Universidades, dos Governos Federal, Estadual e Municipal em Salvador e Aracaju, a pesquisadores e à família Barbuda residente no Rio de Janeiro e em Salvador. A esta, especialmente, pela confiança e comovente acolhimento, permitindo o adentramento ao templo da memória familiar. Por fim, aos colaboradores internautas que, incansáveis, auxiliaram no tráfego de produtivas informações. Longo e benfazejo o caminho palmilhado, ainda a ser concluído.

Os desafios no estudo da memória no mundo atravessam os séculos. O Brasil conhece a mesma desdita, pela ainda incipiente preservação e divulgação do seu patrimônio valioso. O Dr. Pedro Júlio Barbuda, no prólogo de sua antológica obra *Chrestomathia*, destaca a importância do estudo do desenvolvimento literário da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil, e considera imprescindível a consulta “mediante documentos que demonstrem seu caráter [...] com trechos que exhibam, ainda que parcial e incompletamente, o que só a obra d’arte poderia fornecer plenamente”. (BARBUDA, 1909, p. V).

A Professora Maria Luiza de Souza Castro endossa os obstáculos à construção da memória social, em discurso nas comemorações do centenário de nascimento do educador baiano Abílio César Borges, ao confessar ter sido necessária a consulta a “papeis envelhecidos na poeira das estantes, [...] cuidadosa leitura de livros e pamphletos”. E lamentou, contudo, não haver conseguido ter acesso a “todas as fontes onde pudesse colher indispensáveis dados à feitura de trabalho de fôlego” (1924, p. 44-45).

A construção da memória do nosso insigne Patrono, embora conviva com essas questões recorrentes, busca contribuir para minorar o quadro atual e traz a lume informações importantes.

Pedro Júlio Barbuda nasceu em Salvador a 12 de abril de 1853. São seus pais Pedro de Barbuda Góes e Emiliania Francisca Lopes Barbuda que, unidos em matrimônio, constituíram numerosa família. Casou-se em Salvador com Elvira de Miranda Barbuda, deixando descendência igualmente numerosa. Seguiu os passos do pai, avô e bisavô na inclinação para o estudo da Língua Materna, da Literatura e das Artes. Vale ressaltar, no auge das buscas e obstáculos no conhecimento da biografia do Patrono, o inusitado encontro com a professora Eloá Barbuda Fernandes Chaves, sua neta, que honra a herança do avô no idêntico interesse pelo estudo da Língua e permanece desenvolvendo trabalho valioso nesse sentido. Tornou-se a medianeira de meu acesso ao convívio familiar onde novas descobertas e emoções tomaram corpo.

Em 1870, Pedro Júlio Barbuda, aos 17 anos, ingressa no Curso de Medicina na Faculdade da Bahia, concluindo-o em 18 de dezembro de 1875, com 22 anos de idade, o que comprova sua capacidade intelectual, competência e elevado preparo acadêmico. Seu doutoramento foi outorgado pela apresentação da Tese que tem por título: *Qual o melhor tratamento das febres perniciosas?*

Este importante documento acadêmico do século XIX, de páginas amareladas por 137 anos de contato com o ambiente de clima tropical de

Salvador, é enriquecido pela característica de trazer em seu frontispício, ricas informações sobre a genealogia do autor.

O jovem médico inicia sua vida profissional no vizinho Estado de Sergipe. Revela variados talentos em diferentes espaços profissionais e acadêmicos, oferecendo ao Estado que o acolheu o melhor do seu conhecimento. Exerceu Clínica, foi nomeado Major-Cirurgião da Guarda Nacional e Deputado dessa Província; membro de Associações de Letras como o Gabinete de Letras de Laranjeiras, do qual foi fundador, bem como do Gabinete de Letras de Maroim, municípios próximos a Aracaju. (Blake, 1970, p. 44).

Desse período, destaca-se o trabalho e a prestigiosa convivência nos meios educacionais e literários numa simbiose completa entre o educador, o escritor, o filólogo, resultando em melhor qualidade na Educação e a criação e proliferação dos chamados Gabinetes de Letras.

Intensa busca se fez em Sergipe para o acesso a essas instituições, não se logrando êxito imediato mas resultando em levantamento de nomes de especialistas para futuros contatos. O funcionamento precário ou inexistente, um obstáculo concreto, é comentado de forma recorrente em publicações científicas, sites e blogs como visto no depoimento de uma historiadora em visita ao Gabinete de Leitura de Maroim, fundado em 19 de agosto de 1877.

A citada pesquisadora expressa sua expectativa de encontrar, de fato, “o Gabinete de Leitura de Maroim, com obras do século XIX, objeto do seu estudo. E constata o “estado lastimável do acervo e a ausência de “qualquer catálogo descritivo e de identificação do mesmo.” (MAGALHÃES, 2012).

No campo da Educação, em Sergipe, sua contribuição é marcada pela inovação nos processos educativos. Vale lembrar que a Educação Feminina foi possível no Brasil graças aos avanços da Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 que autorizou a criação, em todo o território brasileiro, de escolas de primeiras letras nas cidades, vilas e lugarejos mais populosos. Em decorrência, começa a florescer e se firmar em alguns estados

brasileiros a implantação do chamado Colégio Inglês, de educação mista, norteador por uma filosofia e um projeto pedagógico modernos, de ideias avançadas com as quais Pedro Júlio Barbuda já se afinava nos idos de 1886, época de instalação do Colégio Inglês em Laranjeiras.

Regressando à Bahia concorre à Cátedra de Psiquiatria e Moléstias Nervosas na Faculdade de Medicina e à de Língua Portuguesa e Literatura Nacional na Escola Normal da Bahia, instituição criada através da Lei número 37 de 1836. Ao assumir esta Cátedra dá vazão ao espírito do mestre das letras, artesão das palavras, estudioso da Filologia. E, com maestria, tece e entretece a história da Língua, na qual destaca as duas maneiras de aprendê-la – a literária e a utilitária, (Barbuda, 1926) e da Literatura Portuguesa e Brasileira, aliadas à Educação, mescladas do Humanismo que moldou sua personalidade, deixando o legado de sua contribuição a gerações que puderam ser privilegiadas por uma Educação de excelente qualidade.

O espaço de ensaio não possibilita densidade de texto mas de ideias, motivo porque se expressa em nuances de pinceladas. Desse modo, cabe destacar ainda, na Bahia, sua atuação nas Letras. Impossível omitir referência ao seu trabalho como autor de artigos sobre Filologia e Literatura e de redator, ao lado dos ilustres e cultos baianos Pethion de Villar, Manuel Brito, Egas Moniz de Aragão e Filinto Bastos, em *Renascença*, a Revista Literária que circulou apenas um ano, de 1894 a 1895, mas que marcou a vida cultural da Bahia pela riqueza do seu conteúdo.

Pedro Júlio Barbuda encerrou sua extensa e profícua vida profissional aposentando-se em 28 de março de 1935, decorridos quarenta e dois anos de serviço na Escola Normal da Bahia, depois denominada Instituto Normal da Bahia. Sobreviveu pouco mais de dois anos, vindo a falecer, em Salvador, em 11 de novembro de 1937.

A Academia Baiana de Educação enobrecida pelo patronato do emérito Professor Dr. Pedro Júlio Barbuda se propõe, pelos séculos além, a manter vivo o seu espírito e conhecida a sua obra.

CASSILANDRO EVERALDO BARBUDA



O primeiro titular da Cadeira nº 35 sob o patronato de Pedro Julio Barbuda honrosamente indicado e eleito foi seu filho, o Professor Cassilandro Everaldo Barbuda, de inteligência igualmente privilegiada. Bacharel em Direito no ano de 1928, pela Universidade Federal da Bahia, traz a marca paterna de uma sólida cultura e clara vocação para a Educação. O destino o fez cursar o período escolar inicial, o Jardim de Infância, no Instituto Normal da Bahia que o acolheria mais tarde como um dos seus renomados professores, quando assume a atividade docente exercida por seu pai, na mesma Cátedra que ocupara, desfrutando de elevado conceito em razão da cultura, competência e ética demonstradas. Sua atuação no campo da Educação em Salvador foi destacada como docente e na direção de estabelecimentos de ensino, pela competência acadêmica e qualidade de gestão desenvolvida.

JOÃO FERNANDES DA CUNHA



O sucessor do Acadêmico Cassilandro Everaldo Barbuda foi o Professor João Fernandes da Cunha, reverenciado por todos que o conheceram por sua notável inteligência, primorosa cultura e vocação inegável para a Educação. Concluindo o Curso Primário aos 11 anos, com grau de distinção, apontou o futuro que cumpriria com louvor. Aos 16 anos já lecionava e dirigia uma Escola Primária em Juazeiro, sua terra natal. Vindo aperfeiçoar sua educação em Salvador, diplomou-se, em 1952, em Jornalismo e em Ciências Econômicas, encerrando sua carreira universitária com a láurea de Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia.

O professor João Fernandes da Cunha ingressou na Academia Baiana de Educação no dia 6 de Outubro de 1999, tendo sido homenageado por esta Instituição com o título de Educador do Ano, em 2005.

Em 23 de Novembro de 2005, criou e foi Presidente vitalício da Fundação João Fernandes da Cunha, Instituição destinada a servir à sociedade através da Educação e da Cultura.

Uma vida exemplar que enaltece a Bahia!

VANDA ANGÉLICA DA CUNHA



Na sequência dessa titularidade, sucede ao Professor João Fernandes da Cunha, sua irmã, a profa. Vanda Angélica da Cunha, graduada em Biblioteconomia e Documentação, e Mestre em Ciência da Informação, assinalando no ano de 2012 cinquenta e um ano de trajetória acadêmica e profissional marcadas pelas causas da preservação de acervos e memória; democratização do acesso ao conhecimento; formação de bibliotecários e arquivistas, na perspectiva da responsabilidade social e de sua missão cultural.

A Profa. Vanda Angélica é Professora Adjunto, aposentada, da Universidade Federal da Bahia; Presidente da Academia de Letras e Artes do Salvador; Membro efetivo do Instituto Genealógico da Bahia e Diretora de Biblioteca e Memorial dessa Academia Baiana de Educação.

PATRONO

Pedro Tenório de Albuquerque

ACADÊMICA TITULAR

Yeda Barradas Carneiro



Pedro Tenório de Albuquerque



Nascido em 21 de setembro de 1905, em Atalaia, Estado de Alagoas, filho de Antonio Tenório de Albuquerque e de Adélia Tenório de Albuquerque, aos sete anos acompanhou a família que se transferia para a Bahia, instalando-se em Santo Amaro da Purificação, onde frequentou a Escola Primária de Monsenhor Aires e, depois, a do professor Batista. O Curso Secundário fez no Colégio João Florêncio Gomes e no Colégio Ipiranga, em Salvador. Em 1930, diplomou-se em Engenharia Civil exercendo a profissão na Secretaria de Viação e Obras Públicas. Mas, ainda estudante universitário já revelava a sua verdadeira vocação – vocação para o Magistério. Foi quando dava cursos particulares, como explicador, que sentiu prazer indizível da arte de transmitir conhecimento, de contribuir

para a formação da juventude. Ingressou como Professor de Matemática e Física no Colégio da Bahia.

Fato importante e mesmo decisivo na sua vida como Educador foi ter assumido a Direção do Colégio Ipiranga, a pedido do Professor Isaias Alves que partia para os Estados Unidos, onde permaneceu por 3 anos em viagem de estudos. Ao deixar o Ipiranga, no final deste período, o Prof. Tenório já tinha bem definido o seu objetivo: fundar o seu próprio colégio. Precisava, no entanto, de uma casa que pudesse abrigá-lo. Contou, então, com o apoio de um amigo – Alfeu Pedreira, que o apresentou ao sr. Carlos de Aguiar Costa Pinto, um dos diretores da Firma Magalhães S. A, proprietário da casa que fora de sua genitora, D. Sophia Costa Pinto, situada na Av. Sete de Setembro, no Corredor da Vitória. Carlos Costa Pinto, coincidentemente, sonhava destiná-la para fins culturais ou de educação. Tudo se harmonizava. A casa foi por ele cedida ao Prof. Tenório. Nascia, no ano de 1936, o Colégio Sophia Costa Pinto. O nome é uma homenagem à proprietária da casa cedida por seu filho. Mais tarde, para abrigar os internatos masculino e feminino foram adquiridos mais dois imóveis: uma casa vizinha à mansão Costa Pinto, por ele alugada, onde se instalou o internato feminino e uma outra, ao lado desta, por ele adquirida para sua residência que, também, abrigou o internato masculino. No seu Colégio o Prof. Tenório realizou-se plenamente como mestre e educador. O Colégio cresceu e se firmou, conquistando cada vez mais a confiança das famílias baianas. A obra tinha um cunho social: mantinha gratuitamente, no turno da tarde, as quatro primeiras séries para alunos carentes. A família Costa Pinto colaborava fornecendo o material escolar. Dentre esses alunos, os melhores eram por ele, professor Tenório, premiados com a gratuidade nos cursos de Ginásio e Colegial.

Para o êxito da sua obra contou, Pedro Tenório, com a valiosa colaboração de um corpo docente criteriosamente escolhido, destacando-se os nomes da professora Hilda Fortuna de Castro, Diretora do Curso Primário; do Prof. Bernardo Galvão de Castro, Vice-Diretor e Professor de

História e do bacharel Otoniel Almeida Moura, Secretário da Diretoria. Esses colaboravam mais de perto.

Pedro Tenório era um Educador nato. Na sala de aula, o Professor completo. Dominando as disciplinas que ensinava – Matemática, Desenho e Física, lecionava-as com voz clara e forte, sempre de pé, usando o quadro com maestria. Espreitava as fisionomias de seus alunos e ao menor sinal de dificuldade voltava a explicar tudo como se fora a primeira vez. É de um ex-aluno – Ismar Magalhães de Almeida, num excelente texto sobre o mestre Tenório e seu Colégio, esse comentário...” Pontificava o mestre admirável em suas magníficas aulas de Matemática, passeando intuitivo e encantador, quase brincando, pelos meandros (nem sempre amenos) dos números, incógnitas, equações, ângulos, abcissas.”

Exigente na disciplina, não descuidava da postura dos educandos; corrigia-lhes o modo de falar, de entrar em sala de aula, lembrando-lhes sempre o agradecimento após um favor prestado e a gentileza para com os colegas, professores e funcionários da casa. Na Classe ensinava, mas educava a todo momento. Surpreendido numa falha, o aluno encontrava, sempre, o olhar severo mas paternal, que dispensava palavras. A uma repreensão seguia-se, invariavelmente, um afago carinhoso.”Com energia e muito amor é que se educa a criança e se forma a juventude”, dizia.

A sua grande preocupação era a formação integral do educando, e enfatizava: “Precisamos educar a todo momento em que se oferecem oportunidades: na sala de aula, no recreio, durante as refeições, na igreja, nos passeios, nos jogos.”A prática do esporte era muito valorizada por ele. Antes das competições esportivas, reunidos na praça de esportes construída com recursos próprios, ouviam as preleções: a responsabilidade para com o seu time e o seu Colégio, a disciplina, o respeito ao adversário, a honestidade, o aprender a viver em grupo. Quanto se aprendia numa simples partida de vôlei ou basquete! Quantos troféus foram conquistados pelo Colégio nos Jogos das Olimpíadas da Primavera, para sua

grande alegria e orgulho!. Caso perdesse, o time deveria cumprimentar o adversário com elegância.

Não esquecia a formação espiritual de seus alunos. Sendo o colégio católico, os alunos Protestantes eram encaminhados para o culto dominical no Colégio Dois de Julho, Protestante naquela época, então dirigido pelo seu amigo Mr. Baker.

A idade foi chegando e, sentindo que não era possível continuar à frente do Colégio, em 1963, passou a Direção à professora Yeda Barradas Carneiro que comprou a razão social do Colégio. Viu, assim, assegurada a continuidade da sua obra.

Tendo deixado a Direção do Colégio Sophia Costa Pinto, retornou ao seu velho Colégio da Bahia, onde continuou sua atividade de Professor até alcançar a aposentadoria no ano de 1975. Deixou a sala de aula por imperativo da lei. Após sete anos da sua aposentadoria compulsória, veio a falecer em 23 de julho de 1982.

Dos seus alunos, e da comunidade baiana, ele sempre teve o maior reconhecimento. Expressando a admiração e estima pela competência da sua liderança de Educador, em 1985, o Governo João Durval Carneiro designou Escola Professor Pedro Tenório de Albuquerque um estabelecimento de ensino no bairro do Nordeste de Amaralina, em Salvador.

Por ocasião do seu centenário, em 21 de setembro de 2006, a profa. Carmen Maria lemos de Queiroz, publicou um artigo no jornal A Tarde, onde num magnífico depoimento diz, entre outras coisas: "... no anonimato de sua sala de aula, sem discursos e sem inaugurações, o Prof. Tenório foi um construtor, decisivamente, por várias décadas, contribuiu, com certeza, para a construção de uma sociedade mais democrática... O Prof. Pedro Tenório de Albuquerque foi verdadeiramente um homem público".

Este foi o legado moral e espiritual que Pedro Tenório de Albuquerque deixou. Sua riqueza, seus alunos que nunca tinham defeitos, apenas arestas a serem lapidadas com amor.

Teve na sua esposa, Julieta Tenório de Albuquerque, total apoio, assumindo a parte administrativa do estabelecimento. Do casamento teve um único filho, Antonio Tenório de Albuquerque, que faleceu muito jovem, aos 42 anos, deixando a esposa – Professora Carmen Lúcia Figueiredo de Albuquerque e dois filhos: Marcelo e Elisabeth.

Toda uma existência dedicada à Educação, instruindo e formando várias gerações. Um verdadeiro semeador, como diria na Linguagem Bíblica.

YEDA BARRADAS CARNEIRO



Yeda Barradas Carneiro nasceu em 26 de abril de 1929, em Salvador-Bahia.

Cursou o antigo Primário no Colégio *Sacre-Cœur de Marie* no Rio de Janeiro. O Ginásio e o Colegial foram cursados no Colégio da Bahia e no Colégio Nossa Sra. das Mercês, ambos em Salvador. Em seguida, entrou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, formando-se em 1953. Foi a primeira mulher a receber este diploma no Estado.

Aprovada em Concurso Público, começou a lecionar Desenho, a partir de março de 1951, nos Colégios João Florêncio Gomes e da Bahia, e no Ginásio Severino Vieira.

Em 1957, transferiu-se para Feira de Santana onde passou a lecionar na Escola Normal e Instituto Gastão Guimarães.

Em 1967, exerceu o cargo de Diretora de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Foi nomeada Secretária de Educação deste Município em 18 de setembro de 1968, sendo a primeira mulher a exercer tal cargo. Na oportunidade, elaborou a Reforma da Educação do Município, acabando com as escolas isoladas de uma única sala; ampliou grupos escolares, totalizando 184 salas de aula; promoveu a atualização do Ensino com palestras e aulas dadas por educadores renomados; estabeleceu o Programa Anual de Ensino-Aprendizagem e promoveu a realização de um Plano Didático obrigatório em todas as escolas do Município.

Como destaque à frente da Secretaria de Educação de Feira de Santana, criou a Escola-Modelo, em tempo integral, – Centro de Educação Monteiro Lobato, oferecendo habilitação para o trabalho, incentivo aos esportes e às artes, sendo autora e responsável pelos projetos arquitetônico e educacional.

Em seguida, fez parte da Comissão que elaborou o Regimento da Universidade Estadual de Feira de Santana. Em 2003 recebeu o título de “Mulher Pioneira”, conferido por esta Instituição.

Em 1968, foi nomeada para o Conselho Estadual de Educação do qual fez parte por 3 períodos: de 1968 a 1971; de 1975 a 1979; e de 1979 a 1983.

Casada com Dr. João Durval Carneiro, que exerceu o cargo de Governador da Bahia entre 1983 e 1987, foi, neste mesmo período, responsável pela Presidência das Voluntárias Sociais da Bahia. Pela sua compreensão de que a Educação é um processo que se inicia em tenra idade, promoveu a implantação de creches em todo o Estado da Bahia.

Na iniciativa privada, destacou-se como Diretora do Centro Educacional Sophia Costa Pinto, durante 36 anos, de 1963 a 1999, participando diretamente da educação de centenas de crianças e jovens.

PATRONO

Possidônio Dias Coelho

ACADÊMICOS TITULARES

Francisco Pinheiro Lima Junior

Josué da Silva Mello – Atual

Possidônio Dias Coelho

A Cadeira 37 tem ainda a particularidade de ter como Patrono um professor do sistema municipal de ensino da Primeira República, o educador Possidônio Dias Coelho. Um professor que deixou suas marcas na história, na docência e nos embates educacionais, na segunda década do século XX, quando a Cidade do Salvador possuía pouco mais de 280.000 habitantes. Há, pelo menos, três momentos históricos que assinalam sua importância na Educação Básica no período que antecedeu a Anísio Teixeira. O primeiro, está no testemunho de um de seus ilustres alunos, professor Álvaro Zózimo da Silva que, em suas memórias, o considera um dos professores de maior referência na sua época. O livro *Noções de Methodologia e Organização Escolar*, publicado em 1926, descreve a

metodologia utilizada pelo professor e o cotidiano da sua sala de aula, de sua prática cotidiana:

“A classe, ao chegar pela manhã, encontrava escrita ao alto do quadro a pauta do dia, que se iniciava com uma canção e uma oração. Várias lições, principalmente a leitura, eram tomadas com a classe de pé, em fila. Na leitura eram observados, com rigor, a boa dicção, a pontuação, o ritmo e a expressão. Na matemática estudávamos até juros simples, além de Geografia Geral e do Brasil e Educação Moral e Cívica. Nas comemorações dos diversos eventos, a declamação era o ponto alto, quando até poesias longas eram apresentadas. Nas segundas e quintas-feiras, os ditados eram corrigidos, e os erros eram copiados nos outros dias da semana. Eles deveriam ser copiados na forma certa e se o aluno reincidisse no erro, no outro dia, a forma corrigida era copiada muitas vezes. Tal processo tinha um lado positivo, pois o aluno fixava a grafia certa da palavra, jamais esquecendo-a. Naquelas cópias, feitas em casa como exercício, era também observada, com rigor, a caligrafia. Além das cópias feitas em casa, eram também realizados exercícios em classe, com o acompanhamento severo do professor Possidônio e de seus auxiliares, observando a postura correta na carteira e a colocação da caneta entre os dedos. Muitas vezes, a surpresa de uma reguada sobre os dedos, interrompia a escrita do aluno. Ele estava escrevendo com dedos encarquilhados ou posições defeituosas. Era uma escola que ainda se utilizava de métodos tradicionais, baseados na memorização e repetição e no castigo físico, mas considerada uma das melhores de Salvador porque contava com o professor Possidônio, um dos mais renomados professores de sua época”.

A experiência educativa do professor Zózimo, longe de ter sido traumática, foi importante a ponto de ele afirmar: “vivi a escola antiga e a solidez de seu ensino e preparo ético. Tive mestres austeros, figuras respeitáveis, pedagogos excelentes nos quais sobravam preparo, abnegação, amor ao seu mister” *Dentre os mestres* que ele mencionava, com respeito e abnegação, estava o professor Possidônio.

A segunda referência está na tese de doutorado em educação – UFBA, 2009, de José Augusto Ramos da Luz, intitulada “Um olhar sobre a educação na Bahia: a salvação pelo ensino primário (1924-1928)”. Ele faz referência a um movimento que eclodiu na Bahia em 1918, conhecido como a primeira greve de professores municipais, em que as aulas foram paralisadas de janeiro a setembro, motivada pelo descaso dos governantes com a Educação, em que os salários, além de ínfimos, eram pagos com atrasos e discriminações pois, enquanto alguns afilhados do governo recebiam os proventos com regularidade, a grande maioria estava com atrasos de 18 e 24 meses. Talvez por isso, Ruy Barbosa tenha denominado a greve de “Revolta dos Resignados”, assumindo, obviamente, posição de apoio à categoria, como opositor que era do governo Antonio Moniz Sodré de Aragão, liderado de J. J. Seabra. Ruy Barbosa, registra o Diário da Bahia, usou a oportunidade para defender uma classe sofredora, oprimida e perseguida, mas ativa e insubmissa, confiante no apoio da população baiana para que as iniquidades fossem eficazmente combatidas. Essa primeira e longa greve de professores, tendo como quartel general o Lyceu de Artes & Ofícios, tornou-se, em verdade, um movimento aglutinador dos diversos setores descontentes num momento histórico de extremas dificuldades em Salvador e na Bahia.

Nesse evento, o Professor Possidônio Dias Coelho, na condição de presidente da Comissão Central da greve, liderou o lançamento de um “Manifesto do Professorado Público Municipal do Estado da Bahia ao povo brasileiro”. Desse Manifesto, participaram também, e de forma inédita, algumas corajosas professoras, como bem destaca a acadêmica Maria Conceição Costa e Silva, na sua pesquisa sobre o Ensino Primário na Bahia: “o espaço de participação das mulheres no movimento do professorado apresenta-se de forma marcante, ocupando posição de liderança no decorrer da greve e nos movimentos educacionais e sociais que se seguiram. As mulheres rompem as barreiras do espaço doméstico para estar na linha de frente da condução do Movimento destacando-se Emília

Lobo Viana, Jovina Moreira, Ana Maria Bahiense, Jesuína Beatriz Oliveira, entre tantas”. Afinal, o mundo da educação era delas; segundo o senso de 1920, mais de 80% do magistério primário na Bahia era constituído de mulheres. E a tendência continua.

O Manifesto, publicado no Diário da Bahia, edição de 31/01/1918, denunciava o descaso das autoridades estaduais e municipais com a Educação, as contradições dos discursos, o elitismo do ensino primário porquanto apenas 20% das crianças em idade escolar estavam matriculadas, o caos do ensino público, visível na precariedade dos prédios escolares, na sua maioria alugados, nos baixos salários dos professores e no atraso de pagamentos. Conclui o Manifesto reconhecendo “que não reabrir a escola é um atentado aos direitos do povo que vexatoriamente contribui, continuar a trabalhar antes de remediadas as nossas necessidades é um suicídio. Portanto, ante os sofrimentos, resta-nos lavar perante a Nação brasileira o mais enérgico, o mais vibrante dos protestos”.

Foi, certamente, o primeiro Manifesto de denúncia sobre a Educação Baiana, de repercussão nacional, que precedeu o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lançado em 1932, assinado por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e mais 24 educadores.

Encerrada essa primeira greve de 9 meses, período de uma gestação humana, vem o terceiro momento. Nosso Patrono junta-se a mais dois professores de grande prestígio na sociedade baiana, Jacinto Caraúna e Vicente Café, o primeiro mulato e o segundo negro, extremamente atuantes e convictos da importância do professor no sistema educacional, e criam o Centro de Defesa do Professorado Primário Baiano (CDPPB), cabendo-lhe a Presidência e a missão de implementá-lo. O Centro entra para a história com o mérito de haver conseguido transferir para o Governo do Estado a responsabilidade pela remuneração dos docentes.

Essa primeira greve de 1918 – e seus desdobramentos – teve sérias repercussões para a história da educação brasileira, provocando mudanças na equipe do Governo Baiano, a mobilização da sociedade e o surgimento

de organizações que contribuíram para o repensar da educação como direito de todos, fator de crescimento do ser e do desenvolvimento econômico e social. Tais avanços consubstanciam-se, também, na criação da Associação Brasileira de Educação – ABE, como porta voz da causa educacional e espaço privilegiado de debates e discussões sobre a escola pública brasileira. Esses debates e reflexões intensificam-se a partir da década de trinta, no governo Góes Calmon, contando, nesse momento, com a participação do educador Anísio Teixeira.

O Patrono da cadeira 37 e o seu ocupante representam perfis humanos notáveis, modelos de educadores que precisam ser conhecidos pelas gerações posteriores, imortalizados na memória cultural da sociedade. Daí, a importância das Academias. Academias que emergiram, no curso da história, idealizadas por educadores, filósofos, escritores, poetas e sonhadores, com a missão de dar continuidade ao processo da criação humana, do desenvolvimento da inteligência, da preservação da memória de valores, das descobertas e contribuições para o conhecimento humano que não podem ser aniquilados com o falecimento dos que se notabilizaram em quaisquer dos ramos do saber.

Assim sendo, as Academias agem como sentinelas do bem, para que o canto que foi cantado quando foi a nossa vez, não seja esquecido, mas, ao contrário, se afine como o canto do galo, na forma expressa pelo poema de João Cabral de Melo Neto, passando de um ao outro e, assim, cruzem-se os fios de sol de seus cantos, para que a manhã, desde uma teia tênue se vá tecendo, tecendo de canto para canto, possibilitando a construção do novo sem a destruição do passado; o avanço das ideias, da ciência, das letras, da cultura, do conhecimento, da educação, sem a negação e supressão dos esforços dos que vieram antes. As ideias, os pensamentos, a genialidade humana, os valores e princípios adotados por uma sociedade, modificam-se, evoluem, mas não morrem. Entendo ser essa a imortalidade atribuída aos acadêmicos. É do legado dos pioneiros

criadores desta Academia, de seus Patronos e Fundadores que nos incumbe cuidar e desenvolver.

Assim posto, a ACADEMIA será sempre um impactante sinal de esperança, daquela esperança que não é um cruzar de braços e esperar. Como diz o Mestre Paulo Freire, “Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”. Continuamos a acreditar que é pelo conhecimento que se constrói uma sociedade melhor e se assegura a sustentabilidade de nosso futuro. E comungamos com o pensamento do baiano Milton Santos, quando afirma que um outro mundo é possível. Possível sim, desde que ancorado no conhecimento e na educação. E quem promove esse “novo mundo” torna-se credor da promessa sagrada da imortalidade, como anuncia o profeta Daniel:

“OS MESTRES SÁBIOS, AQUELES QUE ENSINARAM MUITAS PESSOAS A FAZER O QUE É CERTO, BRILHARÃO COMO AS ESTRELAS DO CÉU, COM UM BRILHO QUE NUNCA SE APAGARÁ” (Dan. 12. 3)

FRANCISCO PINHEIRO LIMA JUNIOR



Ocupo, com felicidade e elevada honra, a cadeira 37 da Academia Baiana de Educação. Cadeira 37, antes ocupada pelo eminente educador professor Francisco Pinheiro Lima Junior. Não bastasse a alegria de substituir um, elevado recentemente à condição de Membro Emérito, dão-me a honra de suceder a um mestre querido. Dele fui aluno no Curso de Licenciatura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UCSAL, concluído em 1971, cujo diploma está por ele assinado. Orientou-me nas disciplinas Introdução à Filosofia e Teoria do Conhecimento. Era um orgulho para o estudante de Filosofia, daqueles dias, declarar-se aluno do Professor Pinheiro, o Catedrático e a estrela maior da Filosofia na Bahia, em especial na Universidade Católica do Salvador. De suas aulas e de sua postura de educador humano, competente e estimulador, mestre do diálogo e do fazer-pensar, guardo memoráveis e gratas lembranças.

Não poderia ser diferente, dada a sua formação acadêmica e religiosa. Um baiano de Pojuca, que iniciou sua Educação Básica em colégios na cidade de Feira de Santana, seguiu a carreira sacerdotal concluindo sua formação em Roma, na Universidade Gregoriana. Como sacerdote dedicou-se, principalmente, às atividades docentes no Seminário Maior da Bahia e na Faculdade Católica de Filosofia, base primeira para a constituição posterior da Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

O professor Pinheiro desenvolveu uma intensa carreira docente, optando por dedicar-se, exclusivamente, ao magistério, tornando-se uma referência nacional no campo da Filosofia. Vejam, em síntese, os avanços dessa caminhada. Funda e dirige, por vários anos, a Faculdade de Filosofia da Bahia e se torna titular das disciplinas: Introdução à Filosofia, Fundamentos da Filosofia, Fundamentos Filosóficos da Filosofia da Educação, Teoria do Conhecimento e Lógica Simbólica, entre outras. Embora mantendo os vínculos com os Institutos Católicos, ingressou no Corpo Docente da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, onde

defendeu teses de doutorado e livre-docência e tornou-se Professor Titular por concurso, alcançando nela, igualmente, grande destaque, como Chefe do Departamento de Filosofia, Coordenador e orientador de dissertações de mestrado e teses de doutorado, orientador, inclusive, dos professores Carlos Cipriano Luckesi e Dinorah d'Araújo Berbert de Castro. Razões de sobra, portanto, para o justo reconhecimento como Professor Emérito da UFBA e Membro Emérito desta augusta Academia.

Fez, ainda, incursão pela Escola Baiana de Medicina, como professor Associado, estendendo suas ações sobre outras Instituições de Educação Superior existentes, nas décadas de 1960 a 1980.

Além das atividades acadêmicas, exerceu cargos importantes no sistema educacional baiano, tais como a Superintendente do Ensino Médio na Secretaria Estadual de Educação; Diretor do Centro de Estudos e Aperfeiçoamento do Professorado do Estado; Membro suplente do Conselho Estadual de Educação, substituindo o titular em duas gestões; Presidente da Comissão Estadual do Censo Escolar; Presidente de congressos nacionais de Filosofia; Membro Fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia; Membro Fundador da Sociedade Baiana de Cultura e da Fundação Baiana para o Desenvolvimento da Medicina; Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; membro da Academia Mater Salvatoris e, na condição de decano da Universidade Católica, Reitor daquela Universidade em vários períodos de impedimento do Reitor e do Vice-Reitor.

Notável é a sua produção acadêmica publicizada em teses, livros, anais de congressos, artigos, compêndios e conferências, abordando temas da Filosofia, da Teologia, da Educação e da Contemporaneidade, a exemplo das 24 Teses Tomistas, dos Compêndios de Filosofia, da Filosofia na Bahia, entre muitos. Sua obra desvenda importantes aspectos da produção filosófica do Estado. A ele se atribui a localização e apresentação do Compêndio de Filosofia do Frei Itaparica, mencionado por Silvio Romero, mas que se encontrava desaparecido. Essa obra apresentada pelo Mestre

Pinheiro teve forte repercussão nos avanços dos estudos da Filosofia na Bahia na segunda metade do século XX.

Tenho a mais clara consciência de que até me seja possível ocupar a Cadeira 37 com muito orgulho mas, suceder ao seu ocupante anterior, jamais. Ele é, para mim, uma estrela maior cuja culminação o ex-aluno não poderá alcançar. Mas posso e devo, no espaço a ocupar no palco dessa Academia, abrir a cortina para que os lampejos do caráter e da inteligência do Mestre Francisco Pinheiro se reflitam sempre sobre todos nós.

JOSUÉ DA SILVA MELLO



Josué da Silva Mello, filho de Benício de Mello Fontes e Josepha da Silva Mello Fontes, realizou as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental em Lagarto/Sergipe, e as séries finais em Salvador no Colégio 2 de Julho. O Ensino Médio realizou no Colégio Santo Américo, em São Paulo, em 1960. Em 1964 graduou-se em Bacharel em Teologia pela Faculdade do Centenário. Realizou o Curso Básico de Sociologia na UFSC, em 1966. Em 1968 realizou os cursos de Planejamento Municipal e de Administração Pública pelo IBAM. Licenciou-se em Filosofia pela UCSAL, em 1971 e Especializou-se em Ciência Política pela UFBA em 1975. Participou do Curso da ADESG sobre Liderança e Desenvolvimento, em 1976, e em 1992 concluiu o Mestrado em Educação pela UFBA.

O Prof. Josué Mello construiu uma trajetória educacional muito rica. Foi Reitor da UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana (1991-1995); Pró-Reitor Acadêmico da UEFS (1979-1987); Professor Titular de Ciência Política da UEFS/DCHF (1967-2000); Diretor Geral da Faculdade 2 de Julho no período de 2004-2012; Diretor Geral do Colégio 2 de Julho – julho 2009-2012; Membro e Presidente do Conselho Superior de Administração do Colégio 2 de Julho – Salvador/BA no período de 1966-1976; Fundador da Fundação 2 de Julho e membro do Conselho de Curadores – (1976-1986, 2003-2004), sendo o seu primeiro Presidente e reeleito por mais dois períodos; Professor Titular de Ciência Política da UEFS/DCHF (1967 – 2000); Fundador da Escola SIM e da Escola Erasmo Braga em Feira de Santana e da Escola Josué da Silva Mello em Governador Mangabeira; Fundador e Presidente do INED – Instituto de Educação e Desenvolvimento, em 2003; Membro da Diretoria e Secretário Geral da Associação Brasileira de Secretários Municipais de Educação – ABRUEM, 2001-2002; Membro do Conselho Consultivo do SESI/SENAI – 2002-2004; Diretor Geral da FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana (2000-2004). Membro Titular do Conselho

Estadual de Educação no período de 2004-2008, tendo sido Presidente da Câmara de Educação Superior e Vice-Presidente no período de 2006 a 2008. Co-fundador e membro do Conselho Consultivo do Centro de Formação Teológica Richard Shaull – 2001-2003 e Criador e Diretor da Faculdade de Teologia Richard Shaull do Presbitério do Salvador – PSDB/IPU, 2006-2009.

Foi, ainda, Secretário de Educação do Município de Feira de Santana – janeiro 2001 a abril 2002.

Tem forte atuação junto à Comunidade Presbiteriana, sendo Pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Governador Mangabeira – desde 1976, em cujo pastorado foi construído o Templo da Igreja e fundada a Escola Josué da Silva Mello, como homenagem dessa mesma comunidade. Foi Presidente da Confederação Nacional da Mocidade Presbiteriana do Brasil/São Paulo (1959 – 1960); Pastor e Presidente do Conselho Diretor da Igreja Presbiteriana de Feira de Santana durante dez anos (1965 a 1975); Fundador e Pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Feira de Santana, em 2003; Moderador (Presidente) nacional da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil IPU, no biênio 1999-2001 e Vice-Moderador nacional no biênio de 2001 a 2003. Foi, também, *Missionary in Residence* da Igreja Presbiteriana de *Bryn Mawr*, Filadélfia, EUA, abril/maio de 2001 e Membro da Diretoria da CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço) no triênio 2000-2003.

Prof. Josué Mello foi Fundador do SIM – Serviço de Integração de Migrantes em 1968 e seu Diretor até 1990, tendo sido eleito seu Presidente no período de 1996 a 2003. Foi, também, Fundador e Diretor da AFAS – Associação Feirense de Assistência Social (1967 a 1979); Membro Fundador do Instituto Geográfico e Histórico de Feira de Santana (março de 2004) passando a Membro Efetivo em 13/05/2009. Em 2009 fundou o Instituto Geraldo Leite, do qual é membro do Conselho Administrativo. Foi Presidente da Loja Maçônica Harmonia, Luz e Sigilo no quadriênio de 1991 a 1995, e é Sócio efetivo do Instituto Genealógico da Bahia desde 14/04/2010.

Compõe as seguintes Academias: Membro titular da Academia Baiana de Educação, cadeira 37, empossado em 10/06/2011; Membro titular da Cadeira nº 20, da Academia Feirense de Letras, tendo sido seu Presidente no período de 1995 a 1998; Membro fundador da Academia de Educação de Feira de Santana, Cadeira nº 11, e titular do Conselho Fiscal – 2007; Membro da Academia de Cultura da Bahia (desde 2008); Membro da Academia Academia Nacional de Economia, para a Cadeira nº 130, eleito em agosto de 2010, tendo como patrono Guerreiro Ramos, na condição de Membro Titular Imortalizado (*ad-immortalitatem*). Segundo o Estatuto a escolha se dá “entre brasileiros que tenham inquestionável notoriedade profissional, notória competência e saber”.

Dentre as Homenagens, os Títulos Honoríficos e as Medalhas e Condecorações recebidas, destaque-se: o Título de Personalidade de Importância Comunitária pelo CEPA (Circulo de Estudo Pensamento e Ação) de Germano Machado, em 13/12/2010, Salvador-Bahia; e o Título de Educador do Ano 2008, concedido por essa Academia Baiana de Educação. Os Títulos de Cidadão Honorífico: de Feira de Santana – concedido pela Câmara de Vereadores de Feira de Santana em 25 de março de 1983; de Governador Mangabeira – concedido pela Câmara de Vereadores de Governador Mangabeira em 27 de agosto de 2002; da Cidade do Salvador, outorgado pela Câmara de Vereadores em 02/03/2009; da Bahia, outorgado pela Assembleia Legislativa da Bahia em 26 de agosto de 2011. Medalha e Diploma do Mérito Barão de Macaúba – concedida pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Comenda do Educador Áureo Filho – concedida pela Câmara de Vereadores de Feira de Santana (1995); Grão-Mestre da Ordem Municipal do Mérito de Feira de Santana-BA, na Classe de Comendador, outorgado em 18/09/2006; Master em Gestão Educativo de Iberoamérica e *Doctor Honoris Causa* de Iberoamérica (2008 e 2009). Membro honorário e título de Benemérito e Amigo da Associação dos Ex-Combatentes; do 35 BI; do Exército Brasileiro; da Polícia Militar da Bahia; do Corpo de Bombeiro; do Rotary Club Feira

Leste; das Lojas Maçônicas Luz e Fraternidade; Segredo, Força e Aliança; e da Associação de Feira de Santana.

Em 1996, o Prof. Josué Mello foi Candidato a Prefeito do Município de Feira de Santana.

TRABALHOS PRODUZIDOS E PUBLICADOS

O prof. Josué da Silva Mello possui uma vasta produção científica e acadêmica, seja pela publicação dos Pareceres, enquanto membro do Conselho Estadual de Educação, na Revista REDACTA, seja pela publicação de livros e artigos a exemplo de: *A Expectação da Igreja no Novo Testamento*, Aste, 1965; *O Projeto SIM* – Feira de Santana, 1973; *AFAS – Sete Anos a Serviço da Comunidade* – Feira (1975); *Projeto de Desenvolvimento Sustentado do Semi-Árido*, UEFS (1993); *Migrações Internas no Brasil e Capacitação Profissional* – Revista *Migration Today*, 21, CMI, Genebra (1977); *Concepção e elaboração dos Projetos CUCA e CENASA/UEFS*, (1991 – 1995); *Um Projeto de Desenvolvimento Sustentado para Feira de Santana* (1996); *Diretrizes Básicas para um Plano Municipal de Educação em Feira de Santana*, 2001; *The Reformed Faith and the Global Economy*, EUA – Co-autor – (2001). Artigos: *João Dias de Araújo – Teólogo do Nordeste*; *Mons. Renato de Andrade Galvão – uma Liderança Permanente*; *O Palácio Conde dos Arcos e o Colégio 2 de Julho*; *Germano Machado e a Filosofia* (produção de 2010 e 2011); *Vida e Obra de Monsenhor Renato Galvão* (2012) *Saber Viver é Saber Morar*, (2014) e *A Sustentabilidade como penhor da Esperança* (2014).

PATRONO

Roberto Correia

ACADÊMICOS TITULARES

Olga Pereira Mettig

Marcelo Augusto de Carvalho Rocha – Atual



Nasceu em maio de 1876, nesta cidade do Salvador. Coursou o Liceu de Artes e Ofícios, aprendendo o ofício de Tipógrafo. Trabalhou na Profissão no Jornal de Notícias. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde foi Tipógrafo do Jornal do Brasil e do Jornal do Comércio.

Regressou à Bahia e se matriculou no Instituto Normal da Bahia, diplomando-se Professor em 1898. Além de professor foi poeta, contista e jornalista. Pertenceu à Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira nº 30.

Publicou poesias, diversos contos, destacando-se a “História da Boa Terra” e, por todos esses méritos, foi indicado como Patrono da Cadeira nº 38 da Academia de Educação da Bahia.

Faleceu aos 66 anos, em dezembro de 1941.

OLGA PEREIRA METTIG



Olga Pereira Mettig, mais conhecida como Olga Mettig, nasceu em Cachoeira, no dia 6 de maio de 1914, sendo seus pais Ricardo Vieira Pereira e Georgeta Motta Pereira. Era neta do jornalista Augusto Ferreira Motta (fundador de *O Guarany*, o jornal mais antigo de Cachoeira) e irmã de Georgeta Motta Pereira (mais conhecida como Nola Araújo, escritora, jornalista e memorialista).

“Como mulher, disse Olga Mettig, desempenhei o papel que a natureza me confiou, sendo mãe e educadora do próprio lar. Três anos após a formatura, casei-me e por felicidade tive duas filhas. Perdi cedo meu esposo, mas conduzi minhas filhas com muito amor e carinho aliados a uma educação integral.”

Grande educadora, descobriu sua vocação quando criança, pelo que afirmou: “Aos sete anos resolvi ser mestra e não houve obstáculos que me fizessem desistir de meu propósito”

Cursou as primeiras letras em sua cidade natal. Concluído o curso secundário, ingressou na Escola Normal da Bahia, onde foi diplomada professora primária. Aprovada em concurso para o magistério público, foi designada para dirigir, sucessivamente, duas escolas estaduais. Depois, se submeteu a um novo concurso e passou a Inspetora de Ensino.

Seu desejo era organizar e dirigir uma escola própria, na qual pudesse impor suas ideias, seu método de ensino e sua orientação. Para realizar seu ideal, ingressou na Faculdade de Filosofia, concluiu o curso de Licenciatura em Pedagogia e fundou, no ano de 1948, a Escola Nossa Senhora do Carmo, no bairro da Mouraria, em Salvador.

No começo, ela era a única professora de sua escola e suas filhas os únicos alunos. Depois, foram chegando outras crianças, outras professoras, e sua escola foi crescendo.

Em 1951, fundou o Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Em 1955, o Curso Normal e a Faculdade de Educação.

O Colégio funcionou inicialmente com uma estrutura muito simples. Com o passar do tempo, a Profa. Olga foi percebendo a necessidade de montar um curso de graduação equivalente ao do Magistério de 2º grau. “Nossa estrutura, disse a Profa. Olga Mettig, foi ganhando notoriedade, pois tínhamos os melhores professores e um currículo bastante rico que, de certa forma, ocupava o lugar da Faculdade que as mulheres geralmente não faziam”. E acrescentava: “Posso afirmar, no entanto, que tudo isso foi conquistado com muita persistência, compreensão, dedicação e amor.”

Na sua concepção, “tudo na vida que se faz com dedicação, floresce. No setor educacional, mais ainda. É preciso semear o amor. Já dizia Pestalozzi, precursor da Educação Moderna, que ensinar não é o princípio essencial da educação: esse princípio é o amor; ele é o ponto central de toda a educação.”

Para ampliar os conhecimentos dos alunos, a Profa. Olga Mettig criou os chamados “Estudos Adicionais” que consistiam numa espécie de estudos avançados, capazes de permitir o acesso ao Ensino Superior. A iniciativa logrou o sucesso esperado, permitindo inclusive, sensível melhoria do Ensino do 3º grau.

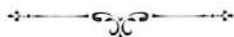
O sucesso do Colégio Nossa Senhora do Carmo rompeu os padrões educacionais da época, permitindo a elaboração de uma metodologia própria. Em consequência disso, a Profa. Olga, em colaboração com a Profa. Lígia Lordello, publicou uma série de livros didáticos amplamente adotados na Bahia e em outras unidades da Federação. De 1950 a 1985 foram editados trinta livros de Geografia, Gramática e História do Brasil, entre muitos outros, ultrapassando um total de duas mil edições. Dificilmente se encontra um professor baiano, pelo menos nas gerações mais antigas, que não tenha estudado nesses livros.

Como seus sonhos não paravam, em 1964 a Prof. Olga construiu um edifício de cinco andares, onde passaram a funcionar, sob sua direção, os cursos primário, ginásial e normal. Três anos depois, criou a Faculdade de Educação, a primeira do Norte e Nordeste e segunda do Brasil.

O passo seguinte foi a criação das Faculdades Integradas Olga Mettig, instituição que passou a abrigar as Faculdades de Educação, de Administração e de Turismo (esta última, a primeira da Bahia). Fundou o Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig, especializado em cursos de Extensão e de Pós-Graduação em diversas áreas. Criou a Faculdade Livre da Terceira Idade, fiel ao seu antigo desejo de estender as benesses da educação a um público pouco respeitado e desassistido.

A Profa. Olga Mettig faleceu no dia 22 de abril de 2004, pouco antes de completar 90 anos de idade. Deixou-nos com a certeza de que realizou muitos dos sonhos que idealizou. Mas não todos. Simplesmente porque nunca parava de trabalhar e pensar no crescimento da Educação no país. Com ela um simples diálogo era uma chance para se aprender. Para ela nunca era tarde para se ensinar.

MARCELO AUGUSTO DE CARVALHO ROCHA



Marcelo Augusto de Carvalho Rocha nasceu em 22 de abril de 1941, na cidade de Salvador/Bahia, filho de Sylvio Leal Pereira Rocha, Bacharel em Direito e funcionário público estadual, e da Professora Jessenita Carvalho Rocha. Casado com a Profa. Carmen Maria Mettig Rocha, Pedagoga, Musicista, professora universitária aposentada da UFBA, Fundadora e Diretora do Instituto de Educação Musical, com quem teve quatro filhos. Marcelo fez o Curso Primário no Colégio Anfrisia Santiago e na Escola Alvine Garcez, o Curso Secundário no Colégio N. Sra. do Carmo, da profa. Olga Mettig, e o Curso Científico, atual Curso Médio, no Colégio Estadual da Bahia, conhecido como Colégio Central.

Graduou-se em Medicina em 1964, pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, especializando-se em Cirurgia Geral e Gastroenterologia Cirúrgica no Hospital das Clínicas de São Paulo, em 1965. Foi professor desde a época de estudante, como monitor e, em 1966, como Auxiliar de Ensino e como Assistente da Cadeira Cirúrgica, com o professor Ângelo Decânio Filho, na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Ao mesmo tempo, em 1966, em face de laços familiares com a profa. Olga Mettig, foi convidado a atuar como Professor, na área básica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia, que estava sendo fundada, passando a trabalhar no horário noturno. Logo depois, assumiu o cargo de Diretor da Faculdade, iniciando, assim, sua atividade na área de Educação.

Na Faculdade de Educação da Bahia participou de sua evolução e acabou assumindo o cargo de Diretor. Desempenhou papel fundamental na criação das outras Instituições Educacionais do Grupo, a Faculdade de Turismo da Bahia, o Centro de Pós-Graduação, a Faculdade de Administração da Bahia e a Faculdade Livre da Terceira Idade que, juntas com a Faculdade de Educação, foram transformadas em Faculdades Integradas Olga Mettig, no ano de 2000. A partir dessa data passou a ser o executivo

responsável como Diretor Geral até o ano de 2011, quando as Faculdades foram negociadas com um novo grupo empresarial.

Participou sempre de inúmeros congressos médicos, cursos e estágios na área médica de Cirurgia Geral. Na atividade médica trabalhou no INSS, de 1970 à 1973, e como médico da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, de 1969 à 1973, quando foi transferido, como Cirurgião Geral, para o IAPSEB – Instituto de Previdência do Estado da Bahia, onde trabalhou, quando se aposentou por tempo de serviço.

Em 1968 fundou, com mais cinco colegas, uma clínica denominada AMEPE – Assistência Médica Permanente, um pronto-socorro e assistência múltipla, onde esteve até 1974. Ao desvincular-se da AMEPE, com outro grupo de colegas fundou a Clínica São Marcos, onde esteve até 2013. Como a AMEPE, a Clínica São Marcos também apresentava características de pronto-socorro geral e assistência de múltiplas especialidades, entretanto, com atuação bem maior e mais ampla que a anterior.

Durante os anos de atividade empresarial também fez diversos cursos de Administração Financeira, Organização e Métodos, Orçamento e Planejamento Empresarial, e participou de cerca de vinte Seminários e Fóruns Nacionais de Ensino Superior Particular, em Salvador e em São Paulo.

PATRONO

Ruy Barbosa de Oliveira

ACADÊMICOS TITULARES

Raymundo José da Mata

Lafayette de Azevedo Pondé

Geraldo Leite – Atual



Ruy Barbosa de Oliveira



Filho do médico João José Barbosa de Oliveira e de d. Maria Adélia Barbosa de Almeida, Ruy Barbosa de Oliveira era primo do seu próprio pai.

Nasceu em 5 de novembro de 1849, na rua dos Capitães, hoje rua Ruy Barbosa, em Salvador. Aos cinco anos de idade, fez seu professor, Antônio Gentil Ibirapitanga, exclamar: “Este menino é o maior talento que já vi!”

Aos onze anos, estudante do Ginásio Baiano, do Professor Abílio Borges, fez o mestre confidenciar ao seu pai: “Seu filho Ruy, nada mais tem a aprender comigo!”.

No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito de Olinda, transferindo-se depois para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde graduou-se em 1870.

Iniciou a vida profissional em 1871 e, dois anos após, deu início a carreira jornalística, no “Diário da Bahia”. Em 1873, assumiu a direção do “Diário da Bahia”. Em 1877, foi eleito deputado à Assembleia da Bahia. Logo em seguida, passou à Assembleia da Corte e, em 1881, promoveu a Reforma Geral do Ensino.

Em plena campanha abolicionista, um dos líderes do movimento, José do Patrocínio, exclamou: “Deus acendeu um vulcão na cabeça de Ruy Barbosa!”

Benjamin Constant, em carta a Ruy Barbosa, às vésperas do dia 1º de novembro de 1889, afirmou: “Seu artigo de hoje, “Plano contra a Pátria”, fez a República e me convenceu da necessidade imperiosa da revolução”.

D. Pedro II, em seu exílio, reconheceu: “Nas trevas que caíram sobre o Brasil, a única luz que alumia, no fundo da nave, é o talento de Ruy Barbosa”.

A Constituição do Brasil República foi elaborada em sua residência.

Em 1891, ocupou o cargo de Primeiro Vice-Chefe do Governo Provisório. Em seguida, veio o exílio, primeiro em Buenos Aires, depois, em Londres. Da capital londrina enviou para o “Jornal do Comércio”, as célebres “Cartas da Inglaterra” e lançou a sua máxima: “Jornalista é que nasci, jornalista é que sou, de jornalista não me hão de demitir enquanto houver imprensa e a imprensa for livre!”

Voltou ao Brasil, fundou – com Machado de Assis e outros intelectuais – a Academia de Letras, condenou a Guerra de Canudos e ouviu de Joaquim Nabuco o elogio: “Ruy Barbosa é a mais poderosa máquina cerebral do nosso país”.

Em 1902, emitiu parecer sobre o Projeto do Código Civil e, logo em seguida, sustentou com Ernesto Carneiro Ribeiro a maior polêmica filológica da língua portuguesa.

Candidatou-se à presidência da República, iniciando a primeira campanha eleitoral do Brasil.

Em 1907, quando o czar da Rússia convocou a Conferência da Paz, em Haia, o Ministro das Relações Exteriores escolheu Joaquim Nabuco para chefiar a delegação brasileira. A imprensa e a opinião pública lançaram o nome de Ruy Barbosa. Joaquim Nabuco declinou da honraria e Ruy Barbosa, instado pelo próprio Joaquim Nabuco, assumiu a investidura.

Em Haia, colheu a consagração mundial e ascendeu ao píncaro da glória. Defendeu a igualdade jurídica das nações soberanas, enfrentando os preconceitos das grandes potências. Foi nomeado Presidente de Honra da Primeira Comissão e teve seu nome inscrito entre os “Sete Sábios de Haia”, ao lado do Barão Marshall, Nelidoff, Choate, Kapos Meye, Léon Bourgeois e o Conde Tornielli. Sua participação repercutiu na imprensa de vários países. Diplomatas que regressavam da Conferência espalharam a notícia do seu triunfo. Quando Ruy desembarcou no Rio de Janeiro, em dezembro daquele ano, o povo envaidecido consagrou-o como a “Águia de Haia”.

Em 1909, iniciou a Campanha Civilista.

Em 1913, foi, mais uma vez, candidato à Presidência da República.

Em 1917, pronunciou conferência em Buenos Aires, sobre o *Dever dos Neutros* e ouviu do presidente argentino a seguinte declaração: “Já disse aos meus ministros que aqui, o Sr. Ruy Barbosa, com credenciais ou sem elas, será considerado sempre o mais legítimo representante do Brasil!”.

Em 1919, lançou-se, uma vez mais, candidato à Presidência do País.

Em 1921, confessou estar enjoado da política e renunciou ao Senado. A Bahia, todavia, reelegeu-o Senador e ele, obediente, “abdicou da sua liberdade, para se submeter às exigências do seu estado natal”.

Em 1922, o sol começou a declinar: em julho, foi acometido de um severo edema pulmonar; em fevereiro de 1923, sofreu paralisia bulbar; em 10 de março, faleceu, em Petrópolis.

A pátria, comovida, perdeu um de seus maiores filhos.

RAYMUNDO JOSÉ DA MATA



Raymundo Mata nasceu em Catu, no dia 9 de outubro de 1920 e faleceu em 1996.

Em 1950, bacharelou-se em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia da UFBA. Era, também, bacharel em Direito pela mesma Universidade.

Especializou-se em Psicologia Educacional, disciplina que lecionou no Instituto de Educação Isaias Alves, até a aposentadoria. Aprofundou-se em Psicologia da Educação, em estágio no Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas – INEP, quando era seu Diretor Anísio Teixeira.

No Ensino Superior, foi Professor de Ética, Legislação e História do Jornalismo, na Faculdade de Filosofia da UFBA. Ensinou Administração Escolar e Educação Comparada na Faculdade de Educação da UFBA e foi, também, Professor na Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, em São Paulo.

Exerceu os cargos de Assistente de Ensino Médio do Estado da Bahia; Superintendente de Difusão Cultural e de Ensino Secundário, Normal e Profissional; Superintendente do Ensino Elementar.

Foi Secretário de Educação e Cultura e, também, Secretário de Saúde Pública do Estado da Bahia.

Foi um dos Fundadores da Faculdade de Educação da UFBA e da Academia Baiana de Educação.

Em convênio com a Fundação Casa de Ruy Barbosa, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Conselho Estadual de Educação, reeditou famosos pareceres relativos à educação brasileira, a saber: *Reforma do Ensino Secundário e Superior*; *Reforma do Ensino Secundário* e *Várias Instituições Complementares da Instrução Pública*, e a *Edição Comemorativa do 10. Centenário dos Pareceres Apresentados na Câmara do Império*, em 1982.

Defendeu a primazia nacional da criação do Conselho Estadual de Educação da Bahia, em 25 de maio de 1842, a composição dos seus membros, sua continuidade do Império à República, natureza e características dos Conselhos.

Em 1986, passou a exercer a Cheia de Gabinete do então Secretário de Educação da Bahia, confrade Edivaldo Machado Boaventura, aposentando-se em março de 1987.

LAFAYETTE DE AZEVEDO PONDE



Lafayette Pondé nasceu em Salvador, em 1907. Filho do Dr. João de Souza Pondé e de Adriana Maria Daltro de Azevedo Pondé, graduou-se em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais Direito pela Faculdade Livre de Direito, colando grau em 8 de dezembro de 1927.

Teve relevante atuação na área jurídica. Foi Promotor Público nas Comarcas de Santo Amaro, Alagoinhas, Maragogipe e Remanso.

Em 1935 foi o segundo Procurador Geral de Justiça do Estado, permanecendo à frente do Ministério Público até o ano de 1938. Foi, também, Procurador Geral do Estado, de 1935 à 1938; Secretário do Estado de Interior e Justiça, de 1938 à 1941; Ministro do Tribunal de Contas do Estado, a partir de 1942, tendo sido eleito seu Presidente em 1949.

Em 1939 foi nomeado, pelo Presidente Getúlio Vargas, Interventor Federal substituto no Estado da Bahia.

Era Advogado militante. Foi Consultor Jurídico da Associação Comercial da Bahia, Conselheiro da Seção local da Ordem dos Advogados da Bahia – OAB e Presidente do Instituto dos Advogados da Bahia. Emitiu diversos pareceres jurídicos, principalmente na área do Direito Público, sua especialidade.

Ao optar por dedicar-se integralmente ao Magistério, tornou-se Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, lecionando Direito Internacional Privado e Instituições do Direito Público e Privado; da Faculdade de Ciências e Letras, onde lecionou Ciência Política e da Faculdade de Direito da Bahia tendo, nesta última, ensinado Direito Internacional Privado e Direito Administrativo.

Na UFBA, foi professor do primeiro curso de Doutorado em Direito da Universidade Federal da Bahia; criador do Curso de Especialização em Direito Administrativo realizado, também, pela Faculdade de Direito, e do qual foi seu Coordenador de 1998 até 2002.

Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

Foi o principal responsável pela criação, em 1959, da Escola de Administração da qual foi seu primeiro Diretor. Foi Membro do Conselho Universitário da UFBA e do Conselho Federal de Educação para cuja Presidência foi eleito em 1974.

Foi Vice-Reitor durante o reitorado do Prof. Roberto Santos (1967/1971) e Reitor da UFBA, no período de 1971 à 1975.

No seu reitorado foi dada continuidade ao processo de Implantação da Reforma Universitária, iniciada pelo então Reitor Prof. Roberto Santos e, em consequência, foram criados quatro novos Órgãos Suplementares, subordinados diretamente à Reitoria: a) O Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP); b) Centro de Recursos Humanos; c) Centro de Estudos Baianos; d) Centro de Computação.

Foram construídos os prédios da Escola de Administração, da Faculdade de Educação e o Almoarifado Central. Foram incorporados os seguintes imóveis: Faculdade de Filosofia, Cenap, Correios e Telégrafos, Casa da França (para a Biblioteca Central), Clínica Tisiológica (para o Instituto de Ciência da Saúde) e Centro Editorial e Didático. Obras de reparo em diversas Unidades foram realizadas, e iniciadas as obras do Centro de Educação Física e Desportos (Federação), Faculdade de Medicina (Canela), além da readaptação da antiga sede dessa Faculdade para o Museu Afro-Brasileiro.

Ressalte-se, também, a grande ênfase que foi dada à pesquisa nos quatro anos em que foi Reitor o Prof. Lafayette Pondé, quando “a pesquisa se incorpora definitivamente aos programas de trabalho dos diversos Departamentos”.

Era Sócio-Fundador da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, presidindo-a de 1996 à 1998, da qual recebeu a Medalha Orlando Gomes.

Em 1995 teve publicada uma Coletânea com seus principais trabalhos doutrinários onde temas fundamentais como “a noção do Direito

Administrativo”, o “procedimento administrativo” e o “funcionalismo público” foram examinados.

Foi eleito, por unanimidade, para a Academia Baiana de Educação, em 1998, e tomou posse em 2002.

Em 2007 o Prof. Lafayette Pondé é festejado pelo seu centenário, vindo a falecer em 2008 aos 101 anos de idade.

GERALDO LEITE



Natural de Aracaju, onde nasceu em 23 de abril de 1926. Fez os Cursos Primário e Ginásial em sua cidade natal. Prosseguindo os estudos, passou a residir na capital baiana onde realizou o Curso Colegial no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, dos Irmãos Maristas.

Aprovado no concurso vestibular, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde – cumprindo o tirocínio médico – fundou o Grêmio Científico Osvaldo Cruz e foi o vencedor do Prêmio Prof. Fernando Luz, concedido ao autor do melhor trabalho científico estudantil. Ainda acadêmico, iniciou cursos e estágios de aperfeiçoamento com os professores Samuel Pessoa, Otto Bier, Lobato Paraense, Pedro Janine e Fúlvio Alice, das Universidades de São Paulo, Minas gerais, Pernambuco e Bahia.

Em 1950 diplomou-se em Medicina e, no ano seguinte, estabeleceu-se em Feira de Santana onde tornou-se Médico Patologista e Educador. Eleito Presidente da Associação Médica iniciou um Programa de Educação Continuada que, restrito inicialmente à classe médica, atraiu líderes locais e outros profissionais de nível superior. Transformou-se em uma campanha a favor da criação de uma universidade.

Em 1963, realizou cursos de aperfeiçoamento com os Professores Zigman Brener, Aprígio Salgado, José Pelegrino, Lobato Paraense, Naftale Katz e Amílcar Viana, no Instituto de Pesquisas Renê Rachou e na Universidade Federal de Minas Gerais. Em seguida, mudou-se para Salvador, tornando-se Professor Titular de Parasitologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e Auxiliar de Ensino da mesma disciplina na Faculdade de Medicina da Bahia.

Residindo em Salvador, não abandonou a luta pela criação de uma universidade em Feira de Santana. Em novembro de 1996, visitou – com o Deputado Federal Wilson da Costa Falcão – o Governador Luis Viana Filho, e pediu o apoio para a criação de uma Faculdade de Medicina em Feira de Santana (início de uma Universidade). Durante a exposição o Governador se entusiasmou pelo projeto e interrompeu os interlocutores dizendo:

—“Vamos pensar alto, Feira merece. Vamos criar uma Universidade Estadual”.

Três dias depois, foi publicado o Decreto 21. 583, dispondo sobre a instalação da Fundação Universidade de Feira de Santana. Em maio de 1970, foi instalado o Conselho Diretor da Fundação, ocasião em que Geraldo Leite foi eleito Presidente. Reeito em cinco mandatos sucessivos, liderou a implantação do *campus* universitário e a instalação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A UEFS foi inaugurada em 31 de maio de 1976 e Geraldo Leite foi o primeiro Reitor. Hoje, a Universidade possui 29 Cursos de Graduação, com 1786 vagas anuais (catorze licenciaturas e quinze bacharelados), além de Cursos a Distância. Possui *campi* avançados em Santo Amaro da Purificação e Lençóis. Oferece quarenta e três Cursos de Pós-Graduação, dos quais vinte e um são de Especialização e vinte e dois de Mestrado e Doutorado. O Sistema Integrado de Bibliotecas é composto por uma Biblioteca Central e oito Bibliotecas Setoriais com 93.000 títulos, 240.000 livros e 400.000 atendimentos. A UEFS é considerada pelo MEC como uma das quinze melhores Universidades do Brasil.

Em 1993, Geraldo Leite foi eleito Diretor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, reeleito em 1997 para mais quatro anos. Em 2010 tornou-se Presidente da Fundação José Silveira.

Dentre títulos e honrarias, Geraldo Leite é Cidadão Honorário da Bahia, de Feira de Santana e de Salvador; Comendador da Ordem do Mérito da Bahia e de Feira de Santana. É Membro Emérito da Academia de Medicina da Bahia, Membro Titular da Academia Baiana de Educação, da Academia de Educação de Feira de Santana, da Academia de Cultura da Bahia, da Academia de Letras, Ciências e Artes de Buenos Aires, da Academia Feirense de Letras, da Academia Brasileira Rotária de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do Instituto Geográfico e Histórico de Feira de Santana, do Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins e Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro.

PATRONO

Manuel Sátiro de Oliveira Dias

ACADÊMICOS TITULARES

Antonino de Oliveira Dias

Hildérico Pinheiro de Oliveira

José Nilton Carvalho Pereira – Atual

Manuel Sátiro de Oliveira Dias

Nasceu em Inhambupe-BA, em 12/1/1844 e faleceu em 19/8/1913. Estudou Humanidades no Ginásio Baiano onde se destacou, posteriormente, como Professor e Diretor. Formou-se em Ciências Médico-Cirúrgicas pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em julho de 1866, ainda estudante, ofereceu-se como voluntário para a Guerra do Paraguai, onde permaneceu até abril de 1869. Voltou em seguida à Bahia, trazendo no peito o Grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa e, nos punhos, os galões de Primeiro Cirurgião do Exército. Retornou à Faculdade, onde concluiu o curso médico ao final de 1870. Ainda no Paraguai, reuniu material suficiente e lançou, também em 1870, o livreto *O Duque de Caxias e a Guerra do Paraguai*. A participação na guerra iria influenciar ou até determinar o futuro sucesso de Sátiro Dias no mundo sociopolítico e educacional.

Sua formatura, no final desse significativo 1870, marcou época. Sátiro e seus colegas, com o dinheiro arrecadado, em vez de solenidades preferiram comprar e libertar crianças escravas, associando-se à pressão social pela Lei do Ventre Livre, em 1871.

Atividade profissional. Tendo dirigido o Ginásio Baiano, tornou-se depois Secretário da Presidência da Província na Assembleia Provincial e colaborador do Jornal Diário da Bahia, sob a direção de Manoel Pinto de Souza Dantas e Pedro Leão Velloso. Presidiu as Províncias do Amazonas (1880-1881), do Rio Grande do Norte (1881-1882), onde executou a Lei Saraiva, e do Ceará (1883-1884), quando assinou a lei que abolia totalmente a escravatura naquela província. O espírito *avant-garde* do estudante criara profundas raízes no homem público. Inspetor Geral de Ensino (1895) e Diretor-Geral de Instrução Pública, 1889, tornou-se responsável por uma significativa reforma no sistema educacional. Foi Secretário do Interior e da Justiça no Governo de Luiz Viana (1896-1900), além de haver sido nomeado pelo governo federal, Delegado Fiscal do Ginásio Carneiro Ribeiro, cargo que exerceu até 1911. Além de Patrono desta colenda Academia Baiana de Educação, empresta seu nome ao município homônimo, desmembrado de Inhambupe, e situado entre o fim do agreste baiano e o início do Sertão de cima.

Atividade partidária. Filiado ao Partido Liberal durante a última vintena da Monarquia, elegeu-se Deputado Provincial na 22.ª legislatura (1878-1879) e na 24.ª legislatura (1882-1883). Foi Deputado Geral pela Província do Amazonas, 1885. No Período Republicano, alcançou integrar como Deputado e Vice-Presidente a Constituinte Baiana de 1891.

Atuação mais sublime em Educação, em dimensão colegiada. Nesse passo, resumo essencial e insuperável é o da lavra da conceituadíssima pesquisadora baiana, Antonietta d'Aguiar Nunes, cuja transcrição só por imodéstia deixaria de fazê-lo, até para maior compreensão daquele momento único do início da República na Bahia.

"No dia 14 de julho de 1890, Sátiro de Oliveira Dias apresentou ao governador Hermes da Fonseca uma exposição e proposta sobre a instrução pública do Estado da Bahia, em que se justificou por ter sugerido a suspensão dos atos reformativos de Manoel Vitorino e o retorno à vigência do regulamento de 5 de janeiro de 1881. Neste relatório, porém, embora criticasse e a julgasse radical, também declarava sua admiração pela qualidade da reforma proposta por aquele governador, da qual, aliás, aproveitou várias ideias na outra que propôs a seguir ao marechal Hermes." (NUNES, Antonietta d'Aguiar. **Política educacional no início da República na Bahia: duas versões do projeto liberal**. 2 vols, 441 pp. (Tese de Doutorado). Salvador, Faculdade de Educação da UFBA, 2003)

Publicações. *Do Emprego das Sangrias na Congestão Cerebral e na Apoplexia*: Tese de Doutorado, 1870; *O Duque de Caxias e a Guerra do Paraguai*, 1870; *Libertação da Província do Ceará*, 1887 e *Exposição e Proposta sobre a Instrução Pública do Estado da Bahia*, 1890; *A Questão do Ensino no Brasil*, 1897; *Higiene Pública*, 1899.

ANTONINO DE OLIVEIRA DIAS



Fundador desta Academia de Educação, Antonino Dias era sobrinho paterno de Sátiro de Oliveira Dias, patrono da Cadeira nº 40. Foi membro-fundador da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia. Seu nome está e estará, *prima facie*, permanentemente associado àquelas gerações do início do século XX que, pelas mãos da Escola Normal, salvaram a Educação Primária e Secundária na Bahia, no mesmo compasso dos catedráticos da centúria anterior. Não por acaso foi o orador oficial, em 1936, na solenidade do centenário daquela Instituição. No transcorrer de sua existência, encantou alunos e abrilhantou lousas escolares com aulas de Literatura, História Antiga e Medieval.

A mestra Leda Jesuíno dos Santos, Presidente de Honra desta Academia, afirma entronizar a honra de ter sido aluna do Prof. Antonino. Foi “no velho casarão de Nazaré que conheci Dr. Antonino, o mestre que chegava sempre na hora certa, com passos lentos e seguros, pronto para o convívio com seus jovens alunos”. A liderança máxima do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia – a tupinóloga e historiadora Consuelo Pondé de Sena – acrescenta: “Iniciou-se no Magistério Primário em 1917, como adjunto municipal, cargo que exerceu até 1922. Cursava, então a 3.ª série da Faculdade de Direito, oportunidade em que se submeteu a concurso para Professor Substituto da cadeira História Universal e do Brasil, da antiga Escola Normal da Bahia”. Um outro aluno, o consagrado contador e professor, Wilson Thomé Sardinha, confirma que o mestre Antonino, sempre impecavelmente vestido, dava aula como se fora um momento cinematográfico, como se conduzisse seus alunos em triunfo pelo Capitólio Romano.

Antonino de Oliveira Dias nasceu em Salvador/BA no dia 25/11/1899 e faleceu no ano de 1993.

HILDÉRICO PINHEIRO DE OLIVEIRA



Nasceu em Água Comprida, atual Simões Filho-BA, em 12/6/1921, e faleceu em Salvador-BA, no ano de 2000. Sucessor de Antonino Oliveira Dias na Cadeira nº 40 desta Academia, cursou o Instituto Baiano de Ensino no período de 1929-1937, do ilustre Diretor Hugo Balthazar da Silveira; realizou no Colégio Estadual da Bahia (1938-1939) o curso anexo para Engenharia. Na Escola Politécnica da Bahia cursou (1940-1944) e se formou em Engenharia Civil. Foi Professor do Ensino Médio do Colégio Estadual da Bahia, mas se consagrou e se aposentou como Livre-Docente da cadeira de Construções Cíveis e Arquitetura na Universidade Federal da Bahia. Realizou diversos cursos de especialização em Engenharia Civil e deixou obras como *Iluminação Natural das Salas de Aulas e Introdução ao Emprego Racional das Argamassas*. Trabalhou, em colaboração, na construção das Diretrizes para Elaboração do Plano de Educação do Governo do Estado da Bahia (1967-1971). Foi orador oficial no transcurso do nonagésimo aniversário de instalação da Escola Politécnica da Bahia.

Com o tempo, tornou-se o discípulo mais atuante de Anísio Teixeira, sobre quem proferiu inúmeras palestras como *Anísio Teixeira e a Fundação que tem seu nome* e sobre sua vida cotidiana. Contava que o renomado educador dizia que baiano fala muito, mas escreve pouco. Que baiano é ágrafo.

Em momento de refinado humor lógico-matemático, dizia o Prof. Hildérico: "A densidade demográfica em alguns trechos da Amazônia é de 1 habitante a cada dois quilômetros quadrados. Ou seja: O sujeito deixa um pé no quilômetro 1 e o outro, no quilômetro 2." O mestre Hildérico foi, acima de tudo, um *causeur* e um engenheiro-educador.

JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA



Concluiu o Ensino Fundamental em Araci/Bahia, onde nasceu em 12/5/1951. Ex-aluno do Central (Colégio Estadual da Bahia), cursou Letras Vernáculas na Universidade Católica do Salvador e, em 26/1/1976, graduou-se em Administração pela Universidade Federal da Bahia. Durante 48 anos foi professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura Brasileira em cursos pré-vestibulares e no último ano do Ensino Médio. Trajetória no Magistério: cursos para exame de admissão ao ginásio e outros (1966-1971); pré-vestibulares: Curso Integrado (1971); Curso Águia (1971-1972); Curso Nobel (1973-1977). Curso e Colégio Nobel (1977-1985); Curso Integral (1986); Curso Status (1986); Colégio Apoio (1986-2014).

Co-fundador e sócio do Curso Nobel e do Colégio Nobel, que abrigou quase 10.000 alunos entre 1983-1985, constituindo-se à época a maior instituição privada de Educação Básica do Norte e Nordeste. Fundador do Colégio Apoio (1987) e da Faculdade Apoio (2004-2009), com destaque para os cursos de Graduação em Direito e Administração.

Foi Conselheiro Estadual de Educação (1991-2006). Membro da Academia Baiana de Educação (posse em 5/6/2002), de cujo colegiado é Membro Benemérito (15/10/2007). Ingressou no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (2002), tornando-se Sócio Benemérito (13/5/2010) e Vice-Presidente a partir de 2014. Recebeu, em 2004, o Título de Cidadão do Município de Lauro de Freitas-BA, concedido pela Câmara de Vereadores por haver sido um dos pioneiros empreendedores no loteamento e futuro bairro de Vilas do Atlântico.

Publicações: a) apostilas diversas de obras literárias comentadas para o vestibular da UFBA (1969-1976); b) apostilas de Literatura Brasileira: b. 1 *Do Barroco ao Simbolismo* (1975-2000); b. 2 *Do Simbolismo à Literatura Atual* (1975-2000); b. 3 *Gramática para Vestibular* (1971-2014).

Direitos desta edição reservados à Academia Baiana de Educação.
Nenhuma parte pode ser reproduzida sem a expressa autorização.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Organizadores:

Adelaide Rogério de Rezende

Astor de Castro Pessoa

Projeto gráfico, editoração e capa

P55 Edições/André Portugal e Marcelo Portugal

Impressão e acabamento

Gráfica Grasb

Este livro foi composto na tipografia Scala.

Impressão e acabamento em Salvador, Bahia, em novembro de 2016.

APOIO

